

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROP PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA -
PPGSC

MARIA ALCIDENE CARDOSO DE MACEDO PASSOS

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A REPRESENTATIVIDADE DE
MULHERES NEGRAS NA CULTURA BRASILEIRA: ANÁLISE DE JEREMIAS -
PELE

TERESINA – PI
DEZEMBRO– 2025

MARIA ALCIDENE CARDOSOS DE MACEDO PASSOS

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A REPRESENTATIVIDADE DE
MULHERES NEGRAS NA CULTURA BRASILEIRA: ANÁLISE DE JEREMIAS -
PELE**

Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Cultura (UESPI)
Dissertação para a obtenção do título de mestrado (2025)
Orientador: Robson Carlos da Silva
Coorientador: Heraldo Aparecido Silva

**TERESINA – PI
DEZEMBRO – 2025**

P289h Passos, Maria Alcidene Cardoso de Macedo.

Histórias em quadrinhos e a representatividade de mulheres
negras na cultura brasileira: análise de Jeremias - pele / Maria
Alcidene Cardoso de Macedo Passos. - 2025.

222f.: il.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação
Interdisciplinar em Sociedade e Cultura - PPGSC, Universidade
Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Prof. Robson Carlos da Silva".

"Coorientador: Prof. Heraldo Aparecido Silva".

1. Mulheres Negras. 2. Racismo. 3. Cultura Pop. 4. Histórias em
Quadrinhos. 5. Jeremias - Pele. I. Silva, Robson Carlos da . II.
Silva, Heraldo Aparecido . III. Título.

CDD 306.4

MARIA ALCIDENE CARDOSOS DE MACEDO PASSOS

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A REPRESENTATIVIDADE DE
MULHERES NEGRAS NA CULTURA BRASILEIRA: ANÁLISE DE JEREMIAS –
PELE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura - PPGSC da Universidade Estadual do Piauí – UESPI apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva (UESPI)
Presidente

Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva (UFPI)
Coorientador

Prof^ª. Dra. Lucineide Barros Medeiros (UESPI)
Examinador Interno

Prof. Gustavo de Andrade Durão (UESPI)
Examinador Interno

Prof^ª. Dra. Marli Clementino Gonçalves (UFPI)
Examinador Externo

**TERESINA
2025**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu Deus e ao meu Senhor Jesus Cristo, por eu estar viva e poder experienciar esse momento tão importante na minha vida.

Também quero agradecer a minha família, meu esposo Rivaldo e meus filhos Victor Emanuel e Esther Sofia por terem me suportado nos meus dias difíceis, e por terem me apoiado nessa difícil tarefa de vivenciar experiências acadêmicas já na avançada idade.

Agradeço também a todos os meus parentes e amigos que ficaram na torcida e que me desejaram boa sorte nessa caminhada.

Quero agradecer grandemente aos meus professores, Robson Carlos da Silva e Heraldo Aparecido Silva, pela paciência e por terem respeitado cada momento do meu tempo de escrita.

Também agradeço a todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura - PPGSC.

Meus agradecimentos também são para as minhas amigas e meus amigos que muito me ajudaram neste período.

RESUMO

Esta Dissertação, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, se deteve no objetivo central de compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e as suas contribuições para a sociedade do século XXI na desconstrução do racismo, tendo como interesse objeto e fonte principal a história em quadrinhos *Jeremias- pele* e sendo desenvolvida no âmbito do Mestrado Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura- PPGSC, na linha de pesquisa Cultura, Poder e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Estadual do Piauí -UESPI. Para a compreensão acerca de nosso interesse objeto, foram realizadas leituras bibliográficas sobre teorias da cultura, da cultura pop, das narrativas e, notadamente, no embasamento teórico quadrinístico, tomando as histórias em quadrinhos enquanto prática cultural e social que se constituem como ferramentas significativas na abordagem de diversas temáticas sociais, possibilitando críticas, reflexões, sensibilizações e construções de conhecimentos. No sentido de apresentar a produção final desta Dissertação, o texto versa, conforme já anunciado, sobre incursões analíticas realizadas na história em quadrinhos *Jeremias- pele*, cujo esforço de compreensão possibilitou identificar o racismo como prática cultural enraizada nas estruturas da sociedade e institucionalizada nos padrões sociais com consequências aterradoras para a vida da população negra, desencadeando diversos tipos de violências, segregação racial, invisibilidade e outros aspectos que interferem na constituição da identidade e nas relações sociais dos indivíduos afetados. As análises apresentam perspectivas construtivas a respeito da luta contra o racismo e pela desconstrução de discriminações raciais cotidianas, apresentando personagens negros com representações que permitem evocar lugar de destaque na sociedade, possibilitando a representatividade e a construção identitária positivas de pessoas negras na sociedade. Dentre os principais achados é possível compreender que as narrativas das histórias em quadrinhos constituem ferramentas eficazes para proporcionar a representatividade de mulheres negras, notadamente a partir da apresentação de mulheres negras enquanto personagens que ocupam lugares de referências na sociedade e que, por meio de seu protagonismo acadêmico, profissional e familiar, contribuem na construção significativa da identidade negra, envoltas em experiências psicológicas e afetivas de enfrentamento a diversos contextos e situações de racismo, preconceito e discriminação, com aceitação e liberdade, contribuindo para a quebra de paradigmas depreciativos em torno das mulheres negras na sociedade brasileira.

Palavras-chave: mulheres negras; racismo; cultura pop; histórias em quadrinhos; *Jeremias-pele*.

ABSTRACT

This dissertation, of bibliographical nature and qualitative approach, focused on the central objective of understanding the representation of Black women in contemporary Brazilian comic books and their contributions to twenty-first-century society in the deconstruction of racism. Its main object of study and primary source is the comic book *Jeremias – Pele*, and it was developed within the Interdisciplinary Master's Program in Society and Culture (PPGSC), under the research line Culture, Power, and Ethnic-Racial Relations, at the State University of Piauí (UESPI). To achieve a deeper understanding of the object of study, bibliographical readings were carried out on cultural theory, pop culture, narrative studies, and, notably, the theoretical foundations of comic art. Comics were approached as cultural and social practices that serve as significant tools for addressing various social issues, enabling critique, reflection, awareness, and the construction of knowledge. As a result, this dissertation presents analytical explorations of *Jeremias – Pele*, through which it became possible to identify racism as a cultural practice deeply rooted in societal structures and institutionalized in social norms, with devastating consequences for the lives of Black people. These include multiple forms of violence, racial segregation, invisibility, and other factors that affect the formation of identity and the social relations of those impacted. The analyses also highlight constructive perspectives regarding the struggle against racism and the dismantling of everyday racial discrimination. They present Black characters whose portrayals evoke positions of prominence within society, enabling representativeness and the positive construction of Black identity. Among the main findings, it becomes evident that comic book narratives serve as effective tools for promoting the representation of Black women—particularly through depictions of Black female characters who occupy positions of social reference and, through their academic, professional, and family achievements, contribute significantly to the construction of Black identity. These characters are portrayed as individuals who face various contexts and situations of racism, prejudice, and discrimination with acceptance and freedom, thus helping to break down the demeaning paradigms surrounding Black women in Brazilian society.

Keywords: Black women; racism; pop culture; comic books; *Jeremias – Pele*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CULTURA POP E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A MULHER NEGRA NA CULTURA NACIONAL	12
2.1	CULTURA E RACISMO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA QUE IMPACTA A VIDA DA MULHER NEGRA.....	16
2.2	A CULTURA POP E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS ATRAVÉS DE UMA ÓTICA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E HUMANIDADES.....	87
2.3	A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO: ESPAÇO DE CRÍTICA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	109
2.4	RACISMO E SEXISMO NA CULTURA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	147
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	169
4	A MULHER NEGRA E SUA REPRESENTATIVIDADE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NACIONAIS: ANÁLISE DE <i>JEREMIAS-PELE</i>.....	176
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
	REFERÊNCIAS.....	216

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos são uma produção artístico cultural de significativa influência na sociedade. Suas funções vão muito além do deleite e do entretenimento, proporcionando, por meio dos seus aspectos narrativos e dos seus elementos constituintes, a manifestação de diversas visões de mundo, expressando aspectos da realidade, permitindo múltiplas leituras e proporcionando uma variedade de possibilidades de produção de conhecimentos, por meio de reflexões, críticas, sensibilizações, sensações e tantos outros aspectos que podem ser apreendidos pelo público leitor e, a exemplo deste trabalho, em estudos acadêmicos rigorosos, a respeito dos contextos sociais e humanos nas quais foram produzidas, contribuindo para diversos campos de conhecimento, incluindo o campo da cultura pop, através de sua veiculação pelos meios midiáticos.

Assim, o estudo de natureza bibliográfica e qualitativa teve por objetivo apresentar algumas compreensões a respeito da representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e as suas contribuições para a desconstrução do racismo. Trata-se de uma pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Interdisciplinar no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura- PPGSC, na linha de pesquisa Cultura, Poder e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Estadual do Piauí -UESPI, evidenciando como as compreensões a respeito da mulher negra na sociedade estão sendo abordadas em práticas culturais, tais como as histórias em quadrinhos nacionais, o que favorece a realização de algumas afirmações a respeito das mudanças ocorridas na sociedade brasileira a respeito do racismo e da mulher negra na atualidade.

Deste modo, para uma melhor compreensão sobre a prática cultural de histórias em quadrinhos, entendemos como importante o conhecimento sobre cultura e sua relação com o indivíduo, assim como sobre a cultura pop como espaço de construção de experiências significativas para o indivíduo e para a sociedade. É no âmbito da cultura pop que se inserem as histórias em quadrinhos como uma prática cultural de relevância social, por serem possuidoras de potencialidades, e assim, possibilitar a representatividade de mulheres negras com representações que se sustentam em novas mentalidades, novas visões sociais e práticas culturais de combate ao racismo e ao sexismo na sociedade.

As análises que permeiam o estudo se deram através de leituras críticas em uma histórias em quadrinhos nacional, produzida no ano de 2018, que marca um momento importante na construção narrativa quadrinista sobre o racismo em suas múltiplas dimensões, assim como

quebrando padrões de personagens negras/os estereotipadas/os, apresentando, principalmente a mulher negra, de forma qualitativa, construtiva, tendo para isto contribuições teóricas sobre cultura, cultura pop, racismo, sexismo, narrativas e, acima de tudo, no aprofundamento teórico acerca das histórias em quadrinhos enquanto ferramenta social e cultural, cuja finalidade pode comunicar, refletir e influenciar diversos aspectos sociais. As histórias em quadrinhos é um gênero narrativo peculiar, que compreende a leitura de imagens e de textos para narrar histórias, cuja leitura propicia ao leitor criar diversas compreensões através de uma leitura ativa, com construções de aspectos da narrativa propiciados pela própria estrutura de construção das histórias em quadrinhos, levando o leitor a desenvolver um raciocínio próprio a respeito das diversas situações retratadas em seus enredos. Neste sentido, entende-se como relevante o estudo sobre a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos, buscando compreender como a consciência a respeito de mulheres negras se constitui na sociedade através das representações destas na produção quadrinista.

A pesquisa, realizada de forma interdisciplinar, se debruçou sobre leituras e revisões bibliográficas de diversas áreas de conhecimentos, convergindo para a compreensão a respeito do racismo e da mulher negra na sociedade e, por fim, da representatividade de mulheres negras conforme trabalhada na história em quadrinho analisada.

O estudo levantou, como central, o seguinte problema: qual a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e suas implicações sociais na desconstrução de racismos e preconceitos? Com o objetivo geral de compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e suas contribuições para a desconstrução do racismo. Assim, entende-se que as contribuições advindas da pesquisa se dão tanto no campo social quanto no âmbito educacional, ao propor compreender a importância de elementos culturais como instrumentos de produção de conhecimentos e reflexões a respeito de temas de relevância na sociedade, como o racismo, o sexismo e o preconceito contra mulheres negras.

A partir dessas compreensões buscamos construir o corpo teórico e analítico que subsidiou nosso trabalho a partir de três capítulos, sendo o primeiro referente à cultura, cultura pop e histórias em quadrinhos, iniciando com algumas compreensões introdutórias sobre concepções de cultura, na qual as reflexões sobre a cultura e o indivíduo estão articuladas com o tema do racismo, do sexismo e da segregação contra a mulher negra na cultura, inerentes ao processo histórico da cultura nacional. O racismo contra a mulher negra é um tema que perpassa todas as discussões no corpo teórico do trabalho, como um construto cultural e social que se

efetiva de forma diversificada em discursos e práticas nos espaços sociais e culturais. A prática cultural quadrinista é um dos instrumentos culturais pelos quais os autores exercem a liberdade de trazer em suas obras suas concepções sobre a realidade, atuando no reforço de uma cultura de racismo, mas também como instrumento de combate, com proposta de redescritção da cultura e do indivíduo com possibilidade de promover a crítica, a reflexão, o debate e a conscientização a respeito do racismo, sexismo e segregação. Neste sentido, novos modos de ver a realidade através do olhar crítico de autores quadrinistas poderão contribuir para uma compreensão dos aspectos históricos, culturais e sociais que envolvem o racismo e suas consequências na cultura e na sociedade. Além dessas possibilidades, pode-se ainda vislumbrar a criação de narrativas que elevem o protagonismo da mulher negra na sociedade, criando espaço para a representatividade como forma de desmistificar a imagem pejorativa criada na história da sociedade brasileira.

O segundo capítulo trata do percurso metodológico da pesquisa, trazendo o aporte teórico, método de análise, material selecionado que constituiu a viabilização da construção da pesquisa, os objetivos, geral, e, específicos da pesquisa, a hipótese da pesquisa, abordagem, o tipo de pesquisa e os caminhos seguidos no procedimento de investigação. Por sua vez, o terceiro e último capítulo aborda as análises nas unidades escolhidas, articulando com os autores/as que subsidiam a pesquisa, buscando compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais.

Este capítulo será desenvolvido a partir das análises nas histórias em quadrinhos nacionais *Jeremias-Pele*, uma obra criada pelos cartunistas Rafael Calça e Jefferson Costa (2018), como parte de um programa criado pela produtora Graphic MSP (Maurício de Sousa Produções) no qual artistas brasileiros criam histórias em quadrinhos sobre personagens clássicos da turma da Mônica. Neste caso, trata-se do personagem Jeremias, um menino negro, criado na década de 1960 como coadjuvante na revista *Zaz Traz*, mas que só em 2018, ganhou protagonismo e uma revista solo com seu título. *Jeremias-Pele* retrata a situação da população negra na cultura nacional, problematizando o racismo e suas consequências na vida das famílias e das pessoas negras, cujas análises se pautam, não no personagem central, mas em uma personagem coadjuvante, a mãe de Jeremias, uma mulher negra e seus vários movimentos dentro da narrativa, numa perspectiva de representatividade para mulheres negras na sociedade.

As análises sobre a figura feminina negra, não implicam necessariamente em uma identificação da personagem com todo o público feminino negro, mas em uma representação de desconstrução da imagem pejorativa e estereotipada criada culturalmente sobre a mulher

negra na sociedade brasileira, trazendo possibilidades para novos olhares de valorização, respeito e identificação para com a população feminina negra, produzindo representatividade na cultura, na sociedade e, principalmente, no campo da educação, ambiente em que as discussões sobre o racismo se iniciam na narrativa de *Jeremias – Pele*.

2 CULTURA POP E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A MULHER NEGRA NA CULTURA NACIONAL

A história das histórias em quadrinhos tem seu início ainda no século XIX, com suas primeiras ilustrações e textos despertando o interesse de críticos da literatura, assim como da população e dos meios de comunicação para o novo tipo de arte que surgiu, trazendo não só a beleza, mas a capacidade de interagir texto e imagem na formação de uma ideia, criando uma história através de uma leitura complexa, em que a imagem muitas vezes fala mais do que as palavras. As histórias em quadrinhos espalharam-se pelo mundo, diversificando-se nas suas formas de produção, assim como nos seus tipos de histórias, alcançando os mais diversos leitores/as, jovens, crianças, adultos e idosos de diferentes culturas e classes sociais.

Podemos compreender a arte dos quadrinhos como uma expressão intercultural, intercontinental, uma linguagem que pode ser lida em qualquer parte do mundo. Isto é compreensível a partir da observação de como as histórias em quadrinhos circulavam através das companhias, empresas que as distribuíram, chamada de *Syndicate*, proporcionando, ainda em épocas bem remotas, uma espécie de globalização das histórias em quadrinhos. Tornaram-se um fenômeno mundial, uma prática cultural, que ao leitor, possibilita uma amplitude na compreensão daquilo que o autor, através de suas sensibilidades humanas e artísticas, retrata em tais narrativas. É um produto da cultura pop que retrata elementos do cotidiano dos sujeitos, sendo de fácil aceitação, com divulgação e consumo em massa por parte das populações, trazendo características do contexto histórico-cultural da sociedade na qual foi produzida a partir das impressões quadrinistas de diversos aspectos da sociedade.

Deste modo, a partir das análises de histórias em quadrinhos é possível inferir sobre como a sociedade do século XXI aborda a problemática do racismo sobre populações negras e principalmente sobre a mulher negra no âmbito nacional, através dos aspectos narrativos existentes nas suas criações. Ao abordar o racismo e a representatividade de mulheres negras a partir das práticas culturais, principalmente da prática cultural quadrinista, apresentamos compreensões sobre como a cultura é um espaço de poder, tanto de construir os indivíduos permitindo-lhes o pleno exercício de sua criatividade, quanto de repressão, através dos modos de condução social e cultural.

A cultura é o universo humano do qual originam-se todos os infinitos e variados aspectos que possam existir a partir da ação do humano, pois esta é o principal elemento que difere o ser humano de todos os demais seres vivos do planeta Terra. O racismo é uma criação

humana, portanto, cultural, produzido ao longo da história da humanidade em suas diferentes formas, modalidades e tipos de desumanidade para com o outro humano, o que provavelmente requer longos períodos de redescrição humana na reelaboração cultural de mudança de perspectiva social para a reversão ou transformação cultural que inviabilize a cultura racial, tanto nas estruturas e instituições sociais, assim como na formação das mentalidades humanas, principalmente no tocante à formação das personalidade, na busca de uma humanidade mais humana.

Nesta perspectiva interdisciplinar, cultura, sociedade e relações étnico-raciais são temas que não podem estar dissociados, estando não apenas conectados por alguns aspectos, mas existindo uma espécie de simbiose entre as áreas, pois os indivíduos se formam dentro de uma sociedade que vivencia sua cultura social e estabelece conexão entre o que está posto na sociedade e o que está sendo internalizado, não podendo separar indivíduo, cultura e sociedade. Sendo o racismo um componente cultural, de certo que afetará todo o sistema dessa cultura, alcançado todos os indivíduos, ainda que sob perspectivas diferentes. As relações étnico-raciais se mantêm presentes em todas as esferas humanas, abrangendo desde a cultura exterior dos indivíduos até a sua formação interior, aspectos inerentes à personalidade humana.

É de suma importância, compreender sobre cultura, ainda que de forma introdutória, proporciona uma melhor compreensão sobre as ações humanas, nas quais se insere a cultura racista e suas mais diversificadas formas de manifestação, assim como suas consequências para a vida dos indivíduos e para a sociedade. Vale pontuar que, o uso das teorias abordadas no trabalho não implica, necessariamente, em uma concordância de forma devotada ou inquestionável aos ideais dos/as autores/as, mas, em concordar, dentro das perspectivas históricas e culturais, de alguns aspectos teóricos ou conceituais que tragam compreensões a respeito das temáticas abordadas.

Deste modo, realizamos uma redescrição cultural, na qual os indivíduos refletem sobre novos modos de ser na cultura. Neste espaço de redescrição cultural, as histórias em quadrinhos fornecem componentes eficazes de compreensões diversas sobre a cultura e as diferentes realidades sociais, históricas e culturais do racismo, que podem ser abordadas tanto a partir de contextos históricos quanto das mudanças ocorridas em tais contextos, e das previsões de futuros cenários mediante as a observação dos movimentos que acontece no campo do fazer humano na sociedade.

Assim, para que fosse possível uma análise sobre histórias em quadrinhos foi de fundamental importância compreender de forma ampla a historicidade desta prática cultural,

suas características fundamentais, suas potencialidades e sua importância no âmbito social e individual.

Partindo da compreensão introdutória do que é cultura pop, foram abordados alguns aspectos, dentre os quais, de que forma a cultura pop se insere no mundo global, com possibilidades de produção de conhecimentos e experiências diversas, e as possibilidades das narrativas enquanto instrumentos para transformação social e individual, dentre as quais se inserem as histórias em quadrinhos, buscando compreendê-la a partir de seu percurso histórico, linguagem e elementos característicos. Aprofundamos compressões sobre o racismo na sociedade, trazendo entendimento que tornaram possível analisar as representações de racismos na história em quadrinhos investigada, particularmente como o racismo se emaranha em tais narrativas, proporcionando induções acerca das formas se materializa em elementos culturais da sociedade, dentre as quais, as representações depreciativas das mulheres negras ao longo do seu processo histórico.

E por fim, tão importante quanto as questões referidas, foram analisadas as possibilidades de representatividade de mulheres negras no âmbito cultural e social e quais as contribuições para a formação identitária de mulheres negras, refletindo principalmente no campo da consciência social e educacional da sociedade, como estas podem propor redescrições humanas a respeito do racismo e do reconhecimento social e cultural da população negra na sociedade.

Na primeira subseção deste capítulo abordamos a respeito da cultura, de forma introdutória, abordando algumas concepções sobre cultura na sociedade, a formação da personalidade do indivíduo a partir da interação com a sociedade e suas produções culturais, da cultura como elemento histórico e social distintivo entre o ser humano e todas as espécies existentes na natureza, cuja comunicação é um elemento central na sua produção. As análises são dispostas sempre atravessadas pelo tema do racismo como um constructo cultural, social e histórico, no qual a mulher negra historicamente foi submetida. Abordamos, ainda, outros aspectos da cultura como o etnocentrismo e as teorias evolucionistas sobre cultura que convergiram para práticas de dominação de povos e culturas, criando a ideia de culturas superiores a outras culturas.

a segunda subseção é apresentada entendimento sobre a cultura pop e as produções de conhecimentos acadêmicos, suas possibilidades de experiências mediante as diversas produções culturais que circulam neste espaço, incluindo as histórias em quadrinhos, produtos culturais de massa ou da indústria cultural, passando a influenciar no cinema, na televisão, e na

produção de objetos derivados das produções culturais que circulam nas mídias. Este tópico abrange, ainda, leituras a respeito das narrativas como possibilidades de transformações no âmbito social, mediante o potencial das histórias em quadrinhos como ferramentas socioculturais.

Buscamos aprofundar compreensões acerca da cultura pop como um movimento que surgiu a partir das mídias da sociedade em uma grande escala, recebendo forte influência das histórias em quadrinhos e por meio destas projetando várias formas de manifestações da consciência social como um espaço de críticas e reflexões em vários espaços, contribuindo para que seja concebida enquanto espaço que questiona sobre diversos aspectos sociais, como tradições, culturas, dramas familiares, economia, violência e tantos outros temas importantes.

Na terceira subseção, são apresentadas diversas características das histórias em quadrinhos, suas potencialidades para abordar realidades sociais diversas, assim como o percurso histórico desta arte, sua linguagem e as possibilidades de construções críticas e reflexivas de indivíduos e da sociedade. É apresentada leitura a respeito da linguagem dos quadrinhos, dos aspectos estéticos e dos aspectos formativos, dos significados e sentidos produzidos. Sua capacidade de formar conhecimentos através da leitura, do texto, mas, principalmente, através da leitura das imagens, que dão ao leitor a capacidade de uma leitura com formação individual da compreensão das apresentações gráficas existentes na narrativa, assim como uma leitura crítica, de forma que o leitor consiga assimilar a narrativa e relacioná-la com aspectos da realidade.

O capítulo encerra com a quarta subseção, onde abordamos o racismo nas histórias em quadrinhos como reflexo da cultura social e histórica, demonstrando como está imbricado nas formas como a sociedade pensa e age, além de como a mulher negra é afetada por estas formas culturais. As compreensões de mulher negra na sociedade, construídas às margens da intelectualidade, da liberdade, de padrões de beleza, cuja imagem marca estereótipos negativos na sociedade produzem consequências tão cruéis quanto as ideias que as subsidiam, como o lugar da mulher negra na sociedade marcado por exclusão e invisibilidade. O racismo recai sobre as mulheres negras com força desmedida, pelo fato de terem implicações múltiplas nas suas vidas. Os estereótipos negativos do racismo e do sexismo que a coloca num lugar de maior vulnerabilidade na cultura. Nestas análises, o negro, que sofre o abandono histórico pelo poder estruturante da sociedade, é hostilizado por elementos da cultura, que trazem implícitos em si o modo como a sociedade vivencia cotidianamente as práticas de racismo e sexismo, com representações da mulher negra em condições de inferioridade sociocultural.

2.1 CULTURA E RACISMO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA QUE IMPACTA A VIDA DA MULHER NEGRA

Cultura é um termo abrangente que engloba os fazeres humanos, desde seu aspecto individual ao seu aspecto coletivo, do mais tenro e simples ao mais complexo e duradouro. Cultura entendida como distintivo de uma sociedade, características que identificam, simbolizam e agrega valor a uma determinada civilização, sociedade ou região cultural, mas também como base para formação interior de um indivíduo, de suas capacidades criativas, geradoras de novas produções culturais. Assim, a cultura remete a várias noções sobre o seu termo e usos, sobretudo se refere àquilo que é criado pela humanidade.

Nesta subseção serão articuladas ideias de autores que discutem a cultura em seu sentido geral, na intenção de demonstrar como o racismo, em particular sobre a mulher negra, está inserido na cultura brasileira. Abordamos a cultura enquanto lugar em que surgem diversas formas de criação humana, incluindo ideias racistas, por meio das quais a população negra tem sido historicamente colocada à margem, segregada e desvalorizada na cultura e na sociedade, contexto no qual se insere a mulher negra, e as construções culturais pejorativas de sua imagem. Concebemos a cultura como fenômeno dinâmico em que as possibilidades em torno de reelaborações construtivas são amplas, em que novos sentidos aos elementos culturais são constantemente produzidos, em torno dos quais as pessoas estão em contínua formação enquanto sujeitos culturais e sociais.

Fundamentamos nossos argumentos em Sapir (2012), Gonçalves (2012) e Laraia (2001), Reis (2018), Soares (1996), Gonzalez (2018), dentre outros, buscando compreender, a partir da cultura, o processo de dominação racial e como mulher negra se constitui neste espaço, ao mesmo tempo destacando como a cultura pode possibilitar a mudança nesse itinerário a partir de novas criações ou reelaborações culturais e sociais, com redescrições dos valores humanos na construção sociocultural e histórica. Intentamos apresentar algumas abordagens teóricas que discutem o racismo na sociedade articuladas com as ideias de teóricos/as que discutem a cultura a partir de aspectos antropológicos, sociológicos, históricos e psicológicos, situando o racismo enquanto ideia que se propagou, se alastrou e se mantém presente nos elementos culturais.

Neste sentido, o racismo constitui prática cultural que se ramifica por todas as esferas da sociedade, alcançando as pessoas de diversas formas, incluindo a tentativa de inviabilização dos mecanismos de enfrentamento ao racismo, como os usos deturpados da história, o silenciamento em torno das políticas de defesa da população negra contra as violências raciais, a negação da educação na perspectiva de valorização da história e cultura do povo africano e

seus descendentes no Brasil, assim como a falta de dignidade e da equidade na garantia de direitos firmada na legislação do país, assim como de tantos outros mecanismos que poderiam ser instrumentos de transformações na cultura e na sociedade.

É fundamental destacar que a cultura é um universo amplo onde se situam diferentes formas de expressões humanas. Por exemplo, a cultura pop como um fenômeno social e cultural advindo das práticas de comunicação facilitadas pelas diversas mídias comunicacionais, conforme abordados por Novaes (2017), Jonatti Júnior (2015), Pereira de Sá, Carneiro e Ferraz (2015) e Silva (2021), fenômeno este amplamente ligado às relações humana, com valores, conhecimentos, crenças e tantos outros aspectos, que incidem e influenciam diretamente as experiências vivenciadas pelos indivíduos. Pode ser considerada como instrumento de formação e reflexão humana, atravessada por ideologias de vários cunhos, de acordo com as formas culturais que regem a sociedade, com os padrões e limites criados pela cultura. Esta característica de formação traz possibilidade de produção de experiências significativas e sensibilidades humanas que permitam mudanças nas visões de mundo, nos comportamentos, na formação da identidade cultural do indivíduo, mediados através de seus elementos como a música, o cinema, o teatro, histórias em quadrinhos e tantos outros, criando diferentes formas de se comunicar e desenvolver linguagens, de acordo o público ou grupos de interesses.

As histórias em quadrinhos se situam enquanto um dos ícones da cultura pop, trabalhados por Silva (2023), Moya (1996), Vergueiro (2004) e outros autores como prática cultural formadora de consciências, influenciando na forma como a cultura reforça ou quebra paradigmas, e que possibilita leituras diversas sobre a realidade. As histórias em quadrinhos estão sujeitas ao atravessamento de ideias e práticas tanto construtivas, quanto desumanizadoras a exemplo do racismo. A característica de produzir conhecimento que acompanha as histórias em quadrinhos, desempenha funções agregadoras, educadoras, conscientizadoras de valores humanos, de ferramenta potencial que pode ser utilizada na redescrição e na reelaboração cultural de forma a buscar suplantar o racismo, demonstrando novos modos ou comportamentos de mudanças sociais. Estes elementos da cultura humana são importantes para compreender como a sociedade segue seus modos de vida ou cultura e se utiliza desses elementos para fins específicos, seja para modificar ou manter os padrões.

Uma questão importante a se refletir é sobre como se utilizar de elementos culturais para reelaborar formas ou modos de ser enquanto sociedade, numa perspectiva de enfrentamento ao racismo, desconstruindo estereótipos negativos, estigmas, preconceitos, e tantas outras crueldades constituídas ao longo da história da sociedade brasileira. É importante, portanto, que

se crie e valorize expressões culturais que proporcionem representatividade do povo negro na sociedade, se constituindo em ferramenta de combate ao racismo, especialmente, no tocante às representações dispensadas ao ser feminino negro, na busca de desconstrução do estereótipo negativo criado culturalmente, como aborda Oliveira Neto (2015), ao discutir o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil e da possibilidade de representatividade através dos instrumentos culturais, uma forma de promover um ambiente cultural de novas redescritões de mundos e ideias, termo utilizado pelo filósofo Rorty (2007), como forma de questionar e criticar os paradigmas produzidos pela filosofia tradicional e a ciência moderna no atendimento às questões sociais e humanas da modernidade.

Na visão do filósofo existem outros conhecimentos ou ferramentas mais úteis que as teorias para atender a fins sociais, produzindo transformações nos indivíduos e na sociedade, como é o caso das narrativas, que podem através do seus enredos, contar histórias que produzem sensibilidades e valores humanos e sociais, dentre as quais cita “o livro de histórias em quadrinhos” (Rorty, 2007, p. 20), como um destes elementos úteis na sociedade, pois retratam as diferentes realidades por meio criativo, se tornando um instrumento prático de produção de conhecimento, reflexões e conscientização, ao se aproximar de diversos aspectos do cotidiano dos indivíduos, criando identificações por meio das narrativas.

A cultura pop pode ser entendida como elemento da cultura que envolve particularidades dinâmicas proporcionadas pelos surgimentos dos meios de comunicação em massa, fenômeno em constante crescimento, com aspectos que se deslocam do local ao global, cujos estudos acadêmicos se desdobram em torno de suas contribuições, justificados pelo “crescimento [...] como fenômeno contemporâneo e de sua progressiva articulação com os estudos de Comunicação” (Martino, 2021, p. 11). É um campo da cultura sob o qual, muitas possibilidades podem ser admitidas na construção de uma redescritão de mundo ou modos de conceber a realidade. Para Martino (2021, p. 12), “O pop, nesse sentido, não seria apenas um segmento, mas uma modalidade da cultura e das práticas culturais, relacionada à mídia, entendida não apenas como o dispositivo técnico, mas também como linguagem e instituições”, tornado possível, por meio de sua grande circulação, consumo e alcance de diversos públicos e tipos de produtos culturais, a produção de conhecimentos e experiências, de sensibilidade humana e de questionamentos sobre o mundo, a realidade e tantos outros pontos que demandam reflexões.

A cultura pop neste debate, passa a ser uma possível via de construção significativa de representatividade de mulheres negras na sociedade, se concretizando como forma de combate

ao racismo, através de seus diferentes elementos, como música, cinema, teatro, histórias em quadrinhos e tantos outros que estão no *hall* de “produtos dentro de um contexto mais amplo de signos e significados inscritos dentro das práticas culturais de uma sociedade” (Martino, 2021, p. 18).

O uso do fenômeno pop no combate ao racismo, pode se dar através dos produtos que circulam das diversas mídias da comunicação, que se constituem elementos da cultura com possibilidades de abordagem a temas urgentes e sensíveis, como o racismo e o sexismo na sociedade, aqui analisados por meio das histórias em quadrinhos, pela capacidade que estas possuem de mostrar, através das leituras das imagens e textos, de forma lúdica, irônica e cômica, práticas sociais cotidianas que denotam atenção, além de reflexão crítica sobre aspectos referentes ao indivíduo em sociedade, dentro de uma perspectiva filosófica na cultura pop, ou filosofia pop, enquanto aspectos filosóficos da cultura pop. Como analisada por Silva (2016), a filosofia pop possibilita lidar com questões do mundo real, cotidiano e, portanto, de ordem prática que fazem parte do conjunto maior chamado de cultura, com suas tecnologias, tradições, crenças, ideias, que constituem a forma como a sociedade pensa, cria e vive em coletividade, expressos por meio de elementos que compõem o campo da cultura pop.

A partir dos anos 2000, uma iniciativa norte-americana e europeia, buscou humanizar os grandes vultos da história da filosofia e abordar temas atuais a partir da perspectiva filosófica mediante elementos não filosóficos. Dentre tais elementos, se destacam filmes, músicas, histórias em quadrinhos, literatura, poemas, documentários, romances filosóficos, seriados televisivos, desenhos animados, cafés filosóficos e temas do cotidiano (Silva, 2016, p. 93).

Todos estes aspectos fazem parte do universo chamado cultura e compreender a cultura no seu âmbito geral proporciona uma compreensão mais aprimorada dos aspectos particulares que existem neste universo, como as histórias em quadrinhos imersas no mundo da cultura pop, cujos temas racismo e sexismo são objetos de análises e discussões, o que nos leva a entender como o racismo, o sexismo, a cultura pop e a prática de histórias em quadrinhos se interligam a partir de um contexto cultural, permitindo compreender com maior propriedade as construções em torno da imagem da mulher negra, atravessada, sobretudo, pelos processos de racismos contra a população negra. A intersecção desses temas permite visualizar que, seja qual for a área de estudos ou concepções de cultura, a racialização vai estar sempre presente, por fazer parte da forma como a sociedade está edificada culturalmente sob ideias raciais que naturalizam e contribuem para a manutenção do racismo e dos preconceitos.

Essas menções introdutórias são importantes para que se compreenda que a cultura é

um espaço em que são abarcados todos os modos de ser e pensar humano, e que um ou mais elementos dessa cultura não existem de forma absoluta, desvinculada das demais formas ou elementos. Neste movimento de pensamento, e seguindo aprofundando conhecimentos acerca do conceito de cultura, podemos afirmar que se trata do fazer humano em que estão ancorados uma gama de práticas e valores compartilhados coletivamente, sendo possível situar a condição da mulher negra nesse contexto, especialmente quando olhamos para a cultura a partir do âmbito nacional, bem como compreendendo o racismo como um agente que transita na produção cultural humana, moldando a forma como ações e construções intelectuais são formuladas de modo a manter a hierarquização e marginalização étnico-racial, seja qual for a concepções de cultura que se construa.

Uma análise realizada na produção bibliográfica do antropólogo e linguista, Edward Sapir (2012), intitulada *Cultura: Autêntica e Espúria* possibilita compreensões a respeito da dimensão da cultura, como construto social, instrumento na formação da vida do indivíduo, na formação da sua personalidade e no desenvolvimento da sua criatividade. Esta dinâmica cultural coletiva e pessoal acontece mediante as vivências e experiências do indivíduo em coletividade que, ao se apropriar dos símbolos e expressões que são referenciais culturais da sociedade, apreende os sentidos construídos coletivamente e desenvolve sua cultura interior, uma característica indissociável à produção de saberes, comportamentos, tecnologias e todas as possibilidades de desenvolvimento humano. Existe uma interligação entre ambas.

Na leitura realizada em Gonçalves (2012), no artigo sob o título *Edward Sapir: Forma Cultural e Experiência Individual*, é possível elaborar compreensões sobre cultura, analisadas a partir da perspectiva cultural de Sapir (1884 -1939). Ela levanta considerações importantes a respeito da cultura autêntica, ou autenticidade da cultura e da cultura espúria, conforme abordado por Sapir (2012), associadas à forma como os indivíduos vivem nas sociedades modernas e sofisticadas, possibilitando reflexão munida de crítica para se compreender que a forma como a sociedade cria seus modos de vida influencia diretamente na forma como os indivíduos vão se formar e desenvolver sua personalidade. A cultura interior depende do seu acesso ao máximo de vida coletiva e de cultura, enquanto acesso aos conhecimentos e formas de viver criadas no processo histórico. Sendo desse modo que são forjados como sujeitos culturais, criativos e inventivos, principalmente em “sua dimensão da experiência individual”. (Gonçalves, 2012, p. 26), mostrando a íntima ligação entre o que se propõe social e cultural e o que resulta na vida das pessoas que dela fazem parte.

[...] cada personalidade é, no limite, uma cultura, e, enquanto tal, o efeito, ao mesmo tempo que a condição, de um padrão mais ou menos coerente de símbolos. Ou seja, não há indivíduo (ou “personalidade”) e não há criatividade individual sem processos inconscientes de padronização cultural. (Gonçalves, 2012, p. 26).

Por sua vez, Laraia (2001), na obra *Cultura: um conceito antropológico*, apresenta um conceito antropológico de cultura, trabalhando diversos aspectos, tais como, conceito de cultura, visão de mundo a partir da cultura, o etnocentrismo, teorias evolucionistas e o ser humano como o único ser que produz cultura, mostrando que o ser humano é “diferenciado dos demais animais por ter a seu dispor duas notáveis propriedades: a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico” (Laraia, 2001, p. 16). Traz à tona de que forma os estudos sobre a cultura humana elaboraram teorias diversas sobre a sua formação e o desenvolvimento das sociedades, com implicações sobre como sociedades se posicionaram historicamente, amparados em conceitos produzidos cientificamente sobre a formação da cultura humana, para justificar atitudes de soberania, dominação, discriminação e exploração de uma sociedade sobre outra, amparada em tais teorias.

Laraia (2001), aborda a cultura como modos diversos de viver em seus mundos coletivos distintos, por meio do conceito antropológico de cultura que se contrapõe às compreensões da cultura a partir da abordagem biológica e da abordagem geográfica, que determinavam a formação da cultura a partir das capacidades biológicas dos seres humanos, bem como da localização geográfica que estes habitavam, em que as diferenças culturais seriam resultado de sociedades e culturas mais evoluídas com indivíduos biologicamente diferenciados. Assim, algumas sociedades seriam naturalmente mais evoluídas do que outras, assumindo então o lugar de superioridade, sobre o que Laraia (2001, p. 09) afirma que são “velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a raças ou a outros grupos humanos”, como inteligência, habilidades tecnológicas, capacidade de negociação, modos de viver e tantos atributos, atribuindo à natureza, a seleção de grupos humanos enquanto herança biológica, para serem privilegiados.

As compreensões levantadas por Laraia (2009) versam sobre determinados estereótipos ancorados em ideias deterministas que servem, acima de tudo, para a tentativa de hierarquização entre povos e culturas humanas:

Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes do que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avarentos e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são

trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses (Laraia, 2001, p. 09).

Tais ideias, consistem em motivos para acreditar que alguns povos seriam naturalmente mais capacitados do que outros para decidirem sobre os rumos de outras comunidades ou de outras sociedades, no tocante à valorização de culturas, criando argumentos para imputá-las como naturalmente incapacitadas para o desenvolvimento de sua cultura e do progresso. As diversidades culturais seriam resultado das diferenças regionais, assim indivíduos de determinadas regiões do mundo agiriam diferente por causa do lugar onde habitavam, existindo lugares e povos mais privilegiados pela ação da natureza sobre os indivíduos que em outros lugares, influenciando diretamente em suas ações. “O determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. São explicações existentes desde a antiguidade.” (Laraia, 2001, p. 12), que propunham compreender a diversidade cultural humana a partir de princípios da natureza e não da socialização e da historicidade.

A superação de ideias deterministas das diferenças culturais foram cruciais para a busca da compreensão da cultura humana a partir de fatores múltiplos, como sociais e históricos, buscando justificar as diferenças culturais existentes na humanidade por outros viés, como processos e sistemas culturais, em que “a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade, apesar de sua comprovada unidade biológica” (Laraia, 2001, p. 05), possibilitando experiências de aprendizagem daquilo que culturalmente foi acumulado no processo histórico de uma sociedade e, demonstrando que “existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico”. (Laraia, 2001, p. 12), compreendendo a cultura a partir de suas construções socioculturais, que diferem de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, contribuindo para a concepção do que seja a diversidade cultural da humanidade.

Ao abordar, dentre outros pontos, a cultura sob a perspectiva da evolução das espécies, Laraia (2001) permite entender que tais ideias incisivas foram indevidamente usadas para validar saberes humanos de acordo com a civilização e a cultura de determinados povos, justificando a subjugação e invalidação de outros povos e culturas. De acordo com o autor, estudos apontavam que a diversidade cultural era "o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução" (Laraia, 2001, p.18), demonstrando que no processo histórico, as ideias sobre a cultura e sua diversidade, sofreram influências fortes da teoria da

evolução das espécies, “[...] nos anos em que a Europa sofria o impacto da Origem das espécies, de Charles Darwin, e que a nascente antropologia foi dominada pela estreita perspectiva do evolucionismo unilinear” (Laraia, 2001, p. 18). Tais compreensões contribuíram para a construção de ideias sobre as diferenças das culturas e civilizações, que deram posse e poder a algumas nações, com diversas formas de dominação sobre outros povos, sobre culturas tidas como primitivas, menos evoluídas, sem ou de pouca cultura.

Tais construções agregadas às ideias etnocêntricas, transformaram o campo da cultura no ambiente de tensões e discussões a respeito de ideias e práticas racistas e xenofóbicas, que ao longo do processo histórico, sustentam práticas de crueldades e desumanidades, dentre as quais se destacam a escravização de pessoas e suas consequências posteriores, como discriminação, segregação, preconceito, e tantos outros. Isto proporciona compreender que, mesmo com perspectivas diferentes de discussões sobre cultura, o arcabouço teórico que constituem bases teóricas para este trabalho, intenta fomentar diálogos sobre cultura e a formação do indivíduo, ao evidenciar como a cultura, em seus diferentes aspectos e elementos, interfere diretamente no modo como sociedade e os indivíduos interagem e se constroem.

Assim, o “desenvolvimento do conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana” (Laraia, 2001, p. 04). Ou seja, uma espécie e muitas culturas a ela atribuída, uma unidade biológica e grande variedade de formas de ser humano. Diversidade na forma de criar seus aparatos tecnológicos, suas curas para doenças, seus modos diferentes de se alegrar e de se entristecer, de celebrar a vida e de chorar seus mortos e tantas formas diferentes de agir sobre um mesmo episódio. Historicamente, “os homens se preocupavam com a diversidade de modos de comportamentos existentes entre diferentes povos” (Laraia, 2001, p. 06), levando a busca de respostas, pois assim como a cultura se diversifica e se espalha pelos lugares e tempos, as respostas também, a depender do lugar do observador, que estão sempre apontando novas compreensões.

Porém, segundo Laraia (2001, p. 10), após a barbárie da Segunda Guerra Mundial e “da catástrofe e do terror do racismo nazista”, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), declara que, “as diferenças de culturas e as obras das civilizações dos diversos povos ou grupos étnicos [...] se explicam, antes de tudo, pela história cultural de cada grupo” (Laraia, 2001, p. 10) e não de características genéticas, como muitos consideraram, para se valer da invalidação dos direitos e valores de povos, para dominá-los. De qualquer forma que se proponha analisar a cultura, é importante compreender que esta é o produto da criatividade humana existente a todos grupos étnicos, em todas as culturas e

civilizações, produzida em interação com o mundo à sua volta e com construção histórica herdada socialmente.

Deste modo, compreendemos a cultura como espaço de criação tanto de elementos materiais como imateriais que estão estritamente ligados ao modo como o indivíduo, em sociedade, se forma como ser cultural. Esta relação tem implicações tanto nos elementos produzidos socialmente quanto nos aspectos internos dos indivíduos que se formam mediante a cultura existente, com seus respectivos modos de pensar, suas produções, tradições, costumes e tudo que esteja ligado ao indivíduo, como trabalho, entretenimento, vida cotidiana e outros aspectos.

Ampliando a reflexão para nosso interesse objetal, entendemos que a produção cultural de histórias em quadrinhos, no âmbito da cultura pop, não é uma prática isolada do contexto social e retrata culturas e vivências através dos modos de produção das mesmas, portanto, não isenta de ideias que podem expressar a compreensão de realidade e visão de mundo de quem a produz, e, podem conter ideias que vão influenciar a forma como os leitores interpretam e internalizam a mensagem nelas contidas, criando uma forma peculiar de comunicação, fazendo uma leitura não apenas de textos, mas de imagens, sentimentos, emoções, ideias, realidades, contextos e histórias, nas quais a vida humana se desenvolve e produz suas culturas para gerações futuras.

É uma forma criativa de comunicar ao mundo determinados conhecimentos através de suas narrativas. Sobre isso, Laraia (2001) defende que a comunicação é um dos principais atributos humanos para a produção da cultura, em que o ser humano através da capacidade de se comunicar transmite suas ideias para as gerações futuras. Olhando por essa lente, as histórias em quadrinhos são um elemento cultural capaz de comunicar, transmitir conhecimento e informações sobre as realidades humanas, diversos aspectos existentes na sociedade e na cultura do contexto na qual foi produzida. Neste contexto, se observará uma construção cultural a respeito da mulher negra no Brasil, a partir de autores/as que discutem sobre o racismo e, particularmente, sobre a mulher negra na sociedade brasileira.

Assim, as produções culturais de uma sociedade são fontes ou bases sociais e históricas, para que os indivíduos se apropriem, usufruam, se formem e criem elaborações da cultura. A cultura como herança social e histórica, está em contínuo processo e produção mediante uma inter-relação do sujeito com a sociedade e tudo que está inserido nela, promovendo múltiplas aprendizagens e diversos modos de vida, como comportamentos, produção material, intelectual e expressões, que se acumulem no percurso histórico, afinal, conforme Sapir (2012, p. 48),

“Uma cultura nacional saudável nunca é uma herança passivamente aceita do passado, mas implica a participação criativa dos membros da comunidade”, ou seja, depende da participação como ser ativo, aspecto importante quando se pretende questionar sobre a participação e o reconhecimento da mulher negra na sociedade brasileira e de que forma a cultura nacional retrata esta mulher.

A intelectual, pesquisadora e professora, Lélia Gonzalez (2018), foi uma das pioneiras nos estudos sobre as mulheres negras na sociedade brasileira, a partir das perspectivas de conhecimentos filosóficos, históricos e antropológicos desenvolvidos do campo acadêmico e do seu lugar de fala, como uma atuante ativista pelos direitos da população negra e, de acordo com o site ONU Mulheres Brasil, uma "Pioneira nos estudos sobre as mulheres negras no Brasil e no mundo" (ONU mulheres.org.br, 2024).

A autora foi um marco no movimento negro brasileiro que buscou expor para a sociedade os percalços raciais e sexistas infestados na cultura brasileira, propondo um debate amplo, aberto e, principalmente, tendo a população negra como parte ativa nos discursos políticos e ações que, além de mostrar efetivamente a predominância de uma acentuada cultura racial, contribua para o combate ao racismo estrutural e cotidiano na sociedade.

Com “análises sobre a situação e a posição da mulher negra na sociedade, inclusive na mídia, nas artes e no cinema, Lélia Gonzalez liderou uma geração que escancarou a extensão da discriminação racial no País, em suas dimensões estruturais e simbólicas” (ONU mulheres.org.br, 2024), discutindo a construção cultural da mulher negra na sociedade brasileira a partir da imagem de subserviência e submissão da força de trabalho e dos corpos de mulheres negras, comumente tratadas como mulatas e domésticas, uma herança cultural pejorativa advinda da noção de mãe preta, de mulher negra que assumia diversas funções domésticas e maternas nas famílias escravocratas, conhecidas por mucama, uma realidade cultural racista que se prolonga desde o período de escravização como forma de determinar o lugar da mulher negra na sociedade brasileira

Nas considerações da autora no tocante ao lugar da mulher negra na cultura nacional, cabe ressaltar que se trata de uma realidade social vivenciada e observada por uma mulher negra que se insere no contexto de lutas pelos direitos da população, lutas contra o racismo, e as violências em decorrência desse fenômeno, e o sexismo contra mulheres negras, que assume dimensão específica em todas as esferas sociais, compreendendo a interseccionalidade do racismo e sexismo na cultura nacional como forma de compreender o que acontece com a mulher negra.

Para este trabalho, dois artigos, inseridos no livro *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*, foram analisados. O primeiro artigo, *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, traz algumas compreensões sobre as concepções da autora no que se refere à mulher negra na cultura nacional, considerando o racismo como fator determinante na produção de discursos e práticas que impactam todos os processos sociais e culturais que constituem a vida da mulher negra.

No campo da cultura, os modos como as sociedades se organizam e produzem seus saberes em torno do que consideram ser necessários, incidem diretamente na produção de seus sistemas de compartilhamento, suas tecnologias, comportamentos, seus valores, crenças, ideias, e em como os indivíduos são entendidos neste sistema. As ideologias que regem as sociedades não estão dissociadas do campo de produção cultural, contemplando o modo como os indivíduos constroem suas relações em todos os sentidos. Neste sentido é interessante refletir como as ideias ou ideologias raciais se entremeiam de forma sistêmica e estruturante no campo da produção cultural enquanto faculdade humana, como se observa nas análises de Gonzalez (2018, p.196), ao refletir sobre o mito da democracia racial, sobre os efeitos das ideias raciais sobre a vida da mulher negra, que se manifesta de forma impositiva e determinista sobre a realidade e o desenvolvimento da mulher negra como um ser cultural na sociedade, que, "como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além do que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que ele exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra", determinando a forma como a mulher negra é retratada na cultura. Tais ideologias são produções culturais que se utilizam de diversos artifícios da cultura para legitimar e manter determinados preceitos que negligenciam a justiça e a equidade humana e social.

As ideologias racistas e os conflitos ideológicos étnico-raciais se dão prioritariamente, no campo da cultura como produção humana, desenvolvida ao longo da história, ligadas às ideias sobre os níveis de desenvolvimento intelectual e técnico de civilizações no passado, com pretensão de classificação de culturas, “num esquema evolucionário” como “superior ou inferior” (Sapir, 2012, p. 45), o que proporcionou uma lógica de ação de determinados povos sobre outros. Tal ideia, se materializou sob diversas formas de dominação, subordinação, exploração e preconceito étnico e fenotípico, sobre indivíduos, seus referenciais culturais, civilizacionais, regionais e tantos outros aspectos, sob a justificativa de culturas inferiores, povos inferiores, sendo dominados por povos que se colocam como superiores, de culturas superiores, hierarquizadas.

Essas ideias raciais legitimaram as grandes dominações e o extermínio de pessoas em todo o mundo, como na escravização dos povos africanos, desencadeando consequências históricas que implicam diretamente na forma como os indivíduos são tratados, na apropriação dos conhecimentos produzidos na cultura, nas oportunidades de mobilidades sociais, na valorização das formas de viver, em que a população negra se viu sob o jugo da racialização.

É sob essas circunstâncias que a população negra, cuja mulher negra é parte intrínseca, têm sua história construída na sociedade. Sua trajetória de vida foi atravessada pela cultura e hierarquia racial instituída de forma naturalizada na sociedade, determinando por meio dos elementos materiais e imateriais da cultura, a forma desigual da população negra se desenvolver na sociedade. "[...] nesse papo de racismo, [...] todo mundo acha [...] que negro tem mais é que viver na miséria. [...] porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, [...]" (Gonzalez, 2018, p. 193). Aqui se percebe um sistema cultural de naturalização do racismo, atribuindo ao indivíduo “incapacidades” humanas para justificar a violência, a miséria, a desigualdade ou injustiça sociocultural sofridas pela população negra desde os tempos da escravização. Entender o racismo como um construto cultural, fruto de uma forma de hierarquia cultural, um fenômeno histórico e social, dá novos contornos ao debate, permitindo questionar a lógica da dominação racial e a busca por mudança do sistema que tenta “domesticar” ou desumanizar o outro, levando-o a aceitar condição de incapaz, infantil, inferior. O questionar implica em criar lugar de fala, dar voz para um novo discurso de desconstrução das crenças de superioridade de raças, dos estereótipos, tendo como prerrogativa do povo negro, a liberdade para o debate e para criar formas de garantias de direitos.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise [...] por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos), domesticar? (Gonzalez, 2018, p. 193).

Aqui nesta passagem, é possível a indignação da autora pelo lugar cultural e social destinados para as pessoas negras, incluindo a mulher negra, sujeita à lógica que impõem a subordinação, o que pode ser entendido como um “domesticar” para manter sob as forças das violências contra essa população, tendo que se ver e ouvir pela voz e imagens projetadas por outros sujeitos que historicamente negaram seus valores e contribuições para a cultura da sociedade.

A autora compara o lugar da população negra à “lata de lixo”, lugar de total desprezo, falta de reconhecimento, invisibilidade, falta de oportunidade, lugar que a imagem da mulher negra é parte de um processo de desumanização, com implicações diversas na formação das suas personalidades como sujeitos culturais, interferindo na sua formação intelectual através da escassez de acessos às fontes de formação, de produção de conhecimentos, na economia e na educação, na política, no acesso aos bens e produções culturais, nas tradições, com a subvalorização das heranças e costumes das populações africanas originárias e tantas outras formas de exclusão da cultura nacional.

Falando sobre os indígenas do seu tempo, Sapir (2012) afirma que o fim destes povos se justifica principalmente pela perda de seus valores e identidades culturais, principalmente no que se refere ao modo de viver coletivamente, como o indivíduo participa ativamente de sua sociedade. “O fato verdadeiramente triste a respeito do fim do índio [...] é o desaparecimento gradual de culturas autênticas” (Sapir, 2012, p. 12), formas de sociedade em que seus indivíduos participam significativamente da cultura do grupo, mostrando como a perda dos valores culturais de um povo pode interferir na vida do indivíduo. Aqui reside a necessidade de combater o racismo em seus diferentes modos de manifestações, como a desvalorização cultural, produzida contra a população negra ao longo da história nacional em decorrência da superioridade racial, que é a ideia ou crença de raça superior, com justificativas científicas e religiosas contra as populações negras, com grandes estragos culturais construídos e solidificados na história da escravização, criando um estereótipo de pessoas afrodescendentes, onde a mulher negra se encontra no centro desta estereotipação.

Tais as marcas em torno da vida das pessoas negras ou afrodescendentes na sociedade se encontram em todos os campos, sejam econômicos, políticos, acadêmicos, artísticos, estão impregnados em nossa cultura, não sendo um aspecto apenas externo, físico, palpável, mas principalmente internalizada no ser humano, habitando todos os espaços do indivíduo, seja físico, mental, intelectual, ideológico ou prático. A cultura se forma no humano que aprendeu no meio sociocultural a ser um humano.

As histórias em quadrinhos, enquanto práticas culturais, em suas narrativas, podem abordar e representar por meio da produção de sentidos, de que forma a sociedade pensa e segue seus itinerários ideológicos, como a questão racial está presente na sociedade, visto que se configuram a partir de elementos culturais com características peculiares tanto de sua produção quanto do lugar de onde surgem, dialogando com Sapir (2018), quando este teórico afirma que “No decurso de um complexo desenvolvimento histórico, um modo de pensar, um tipo

distintivo de reação se estabelece como típico e normal", o que pode ser visto por meio das produções culturais da sociedade. Através de tais produções culturais quadrinistas, leituras podem ser feitas do contexto histórico-cultural e social ao passo que suas narrativas transmitem as mais diversas mensagens pela sua alta capacidade de se comunicar com os leitores (Silva, 2023).

A cultura quadrinista não foge aos padrões sociais, visto que, como produção humana, traz em si aspectos de concepções sociais existentes em seus respectivos contextos. Gonzales (2018) fala das leituras feitas a respeito das pessoas negras em diversas produções escritas, por exemplo, concepções racistas nas produções de narrativas e escritas acadêmicas. "Pelo que os dois textos dizem, constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no Aurélio, a outra função da mucama está entre parênteses. Deve ser ocultada, recalcada, tirada de cena" (Gonzales, 2018, p. 198). Assim, deve-se compreender o racismo como parte da criação humana que permeia tanto as práticas quanto os discursos.

Os efeitos do racismo na vida das mulheres negras, tanto na perspectiva da cultura como um aspecto da produção humana, demonstram que a cultura exterior está intrinsecamente ligada à cultura do interior das pessoas e a formação da sua personalidade. Assim, mediada pela cultura exterior, cada pessoa se forma construindo a sua cultura interior, sendo o racismo uma destas construções, que se manifesta por meio de múltiplas facetas, em todos os campos da sociedade e da vida dos sujeitos sociais.

Na compressão de Sapir (2012), o desenvolvimento da criatividade do ser humano, do seu potencial humano de produzir coisas, está ligado ao modo como se relaciona com a cultura existente, criando elaborações ou modificações da cultura a partir da cultura vigente, uma vez que as pessoas são imersas na forma como a sociedade gerencia sua cultura. "Criar significa submeter a forma a uma vontade, não fabricar uma forma ex-nihilo" (Sapir, 2012, p. 12), ou seja, submeter a forma a uma vontade é dar sentido aquilo que está posto culturalmente e a partir dessas apreensões, criar elementos ou formas culturais. O racismo constitui barreiras para o desenvolvimento máximo das potencialidades da mulher negra como um ser cultural.

A Busca por formas culturais de combate e superação do racismo, pressupõe a reelaboração cultural em que o racismo contra pessoas negras seja revelado e proporcione a quebra do paradigma socialmente constituído em torno das mulheres negras. Reforçar os valores humanos num mundo tão desumano é uma tarefa para novos modos de produções culturais que contemplem e enfrentem os desafios sociais, dentre os quais o racismo.

Ao concebermos a cultura como campo de mudança social, devemos contemplar as histórias em quadrinhos como um componente da cultura pop, de produção artístico cultural que pode projetar novas elaborações culturais, criticando a forma como na sociedade ainda persistem preconceitos e discriminações inconcebíveis, especialmente por meio da criatividade, característica marcante desta arte, o que contribui significativamente para a produção de novas formas de compreender e conceber a realidade, conforme explicitam com maestria vergueiro (2004) e Moya (1996), enfatizando, sobremaneira, que as histórias em quadrinhos nasceram e se mantêm enquanto instrumentos culturais de cunho educacional, possibilitando críticas, reflexões e compreensões a respeito relações humanas e sociais.

Estes aspectos lhe permitem leituras de cunhos específicos, impressos nos modos como foram produzidos, como evidenciam estudos realizados por Chinen (2013), trabalhando objetivamente o racismo e os preconceitos contra as pessoas negras na cultura nacional, expressos nas histórias em quadrinhos, nos moldes como os personagens negros são produzidos e retratados nas narrativas quadrinistas, com representações providas de pouca intelectualidade, estereotipados, secundários e outros detalhes que podem ser lidos através das análises críticas.

Tais estudos demonstram como as histórias em quadrinhos são fontes importantes para produção de conhecimento, podendo auxiliar na redescrição da cultura, proporcionando olhares mais atentos para determinados fatores culturais. Isso implica na potencialidade comunicativa de oportunizar o conhecimento e meios de combate e enfrentamento ao racismo e as violências dele derivados.

A cultura, como “um processo simbólico inconsciente de padronização” (Gonçalves, 2012, p. 26) pressupõe seguir uma forma cultural social, diretamente ligada ao modo como a sociedade desenvolve seus padrões culturais e como os indivíduos os internalizam, associando aos sentimentos e ideias que os constituem como sujeitos. Assim, é importante que se pense a cultura considerando os diferentes sujeitos e os grupos que a constitui. Isso implica em compreender que, assim como os indivíduos estão em constante processo de transformação, a cultura também não é a “[...] simples expressão de padrões fixos e homogêneos. E nem estes se impõem externamente sobre os indivíduos” (Gonçalves, 2012, p. 27), pois os indivíduos a adquirem e a internalizam de modo diferente, criando permanentes possibilidades de reelaborações culturais, como processos contínuos de aquisição e reelaboração.

É importante essa compreensão para que se pense na criação de novos padrões culturais que integrem a forma de pensar etnicamente, que considere os diferentes grupos e suas relações culturais na sociedade e que pense o racismo e seus efeitos como “a opressão sistematizada de

um povo”, aos moldes de Fanon (2018, p. 80), ao pontuar o racismo como um elemento cultural. Para ele o racismo muda de fisionomia, ou seja, altera suas formas e transforma-se em um racismo cultural (Fanon, 2018, p. 79), mantendo-se presente na forma de ser cultural da sociedade com “manifestações de destruição dos valores culturais, das modalidades de existência” (Fanon, 2018, p.79), destruição de existência de indivíduos, mas também de identidades, de grupos e de populações negras na história de dominação e exploração de todas as condições e forças de existência.

Seguindo em suas reflexões, Fanon (2018, p. 78) destaca que “Em primeiro lugar, afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim, a noção de relatividade cultural”, pois de acordo com ele, sejam quais forem os termos utilizados ou nomenclaturas, a lógica sempre foi a mesma, definições egocentristas, socio centristas, criados para instalar uma dominação organizada, pois a negação ou a desvalorização da cultura do outro é parte de um trabalho gigantesco de escravização econômica e biológica, que se instalou sobre o povo negro, um verdadeiro assalto de esquemas culturais diferentes.

Nesta compreensão de Fanon (2018) sustenta que o racismo é parte dessa estrutura de “dominação organizada” que suplanta os valores humanos e sociais como a linguagem, as tradições, os conhecimentos, dentro dos contextos e tempos históricos, que são partes essenciais de existência dos indivíduos, visto que “O racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada” (Fanon, 2018, p. 78), visível em todos os níveis da sociedade.

O racismo se estabelece socialmente para fazer parte de todo um conjunto social, estando presente nas práticas, nas crenças, nos valores, nas produções de conhecimentos e nos modos de vida da sociedade, tornando-se, portanto, habitual e cotidiano, o que traz o entendimento que “o racismo é, sem sombra de dúvida, um elemento cultural” (Fanon, 2018, p. 79). Numa passagem bastante significativa, o autor demonstra a intrínseca relação do racismo com a cultura, afirmando que:

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural (Fanon, 2018, p. 78).

A gravidade da questão, do racismo como um elemento que se estabelece nos moldes, vínculos e nas práticas cotidianas, impulsiona a busca por compreendê-lo em seus diversos aspectos em diversas áreas de saber humana, ao passo que impede o olhar atravessado para as

mentes e produções teóricas que se dispõem a pensar, a questionar, a problematizar e a debater sobre a temática. O racismo, de acordo com Fanon (2018), é parte da estrutura que visa o poder econômico, cuja empreitada é escravizar e destruir os sistemas de referência da população negra, mumificando a sua cultura. Consequentemente, a “mumificação cultural leva a uma mumificação do pensamento individual” (2018, p. 80).

Isto afeta diretamente a vida da mulher negra que se insere no contexto de uma sociedade extremada, culturas altamente valorizadas e culturas extremamente silenciadas. Atravessada em os seus cotidianos, como destino que se manifesta no percurso das gerações, as mulheres negras, não apenas vivenciam episódios de racismo, mas este destroça suas formas de existência. Afeta o seu exterior através das diferentes formas de violências e produz implicações de ordem interior, podendo interferir no pessoal, na personalidade, no seu modo de ser e viver, bem como na forma como esta mulher se constitui enquanto um ser potencialmente criador.

O racismo é um problema de ordem cultural, com implicações em diversos campos, tanto social quanto pessoal. Na visão de Fanon (2018), no colonialismo com a agonia continuada da cultura autóctone, da cultura local do colonizado, o “panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados”, o que produz um estado de enfraquecimento cultural e diversos modos de escravização, discriminação e apatia. Isto não se resume necessariamente aos tempos passados de colonização, mas um processo ou uma progressão, de acordo com as modificações da sociedade e os seus desenvolvimentos tecnológicos, cujas formas de dominação e racismo estão sempre sucedendo outras, de modo que o conjunto cultural é profundamente afetado e remodelado pela existência do racismo.

Torna-se imperativo que as formas de fazer cultura estejam se reelaborando no sentido de detectar o racismo em suas multiforme de manifestações e intervir no processo, de modo a criar culturas de valorização do indivíduo e de seu grupo étnico. Ainda que autores mencionados neste trabalho tenham raízes epistemológicas diferentes, o que se procura nestas leituras são elementos teóricos que venham a convergir para a compreensão do que é o racismo dentro do aspecto da cultura, que perpassa para o aspecto do indivíduo envolvendo suas diversas dimensões humanas.

O racismo como questão cultural se solidifica na sociedade e internaliza nos indivíduos, criando experiências psicossociais diferenciadas, como ressalta Pimentel e Hauck Filho (2021), ao abordarem a opressão racial internalizada. Para os autores, "o racismo é entendido como um

mecanismo, que a partir da concepção de hierarquia de raças, atua legitimando desigualdades, segregação, estratificação e opressão" (Pimentel e Hauck Filho, 2021, p. 05).

As experiências geradas através das vivências com o racismo, de acordo com Pimentel e Hauck Filho (2021, p. 06), podem se apresentar de três maneiras: "crescimento e questionamento", em que o indivíduo reflete "sobre o racismo vivenciado, por meio de referências culturais" e constrói recursos psíquicos e sociais para enfrentar o problema; "utilização de mecanismos psíquicos defensivos contra o racismo" quando o indivíduo não reage ao racismo "a fim de manter sua integridade psíquica, utilizando-se de mecanismos de defesa como negação ou identificação com o agressor; e, ainda o efeito chamado "dilaceramento psíquico" em que "a vivência de racismo se apresenta como devastadora para a psique". A internalização ou as experiências de racismo que geram negação ou identificação e que causa devastação interna do indivíduo proporcionam o que podemos chamar de "opressão racial internalizada", [...] ocorrendo enquanto autoatribuição de uma posição inferior em uma suposta hierarquia racial" (Pimentel e Hauck Filho, 2021, p. 03).

O racismo, enquanto construto cultural, deve ser analisado e compreendido como processo histórico e cultural que institui sistemas de poder na sociedade, resultando em privilégios para determinados grupos e injustiças e desigualdades para outros. O racismo como elemento da cultura humana se manifesta com discriminações, preconceitos, segregações e outros modos de racialização, constituindo base para violências e opressão racial, com efeito na vida do indivíduo e na cultura, afetando as relações sociais dos indivíduos e seus comportamentos, como estes desenvolvem suas próprias personalidades e suas elaborações da cultura.

A opressão racial internalizada, ou seja, a forma como um indivíduo internaliza suas experiências de vivências racializadas culturalmente, tem efeitos devastadores quando se internaliza negativamente as representações sociais ou os estereótipos raciais. Pimentel e Hauck Filho (2021, p. 07), enfatizam que opressão racial internalizada diz respeito ao [...] "processo de internalização de estereótipos raciais negativos por parte de pessoas negras em relação à sua própria raça", visto que os indivíduos podem acreditar nos estereótipos negativos criados culturalmente ao seu respeito, interferindo nas formas como desenvolvem suas capacidades humanas e suas próprias identidades.

No tocante às mulheres negras, seus intelectos e seus corpos foram atrelados a estereótipos de subalternidade, de servidão, domesticação, sensualidades, pouca inteligência e outros, solidificados na cultura e reforçados através de discursos, como defende Gonzalez

(2018) ao trazer as impressões culturais sobre a imagem da mulher negra e o seu lugar na sociedade, afirmando que “[...] a doméstica, nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzalez, 2018, p.198).

O enfrentamento das questões raciais na sociedade passa pela necessidade de criar modos de abordar o problema e suas consequências na vida de pessoas negras ao passo que necessita compreender o racismo como um problema sistêmico, um sistema de poder que se instalou nas estruturas das instituições, cujo resultado são práticas socioculturais de desigualdades, beneficiando determinados tipos de indivíduos e grupos em detrimento de outros. Neste sentido, a busca por reelaborações da cultura que resultem em novos comportamentos e práticas culturais e sociais de desconstrução do racismo, constitui desafio para a sociedade, pois requer esforço e compromisso social em criar novas mentalidades, novos modos de fazer a cultura, redescrições social e individual que incluam o outro como um de nós, mediante o aumento da sensibilidade humana diante da dor e do sofrimento do outro, produzindo uma cultura voltada para a prática da solidariedade, entendida como uma produção e não uma essência humana, abordada pela filosofia rortyana como aspecto importante para a diminuição da crueldade humana.

Essa maior sensibilidade pode ser criada através da imaginação, ao utilizar instrumentos apropriados para esse fim, como por exemplo, as diversas formas de narratividades, onde se enquadram as histórias em quadrinhos, prática cultural que pode contribuir, através de seus enredos, como representatividades diversificadas de superação da dor, da crueldade, do sofrimento e tantos outros aspectos presentes nas relações humanas em que prevalecem práticas de dominação e submissão, em defesa de práticas humanas de sensibilização, combate e diminuição de crueldades, seguindo a linha de raciocínio do filósofo Richard Rorty (2007), em que a cultura é o cerne das questões humanas, com a criação de novas linguagens, novos vocabulários, novos instrumentos, como as narrativas, para atender às necessidades de transformações no indivíduo e na sociedade.

Aquilo que é produzido e padronizado culturalmente, adquire sentido pessoal ao indivíduo, dando-lhe condições de construir seu interior e reinventar a sua cultura. Quando se cria padrões de vida sob bases racistas, indivíduos racializadas sofrem as consequências não só externamente, na economia, no trabalho, nas relações sociais, mas no seu interior, na sua forma de sentir, pensar, criar e viver suas experiências. A cultura exterior, como pilar da formação do indivíduo pode ser um diferencial na luta e nos enfrentamentos das questões raciais, na luta por

mudança na forma de produzir cultura numa perspectiva de enfrentamento ao racismo, através de reflexões e práticas que levem ao desenvolvimento de hábitos, atitudes, costumes, crenças e valores que combatam velhas ideias e práticas raciais.

A cultura é um movimento contínuo na sociedade, que se constitui de processos de elaboração e reelaboração no fazer humano. Nesse movimento, com a predominância do racismo, os indivíduos são diferenciados ou discriminados de forma preconceituosa, com a atribuição de valores étnicos ou fenotípicos negativos, como no casos das mulheres negras, segregadas sob uma cultura hierarquizada racialmente, estabelecida socialmente, internalizando as limitações impostas e difundidas nos diferentes segmentos e meios da sociedade, aspectos culturais relevantes e importantes abordados por Gonzalez (2018), ao afirmar que “Se a gente dá uma volta pelo tempo da escravidão a gente pode encontrar muita coisa interessante. Muita coisa que explica essa confusão toda que o branco faz com a gente porque a gente é preto” (Gonzalez, 2018, p.96).

A escravização explicita muito bem o racismo como uma degeneração humana e cultural, com as mais terríveis e abomináveis práticas de crueldade entre humanos, cujas consequências são refletidas por gerações, produzindo a segregação, a desvalorização da cultura do outro, a subalternidade do outro, a perda dos valores culturais como heranças de um povo. Nestas condições, “o indivíduo fica desamparado sem um patrimônio cultural sobre o qual possa trabalhar. Ele não pode, a partir de seus poderes espirituais isolados, tecer um forte instinto da trama cultural apenas com o fluxo de sua própria personalidade” (Sapir, 2012, p. 15). O que existe culturalmente é o que possibilita a formação das pessoas, um trabalho coletivo em que, quanto mais acesso ao que é produzido, mais possibilidades de apropriação de saberes.

A busca pela produção de formas culturais que estabeleçam novos comportamentos, redescrevendo padrões culturais, visões de realidades, valores que incluam o indivíduo como parte importante no sistema cultural é uma possibilidade de transformação social que deve ser constantemente fomentada. Nessa busca, se incluiria a desconstrução de ideias e práticas raciais por intermédio da cultura, lugar este em que a mulher negra abraça um mundo de desafios na sua existência, visto que tem sofrido negações de suas capacidades humanas e apagamentos históricos de suas contribuições culturais, como abordado por Fernandes (2008) e Oliveira Neto (2015), revelando o estigma do racismo, os estereótipos depreciativos e com eles as diversas formas de oprimir, explorar e as tentativas de desumaniza-la.

Observando que cada indivíduo é resultado do mundo social no qual está inserido, resultando na formação da sua personalidade a partir da apreensão da realidade que o circunda,

o indivíduo radicalizado sofre as limitações impostas pela cultura à sua própria condição humana, de se formar como ser cultural a partir do acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade, pela falta de condições de acesso a este, criando um ciclo de repetições das segregações. Descrever a cultura a partir de novas reelaborações culturais é romper limites impostos pela forma ou modelo de cultura que, no caso do racismo, implica romper com padrões que impõem uma ideia instituída de servidão, segregação, invisibilização de uma descendência racial, criando situações para novos valores culturais, embora isto signifique a existência de possíveis conflitos culturais pela perda de controle por parte dos poderes instituídos culturalmente.

[...] às vezes os padrões não cobrem todas as situações possíveis. Tal fato ocorre em períodos de mudança cultural e, principalmente, quando estes são determinados por forças externas, quando surgem fatos inesperados e de difícil manipulação. São situações sem precedentes e que, portanto, não são controladas pelo conjunto de regras ordinárias. Nem sempre os indivíduos envolvidos conseguem utilizar sua tradição cultural para contorná-las sem provocar conflitos (Laraia, 2001, p. 44).

Para Laraia (2001), a forma como cada cultura desenvolve seus padrões e seus instrumentos para usos sociais, ressalta sua perspectiva antropológica, nos levando a entender cultura como um construto social e histórico, herdado e adquirido coletivamente, composto de tudo aquilo que é produzido pelo ser humano.

O conceito de cultura nesta perspectiva diz respeito ao “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2001, p. 14), se tratando de conceito abrangente, o que implica tudo aquilo criado pela humanidade no seu processo histórico, mas também aquilo produzido por determinada sociedade, grupo ou comunidade.

No entendimento de Sapir (2012), a cultura pode ser entendida como tudo o que a humanidade produz, seja tecnológico, comportamental, ideológico ou outros; cultura como saberes e padrões de comportamentos que diferenciam os indivíduos sociais, tornando alguns supostamente mais “cultos” a partir da apropriação de seletos elementos culturais; e cultura como identidade de grupo, sociedade, civilização, a partir de elementos que se tornam características identitárias da coletividade (Sapir, 2012, p. 38).

Porém, seja qual for o aspecto das discussões sobre o tema cultura, é possível vincular ao tema racismo, visto ser uma ideologia que permeia a cultura de modo a se instalar na forma estrutural e sobre o modo como os indivíduos se relacionam na sociedade. A discussão levantada em Sapir (2012), considera a cultura não como algo de maior ou menor valor a

depende do lugar social, mas como produção humana, em contextos sociais diferentes, com valores ligados ao espírito coletivo, do grupo e intrinsecamente ligada às necessidades de satisfação pessoal do ser humano na sua produção de experiências pessoais mediante suas vivências socialmente construídas.

É preciso lembrar do lugar cultural e social destinado às populações negras no período pós-escravização e a sequência de descaso social desferido sobre essa parcela da sociedade brasileira, analisada por Fernandes (2008), sobre o abandono da população negra na sociedade e as suas consequências históricas em todos os campos da vida. Isto se refere a uma produção cultural social, ou seja, um comportamento social, criado a partir de padrões estabelecidos, que tende a se reproduzir e se consolidar, mesmo com o passar de séculos, tornando um desafio a reelaboração de novos valores culturais sociais referentes à atenção e ao reconhecimento, em todas as esferas, do valor humano, histórico e social da população negra no Brasil. Tudo o que o ser humano produz é cultura, mas nem toda cultura é humanizadora, como acontece com a cultura do racismo, a produção do racismo e suas múltiplas facetas

A cultura vai além do conjunto de produções humanas, sendo também o que possibilita construir o próprio humano a partir da apreensão da cultura que o circunda. "Segundo Sapir, "... um cosmo pessoal – um mundo pessoal de significados – é uma cultura distinta..." (Gonçalves, 2012, apud. Sapir, 1994: 198, p. 26). Por isso, é de extrema importância examinar as compreensões sobre cultura e compreender como as ideias e as práticas que permeiam a sociedade são responsáveis em grande medida, se não na sua totalidade, pela forma como os indivíduos se colocam no mundo, assumem seus lugares na sociedade, desenvolvem suas personalidades, suas identidades, como grupos ou determinadas categorias sociais ocupam determinados espaços e desenvolvem formas de produzir culturas. O cerne desta questão se encontra no quanto determinada cultura proporciona o desenvolvimento da criatividade de seus indivíduos.

Assim, ideias e práticas culturais que sustentam o racismo incidem diretamente sobre como o indivíduo se desenvolve e assume lugares na sociedade. Nessa perspectiva, o racismo assume lugar central no debate, pois transgride a dignidade da vida humana, e quando praticado contra mulheres negras tem ainda mais acentuada violação à sua humanidade.

As três noções sobre a cultura, desenvolvida por Sapir (2012), permitem compreensão melhor, ou mais aproximada, do que é cultura em aspecto mais voltado para o indivíduo, para sua formação interior, como pessoa, considerando ainda nestas análises a possibilidade de uma cultura autêntica, trazida pelo autor como forma de viver de forma participativa da vida coletiva

da sociedade, o que inclui diversos tipos de produções de conhecimentos, incidindo diretamente no processo de produção da personalidade do indivíduo.

Tais requisitos são importantes para a produção de experiências espirituais significativas e construtivas da sua personalidade e para o desenvolvimento da criatividade humana para a contínua produção cultural, passando pela necessidade de o indivíduo atender a necessidade de um fortalecimento do espírito humano, produzindo satisfação pessoal ao participar das atividades humanas que propiciem experiências significativas. Quanto mais o indivíduo participa da vida social e cultural ativamente, mais ele desenvolve suas capacidades criativas, criando ideias, objetos, reflexões, reelaborando a cultura e dando novos contornos sociais. A privação dessa experiência coletiva e cultural implica em um menor desenvolvimento do indivíduo quanto às suas possibilidades de desenvolvimento de seu potencial humano. Uma cultura social autêntica promove esta possibilidade de acesso dos indivíduos aos bens culturais da sociedade e da humanidade como forma de permitir experiências significativas para o indivíduo e o desenvolvimento de suas inteligências.

A segregação é uma consequência da escravização, com marcas tanto nos indivíduos racializados quanto nas relações que se estabelecem socialmente e na própria sociedade. Quando se trata da mulher negra, as dificuldades, historicamente, se acentuam, trazendo consequências, não apenas materiais, envolvendo um prisma psicossocial resultante das experiências culturais. “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (Laraia, 2001, p. 26). No caso da herança escravista, esta cultura limita a ação criativa das pessoas racionalizadas nas diversas esferas da sociedade.

Concordando com Sapir (2012) sobre o acesso e participação na cultura, Laraia (2001), possibilita uma compreensão da importância do acesso dos indivíduos às produções de conhecimentos já produzidas pela humanidade para o desenvolvimento cultural dos indivíduos, quando diz que, “não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária” (Laraia, 2001, p. 25). Esse acesso aos conhecimentos, por séculos negado à população negra, desencadeou um processo de segregação racial nacional que requer esforço de todas as esferas sociais com o propósito de praticar a justiça social para com o público afrodescendente nacional.

Uma cultura espúria, de acordo com Sapir (2012, p. 57), pode ser concebida em uma sociedade que “manifesta a natureza insatisfatória de uma cultura de pouca profundidade ou

individualidade”, como condições desiguais de acesso ao que socialmente é produzido e experienciado pelas pessoas. O racismo pode ser pensado como um aspecto desse modo de ser cultural, uma das ações humanas que desencadeia um processo progressivo, como já mencionado, de apagamento do indivíduo, tanto nos aspectos socioculturais quanto do próprio indivíduo mediante, mediante o sufocamento das oportunidades de desenvolvimentos de suas capacidades intelectuais, morais, afetivos, enfim do universo do ser.

Cultura espúria seria uma crítica de Sapir (2012) às grandes metrópoles norte-americanas do seu tempo, destacando o modo de vida das pessoas e uma "superficialidade da própria cultura". Ao refletirmos essa ideia sob uma perspectiva crítica do racismo, percebemos que este tipo de cultura não é uma característica apenas de grandes metrópoles do passado, pois ideias raciais fazem parte dos aspectos mais amplos e mais intrínsecos da sociedade no tempo presente, envolve o modo como a sociedade inferioriza e discrimina, de forma preconceituosa, a população negra.

Fernandes (2008) demonstra o descaso e o apagamento histórico que afetou milhares de vidas, de homens, mulheres e crianças, que compunham a população negra no Brasil. Desfavorecida social e culturalmente, não só a falta de acesso aos bens culturais em seus diversos aspectos, mas a subjugação como resquícios de uma construção ideológica de superioridade étnica marcaram a construção da identidade da mulher negra na sociedade, em que a segregação racial é os estereótipos se constituem impedimento ao acesso às produções de conhecimentos valorizados cultural e socialmente. A interseccionalidade dos fatores como raça, classe e sexismo marcam profundamente a experiência de desigualdades sociais e culturais de mulheres negras na sociedade, muitas vezes escrito apenas nas entrelinhas da história, invisibilizando a cultura, os conhecimentos e a resistência das mulheres negras ao longo da história.

A cultura, portanto, é o lugar onde o sujeito se desenvolve como pessoa, como humano, de acordo com a forma cultural, criando seus referenciais culturais, ou seja, a forma como as pessoas se organizam, produzem e vivem socialmente. Aqui reside a importância de se priorizar o sujeito dentro das construções culturais, dentro das perspectivas de crescimento e desenvolvimento em suas diversas esferas humanas, como intelectual, emocional, econômico e tantos outros fatores extremamente determinantes, dentro da perspectiva de que a mulher negra é um agente de transformações culturais e sociais.

Na primeira concepção de cultura, de acordo com Sapir (2012), cultura pode ser compreendida como toda e qualquer produção humana, tudo o que o ser humano criou, desde

os seus objetos tecnológicos mais elementares, das primeiras civilizações, chegando até às mais avançadas tecnologias nas sociedades contemporâneas, os seus modos de vida, comportamentos, conhecimentos, crenças, formas de se relacionar no mundo social em diferentes tempos, "um mundo social caracterizado por uma teia complexa de hábitos, usos e atitudes tradicionalmente conservados" (Sapir, 2012, p. 36), acumulados pela sociedade como uma herança histórica. Nessa primeira concepção, o racismo surge como uma construção humana, uma ideia inventada cuja finalidade primeva se manifesta na valorização de determinados grupos e suas culturas em detrimento de outros grupos e culturas.

Neste sentido, o que existe na sociedade é resultado da vida coletiva, construído e adquirido de modo a envolver seus indivíduos, compartilhando seus saberes, hábitos, crenças, construções, tecnológicas, comportamentos, instituições e tantos outros itens, em diferentes tempos como produto da cultura humana, ou seja, o conjunto de tudo que o homem produz e mantém como herança histórica e cultural, servindo tanto para usos quanto para inspirar a criação de novos produtos culturais.

Concordando com Laraia (2001), cultura seria o produto inerente à própria humanidade, em contextos sociais diversificados, já mencionado aqui. É nesta cultura como o conjunto de produções humanas onde são realizadas as relações sociais, com a criação de padrões que dão visibilidades a determinados grupos assim como exclusões, acepções, segregações sobre outras culturas e povos, a partir da construção de ideias, principalmente de forma etnocêntrica. Todo esse conjunto de produções humanas é essencial para a continuidade da cultura e do próprio indivíduo em seus diferentes lugares e contextos.

As formas de viver coletivamente ou o esforço espiritual coletivo da humanidade é o mantém o grupo como unidade. Todos os produtos culturais, sejam eles materiais ou não, são frutos do trabalho humano, tendo como base o grupo com suas expressões culturais, suas regras, seus meios de sobrevivências, suas crenças e seus modos de exercer a cura de suas enfermidades ou a técnica de produção de alimentos e tantos outros elementos utilizados pelos indivíduos de uma sociedade. Estes elementos são compartilhados e transferidos para as gerações futuras como o conjunto de bens culturais e carregam significados diversos para a sociedade.

A produção cultural a partir de determinados lugares, tende a ser submetida ao crivo do que é tido como cultura validada pela sociedade a partir de padrões tradicionalmente estabelecidos. Nesse crivo, a questão a se pautar é a ideia instituída de que existam culturas superiores a outras culturas, validando ou invalidando as produções humanas, enquanto Sapir (2012, p. 36), afirma que "todos os grupos de humanos são cultos". É a cultura que humaniza

o ser humano, mas no caso do racismo, vimos que a cultura pode ser utilizada como instrumento de desumanização. Para Laraia (2001, p. 38) “O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural”, entendimento que pode propiciar a ideia de que haja grupos humanos superiores a outros, emergindo a ideia de raças entre seres humanos, assim como a hierarquia destas, com base em classificações entre vida selvagem e vida civilizada, a partir de etnias, origens e em fenótipos. Essas ideias não são prerrogativas de classificação apenas para sociedades ou nacionalidade, mas, como se vê na sociedade brasileira, grupos que se consideram culturalmente privilegiados se colocam como superiores em detrimento de outros.

Essas características ou concepções culturais passam a existir também nos indivíduos, sendo apresentadas ou representadas através de vários objetos da cultura. Neste caso, atentando para as histórias em quadrinhos, tais produções culturais dialogam com o cotidiano da sociedade e são capazes de trazer leituras importantes sobre seus contextos, expressando visões de mundo e aspectos culturais e sociais muito importantes para a sociedade como evidenciada por Silva, (2023), ao discutir a prática da capoeira nas histórias em quadrinhos *O Cortiço* e a presença do negro na sociedade racista, marcada pela vida de pobreza e segregação nos cortiços de cidades brasileiras no final do século XIX, época em que situa sua narrativa, além de características peculiares ao tempo, à história do lugar, caracterização das personagens e, principalmente, ao modo como a sociedade se conduz e vivencia suas experiências, afetando os sujeitos que dela fazem parte. Assim, ao passo que a cultura é o lugar de formação do indivíduo, é neste meio que surgem as diversas formas de separação, classificação e discriminação com base em ideologias raciais.

Nessa dinâmica cultural, o racismo é um dos fatores conflituosos que se mantém de modo a influenciar a forma como a sociedade concebe e valoriza os diferentes sujeitos e os diferentes grupos, muitas das vezes atuando de modo a excluir, a marginalizar e a perpetuar a segregação na sociedade, dificultando essa interação, que é indispensável para a aquisição do conhecimento humano, visto se tratar de uma ideologia que escancara o lado cruel e imoral do humano, infelizmente de constituindo uma experiência cotidiana na sociedade, causa de grandes conflitos sociais em torno da desvalorização e da inferiorização da cultura ou do fazer humano de grupos minoritários, onde podemos situar a mulher negra, influenciando na forma como está participa da vida social em diferentes áreas, como na economia, na educação, no trabalho e tantos outros aspectos. O racismo e o sexismo compõem o quadro histórico de apagamento das faculdades e competências da mulher negra na sociedade, de afastamento desta

mulher das diversas formas de conhecimentos que fazem do ser humano um ser cultural, mais privilegiado da sociedade. É um poder criado, disfarçado de naturalidade, para dar vasão, alastramento e continuidade ao mecanismo de poder na sociedade.

Trata-se de um mecanismo sociocultural e político que sustenta a ideia de que exista um tipo de cultura assim como de indivíduos, superior a outras culturas e aos outros indivíduos, ideia de que, também está subsidiada pelo etnocentrismo e ideias evolucionistas. Laraia (2001, p.38), destaca que no etnocêntrico o “[...] ponto fundamental de referência não é a humanidade, mas o grupo”, o grupo que se coloca como superior a outros, como central, tomando sua cultura como a referência magna, seu povo como superior aos demais.

Esse olhar superestimado, de um grupo sobre os demais grupos e as outras culturas sinaliza o perigo de criação de ideologias que propõe separação, perseguição e julgamentos a outros grupos ou etnias, inserindo juízos de valor ao outros e produzindo o racismo e a xenofobia, artifícios para justificar práticas de domínio, exploração e subordinação.

Laraia (2001), destaca como alguns povos antigos questionavam sobre as formas como os diferentes povos viviam, a partir da observação das diferenças culturais, como cada cultura se destacava por suas produções culturais que as caracterizavam como, demonstrando como as diferentes culturas estranham a cultura de outro povo em aspectos que parecem contraditórios aos seus próprios modos de vida. Tal estranhamento consiste em validar os seus próprios elementos culturais em detrimento de outras culturas, em que, “na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra” (Laraia, 2001, p. 07).

As características culturais não demarcam apenas sociedades, nações e civilizações, mas, dentro de um mesmo campo social existem várias culturas, a partir de grupos populacionais, que podem ser desde grupos de famílias até regiões inteiras, como cidades, estados e outras divisões, mostrando que a diversidade na forma de viver coletivamente abrange do pequeno ao grande sistema e em todos estes a cultura é sempre um ponto permeado por tensões.

O etnocentrismo, ou seja, colocar como padrões referenciais a sua própria cultura para analisar, observar e julgar a cultura do outro, faz emergir o preconceito e as discriminações com relação ao que é diferente, ao que pertence ao outro, pelo fato de os indivíduos enxergarem a realidade a partir da cultura na qual estão inseridos. Assim, as culturas tendem a ser etnocêntricas, se colocando como o centro das referências para observar outras culturas, visto que, na compreensão de Laraia (2012, p. 38) é bastante corriqueira “[...] a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão”, marginalizando

o outro e suas culturas diferentes. A exacerbação e a violência humana a partir dessas ideias proporcionaram para a humanidade conflitos e perdas irreparáveis, resultando em práticas de inferiorização, subjugação, dominação e diversos tipos de violência, como por exemplo, a xenofobia e o racismo, subsidiando conflitos nos quais a escravização e morte de milhões de pessoas de povos africanos e o extermínio de milhões de judeus e outros indivíduos de minorias são as referências mais recentes em níveis mundiais.

O preconceito contra grupos, etnias e nacionalidades, aliada à hipervalorização da sua própria cultura, caracteriza e faz predominar o etnocentrismo, resultando em discriminação, preconceito, intolerância e diferentes tipos de dominação decorrentes desse processo, tanto em macro alcance como dentro de uma mesma comunidade, podendo estar na base da dizimação e escravização de povos, grupos, etnias e de comunidades dentro de um mesmo território.

Neste sentido, a escravização de povos africanos e a insistência em segregação racial mesmo com tantos conhecimentos produzidos por meio de estudos a respeito da temática, demonstra como as ideias de dominação sobre outros povos, grupos e indivíduos foram e seguem sendo cultivados na história da humanidade, mantendo estas diferentes formas de discriminação racial e preconceitos, ou seja, desclassificar para se apropriar e dominar o outro e a sua cultura, escalonada em “selvagem, bárbara e civilizada” (Laraia, 2001, p. 18), tal como a insistente tentativa de invisibilização histórica da população negra no Brasil, mesmo com a constante busca por mudanças em todas as esferas da sociedade, a partir de elementos culturais que ressignifique a história e a cultura o valor do povo negro e afrodescendente no país.

O racismo contra mulheres negras tem consequências que envolvem todos os aspectos da vida, como evidenciado em diversas pesquisas, acarretando diversos tipos de violência, como demonstra o site Agência Patrícia Galvão, no *Dossiê: Violência contra as Mulheres*, no tópico *Violência e Racismo*, ao abordar como as mulheres negras tem seu lugar e papel definidos na sociedade sem no entanto ocupar espaços de poder, uma questão de padrões culturais que desumanizam a mulher negra na sociedade.

O lugar social da mulher negra se torna um espaço de desafios que merecem o devido enfrentamento por parte da sociedade como um todo, e não apenas de determinados grupos. A necessidade não diz respeito somente ao reconhecimento histórico do povo africano no Brasil, mas, acima de tudo, como a sociedade tem enfrentado o desafio de romper com os velhos padrões culturais e portanto, sociais racistas pelos quais homens e mulheres negros sofrem as consequências da escravização até o presente momento,

Os africanos removidos violentamente de seu continente (ou seja, de seu ecossistema e de seu contexto cultural) e transportados como escravos para uma terra estranha habitada por pessoas de fenotipia, costumes e línguas diferentes, perdiam toda a motivação de continuar vivos. Muitos foram os suicídios praticados, e outros acabaram sendo mortos pelo mal que foi denominado de banzo. Traduzido como saudade, o banzo é de fato uma forma de morte decorrente da apatia (Laraia, 2001, p. 39).

Conforme destaca a citação acima, o racismo é um resíduo de uma cultura escravista que, persiste em explorar, humilhar, desvalorizar e a apatia, de certa forma, ainda se instaura mediante a segregação racial e o desânimo diante da luta. O enfraquecimento do espírito humano diante das barreiras impostas culturalmente pela forma como a sociedade se conduz constitui uma forma de produzir apatia cultural. Desse modo, “[...] numa dada situação de crise os membros de uma cultura abandonam a crença nesses valores e, consequentemente, perdem a motivação que os mantém unidos e vivos” (Laraia, 2001, p. 39). Por isto é tão importante que se compreenda as relações culturais e sociais no complexo das relações étnico-raciais.

O racismo é uma construção social que perpassa a todas as instâncias da sociedade e a apatia cultural não é apenas parte do passado de escravização de nações africanas, mas a manutenção da segregação racial, sem identificação de representatividade negras nos lugares sociais, falta de visibilidade das suas contribuições históricas na sociedade, falta de reconhecimento social do esforço e trabalho da população negra na formação da nação. Falta contar a história da nação com os feitos da população negra, de forma que existam publicamente referências históricas, culturais e sociais. Falta a visibilidade de mulheres negras para que a sociedade reconheça os seus valores e elabore elementos culturais de representatividade e de valorização da mulher negra na história e na sociedade, "porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los" (Laraia, 2001, p. 49).

Tudo o que o ser humano cria é cultura, porém nem toda cultura humaniza, nem é aprazível ou admirável. As ideologias de supremacia racial e o racismo são construções humanas usadas para validar a exploração, domínio e manutenção das desigualdades sociais resultantes desse processo e, portanto, desumanas.

A segunda concepção de cultura, de acordo com Sapir (2012, p.37), diz respeito ao refinamento individual de um indivíduo atentando para determinados padrões ou maneiras de comportamento estabelecido por uma classe social ou tradição, mediante a aquisição de determinados itens da cultura como privilegiados ou de maior valor para produzir diferenciação nos modos de vida, principalmente no comportamento, e “Se refere preferencialmente a um

ideal convencional de refinamento individual”, ou seja, a cultura como um modo de ser de acordo com conveniências socialmente definidas, como um status social adquirido mediante a aquisição de “conhecimento assimilado e experiência, mas que consiste principalmente de um conjunto de reações típicas sancionadas por uma classe e por uma tradição há muito estabelecida”.

Sapir (2012) tece críticas a esse entendimento de cultura por esta fazer diferenciação entre conhecimentos de forma valorativa, em que os conhecimentos valorizados por determinado grupo sejam evidenciados como uma cultura elevada, um padrão a ser alcançado por indivíduos para que este se torne um indivíduo culto a partir de padrões de comportamento e conhecimento cultural "trata-se aqui do conhecido esnobismo cultural" (Sapir, 2012, p. 37).

Nessa segunda concepção de cultura como um refinamento do indivíduo, o racismo surge na forma de divisão social, em que a cultura de uma determinada parte da população é interpretada como inferior. O ideal de homem culto baseado em padrões culturais produz a marginalização de culturas, como a de origem africana ou afro-brasileira, tradições, comportamentos, linguagem, manifestações artísticas e tantos outros aspectos experienciados pela população negra são postos na balança de validação cultural. Um indivíduo culto, portanto, seria supostamente, de maior valor cultural por conseguir alcançar o “ideal culto” de acordo com padrões, exigindo deste, certa “sofisticação no campo dos bens intelectuais” (Sapir, 2012, p. 37), mas ao mesmo tempo e principalmente um “refinamento de conduta”, ou seja, um modo de viver diferenciado do resto da população, que caracteriza um grupo ou classe social, através dos padrões por este estabelecidos.

É estabelecido um comportamento etnocêntrico, a partir de um determinado grupo social que se coloca como padrão cultural e social de humanidade dentro de uma sociedade. "O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade" (Laraia, 2001, p. 39). Laraia afirma que “a cultura condiciona a visão de mundo”, pois é a partir das vivências culturais do indivíduo que este vai apreender os sentidos da vida. Esta afirmação se refere ao etnocentrismo, mas se enquadra nas mesmas condições de considerar cultura apenas aqueles padrões estabelecidos por determinados grupos da sociedade. Para Sapir (2012) se configura uma modelagem do indivíduo a determinados padrões socialmente produzidos.

Este tipo de concepção de cultura tem algumas características, (Sapir, 2012, p. 37), que seria, o “esnobismo cultural”, degenerando e provocando outros comportamentos, como o “cinismo” e o “ceticismo”, levando o indivíduo “culto” a assumir formas de superioridade em

toda a sua forma de pensar a cultura e o indivíduo. Inferioriza culturas diferentes, mantendo-se na postura de defender e difundir seus modos de “ideal convencional de refinamento individual” (Sapir, 2012, p. 37), eleitos por uma determinada classe social, geralmente hierárquica, principalmente, como uma relíquia a ser preservada para toda a posteridade.

O racismo se movimenta e se adapta a tais padrões da sociedade, que classificam e hierarquizam os grupos sociais, proporcionando desigualdades em praticamente todos os campos da sociedade. Se se considerar o racismo como uma ideologia estruturante, ou seja, que está impregnado nas estruturas da sociedade, no modo como indivíduos, os grupos, as instituições se organizam, criam suas normas e os valores da sociedade, essa forma de compreender a cultura passa pelo viés racial, ao mesmo tempo que põe em plano de inferioridade tudo aquilo que não se adequa a determinados padrões.

Um livro lançado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em comemoração aos 500 anos do Brasil, *Brasil: 500 anos de povoamento*, traz um relato histórico sobre a população negra no Brasil e a sua trajetória de lutas, conflitos e conquistas a partir dos escritos do historiador Reis (2018), que ajuda a compreender a desigualdade racial na sociedade. No trabalho intitulado *Presença negra: conflitos e encontros*, é possível compreender que mesmo a presença da população negra sendo atuante na estrutura econômica da sociedade, a sua presença em determinados lugares sociais é limitada, existindo uma cultura evidente e atuante de separação entre a sociedade branca e os demais grupos étnicos. Mesmo visualizando progressos na questão racial, o que você consegue compreender através das pesquisas, como esta do IBGE é que, a cultura de segregação racial historicamente permaneceu atuante, diferenciando os indivíduos pelos padrões de sujeito culto elaborados por determinadas classes sociais, o que explica a baixa ocupação de espaços de privilégios na sociedade, ainda que exista uma maior atuação da população negra em alguns destes lugares de importância na sociedade, mas de forma desigual, tímida. "A imensa maioria negra permanece “em seu lugar”. São raros os rostos negros nos altos escalões do poder político e econômico" (Reis, 2007, p. 96).

Segundo Estatísticas de Gênero, do site Agência IBGE Notícias, assentadas em pesquisa do ano de 2023, as mulheres negras são as mais afetadas pela desigualdade social, por se encontrarem em posição menos favorável, revelando um cenário que merece contínua atenção, pelo fato de desnudar o quanto a cultura do racismo ainda impera e impacta na sociedade. Os dados destacados na pesquisa, apresentam informações que favorecem “[...] análise interseccional das desigualdades relacionadas aos temas de empoderamento econômico,

educação, saúde [...] e direitos humanos das mulheres [...]” (Cabral, 2024, p. 01). Esses resultados indicam que a sociedade ainda segue padrões culturais e sociais para atender a grupos que por tradição ocupam espaços de poder, impedindo, pelo modo de condução social, o acesso de pessoas aos bens culturais da sociedade, tais como as mulheres e os pobres.

Tais estudos evidenciam que determinados lugares sociais estão destinados a tipos de pessoas que atendam seus padrões de refinamento cultural pré-estabelecidos.

No Brasil, as mulheres pretas ou pardas são mais afetadas pelas desigualdades na educação, no mercado de trabalho, na renda e na representatividade política do que as brancas. Elas dedicam mais tempo aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, têm menor taxa de participação no mercado de trabalho e menor percentual entre as ocupantes de cargos políticos. (Cabral, 2024, p. 01).

A violência segue imperando, tanto nos aspectos sociais quanto na própria integridade da pessoa física, ou seja, na integridade física da mulher negra, “Além disso, as pretas ou pardas representam a maior parte das vítimas de homicídios contra mulheres, praticados fora do domicílio e têm maior percentual de pessoas em situação de pobreza” (Cabral, 2024, p. 01). É perceptível a presença de uma cultura de segregação, de distanciamento das massas, dos pobres, em que, para determinados tipos de sujeitos e grupos, a cultura não se aplicaria, portanto, não estariam estes de acordo com padrões ou roupagens que envolvem uma determinada classe ou padrão cultural e social.

Essa cultura que idealiza um tipo de sujeito e desclassifica a maioria das massas é uma fabricação humana preconceituosa e violenta, que marginaliza e nega os valores culturais das diferentes culturas da sociedade. As pesquisas demonstram como essa cultura do distanciamento e da segregação racial vitimiza as mulheres negras em dimensões amplas, como pobreza, adoecimento, violência doméstica, violência no trabalho e tantas outras, e o pior, a morte de mulheres negras são maioria na estatística em comparação com outros fenótipos.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, apresenta no *Atlas da Violência 2024*, organizado por Cerqueira e Bueno (2024), estatísticas sobre a violência contra a mulher negra no Brasil, sob o título *Homicídio de mulheres negras e não negras no Brasil*. Infelizmente, refletindo uma cultura de racialização dos corpos femininos negros no país. Mesmo que em números gerais o homicídio de mulheres no país tenha diminuído nos últimos anos, de 2012 a 2022, a comparação mostra que as mulheres negras têm sofrido mais homicídios do que as mulheres não negras (Cerqueira, Bueno, 2024).

O racismo é o fator determinante da maior mortalidade entre mulheres negras por

homicídios. A forma como a cultura seleciona elementos e os validam, afasta destes elementos os indivíduos que não enquadram em determinados modelos culturais, no caso do racismo, o fenótipo de mulheres negras têm impacto no percentual de mortes violentas. A cultura é o ponto central na discussão, a cultura impregnada pelo racismo. O modo como a sociedade determina o tipo de sujeito que deve ser culto, portanto privilegiado e os tipos discriminados, como no caso, as mulheres negras.

Como se sabe, o racismo é um dos problemas sociais de maior gravidade no Brasil. Suas consequências são imensas, variadas e de diferentes graus. Um dos modos como historicamente elas aparecem no campo da segurança pública é por meio das altas taxas de homicídio de pessoas negras, em comparação com pessoas não negras. No fenômeno da violência letal contra a mulher, o cenário não é diferente (Cerqueira, Bueno, 2024, p. 41).

A citação anterior, escancara a letalidade do racismo e defende que esta não pode ser vista como uma causa natural, mas como uma construção histórica, cultural e social, cujos resultados se desdobram em uma realidade sombria, visto que, somente em 2022 “[...] do total de homicídios de mulheres registrados pelo sistema de saúde, as mulheres negras corresponderam a 66,4% das vítimas. Em números absolutos, foram 2.526 mulheres negras assassinadas” (Cerqueira, Bueno, 2024, p. 41). São dados que mostram como são graves as consequências de uma cultura voltada para a desvalorização do fazer humano de grupos cujas construções históricas lhes foram desfavoráveis.

As mulheres negras sofrem as consequências desse processo histórico em dupla face, a externa, por meio das discriminações sofridas na sociedade, mas também no seu próprio ser, no seu corpo, pois, mesmo com as taxas de mortes tendo diminuído, as mulheres negras ainda são as que mais morrem de forma violenta no Brasil, especialmente quando “Em todos os estados da Região Nordeste, a chance de uma mulher negra ser vítima de homicídio é pelo menos duas vezes maior do que a de uma mulher não negra” (Cerqueira, Bueno, 2024, p. 42). Os dados apresentados pela pesquisa mostram um fator cultural, a intrínseca ligação do racismo e do sexismo na produção de violências contra mulheres negras, que se segue no processo histórico como resquícios do período da escravização.

O modo de viver da sociedade, são determinantes para a formação dos seus indivíduos. O racismo na cultural é algo que perpassa a todo o conjunto social, se manifestando em todos os âmbitos de diferentes formas dando corpo ao conjunto de violências raciais e de gênero.

O racismo estrutural e institucional, a interseccionalidade entre gênero e raça, bem como a insuficiência de políticas específicas de proteção a esse público, são chaves interpretativas que precisam ser consideradas para compreender esses altos índices, uma vez que mulheres negras são tradicionalmente mais expostas a fatores geradores de violência, em comparação com mulheres não negras (Cerqueira, Bueno, 2024, p. 42).

Essa concepção de cultura fomenta a distinção do valor de culturas a partir de um olhar etnocêntrico e racial, de uma cultura que se considera melhor que outras, levando ao cinismo, ao ceticismo e a desdenhar dos saberes culturais considerados comuns, fora do seu padrão de refinamento, surgindo uma cisão de classe e culturas. São ideias e padrões comportamentais que fomentam o racismo, considerado uma catástrofe e um terror para a humanidade, e o racismo contra pessoas negras é um fenômeno que persiste no mundo, é estruturante e constitui uma barbárie. Isso implica dizer que as estruturas das instituições sociais estão contaminadas por tal germe que se manteve atuante legitimado pela própria ciência.

Vale ressaltar que neste tipo de cultura a aquisição dos conhecimentos considerados importantes por uma classe social pouco se aplica a classes populares, multidões ou grupos de indivíduos que produzem outros tipos de conhecimentos culturais. Assim, mulheres negras, por estarem no grupo populacional menos favorecido socialmente, são potencialmente atingidas pela violência, preconceito e pobreza. A população feminina negra sofre os ranços do racismo na cultura brasileira. Uma entrevista da intelectual Lélia Gonzalez do ano de 1989, aborda a mulher negra no cinema brasileiro da época, mostrando que naquele momento da história as mulheres negras não eram devidamente reconhecidas, tendo como pano de fundo o racismo nas estruturas da sociedade.

A desconstrução do imaginário social pejorativo e a formação de uma cultura não racista requer uma continuidade no processo de redescrição cultural, mostrando em todos os âmbitos tanto as consequências do racismo como dando visibilidade às figuras representativas que valorizem a população negra. O desafio do acesso aos lugares importantes na sociedade está impostos não apenas as mulheres negras, embora estas sejam particularmente violentadas pelo racismo, mas a toda a população negra, mostrando como o racismo constitui barreira social e cultural para a maior parte da população. Compreendendo a cultura como um processo histórico e o racismo como uma construção cultural igualmente histórica, entende-se que novas configurações culturais de desconstrução do racismo é processo tenso, de lutas com resultados lentos, vistos através das estatísticas nacionais. A luta contra o racismo requer a formação de novas consciências, com uma cultura de valores e reconhecimento sobre a importância do povo negro para a nação.

Apesar dos avanços alcançados pela luta e resistência do povo negro, a desigualdade salarial entre brancos e pretos persiste e se repete na série histórica disponível. [...] estudo do IBGE explica essa diferença por fatores como: segregação ocupacional; menores oportunidades educacionais; e recebimento de remunerações inferiores em ocupações semelhantes (Flor, 2019, p.1).

As colocações de Flor (2019) são importantes para que se compreenda, como alguns grupos na sociedade são mais privilegiados que outros e os indivíduos que se apropriam de suas culturas são considerados cultos, privilégio que se estende a espaços ou lugares na sociedade, fazendo acepção de conhecimentos, crenças, tradições ou qualquer outra manifestação que venha das camadas populares.

Portanto, o termo cultura nesta concepção, seria o refinamento do indivíduo, baseado em normas ou padrões estabelecidos socialmente por um grupo ou uma classe, por meio da apropriação de determinados produtos culturais, sejam eles bens intelectuais ou materiais, separados como mais valiosos na sociedade. A cultura neste sentido é vista como um *status* social. Segundo Sapir (2012, p. 37), "uma condição" para permanecer em estado de afastamento e diferenciação das culturas das "multidões", portanto, carregada de preconceitos. É perfeitamente compreensível que em uma sociedade, existam grupos e padrões diversificados de comportamento de acordo com cada grupo. A crítica neste caso, consiste em uma classe, uma categoria ou um grupo social valorizar o seu padrão cultural como o ideal, invisibilizando as outras formas de ser e fazer cultural e os indivíduos que delas fazem parte.

Na terceira concepção de cultura Sapir (2012) busca explicitar como a cultura, desse ponto de vista, abrange as características culturais de um povo que mais se destacam servindo como referência para o povo ou sociedade, aquilo que a distingue das demais sociedades ou grupos. São os valores do grupo, a cultura que os identificam como um povo, a forma como este se organiza e desenvolve seus costumes, valores, produtos, tecnologias, tradições materiais e imateriais e, como se relaciona socialmente que os diferencia como um povo. São os aspectos que mais se destacam na vida em sociedade, em seus modos de viver nesta. "A presente noção de cultura é [...] encontrar encarnadas no caráter e na civilização de um povo alguma excelência peculiar" (Sapir, 2012, p. 38).

Envolve elementos capazes de dar sentido de unidade social, que a distingue em relação às demais sociedades. São elementos "selecionados a partir de um vasto conjunto do fluxo cultural, [...] num sentido espiritual, intrinsecamente mais valioso, mais característico, mais significativo do que o resto" (Sapir, 2012, p. 37), como um aspecto distintivo de tal cultura. Há uma valorização das propriedades espirituais do grupo, assim como a determinados fatores da

sociedade que são, num "sentido espiritual", mais característicos da sociedade a ponto de se tornar elemento que marca um povo.

Neste sentido, é dada mais importância às ideias e ações que tenham maior significado para todo o povo, como uma marca, símbolo ou "alguma força distintiva que seja notavelmente sua" (Sapir, 2012, p. 39). Aqui a cultura é como uma identidade de uma sociedade, grupo, comunidade. "Cultura, nesse sentido, se torna quase sinônimo de “espírito” ou “gênio” de um povo" (Sapir, 2012, p. 39), representado pelo “distintivo modo de pensar ou tipo de reação” deste, tanto pelos aspectos materiais quanto imateriais, que se constituem historicamente e que podem ocupar lugar decisivo no conjunto cultural.

Para Sapir (2012), este modo de conceber a cultura não se refere somente a aspectos psicológicos ou espirituais coletivos, mas também a elementos materiais preponderantes que se tornam referência dela mesma.

Não seria correto dizer que essa cultura abarca todos os elementos psicológicos, em contraste com os elementos puramente materiais da civilização, em parte porque a concepção daí resultante abrigaria um vasto número de elementos triviais, em parte porque alguns dos fatores materiais podem muito bem ocupar um lugar decisivo no conjunto cultural. (Sapir, 2012, p. 38).

Nesta concepção de cultura, as ações e ideias que sejam significativas para a sociedade, grupo ou comunidade, passam a integrar lugar de importância, assumindo formas distintas e mais peculiares, que são mais assimiladas por seus indivíduos. “Mantém-se a verdade de que, por toda parte, grandes grupos de pessoas tendem a pensar e a agir em acordo com formas estabelecidas e quase instintivas, que lhes são, em larga medida, peculiares" (Sapir, 2012, p. 39). Assim, é compreensivo visualizar aspectos diferentes em cada sociedade, de modo que, “essas formas, que em suas inter relações constituem o gênio de um povo, podem ser basicamente explicáveis em termos de seu temperamento nativo, de seu desenvolvimento histórico ou de ambos” (Sapir, 2012, p. 39), abrangendo formas de pensar, agir e viver, se tornam como uma espécie de modelo mais ou menos implícito nos indivíduos, no modo como se relacionam, produzem seus conhecimentos, tecnologias, moda, crenças, ideias criativas, que os caracterizam como indivíduos pertencentes a um coletivo.

Laraia (2001), ao falar sobre como a cultura condiciona a visão de mundo do homem, mostra como os elementos culturais adquirem sentidos peculiares em culturas diferentes. Um objeto, uma crença, um elemento natural ou até mesmo elementos de subsistência, como o ato de comer, morar, sorrir, podem ser usados com significados e sentidos diferentes em cada sociedade, adquirem sentidos específicos a depender da sociedade e cultura que os utilizam. Deste modo, “podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser

facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (Laraia, 2001, p. 36). Essas características culturais identitárias de um coletivo proporcionam aos seus indivíduos o sentimento de pertencer a um lugar, formando uma interação entre os indivíduos e os seus modos de ser cultural e social.

A necessidade de pertencer a um grupo está intimamente ligada à necessidade de uma identidade individual ligada à identidade ou a identificação com o seu grupo e o sentimento de acolhimento, de possuir um lugar cultural e social. Os elementos constitutivos da identidade de um grupo é fator importante na formação da identidade dos indivíduos de uma sociedade. A valorização destes elementos identitários fortalecem o grupo assim como a seus indivíduos.

Os elementos culturais identitários do Brasil estão entrelaçados pela participação histórica cultural do povo negro originário da África. Uma relação histórica de construções e reelaborações no modo de ser e viver do povo africano no Brasil, marcados por lutas pela sobrevivência material, da memória africana, de sua cultura que influenciou nos elementos culturais da nação brasileira, assim como em todos os âmbitos da sociedade, como na língua, culinária, religião e principalmente na arte, como por exemplo a música e a Capoeira. Nesse processo cultural de elementos identitários da nação, a cultura negra, ou seja, os modos de vida de culturas africanas, não foram plenamente aceitos pela sociedade colonizadora. Essa não aceitação ou mesmo o impedimento não foram capazes de barrar as contribuições culturais do povo negro no país, ainda que sob a perda de seu solo cultural africano. Embora obrigados a não realizarem manifestações culturais, o povo africano encontrava formas de resistência e manterem vivas suas memórias que resultam na intersecção cultural nacional, uma das características do país.

Dados do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no livro *Brasil: 500 anos de povoamento*, no artigo intitulado *Presença negra: conflitos e encontros*, Reis (2007), destacam aspectos fundamentais para que se compreenda a relação da cultura afrodescendente na construção de uma identidade nacional. “Os escravos africanos e seus descendentes crioulos e mestiços influenciaram em profundidade a formação cultural do País [...]. Raros serão os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a ajuda da mão e da inteligência africanas e afro-brasileiras” (Reis, 2007, p. 90). O modo de vida do povo africano, mesmo sufocado pela cultura nacional existente no período escravocrata, conseguiu subsistir e influenciar vários aspectos sociais, como mencionado pelo autor. “O assunto já foi sobejamente tratado por historiadores e antropólogos, estudando domínios como família,

língua, religião, música, dança, culinária e a arte popular em geral" (Reis, 2007, p. 90), existindo a participação do povo negro em toda a cultura nacional, embora a repressão cultural fosse uma realidade. "As redes de sociabilidade do negro foram todas elas submetidas a uma pressão às vezes intolerável" (Reis, 2007, p. 94), mesmo com a população negra inserida em todas as instituições através de sua força trabalhos historicamente produzidos no país. Com a resistência da população negra, foram criados modos diversificados de manter sua cultura, ou parte dela, na sociedade brasileira, criando assim suas identidades culturais negras, originárias de diversas partes ou nações africanas, que compõem as características de parte da cultura nacional.

[...] os escravos da África Centro-Occidental que povoaram as fazendas e cidades do Centro-sul do Brasil teriam aqui desenvolvido uma "proto-nação bantu", a partir de características culturais convergentes, sobretudo linguísticas, ou seja, as línguas e outros elementos culturais próprios daquela área geográfica africana teriam um substrato bantu que facilitou a formação de uma identidade comum no Brasil, a identidade bantu (Reis, 2007, p. 84).

Ao longo do tempo, tais elementos culturais vão se transformando em modelos pelos quais os indivíduos tomam por base para a construção de novos conhecimentos, novos comportamentos e novas produções culturais na sociedade. É possível enxergar como a cultura negra proporcionou manifestações culturais concretas no país através de suas heranças culturais africanas, permitindo à sociedade reelaborar seus elementos culturais a partir de elementos culturais africanos, construindo seus novos saberes sem perder por completo suas identidades como um povo, mantendo elementos importantes de sua cultura africana para a sua descendência e para a sociedade, mesmo com as barreiras de impedimentos, pois "para os próprios africanos, as identidades podiam ser ainda mais específicas, mais concretamente referenciadas as experiências vividas na África" (Reis, 2007, p. 84), deixando para as gerações futuras conhecimentos que seriam bases para a formação de elementos identitários para a população negra e para a sociedade do Brasil.

A cultura brasileira se constitui a partir de elementos originários de diversos povos, de vários elementos vindos, por exemplo, das populações africanas, que foram reelaborados e se firmaram, assumindo características como elementos identitários da nação, tendo por exemplo, o samba e a capoeira dentre outros. Tais elementos mostram a força da influência da cultura africana no Brasil, se tornando elementos identitários da nação, da cultura afro-brasileira, tais como o samba, a Capoeira e as religiões afro-brasileiras (Reis, 2007).

Tais elementos estão intimamente ligados à resistência negra no Brasil, são expressões das vivências linguísticas, religiosas, filosóficas, alimentícias, indumentárias, artísticas dentre

outras, experienciada pela população negra como forma de extravasar suas identidades africanas. Entende-se que a cultura negra no Brasil fomenta reflexos das experiências profundas vivenciadas pela população negra diante os horrores da escravização, se tornando formas de resistir, dentro de si mesma e no seu próprio grupo, como indivíduos culturais.

Assim, criatividade, intencionalidade e símbolos estão concomitantemente presentes na produção cultural do Brasil. Os conhecimentos e vivências vindos das populações africanas permitiram que estes e seus descendentes desenvolvessem formas criativas de manterem suas tradições, pelo menos parte delas, transformando-as em cultura nacional. As marcas da população negra estão implícitas em todos os lugares da sociedade, tanto materiais quanto imateriais, evocando o reconhecimento e a valorização da população negra, que são historicamente negados pelas influências do racismo, visto que “Raros serão os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a ajuda da mão e da inteligência africanas e afro-brasileiras” (Reis, 2007, p. 90).

Ao longo da história, muitos intelectuais brasileiros buscaram subterfúgios para descredibilizar os conhecimentos, inteligência e potencialidades do povo negro brasileiro, como tentativa de apagamento histórico da população negra, “muitos de nossos intelectuais divulgavam ideologias europeias raciais, travestidas de ciência, que pontificavam sobre a inferioridade do negro e a degenerescência do mestiço” (Reis, 2007, p. 93). Mesmo com a cultura e o poder europeu imperando na cultura brasileira, a cultura negra consegue espalhar-se e dar sua contribuição histórica com elementos que se construíram característicos da cultura brasileira.

Essa concepção de cultura, que consiste em elementos sociais ou formas de vida constituídas ao longo da história que representam o espírito ou identidade de um povo, para que se compreenda como uma sociedade se desenvolve como um núcleo distinto de outros grupos, produzindo seus símbolos culturais que servirão como base para que seus indivíduos se constituam como seres culturais. São essas bases, o molde, a forma, como a sociedade valoriza determinados elementos da cultura de um povo tornando-os referência diante de tanto outros povos, a “ênfase [...] no como suas ações e ideias funcionam no todo da vida daquele povo, sobre a significação que estas assumem para ele” (Sapir, 2012, p. 37), como forma de viver coletiva e social.

Neste sentido, o que se percebe é que, a cultura seria algo inerente a um povo, a um determinado lugar, de certa forma, cercada de seus próprios valores, representações, significações. Assegurar a população negra do Brasil um lugar distinto no mundo não foi e

continua não sendo tão fácil, pois historicamente é registrado as várias tentativas de pagamento tanto da cultura quanto da população negra através da “adoção de estratégias políticas e políticas públicas explícitas de branqueamento demográfico e cultural” (Reis, 2007, p. 93), branqueamento que visava não apenas mudar a cor do país, mas levar a população negra a assumir valores culturais das populações brancas em detrimento dos valores culturais de matrizes africanas, mediante a não valorização da cultura negra, seguindo a mesma lógica do passado, de manter apagada a cultura africana em suas diversas manifestações, como danças, músicas, religiões e tantas outras expressões culturais.

No processo histórico, muitas formas foram usadas para levar a população negra a “renegar tradições que lembravam mais diretamente o passado africano da população que desejavam representar, particularmente a religião e os folguedos afrobrasileiros” (Reis, 2007, p. 93), mantendo a cultura do povo negro no apagada e desencadeando a perda identitária de elementos culturais desta população e consequentemente o preconceito racial ontra a cultura e contra os indivíduos.

A cultura é dinâmica segundo Laraia (2001), está sempre se modificando no processo histórico e se ressignificando, se reelaborando a partir do modelo existente internamente ou por fatores externos à sua dinâmica social. O autor fala sobre as mudanças culturais ocorridas numa sociedade em determinado período, trazendo como exemplo as mudanças ocorridas nas vestimentas, mostrando as modificações nos hábitos e costumes para mostrar a dinâmica cultural. “São mudanças como essas que comprovam de uma maneira mais evidente o caráter dinâmico da cultura” (Laraia, 2001, p. 51).

Este é um processo, embora lento, que se dá a partir da criatividade dos indivíduos como seres construtores, que constroem o mundo e a si mesmo neste mundo, tendo como referência a cultura existente. A existência de referenciais culturais para o exercício da produção cultural contínua é fundamental, seja no campo da ciência, das ideias, das tecnologias ou da arte, o desenvolvimento da criatividade do indivíduo muito se dá em face do seu contato com a cultura existente, podendo recriar significados. A cultura negra se ressignificou no país, através de alguns elementos que historicamente se disseminou e integrou o rol de elementos culturais identitários nacionais, principalmente através da música brasileira, com o samba e outros ritmos, produzindo lugares sociais mais visíveis culturalmente.

Intelectuais e/ou boêmios da classe média e da elite tida por branca, desde os anos de 1920, e sobretudo na década seguinte, se aproximaram da cultura negra no Rio de Janeiro, em busca de manifestações “genuinamente” nacionais. Talentosos sambistas negros, antes segregados em suas comunidades, como a chamada Pequena África carioca, ou ativos sobretudo em festas populares, como as da Penha e o carnaval dos

cordões, foram sendo aos poucos “descobertos” e promovidos por uma elite letrada (Reis, 2007, p. 94)

O que representa e dá sentido a uma cultura em determinada sociedade depende de como tal elemento é aceito e valorizado pelo coletivo, o modo como os sujeitos sociais a reconhecem como elemento representativo, simbólico e característico no meio coletivo, construído no processo histórico da formação da sociedade. A música negra, em especial o samba, constitui elemento de identidade nacional, mas principalmente, elemento identitário da população negra brasileira, retratando aspectos importantes da sociedade e produzindo identificações sociais para a população. Mesmo com o racismo agindo nas estruturas sociais, a luta do povo negro pelo seu reconhecimento proporcionou conquistas em todas as áreas, levando vários elementos a serem reconhecidos nacionalmente como elementos da cultura brasileira, trazendo novos modos de conceber a cultura negra, criando novos elementos culturais de identificação nacional.

Mesmo com algumas conquistas na forma cultural a respeito da população negra, o racismo ainda se constituía no passado e se constitui no presente, a maior barreira para que os indivíduos participem igualmente da cultura nacional. "O racismo, então, permanece um fenômeno arraigado na sociedade brasileira. E não se trata de fenômeno episódico [...], mas estrutural, por se poder traduzi-lo por meio dos números que medem o padrão de vida e o tratamento recebido dos poderes públicos" (Reis, 2007, p. 96). Mesmo com o sistema cultural e social em desfavor da valorização e reconhecimento das contribuições das pessoas negras, influências culturais na sociedade foram de fundamental importância, pois foram bases na produção econômica, na formação da sociedade, compondo grande parte da população, com atuações na política, na literatura, na música, nas tradições e comportamentos, nas crenças criando a cultura afro-brasileira como parte da identidade da nação.

As mulheres negras no cenário cultural da nação somam nas contribuições, sempre foram atuantes, protagonistas de suas vidas, famílias e sociedade, atuantes como trabalhadoras e construtoras de formas autônomas de trabalhos, trazendo para cultura nacional, nos tempos da escravização, atividades de trabalho por elas desenvolvidos nas regiões africanas de origem, aspectos de suas vidas compartilhados por gerações, dando às mulheres negras uma cultura de protagonismo dentro dos limites que lhes eram impostos. Uma pesquisa realizada por Soares (1996), publicada no artigo intitulado *As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX*, permite uma compreensão da atuação da mulher negra na sociedade brasileira, desde o período colonial, que não se resume a trabalhos domésticos, mas à sua atuação em diversas frentes de ação, concordando com a compreensão de Reis (2018, p.81), quando afirma que "os escravos estiveram presentes em cada instituição que compunha a sociedade colonial e

pós-colonial do Brasil". Nestes espaços foram sendo construídas as raízes culturais brasileiras, em que a mulher negra, mesmo com funções subalternas, mantinha também sua presença e seus traços culturais que demarcam histórica e culturalmente a contribuição da mulher negra na sociedade brasileira.

Ao analisar a atuação da mulher negra na cidade de Salvador, na Bahia no século XIX, Soares (1996) possibilitou compreender a dinâmica da mulher negra brasileira na sociedade escravocrata, com suas formas de lidar com o sofrimento e buscar sempre a mudança nas relações de escravizações. Suas histórias são fragmentadas e pouco visibilizadas, mas mostram a dinâmica da mulher negra de origem africana, história que não se limita apenas a esse recorte de tempo, pois a atuação marcante da mulher na sociedade brasileira continua uma realidade prática na sociedade atual. A pesquisa aborda as mulheres negras escravas ou livres, que trabalhavam para os senhores no formato de "ganho", atuando no comércio nas ruas das cidades brasileiras ou prestando serviço para terceiros, tendo por obrigação entregar ganho para os seus senhores, ficando apenas com as sobras ou o que passava do valor estipulado pelo seu patrão na prestação de contas no final do trabalho, valor com o qual supria suas necessidades cotidianas ou juntavam para comprar suas alforrias ou de familiares, no caso de mulheres escravizadas, buscando através do comércio uma forma de resistir a escravização.

No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos (Soares, 1996, p.57).

a citação de Soares (1996) acima enfatiza que a mulher negra ganhou lugar de destaque no mercado de trabalho urbano daquela época, pois “através de um sistema de especulação de mercado e atravessamento, a que chamavam carambola ou cacheteria, controlavam a circulação de certos produtos básicos de alimentação na cidade” (Soares, 1996, p. 61), fizeram notória a capacidade da mulher negra de desempenhar tarefas diversificadas na sociedade, a sua inteligência, sua capacidade intelectual e força para viver, mesmo com as imposições dos seus senhores e diante das brutalidades por elas enfrentadas. Tantas contribuições não foram capazes de mudar plenamente a cultura da sociedade com relação ao racismo, à discriminação e a exploração dos corpos femininos negros, fosse pelos exaustivos trabalhos por elas realizados ou pelas explorações sexuais por elas sofridas. “Este sistema tornava os escravos [...] "Capital vivo em ação" (Soares, 1996, p. 58).

Era com o ganho, ou seja, com as pequenas sobras que mulheres negras desse período possuíam um pouco de autonomia sobre suas próprias vidas, tanto pelo fato de estarem fora das vistas de seus senhores, como pela possibilidade de conquista de algum ganho financeiro, ainda que precário, pois "O que excedesse o valor combinado era apropriado pela escrava, que podia acumular para a compra de sua liberdade ou gastar no seu dia-a-dia" (Soares, 1996, p.57). A luta e resistência da mulher negra residia em torno da exploração, mas também em torno do sexismo, pois via-se que eram mais valorizados trabalhos realizados por homens negros, "a renda auferida com escravos no ganho variavam com a ocupação e o sexo: [...] valorizava-se mais o trabalho masculino em até duas vezes o valor estabelecido para os ofícios feminino"(Soares, 1996, p. 58). O racismo e o sexismo nestas afirmações contam na gênese da cultura brasileira.

O artigo destaca ainda que as mulheres negras já libertas, no século XIX, dedicam-se prioritariamente ao pequeno comércio, "sendo raras as empregadas no serviço doméstico" (Soares, 1996, p. 59), sendo essas marcas históricas que precisam ser vistas, contadas e memoradas, fato que só se torna possível através de pesquisas que juntam fragmentos históricos e conseguem mostrar de forma panorâmica o protagonismo feminino negro na cultura brasileira. Tal protagonismo está intimamente ligado à forma como elementos da cultura negra, mesmo vítimas de racismo e invisibilidades, conseguiram resistir ao tempo e compor o vasto quadro de elementos que compõem a identidade nacional.

Muitas ganhadeiras africanas eram provenientes da costa Ocidental da África, onde o pequeno comércio era tarefa essencialmente feminina, garantindo às mulheres papéis econômicos importantes. Esta explicação não exclui mulheres dos grupos bantos que praticavam igualmente o comércio ambulante em suas terras (Soares, 1996, p. 60).

É possível compreender a importância da cultura afro-brasileira ligada à mulher negra, contribuindo para a construção da cultura brasileira a partir de experiências africanas tradicionalmente experienciadas pelos descendentes no Brasil. Assim, a cultura do povo brasileiro está interligada à cultura de povos africanos, culminando em uma identidade nacional particularmente entrelaçada com elementos da cultura africana, ou melhor falando, com forma africana de ser no Brasil. A forma como as mulheres viviam em seus países de origem, foi trazida para o Brasil que, mesmo estando estas, debaixo de escravização e proibições, criavam formas de disseminar seu conhecimento e suas potencialidades na cultura nacional ao ponto de se destacarem como hábeis negociantes.

Embora desempenhando atividades consideradas de menor valor na sociedade como quitandeiras, vendedoras ambulantes ou prestadoras de serviços, essas mulheres constroem um cenário importante na história da cultura nacional. Introduziram na sociedade brasileira aspectos fundamentais sobre a forma como as mulheres africanas desenvolviam suas atividades sociais e comerciais nas suas culturas, principalmente a respeito de como as mulheres eram responsáveis por determinadas funções na sociedade essenciais à vida e ao modo de produção na cultura, “pois que em muitas sociedades africanas delegavam-se às mulheres as tarefas de subsistência doméstica e circulação de gêneros de primeira necessidade” (Soares 1996, p. 60). Estas mulheres impactavam suas culturas pelas funções essenciais que desenvolviam, responsáveis por parte essencial à sobrevivência da sociedade, trazendo para o Brasil essa cultura interior implícita na vida dessas mulheres e dando formas novas para desenvolverem modos de vida e sobreviver aos obstáculos produzidos pela escravização.

A identidade cultural da sociedade brasileira é marcada pela atuação histórica da *“mulher e resistência negra”*, como está implícito no título do artigo em análise, e de transformação cultural e social, da qual a mulher negra se faz presente através de vários modos e de vários tipos de resistências que deram a esta a oportunidade de lutar pela vida, pelos seus direitos, pela liberdade, não apenas da escravização senhorial, mas da invisibilidade profissional, política, educacional e tantas outras expressões até o presente século XXI, ou seja, sua atuação se deu de forma ativa em todos os espaços da sociedade, ainda que a construção da história proveniente da sociedade escravista e do racismo tenha desprezado sua atuação e produzido estereótipos de sua imagem como forma de ocultar e até justificar as violências contra elas praticadas.

Suas contribuições estão na base da construção da sociedade, não apenas como ganhadeiras, mas como produtoras de conhecimento, como líderes de resistências à escravização, como formadoras de novas elaborações culturais no país através da economia, do trabalho, do comércio, das resistências à escravização e tantas outras formas, na culinária, nas expressões linguísticas, na arte, na moda, nas religiões de matriz africana, nos costumes e tradições e em tantos outros aspectos que estão na formação das características culturais que marcam a sociedade brasileira ,

Aspectos culturais trazidos da África assim como novas elaborações culturais produzidas aqui mostram a resistência e o protagonismo da mulher negra no cenário nacional, que, mesmo diante das barreiras impostas primeiramente pela escravização seguida pelo racismo e pela desigualdade de gênero, não hesitaram na história e contribuíram

significativamente para a formação de características culturais identitárias da sociedade brasileira

Dessa forma, a cultura como identidade, “espírito ou gênio” de um povo, na visão de Sapir (2012), é criada a partir dos modelos típicos de viver de uma sociedade, de sua produção cultural que se destacam em relação a outras culturas, que oportuniza aos indivíduos construir suas personalidades mediante esta forma cultural. Por esta razão torna-se primordial criar formas culturais de valorização e reconhecimento da população negra, oportunizando referências socioculturais para a formação de sentidos aos indivíduos na sua construção enquanto sujeitos culturais, criando suas próprias expressões humanas, ou melhor, suas próprias expressões culturais interiores.

É nesse aspecto que surge a questão quanto ao desenvolvimento de uma cultura autêntica ou uma cultura espúria, como formas de viver e se formar como humano na sociedade, tão necessários de se observar. No que se refere à sociedade moderna e em seus modos de vida nas grandes sociedades urbanas, Sapir (2012), traz duras críticas, pela possível diminuição de experiências culturais individuais significativas, pois mesmo com o desenvolvimento tecnológico ou sofisticação no campo material, não significa que seus membros vivenciem experiências culturais autênticas, ao não conseguirem estar intrinsecamente ligados ao desenvolvimento cultural do grupo, da sociedade, não fazendo de fato, parte das diversas formas de viver comunitário, pois é priorizado as atividades solitárias e repetitivas, como as que acontecem nas grandes indústrias e nos modos de trabalhos da modernidade, vivenciando uma possível cultura espúria.

A inautenticidade da cultura pode se dar não apenas pela forma de vida e trabalho da sociedade moderna, mas por conta de outros fatores de marginalização de setores da sociedade, como o ser pobre, o ser mulher, o ser de outra nacionalidade e, dentre outros fatores, o ser negro. O racismo e o sexismo foram e ainda são fatores de impedimento de acesso aos lugares e cultura social, trazendo a segregação e a exclusão com os seus desdobramentos.

O artigo intitulado *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, de Lélia Gonzalez, parte da coletânea *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*, publicado em 2018, mostra a separação social e cultural da mulher negra brasileira proporcionada pelo “duplo fenômeno”, o racismo e o sexismo, em que a articulação desses dois fenômenos condicionam social e culturalmente o lugar da mulher negra na sociedade. Gonzalez (2018) busca situar a mulher negra no discurso nacional mostrando as implicações destes fenômenos socioculturais, responsáveis pela exclusão e segregação e suas consequências na vida da mulher negra

brasileira, defendendo que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (Gonzalez, 2018, p, 191).

Ela se situou no lugar de enfrentamento das questões que afetam o desenvolvimento do ser feminino negro e integrou movimentos de propostas de mudanças culturais de valorização da memória cultural e das pessoas negras através do seu protagonismo e do confronto com a cultura do racismo e do sexismo contra mulheres negras. Seu trabalho, como intelectual brasileira negra, é uma forma a ser seguida pela população negra feminina com uma cultura de valorização fenotípica, linguista, trabalhista, artística e todo o universo no qual se insere a população afrodescendente. A busca de Gonzalez (2018), não residia apenas na questão do racismo, mas em nuances ainda mais profunda, que era invalidação do ser feminino negro pelo racismo e pelo fato de ser mulher.

Consistia, sobretudo, em ressignificar a cultura de modo que mulheres negras migrem de lugares de marginalização para assumirem outros lugares sociais, como aconteceu com a própria autora, contribuindo para a formação de novos modos culturais de conceber a mulher negra na sociedade e, combatendo através do “ato de falar com todas as implicações” (Gonzalez, 2018, p, 193), as velhas construções sociais e culturais pejorativas. “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocador de ônibus ou prostituta” (Gonzalez, 2018, p, 193).

Este discurso discriminatório foi criado socialmente e posto culturalmente para manter a mulher negra sob condições de exploração econômica, física e psicológica. Este comportamento social produz efeitos em todos os campos de sua vida e a impede de ter acesso aos bens culturalmente produzidos. A teórica se levanta na academia, enquanto intelectual, para debater e trazer compreensões sobre o tema do racismo, principalmente sobre o tema mulheres negras e suas implicações sociais, culturais e no campo individual, bradando “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (Gonzalez, 2018, p. 191).

O discurso de Gonzalez (2018), a respeito do racismo e sexismo na cultura brasileira se alinha às ideias de Sapir (2012), a respeito da cultura autêntica e da cultura espúria como uma crítica social às formas culturais da sociedade moderna, que ao invés de propositar o pleno desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito cultural por meio de uma cultura autêntica, proporciona o isolamento, a segregação e a invisibilidade de alguns setores da sociedade pelo modo de vida nestes estabelecidos, o que seria uma cultura espúria, sem condições de um

desenvolvimento do sujeito de forma integral, sem interação ampla com o mundo cultural que o rodeia. O indivíduo precisa de um ambiente cultural que contribua para a sua formação enquanto sujeito, pois este se forma a partir da cultura de sua sociedade criando a própria cultura interior, que lhe permite ser um ser criativo e contribuir para o seu meio social.

Dizer que a cultura individual precisa brotar organicamente do rico solo da cultura comunal não significa dizer que precise ficar amarrada para sempre a essa cultura pelas andadeiras da sua própria infância. Uma vez que o eu individual tenha adquirido força suficiente para andar pela trilha iluminada pela própria luz, ele não só pode como também deve dispensar o andaime que o ajudou a fazer a escalada (Sapir, 201, p. 51).

De acordo com a citação acima, “o rico solo” cultural é imprescindível para formação de indivíduos culturalmente vigorosos, capazes de desenvolver suas potencialidades criativas, com culturas individuais fortes, pessoas com desenvolvimento cultural capaz de lhe dar condições de exercer sua cultura interior e exterior, assumindo protagonismos sociais. Todo ser humano, enquanto um ser cultural, recebe contribuição da cultura existe ao mesmo tempo que contribui para esta através de suas criações e contribuições para a sociedade, em seus campos de atuação humana. O impedimento ao acesso cultural, seja qual for o aspecto, pode representar lacunas nas vidas dos indivíduos e ao mesmo tempo prejuízos sociais.

O racismo e o sexismo constituem impedimento de acesso aos bens culturais da sociedade por parte da população negra, criam impedimentos de acesso aos conhecimentos mais valorizados socialmente, resultado a violência, a pobreza, a negligência com os vulneráveis, a omissão, e tantos outros aspectos que afetam diretamente a população negra e tanto mais ao grupo específicos de mulheres, abordadas por González (2018), a partir de três termos, trazendo mudanças sobre o discurso de racismo contra mulheres negras prestado pelo campo da academia, sobre as quais a autora discorre para mostrar o papel de resistência da mulher negra na sociedade, mesmo em alugueres sociais tidos como de menor valor social, afirmando que “[...] a mudança foi se dando [...], forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta” (Gonzalez, 2018, p. 192). São categorias de mulher que, mesmo em funções subalternas, contribuíram para diversas construções e contribuições culturais nacionais, uma cultura marcada historicamente pela violência racial e pelo preconceito contra a mulher.

A mulher mulata, como a rainha do carnaval brasileiro, fora dos holofotes e das passarelas, vivencia a violência simbólica de maneira especial[...]. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica [...]. É por aí também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (Gonzalez, 2018, p. 196).

Na cultura brasileira, esses lugares que mostram mulher negra como um objeto, sujeito aos mais elaborados modos de subjugação, ainda que a subjugação nunca tenha sido aceita com passividade, precisam ser repensados, trazendo ao cenário a real história do lugar da mulher negra na cultura brasileira, a mulher negra tem papel fundamental na história do povo, que precisa ser conhecida pelo seu ativismo como um ser produtor de cultura. Tais acenos produzem referências culturais para outras mulheres negras.

De acordo Gonzalez (2018), os lugares considerados de subserviência, de diversos tipos de violências e silenciamentos, se constituem lugares de resistência, de sobrevivência e de reelaboração da cultura através dos conhecimentos, valores e tradições passados através das vivências da mãe preta e dos serviços domésticos no seio das famílias brancas, como aconteceu no tempo da escravidão, introduzindo conhecimentos vindos da cultura africana nas famílias brasileiras, incluindo termos linguísticos. O português brasileiro, é um dos aspectos da cultura influenciado pela cultura de povos africanos, mostrando que mesmo sem o “rico solo” da cultura a seu favor, a mulher negra, historicamente, tem sido símbolo da contribuição negra para a cultura brasileira de modo a deixar seu legado para que outras gerações consigam levar adiante o mesmo objetivo, de assumir o protagonismo de suas próprias vidas, formar-se culturalmente de modo a ressignificar a cultura.

Em suas considerações sobre Sapir, Gonçalves (2012) evidencia como este privilegia a personalidade do indivíduo dentro da cultura, como resultado de um processo de interação deste com a cultura, em que o indivíduo, de forma processual vai adquirindo os conhecimentos necessários para a sua formação, “Em outras palavras, a cultura não é algo simplesmente transmitido de modo pronto e acabado: é uma aquisição (Gonçalves, 2012, p. 27). Essa aquisição pressupõe participação ativa na cultura coletiva já produzida, criando seus próprios modos de se formar internamente, dando sentido pessoal ao que existe na sociedade.

Trazendo para o debate sobre o racismo e o preconceito contra mulheres negras e a formação da personalidade mediante a cultura, historicamente o acesso desigual de pessoas negras aos bens culturais da nação tornou a formação destes verdadeiros desafios, interferindo no mercado de trabalho, educação, economia, demarcando espaços de atuação desta população. A resiliência tem sido fator marcante para que a mulher negra se aproprie da cultura e desenvolva a sua cultura interior, atendendo suas necessidades de desenvolvimento humano, formando a sua personalidade como sujeito ativo, criativo, ressignificando e reelaborando a cultura na qual está inserida.

A cultura neste campo se refere a produção de satisfação pessoal, a cultura interior do indivíduo, de acordo com o modo como se relaciona com o meio social. A partir da internalização e desenvolvimento individual este produz sua cultura exterior, através do exercício da sua criatividade, uma propriedade inerente ao desenvolvimento humano. Um dos aspectos importantes para a ressignificação da cultura, é o espaço que os indivíduos possuem para manifestação das suas compreensões e produções culturais. Essa ressignificação pode ser vista através de Gonzalez (2018), quando a autora se apropria dos conhecimentos acadêmicos para lutar por seus direitos. Ela questiona a respeito da história do povo negro contado pela voz do povo branco, reivindicando o lugar da pessoa negra como um lugar de fala na cultura brasileira, uma fala que constrói suas histórias a partir de suas experiências e realidades. "Cabe de novo perguntar: como é que a gente chegou a este estado de coisas, com a abolição e tudo em cima? Quem responde para gente é um branco muito importante [...]" Gonzalez (2018, p, 199). A autora a partir de seus discursos defendendo a importância de as pessoas negras participarem da construção da história, de se manifestarem com vozes ativas na sociedade.

Esse aspecto é de fundamental importância para a discussão que se pretende neste trabalho, a respeito da representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos do século XXI, buscando compreender como esta prática cultural quadrinista tem retratado e significado as personagens de mulheres negras na sociedade, contribuindo para um novo imaginário social de reconhecimento da mulher negra e sua história na sociedade, uma nova elaboração cultural de luta contra o racismo e o sexismo na cultura brasileira abordando a problemática através de suas narrativas. A utilização de histórias em quadrinhos para contribuir acerca da produção de novos valores culturais e sociais visa proporcionar uma reelaboração e uma ressignificação da cultura nacional através de autores quadrinistas que, com posicionamentos críticos e sensibilidade aos temas se inserem neste campo do combate aos modos operantes do racismo e do preconceito de gênero.

A forma de produção de uma cultura autêntica deve ser exercida e incentivada socialmente, proporcionando uma existência de harmonia no indivíduo, buscando suprir a necessidade dos indivíduos como pessoa, satisfazendo os seus interesses criativos e emocionais, ou seja, as suas necessidades espirituais na sua vida produtiva e as necessidades coletivas inerentes ao desenvolvimento da própria sociedade. As atividades desenvolvidas pelos sujeitos precisam atender a necessidade da sociedade, mas, primeiramente, atender às suas próprias necessidades, tanto imediatas, que atendem as condições essenciais para a sobrevivência, como alimentação, moradia, saúde, dentre outros, assim como as espirituais ou emocionais, que

servem como impulsos para o desenvolvimento de sua criatividade e seu bem-estar interior, visto que cultura diz respeito à produção dos indivíduos num meio social.

Uma cultura autêntica aponta para um viver coletivo e individual harmonioso. Desta forma, o viver dos indivíduos não priorizando o seu desenvolvimento espiritual criativo, possibilitando as potencialidades humanas pode ser visto como uma cultura espúria, falsa, inautêntica, levando o indivíduo a uma vida fragmentada, assim como o modo de produção do trabalho no mundo moderno, que “representa um sacrifício assustador à civilização” (Sapir, 2012, p. 43), por não atender as necessidades interiores dos indivíduos de se desenvolverem a partir do acesso à cultura da sociedade. A cultura não seria algo harmonioso, pois o processo não seria completo e o indivíduo não usaria seu potencial para criar sua cultura, apenas desempenharia uma função técnica e insatisfatória, se submetendo a propósitos que não são seus, mas de outros.

A compreensão de Sapir (2012), sobre cultura autêntica, é de grande valia para discutir a relação da cultura e da sociedade em face do racismo e do o sexismo enfrentado por mulheres negras ao longo do processo histórico, possibilitando questionamentos a respeito do tipo de cultura que a sociedade tem produzido e seus respectivos resultados na vida das mulheres negras. O racismo é um sistema cultural presente em todas as instituições e delineia, de certa forma, as relações que se estabelecem nas diversas instâncias sociais. Na realidade, este está impregnado nos indivíduos, em seus respectivos grupos e na forma como a sociedade é constituída, na medida que se estabelece como cultura.

Para reforçar esse entendimento, uma citação disposta na cartilha de *Direitos humanos e combate ao racismo*, lançada pela Defensoria Pública do Rio Grande do Sul, no ano de 2019, traz de forma clara, explícita e compreensível, mediante uma “abordagem histórica social e cultural do racismo”, como racismo se manifesta na cultura, com o objetivo de combater o racismo arraigado na sociedade, mostrando como o sistema funciona de forma naturalizada.

O racismo se expressa em ideias e práticas discriminatórias advindas da afirmação da superioridade de um grupo étnico-racial sobre outro. Trata-se de um sistema estrutural de privilégios na sociedade, pelo que pode ser definido como racismo estrutural. Afinal, é um conjunto de práticas, hábitos, situações, falas, políticas e normatizações que promovem, direta ou indiretamente a segregação e o preconceito racial (Defensoria-RS, 2019, p. 06).

A articulação com racismo e sexismo mostra a quão espúria pode ser a cultura para com a mulher negra na sociedade. Uma cultura autêntica não aceitaria a segregação de seus indivíduos, negando-lhes o valor cultural de seus grupos, inviabilizando suas construções culturais em todos os aspectos da sociedade, desde as bases econômicas até o aspecto de

construção da língua como um processo cultural, como acontece no racismo contra a população negra. O racismo e o sexismo na cultura pressupõem o sacrifício das forças de trabalho, da cultura originária, a perda de suas famílias, suas nacionalidades e das suas próprias vidas. Nesse contexto cabe reflexões sobre o lugar da mulher negra na cultura, na sociedade, como se dá sua formação contemplando as suas várias dimensões, sejam elas materiais ou imateriais.

Abordando a questão da mulher e da democracia racial no Brasil, Gonzalez (2018), problematiza a integração da mulher negra na cultura brasileira que reforça o racismo em seus discursos e mantém a segregação racial como prática cultural, afirmando que “[...] a gente também pode apontar para o lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel” (Gonzalez, 2018, p.194).

O apagamento da história das mulheres negras na sociedade é uma prática cultural a partir do momento que se mantém no processo histórico da nação, o que González (2018), denomina de “neurose cultural brasileira”, ao retratar sobre como as produções escritas sobre mulheres negras banalizam e ignoram as suas vivências e experiências e o quanto são relevantes para a cultura nacional, reiterando que “Assim não dá para entender, pois não? Mas na verdade, até que dá. Pois o texto possui riqueza de sentido, na medida em que é uma expressão privilegiada do que chamamos de neurose cultural brasileira” (González, 2018, p. 200), que busca ocultar o racismo, mas não pode ocultar o resultado dele.

A neurose cultural, ou a democracia racial, é uma forma de ocultar as violências cometidas contra as pessoas racializadas, pois “[...] sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento dos sintomas porque isso lhe traz certos benefícios” (González, 2018, p. 200). É possível perceber, de acordo com Gonzalez (2018), que a cultura brasileira tenta de algum modo, esconder a falta de integração da mulher negra na cultura, numa tentativa de determinar o seu lugar social e cultural, em qual classe social a mulher negra deve estar e o que culturalmente ela deve produzir sem ter que dar satisfação. Ou seja, mantê-la na base de produção da sociedade, mas não valorizar a sua construção cultural.

Gonzalez (2018) falando sobre o papel da mulata na sociedade, lembra que ela se torna a rainha dos desfiles de escolas de samba brasileiro, mas que no momento seguinte se transfigura na mulher doméstica em sua vida cotidiana. Aqui, mulata está associada ao endeusamento da mulher negra musa do carnaval, à imagem “estranhamente da sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos” (González, 2018, p. 196), à fabricação da imagem de hipersexualização da mulher negra. Doméstica é a atribuição dada a qualquer mulher negra de forma generalizada como resquício da escravização, uma construção racista em que, “se é preta

só pode ser doméstica” (González, 2018, p. 196) ocultando as potencialidades da mulher negra para a ocupação dos diversos lugares na sociedade.

A problemática que envolve os dois termos “mulata” e “doméstica”, ligados à hipersexualização e aos trabalhos domésticos, atribuídos à mulher negra, faz parte de uma cultura ainda mais violenta, da dominação dos corpos de mulheres que foram escravizadas, em que as mucamas, segundo a autora, além dos trabalhos domésticos, eram violentadas sexualmente pelos seus escravizadores, visto que “[...] o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama, [...] da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o carnaval” (González, 2018, p. 198). Nestas análises é possível perceber uma construção histórica de desvalorização da mulher negra na cultura, em que o racismo e o sexismo nas suas múltiplas formas de se manifestar, interferem na formação cultural da mulher negra determinando o seu lugar social, em que o mito da democracia racial pode ser visto como um disfarce para as atrocidades

Discutir a cultura e sua importância na vida do indivíduo e da sociedade possibilita compreender como os fatores culturais operam em relação às pessoas, além de compreender a partir da perspectiva cultural como o racismo impõe limitações ao desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres culturais, o que torna evidente como se produziu historicamente vários tipos de violências contra a mulher negra, operando por meio da inferiorização, da dominação sobre seu corpo, da estereotipação da figura da mulher negra na sociedade, da marginalização e outros tantos meios, invisibilizando a notoriedade das suas contribuições históricas, seu potencial humano, negando seus direitos constituídos e tantos outros aspectos. Uma cultura racista "pouco teria a dizer sobre essa mulher negra, seu homem, seus filhos e seus irmãos" (Gonzalez, 2018, p. 200).

Do ponto de vista cultural, uma cultura racista não propicia condições para um bom desenvolvimento das potencialidades das pessoas negras, agindo de forma espúria na igualdade de condições da mulher ter acesso aos bens culturais da sociedade, inviabilizando as oportunidades de desenvolvimento cultural e social para mulher negra na cultura brasileira. Gonçalves (2012), afirma que o tipo de cultura na qual o indivíduo está emergindo, vivenciando suas experiências cotidianas, tem ação profunda na formação e transformação de si mesmo. A formação do indivíduo, ou da sua personalidade está estritamente ligada ao desenvolvimento de uma cultura interior mediada pela cultura herdada socialmente. As formas sociais de vivências e experiências culturais, nas quais os indivíduos estão emergidos, designaram em grande medida como irão se constituir internamente, formando a sua personalidade. A questão

é como a cultura entremeada pelo racismo pode permitir um desenvolvimento de seus indivíduos de forma a atender seus seios humanos como ser em processo de ressignificação da cultura como um processo contínuo e complexo que envolve vários aspectos da sociedade e do indivíduo.

Os padrões culturais são formados pela ação criativa dos indivíduos, passando por processos de consolidação social. A criatividade dos indivíduos na reelaboração da cultura é o que permite as modificações nas formas, culturalmente e socialmente herdadas, para atender a necessidades humanas que surgem no percurso histórico da vida cotidiana. É a capacidade humana de criatividade que proporciona estratégias de mudanças, de criação de novos modos culturais, mediados pela forma vigente como base, existente na sociedade.

Gonçalves (2012, p.26), afirma que “as culturas, assim como a linguagem, formam sistemas complexos cujos termos se condicionam reciprocamente” (Gonçalves, 2012, p. 26). A percepção da cultura como “sistemas complexos” leva à reflexão sobre como a cultura envolve as ligações com diversos aspectos da sociedade, de modo que não se entende a cultura como um elemento dissociado dos modos de vida e das realidades em cada contexto social, assim como a cultura tem efeito direto e progressivo na vida dos indivíduos que participam dessa cultura. Assim, “cultura, não é a simples expressão de padrões fixos e homogêneos” (Gonçalves, 2012, p. 27), mas um processo sistêmico permeado por dinamismo, que implica em todos os aspectos da realidade, sejam eles sociais, políticos, econômicos, ambientais, dentre tantos outros. Pensar a cultura a partir de toda a dinâmica da realidade é ter consciência das modificações nos padrões culturais performados pelos sujeitos culturais que os vivenciam, portanto que internalizam essa cultura e a ressignificam

Ou seja, os indivíduos não apenas “executam” os padrões culturais; na verdade, podem ter um papel criativo fundamental, uma vez que esses padrões estão sujeitos a uma[...] interminável reavaliação na medida em que nos deslocamos de indivíduo para indivíduo e de um período a outro [...], sendo simultaneamente condição e objeto de um processo permanente de reconstrução (Gonçalves, 2012, p. 27).

Portanto, para Gonçalves (2012), cultura passa pela ideia de um processo permanente de reconstrução da cultura que se aplica exatamente pela capacidade criativa do ser humano de estar sempre em permanente atuação sobre meio no qual está inserido, se apropriando dos símbolos existentes socialmente, mas também, através dos sentidos produzidos sobre tais símbolos, criar ou recriar novos símbolos, visto que “[...] a noção de “autenticidade” aponta para a possibilidade e a necessidade dessa dimensão criativa da cultura” (Gonçalves, 2018, p. 27). Uma cultura autêntica é aquela que permite ao indivíduo desenvolver de forma harmoniosa a sua vida interior em contato com o mundo exterior de modo coletivo, de forma que seja

proporcionado a este a oportunidade de desenvolver a sua criatividade, ou “a efetiva liberação da personalidade” (Sapir, 2012, p. 40).

Indivíduo e cultura se influenciam mutuamente criando condições para a criatividade do indivíduo e o movimento contínuo de produção cultural. A noção de autenticidade aponta sempre para a necessidade e a possibilidade da dimensão criativa do indivíduo, sendo importante a ideia de cultura individual, inspirada no coletivo, mas com um resultado que demonstra os traços da personalidade de cada indivíduo. Sapir (2012) estava à frente do seu tempo em defender uma cultura coletiva ou modo de vida social que proporciona ao indivíduo desenvolver-se de forma pessoal, atendendo aos seus anseios internos, espirituais. Gonçalves (2012) reflete sobre a tensão entre cultura e indivíduo na forma de criação cultural, expressa por Sapir, ao afirmar que

Valorizando a forma, o “imperativo cultural”, ao mesmo tempo que a “criatividade individual”, o que está em foco em seu pensamento é a tensão entre um e outro polo. No entanto, para que se realize dinamicamente essa relação, as formas culturais, assim como as formas linguísticas, não podem ser entendidas como todos absolutamente coerentes [...]. Essas inconsistências são, para Sapir, a condição e o efeito da ação criativa que os indivíduos podem realizar sobre a linguagem e sobre cultura (Gonçalves, 2012, p. 28).

O modo como uma sociedade segue seus itinerários de transformações implica no modo como o ser humano se insere e responde a tais mudanças, sejam quais forem os campos, causando mudanças nos indivíduos como participantes desse coletivo, nos seus valores socioculturais e como modificam a si mesmo. Assim, “cada mudança profunda no fluxo da civilização, particularmente cada mudança em suas bases econômicas tende a provocar uma inquietação e um reajustamento dos valores culturais” (Sapir, 2012, p. 45).

A limitação dos indivíduos nas atividades culturais da sociedade, afunila-os a recorrerem a algumas áreas humanas que podem auxiliar na formação interior do indivíduo e despertar seu potencial criativo responsável pelas reelaborações da cultura, das quais novos instrumentos tecnológicos, novos comportamentos, ideias, modos de viver, que continuarão proporcionando o dinamismo cultural, e gerando satisfação para além de suas necessidades imediatas. A ênfase dada para essa compensação da limitação de participação dos indivíduos nos processos sociais se dá principalmente em algumas áreas, como nas artes, na ciência e na região. Acreditamos que, através destas áreas, o indivíduo se lança no processo de forma mais integrada possibilitando o aumento de sua sensibilidade e espiritualidade, ou aspecto psicológico.

A arte, neste aspecto de expressar de melhor maneira a cultura de um povo, se torna um dos aspectos mais característico de sua sociedade e permite que indivíduo se manifeste dando sentido e criando novos modos de produzir culturalmente, pois a cultura autêntica de uma sociedade é aquela que permite o bem-estar interior do indivíduo e atende principalmente aos anseios espirituais, inerentes à formação da sua personalidade, ao desejo de se desenvolver como um ser capaz de criar, capaz de inventar, capaz de deixar historicamente a sua marca na sociedade inspirando a sua posteridade, mas sendo inspirado pela cultura já existente.

Neste caso, a arte é uma das formas mais autênticas de expressar a identidade de uma sociedade, mediante a criatividade humana advinda das experiências do indivíduo, visto que indivíduos constituídos culturalmente contribuem de forma criativa para os objetivos coletivos, sociais, trazendo crescimento em todos os aspectos para a sociedade, daí a importância de investir na educação como um acesso aos bens culturais da humanidade. Dessa forma, é evidente que mudanças na forma como a sociedade se comporta culturalmente, afeta diretamente a forma como o sujeito se constitui interiormente.

Trazendo essa compreensão para nossa reflexão em torno da condição do povo negro na sociedade brasileira, compreendemos que lhes foi negada historicamente a possibilidade de acesso à cultura da sociedade de forma igualitária, contribuindo para que a população negra fosse e se mantivesse relegada à pobreza e ao abandono social.

Na compreensão de como a cultura brasileira autêntica como a que possibilita uma formação da cultura do sujeito de forma a atender suas necessidades interiores, Reis (2018, 94) afirma que “um ambiente favorável à negação dos negros dificultou enormemente a sua integração no Brasil republicano” (Reis, 2018, p. 94), seguindo um processo histórico e contínuo de impedimento de liberdade e de direitos originados no período escravocrata. Percebemos que a forma de cultura nacional não foi um rico solo disponibilizada para o povo africano e nem para seus descendentes brasileiros desenvolverem suas máximas potencialidades, pois ideologias científicas europeias raciais deram sustentação para a manutenção do discurso da inferioridade e irracionalidade do povo negro no Brasil.

As redes de sociabilidade do negro foram todas elas submetidas a uma pressão às vezes intolerável, que parece ter-se intensificado com o avanço do Século XIX, quando a elite nacional apostou delirantemente na criação de uma sociedade europeia nos trópicos. Isto significava, para os eurocêntricos mais radicais, destruir a cultura de extração africana e até subtrair o negro da população do País (Reis, 2018, p. 93).

Essa falta de acesso às produções culturais enquanto fazer do ser humano proporciona

um maior distanciamento dos indivíduos racializados dos lugares privilegiados pela cultura nacional, ao passo que interfere na sua formação interior, na satisfação interior do ser humano. Compreende-se que na cultura nacional, arraigada pelo racismo, a população negra foi mantida propositalmente excluída, tendo que recorrer a outras áreas, como a arte e na religião para desenvolver suas satisfações interiores, constituindo formas de compensação. De acordo com Reis (2018, p. 94), historicamente pela falta de integração, a população negra vivia à margem dos seus direitos e interesses, “o racismo manifestava-se no ambiente de trabalho, no acesso a logradouros públicos, nas instituições políticas, além das representações mentais”.

No campo da política nacional, a luta por espaço na sociedade continua a buscar meios de inserção e reconhecimento das construções realizadas pela população negra. Nesse aspecto, já na década de 1930, a população negra organizada buscava meios de inserção social, “os próprios núcleos de cultura negra se movimentaram para ganhar espaço no projeto de nação aberto pela revolução de 30. A criação das escolas de samba no final dos anos de 1920 já representava um passo importante nessa direção” (Reis, 2018, p. 94). O samba é um elemento identitário da cultura brasileira, uma arte com referência em tradição africana, uma reelaboração afrodescendente na música brasileira. É um símbolo da cultura brasileira, tendo como seu grande propulsor as escolas de samba.

Outro elemento da cultura negra amplamente vivenciado no cotidiano dos indivíduos, o qual pode-se compreender perfeitamente suas origens em elementos da cultura africana, mas produzido pela população afro-brasileira, é a capoeira, fazendo parte de instituições e comunidades tanto no âmbito nacional quanto internacional. “Tal como os sambistas alojaram o samba em “escolas”, Bimba abrigaria a capoeira em “academias”, que aos poucos passaram a ser frequentadas pelos filhos da classe média baiana, inclusive muitos estudantes universitários” (Reis, 2018, p. 95). Tal como o samba, a capoeira se tornou elemento identitário da cultura nacional, um símbolo da cultura brasileira, elemento artístico, instrumento de resistência e enfrentamento ao racismo e, ao mesmo tempo, representação da cultura afro-brasileira.

A cultura através de elementos artísticos, pode propiciar experiências significativas na vida dos indivíduos, se constituindo em uma cultura autêntica, que dá sentido aos indivíduos na formação de suas personalidades e psicológicas, das quais resultam tomadas de decisões, aprendizagens, construções de vidas e tantos outros aspectos importantes para o ser humano. A arte seria um dos elementos criados pelos indivíduos que mais expressaria essa experiência significativa, conforme ressaltado através dos exemplos da capoeira e do samba, manifestações

artísticas eminentemente negras que expressam a resistência e a luta desse povo no contexto de racismos, uma forma de mostrar o reconhecimento da força e da capacidade criadora da população negra diante das condições adversas impostas pela sociedade e pela ideologia racial.

As histórias em quadrinhos, enquanto prática cultural artística, podem constituir uma ferramenta de resistência e reconhecimento da população negra, assim como do papel construtivo desenvolvido por mulheres negras na sociedade brasileira ao longo do processo histórico. As histórias em quadrinhos, assim como o samba e a capoeira, trazem aspectos do seu tempo, produzindo a “fusão mais íntima da individualidade com o espírito da sua civilização” (Sapir, 2012, p. 55), em que o artista traz ao mundo social, de certa forma, o resultado das experiências individuais com a cultura.

A mulher negra era mantida socialmente numa posição de inferioridade, como observado no desempenho de atividades como ganhadeiras, em que, a “desenvoltura das negras [...] preocupava as autoridades pela facilidade com que podiam estabelecer redes de atravessamento e outras atividades de que, de certa forma, dependiam a ordem econômica e política” (Soares, 1996, p. 67), como forma de controle dos espaços ou lugares sociais em estas poderia atuar e se desenvolver culturalmente. A forma cultural estabelecida afetou e ainda afeta as experiências de parte da população negra feminina, visto que a cultura está intrinsecamente ligada a ideologias raciais e sexistas na sociedade, manifesta através de valores, crenças, filosofias e práticas, que desempenham funções estruturantes na hierarquização étnico-raciais e no lugar social da mulher negra na cultura.

A especificidade do racismo contra mulheres negras se dá na interseccionalidade do racismo, sexismo e classe social na cultura nacional, como aborda Gonzalez (2018), cujo lugar da mulher negra pode ser visto na cultura brasileira como o lugar de estereótipos negativos, violência, subalternidade, representados através das figuras da mulata e da doméstica, como resultado da herança histórica da figura da mucama ou mãe preta e suas funções como mulher escravizada. O racismo de gênero é visto como a combinação desses dois fatores, racismo e sexismo, que colocam a mulher negra no lugar dos maiores desafios sociais na cultura brasileira. A abordagem a esses fatores possibilita, além de uma discussão ampla e consciente, a busca por instrumentos efetivos de combate ao racismo e ao sexismo na cultura, com a busca de elementos culturais, elaborados a partir de propostas de construção de igualdade e justiça social, reelaborações culturais com propósitos de combate ao racismo e ao sexismo, que inclui, dentre tantas possibilidades, ações no campo da educação e da aprendizagem, ações efetivas no campo das políticas voltadas para o público feminino negro, e principalmente ações através

dos diversos elementos da cultura para construir representatividade da mulher negra na sociedade, buscando redescritção da imagem da mulher negra que mostre o seu valor cultural e social.

Articulação do tema comunicação com racismo e sexismo é uma tentativa de trazer para o centro do debate, o acesso, a inclusão, por parte de mulheres negras, aos saberes construídos socialmente, por intermédio de um processo de comunicação limitado entre os saberes construídos culturalmente e a potencialidade de construção de novos saberes por parte das mulheres negras na cultura social. A comunicação pode ser abordada tanto a partir da perspectiva de inclusão e enfrentamento ao racismo, através da facilitação de acesso da mulher negra àquilo que é produzido de valor dentro da cultura e transmitido aos indivíduos por diferentes formas de comunicação, como um fator de exclusão e perpetuação do racismo e sexismo, de construção de perspectivas negativas a respeito de mulheres negras. A comunicação a partir da perspectiva de resistência, dos que buscam superar as barreiras impostas pelo sistema estrutural racial. A comunicação é um elemento primordial na forma como a cultura se desenvolve e se organiza na sociedade, de modo que esta ferramenta pode reforçar o racismo como uma prática cultural ou combater o racismo através dos discursos e dos instrumentos comunicacionais.

A comunicação é um elemento essencial para manter a unidade na coletividade, as características comuns, os modos de vida, os costumes e tantos outros aspectos culturais são passados para os indivíduos por meio da comunicação, desenvolvendo o indivíduo cultural, mantendo os elementos característicos de uma cultura, assim como proporcionando a elaboração de novos elementos, que constituem o indivíduo, a sociedade e a sua identidade coletiva.

Existem dois atributos que, na visão de Laraia (2001), são o diferencial na espécie humana, “a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico” (Laraia, 2012, p. 16), ou seja, a capacidade de comunicar possibilita desenvolver através do ensinar e aprender e a capacidade criativa de reproduzir, produzir e inovar a cultura. Aqui, a cultura é entendida como o fazer humano, em todos os seus aspectos, físicos e não físicos. Esse processo criativo cultural, passa eminentemente pela capacidade de comunicar e transmitir seus conhecimentos a outrem e deste modo construir uma herança cultural. A formação cultural do indivíduo, está profundamente ligada ao sistema de comunicação estabelecido pelo seu coletivo, proporcionando tanto a inserção dos indivíduos nos contextos culturais quanto a exclusão destes, a depender dos

propósitos, dos objetivos, da forma como a sociedade se utiliza dessa ferramenta para gerenciar os discursos, as normas sociais, as ideologias e tantos outros aspectos dos quais a comunicação é a ferramenta motriz da cultura.

Peruzzolo, (2012, p., 41), em sua abordagem epistemológica sobre a especificidade da comunicação humana, analisa-a a partir “do caráter humano da comunicação enquanto cultura e o da cultura enquanto resposta às relações comunicacionais; o que, de outro modo, pode ser visto como os modos de inter-relacionamento básico da comunicação com a cultura”, uma relação que caracteriza a comunicação como o atributo humano mediador da cultura. É a partir do sistema de compartilhamento da cultura, por meio da comunicação, que os indivíduos conseguem tanto se apropriar da cultura como permitir que esta seja apropriada, como processos contínuos de desenvolvimento humano. Para Laraia “[...] a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (Laraia, 2001, p. 28).

O sistema articulado de comunicação pode ser compreendido como os modos pelos quais os indivíduos se utilizam deste elemento cultural para transmitir os seus conhecimentos, para a manutenção da sua própria vida e para a reelaboração da cultura, visto que toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando um interminável processo de acumulação (Laraia, 2001).

A comunicação entre os sujeitos sociais se dá através das representações por meio da linguagem, de modo que a comunicação é o instrumento essencial para a formação da sociedade e do próprio indivíduo nas relações que se estabelecem socialmente e que, no entendimento de Peruzzolo (2012), possibilita que compreendamos a comunicação humana como modalidade singular de cultura, em que a representação que possibilita a relação se organiza na forma de meio de comunicar, isto é, numa matéria que opera o relacionamento.

Podendo ser compreendida como ferramenta que organiza e compartilha não apenas informação e conhecimentos, mas estabelece toda uma integração, de forma multidimensional, que rege, de certo modo, os valores e regras da sociedade, comunicar pressupõe transmitir conhecimentos, estabelecer diálogos, construir interações e organizar comportamentos, individuais e coletivos, como vemos nas leituras realizadas em Peruzzolo (2012, p. 51).

A comunicação, como fenômeno vital, chega ao homem na forma de cultura, de modelos culturais, onde as relações de comunicação procuradas e institucionalizadas organizam *ethos*, isto é, comportamentos coletivos, originando uma esfera de ordenamentos sociais, que opera como um sistema referencial e moderador.

A comunicação como fenômeno vital na cultura é o veículo por onde circulam conhecimentos valiosos para a humanidade. O desenvolvimento do indivíduo passa por estas questões, pelo sistema que possibilita o acesso ao que foi produzido culturalmente para que este se construa como um ser cultural, por onde circulam discursos e construções de estereótipos raciais que afetam, por exemplo, a vida da mulher negra na sociedade. Assim, o sistema de comunicação dentro da cultura tem implicações nas relações étnicas raciais estabelecidas socialmente se tornando importante compreender os discursos criados em torno da mulher negra na sociedade, implicando diretamente no lugar social que esta ocupa.

Compreender a comunicação com um sistema que organiza os comportamentos coletivos é compreender, ainda que é de forma elementar e simplória, não adentrando em questões mais complexas da comunicação neste trabalho, se torna importante para refletir como circulam nos meios de comunicações os estereótipos raciais, principalmente no que se refere às mulheres negras, e os atributos negativos a estas atribuídos, constituídos ao longo da história, como uma das marcas do racismo na cultura brasileira, assim como as barreiras segregacionista por racismo, pobreza, preconceito, estigma e tantos outros, que impedem o acesso igualitário de mulheres negras aos conhecimentos.

A partir desses pressupostos, torna-se imprescindível compreender o papel que a comunicação desempenha na cultura, na construção e na manutenção das ideias que regem a sociedade e a importância dessa ferramenta no combate ao racismo e ao sexismo, a partir do momento que se compreende a comunicação como uma força vital para a humanidade. Observando por esta ótica, a comunicação é uma ferramenta essencial para a construção da forma como a mulher negra é representada na sociedade, se constituindo em ferramenta de combate ao racismo de forma multilinear que inclui a possibilidade de acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela sociedade, a representação da imagem feminina negra de forma construtiva, criando a consciência do valor da mulher negra na sociedade e trazendo visibilidade a sua contribuição na formação do que hoje é a sociedade brasileira e, principalmente, dando voz para que a mulher negra construa seu lugar de fala na sociedade e reescreva seu lugar na sociedade.

As pessoas estão sempre criando elaborações culturais dentro de um sistema gerido pela comunicação, pois "A vida humana e suas experiências só podem ser entendidas por essa teia relacional que é a cultura, que é a vida em sociedade, onde a comunicação é [...] a atividade nuclear [...] a força que a gerencia" (Peruzzolo, 2012, p. 49). A cultura e as experiências dos

indivíduos são intrinsecamente orientadas ou gerenciadas pela comunicação, que se constitui atividade central no desenvolvimento da cultura e do indivíduo.

A comunicação se torna um instrumento de poder, manifesto através de diversos modos ou veículos e seu uso na perspectiva de valorização e formação da mulher negra, constitui resistência e fortalecimento das relações culturais e sociais, dando espaço, lugar e voz e possibilitando experiências culturais significativas. A partir dessa perspectiva, da comunicação como ponto central na cultura, se percebe a importância de seu uso na formação de novas formas de lidar com o racismo e o sexismo contra a mulher. A pessoa se forma e constrói sua cultura de acordo com essa mediação proporcionada pela comunicação. A comunicação é um construto cultural, que possibilita, ao mesmo tempo, a continuidade da cultura, através da formação cultural do indivíduo, da organização social, do gerenciamento dos seus valores, suas crenças, suas práticas, suas ideologias e os conhecimentos, produzidos coletivamente, e a influência no modo como as pessoas se formam, pois “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação” (Laraia, 2001, p. 10), apreendido dentro do universo cultural a partir de situações que possibilitam um processo contínuo de apreensão da cultura. A comunicação é o caminho de acesso para a cultura produzida pela sociedade.

Não é surpresa quando se compreende que a língua brasileira é um idioma atravessado pela influência africana. Isto passa pela capacidade de comunicar os conhecimentos trazidos pela população africana, introduzidos na sociedade através de termos e vocabulários identitários das populações vindas da África, demonstrando como o ser humano é criativo e intelectual, pois mesmo diante das adversidades a população afrodescendente desenvolveu formas de manter aspectos ancestrais da cultura herdada. Esse fato expõe a capacidade de resiliência como parte de uma luta pela sobrevivência e memória de um povo e sua cultura, conservar o que aprendeu e ao mesmo tempo desenvolver novos conhecimentos como um processo cultural basilar para a sua posteridade.

Desse modo, compreende-se que, para a aquisição da cultura, é necessário que o indivíduo esteja imerso em situações que oportunizem o seu desenvolvimento como um ser cultural. Não basta existir uma cultura, é necessário que o indivíduo participe ativamente dela para se desenvolver da forma mais integral possível, desvelando o quanto a sociedade é responsável pelo desenvolvimento humano e cultural da população negra, mediante as possibilidades de acesso aos bens culturais ou pela mediação entre a população negra e os conhecimentos humanos existentes na sociedade.

Esta integração com a cultura resulta em processos contínuos de produção de conhecimentos, é uma comunicação de saberes. Essa comunicação é o grande impulso para que o indivíduo e sociedade tenham um processo contínuo de produção da cultura ou conhecimentos humanos. A comunicação pode ser entendida como a porta para o acesso ao conhecimento, mas que, de acordo com os contextos, esta porta pode estar fechada, constituindo-se barreira para que indivíduos, grupos, classes ou sociedades não tenham acesso a determinados tipos de conhecimentos que são privilegiados socialmente e, portanto, separados da multidão.

Mediante o exposto, dialogando novamente com Gonzalez (2018), podemos refletir acerca de como a cultura tem possibilitado o acesso da população negra, especialmente a mulher negra, a processos de comunicação e aquisição de conhecimentos produzidos ao longo da história. No texto *A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica*, Gonzalez (2018, p. 34) comenta sobre “melhor entendimento da situação da mulher negra em particular e do povo negro em geral, em termos de sociedade brasileira”, abordando a escravização e suas consequências históricas para a população negra, principalmente para a mulher negra, discutindo o contexto cultural, político e econômico no qual está inserida e é afetada, construído sobre as bases do racismo, do sexismo e da segregação.

São aspectos que explicitam a forma como a mulher negra se relaciona com os saberes socialmente produzidos e que a condicionam na base da pirâmide da produção de trabalho dificultando a possibilidade de ascensão social. Tal cultura também determina o seu lugar na educação, na economia, na política, como lugar de subalternidade, lugar de exploração e pobreza, sobre o que “Gostaríamos de propor aqui a perspectiva segundo a qual a raça, como atributo socialmente elaborado, relaciona-se diretamente com o aspecto subordinado da reprodução das classes sociais” (Gonzalez, 2018, p. 42).

Com relação à comunicação como um processo de construção e aquisição cultural, a posição de Gonzalez (2018), pode ser observada a partir de duas perspectivas que envolvem o ato de comunicar; a primeira em que comunica aspectos importantes a respeito da história do povo negro, seus feitos, cultura, resistência e como a mulher negra se insere ativamente nesse contexto ocultado pela história oficial; e a segunda perspectiva é a que mostra como a sociedade distanciou o povo negro dos lugares sociais privilegiados pela cultura, negligenciando a falta de comunicação adequada entre a população negra e os conhecimentos socialmente construídos, resultando com a população e, principalmente a mulher negra, no nível social de subalternidade, como se observa a seguir.

De qualquer modo, novas perspectivas foram abertas nos setores burocráticos de mais baixo nível, que se feminizaram (prestação de serviços em escritórios, bancos, etc.). Mas como tais atividades exigem um nível de escolaridade que a grande maioria das mulheres negras não possui muito mais motivos foram criados no sentido do reforço da discriminação (Gonzalez, 2018, p. 43).

Aqui percebemos a importância da comunicação como processo entre a cultura e o indivíduo, a comunicação como a possibilidade de apropriação e produção de conhecimento para a cultura humana. Gonzalez (2018), retrata um sistema de desigualdades socioculturais que minimiza o desenvolvimento não só econômico, intelectual, educacional, moral, mas que limita as possibilidades de um desenvolvimento em grandes amplitudes, sejam quais forem as aéreas e os aspectos, do individual ao social, da população negra. De certa forma, de acordo com ela, isso determina uma espécie de servidão da mulher negra nesse contexto racial, deixando que esta população permaneça sempre no mesmo lugar de subalternidade, o que se pode ser comparado, na visão da autora, a uma forma de escravização, na qual a mulher negra é triplamente afetada pela interseccionalidade do racismo, do sexismo e da classe social, do lugar social na cultura brasileira.

Ao abordar a história da escravização articulada com o processo político-econômico que envolve a mulher negra na sociedade brasileira, percebemos que Gonzalez (2018) se utiliza de seus instrumentos, seus textos acadêmicos e discursos, para comunicar a forma como a sociedade está organizada de modo a tolher as construções culturais e sociais da população negra e da mulher negra. Segundo a teórica “As possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média têm sido praticamente nulas para a maioria da população negra” (Gonzalez, 2018, p. 44). Vemos uma articulação, a partir da perspectiva de uma mulher negra, pela desconstrução do paradigma racial na cultura brasileira, denunciando a falta de oportunidade de acesso das mulheres negras ao mundo cultural, acessado apenas por parte privilegiada da sociedade.

Gonzalez (2018), aborda a ocultação histórica da força e dinamismo da mulher negra na sociedade, como sujeita que atuou tanto trabalhando para sua sobrevivência, na construção social, no cuidado com os familiares e outros aspectos, quanto na produção da herança cultural brasileira. Segundo a autora, análises sobre a mulher no período escravocrata, retratam esta apenas como mucama, invisibilizada por uma construção cultural racial generalizada, em que “[...] em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos cativos” (Gonzalez, 2018, p 38).

Essa construção cultural da ideia de inferioridade sobre o ser da mulher negra, implicou

“em baixíssimas condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc” (Gonzalez, 2018, p. 44). Historicamente a mulher negra sempre foi sujeita ativa na sociedade, participando tanto nos momentos de revoluções quilombolas quanto dos grupos e movimentos de ativismo negro contra o racismo, “em termos de Movimento Negro Unificado, a presença da mulher negra tem sido de fundamental importância [...] compreendendo que o combate ao racismo é prioritário [...]” (Gonzalez, 2018, p. 51).

O que se percebe é que esse protagonismo é ocultado por consequência do racismo, um tema que, assim como o ativismo da mulher negra, é ocultado do debate, como uma espécie de neutralização do tema, mostra a autora.

Para finalizar, gostaríamos de chamar atenção para a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país [.....]. As categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam o problema da discriminação racial e, consequentemente, o do confinamento a que a comunidade negra está reduzida (Gonzalez, 2018, p. 47).

Assim, de acordo com as análises nesse texto, a autora mostra que a mulher negra está em condições de menor favorecimento social, condição essa que reverbera a falta de acesso ao que é produzido culturalmente. Mostra o escanteamento desta a diversos elementos da cultura da sociedade e, consequentemente, a limitação do que deve ser apreendido, do tipo de conhecimento que esta deve acessar. Gonzalez (2018), denuncia essa falta de comunicação mediada pela sociedade entre os conhecimentos culturalmente construídos e a população negra. A regra social sobre a mulher negra, como se observa, promove as condições socioeconômicas limitadas pela cultura, mostrando a falta de oportunidades para desenvolver o seu potencial humano e conseguir melhores condições de vida.

Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração ("*refúgios*") nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de *servente* (que se atente para as significações que tal significante nos remete (Gonzalez, 2018, p 44).

Gonzalez (2018), enquanto mulher negra, fala com propriedade sobre a interseccionalidade dos temas racismo, sexismo e classe, ou melhor, sobre o poder cultural que atua sobre a mulher negra. São situações vivenciadas traduzidas em suas palavras, como protesto e resistência contra o sistema cultural excludente. A pobreza é parte das consequências resultantes do sistema racial. A cultura é uma forma de comunicar como a sociedade se movimenta em torno do tema racismo.

Culturalmente difundiu-se a ideia de que o povo negro era um povo passivo, aceitando sem resistência as diversas formas de violências contra ele cometido, uma forma de justificar a cultura violenta na qual as pessoas eram submetidas, a condições sub-humanas, tanto na escravização quanto nos períodos subsequentes, como se vê nas pesquisas atuais, o que, para Gonzalez (2018, p 36), "[...] pode-se imaginar o tipo de estereótipo difundido a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão, etc", um discurso criado para ocultar o descaso com a falta de acesso a oportunidade de desenvolvimento das pessoas negras na sociedade. A partir desses termos citados pela autora é possível perceber os discursos implementados e solidificados nas práticas culturais. A difusão da ideia de falta de capacidades humanas do povo negro promoveu tanto a formação dos estereótipos quanto a marca social negativa a respeito do negro e mais precisamente a respeito da mulher negra, uma cultura que se alonga durante o processo histórico e cultural.

A real falta de acesso aos conhecimentos mais privilegiados socialmente produzidos, se reflete, por exemplo, na falta de acesso à educação de qualidade, que está ligado a um amplo desenvolvimento do indivíduo e ao seu acesso nas diversas esferas sociais, incluindo no desenvolvimento econômico.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a coloca no mais baixo nível de opressão (Gonzalez, 2018, p. 44).

Gonzalez (2018), reflete sobre a mulher a partir dos termos raça, classe e sexo como fatores interseccionais que incidem culturalmente na forma como a mulher negra é inserida no sistema social. O racismo atravessa as questões econômicas potencializando os efeitos das discriminações contra a mulher negra. A partir da compreensão da cultura como um processo apreendido pelos indivíduos, mediante herança histórica, percebe-se a violência racial interconectada a esse processo cultural, legitimando a segregação do povo negro, a dificuldade de acesso aos conhecimentos formais, acesso à vagas de serviços mais bem remuneradas, ou possibilidades de destaque em lugares privilegiados na sociedade e tantos outros fatores.

Vale questionar quantos "gênios" negros e negras a história perdeu por causa da exclusão promovida pelas ideias raciais. Sem acesso a determinadas produções culturais, muitas possibilidades de mulheres e homens negros se apropriarem do que historicamente já foi produzido deixaram de existir. A resistência negra se dá exatamente como enfrentamento aos modelos sociais culturais de opressão e segregação, resultando em maus tratos, discriminação e a limitação quanto ao desenvolvimento cultural e busca a valorização da identidade do povo

negro na sociedade. Resistir é procurar meios alternativos de romper com a forma de ser cultural que não acomoda o direito do outro (negro) na sociedade. Gonzalez (2018), destaca que esta resistência se dá desde o início da colonização, se constituindo em uma cultura de resistência, uma forma de ser cultural que comunica a valorização da cultura e do povo negro sobre a qual ela afirma se organizar desde os primeiros tempos de escravização no país.

Ele sempre buscou formas de resistência contra a situação sub-humana em que foi lançado. De acordo com as informações que obtivemos da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade na região das plantações de cana do nordeste. E os quilombos existiram em todo o país como a contrapartida, o modo de resistência organizada do povo negro contra a superexploração de que era objeto (Gonzalez, 2018, p. 36).

A resistência do povo negro é uma forma de comunicar a não aceitação da maneira como a sociedade se relaciona com a questão racial, comunica que não aceita passivamente a segregação, comunica que a luta pela vida e pelos direitos continua. A abordagem por parte de Gonzalez (2018), à questões raciais como determinantes no aspecto político e econômico da mulher negra na sociedade, sob a perspectiva de ser uma mulher negra, comunica voz ativa, lugar de fala, lugar de protesto, diz que esta mulher resiste aos estereótipos constituídos a seu respeito, resiste ao racismo, à falta de dignidade humana, resiste a um lugar socialmente definido para esta como o lugar de mulata e doméstica.

A cultura também está ligada a um campo discursivo, que por sua vez comunica algo. O discurso de Gonzalez (2018), a coloca no lugar de sujeito, um sujeito cultural capaz de comunicar a força e a determinação de uma mulher negra em defesa de uma categoria racializadas na cultura brasileira. Alguns aspectos elucidados pela autora no que dizem respeito ao seu posicionamento enquanto mulher negra frente a uma cultura de discriminação racial, em como trazer a memória e a contribuição cultural da mulher racializadas, assim como, a força e a resistência desta no enfrentamento à cultura de violência racial. A autora institui, a partir da academia, a construção de uma nova forma de olhar para a mulher negra no contexto sociocultural.

[...] Não aceitamos tais estereótipos como reflexos fiéis de uma realidade vivida com tanta dor e humilhação. Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas é a chamada resistência passiva (Gonzalez, 2018, p. 40).

A mulher negra está inserida neste contexto de resistência, uma resistência passiva. São forma de agir que, organizadas, comunicam a luta por transformações na cultura nacional, se

dão exatamente para buscar alternativas e efetivação de políticas, não só de combater a violência, mas de criar novas formas ou novos padrões de comportamento cultural dentro da sociedade que possibilite novos ordenamentos sobre a questão racial e sobre a mulher negra, o que implica em oportunidade implementação e efetivação de políticas de igualdade de direitos, igualdade de acesso aos bens culturais que existe na sociedade, acesso à educação, trabalho, serviços de saúde, a tantas outras necessidades básicas de forma não realizada.

A refutação de Gonzalez (2018), aos estereótipos culturalmente disseminados por diversas gerações faz parte de um protesto de resistência passiva realizada através do seu discurso, comunicando, denunciando, de forma veemente a não aceitação de uma cultura que cultiva a desigualdade humana em todas as suas esferas. Seu protesto mostra como a forma de produção cultural contaminada pelo germe do racismo produz consequências inestimáveis para esta parcela da sociedade.

Gonzalez (2018), enfatiza com veemência a maneira como a cultura construiu a concepção de mulher negra agregada aos termos de doméstica e mulata, termos que culturalmente estão associados à imagem de hipersexualidade e trabalho subalterno. O fato é que esta associação conduz socialmente o imaginário sobre a mulher negra como uma categoria de inferioridade em relação aos outros grupos de indivíduos socioculturais. No discurso da autora se entende que esta reivindica um olhar aprofundado para esta questão, como uma condição de desmistificar essa imagem pejorativa construída em torno da mulher negra na cultura brasileira e como forma de construir uma dignidade social em torno da imagem feminina negra.

A resistência negra é um modo de dizer que o povo negro se organiza em busca dos seus direitos como ser cultural. Isto mostra que “a comunicação, pensada na sua interrelação com a cultura, é o movimento da vida social, o que significa dizer que as práticas comunicativas são as constituidoras de vida social” (Peruzzolo, 2012, p. 53). Assim, as formas de resistência, a forma de organização do povo negro na luta pelos seus direitos, assim como as produções de conhecimento sobre a mulher negra no contexto cultural do racismo, são formas de mostrar não só as mazelas causadas pelo modo como a sociedade designa a sorte da desta população mas estabelecer novas formas culturais de existência para a população negra, comunicar como a população negra não aceita os lugares sociais previamente estabelecidos como condição de existência para a população negra. A resistência é entendida como uma cultura, uma prática que mostra a dinâmica deste sistema de comunicação como constituidora da vida social, um sistema articulado para que visa construir uma cultura de valorização das capacidades humanas negadas

ao povo negro na história do país.

Laraia (2012), se refere a comunicação como um processo sistemático de interação ou de interlocução dos indivíduos com a realidade, ou seja, como um elemento indispensável para a criação da cultura, para a criação de formas humana de viver, um elemento responsável pela transmissão e produção de conhecimentos, formação de ideias, sentimentos, anseios, necessidades, e tudo que se relaciona ao sujeito e a sua relação com o mundo cultural, social e natural, não se pode entendê-la apenas como uma mera troca de mensagens, mas como instrumento de determinação do que culturalmente pode ser cultivado. Isto diz respeito à formação do ser cultural na criação de experiências, na busca por respostas, nas formações de instituições de padrões de vida coletiva e, principalmente, por mudanças sociais.

Por sua vez, Gonzalez (2018), defende que se deve projetar ao mundo uma produção de conhecimento que traz para o centro do debate e gerência as discussões a respeito da mulher negra na cultura brasileira. Esse gerenciamento do debate a respeito do racismo, sexismo e classe, possibilita a desmistificação da imagem da mulher negra na cultura brasileira. É um discurso que pode ser entendido como proposta tanto para a reparação histórica, através do reconhecimento do que a mulher negra contribuiu na sociedade, como para a produção de um novo comportamento social e a criação de uma nova imagem da mulher negra como um ser protagonista, resistente, construtor de conhecimento, que mesmo diante dos lugares socialmente impostos a elas, são capazes de se reinventar e lutar pela sua própria cultura e existência.

Como a própria autora destaca que o debate sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira proporciona maior “inteligibilidade” a respeito do tema, contribuindo para se criar meios de mudanças na cultura, como foi na história, o ser humano criando modos ou meios para sobreviver ao e no ambiente. Este diálogo diz respeito sobre quem pode, por meio dos processos de gerenciamento da sociedade, criar interações e articulações entre aquilo que existe culturalmente produzido pela sociedade e aqueles que podem ter acesso a essa produção. A busca por superação dessas delimitações, particularmente por parte da mulher negra, demonstra uma luta incansável e a capacidade criativa do ser humano de modificar o ambiente a seu favor

A contribuição da população negra para a sociedade é um aspecto que não pode ser ocultado da história, e o ativismo de Gonzalez (2018), principalmente trazendo para o centro das discussões a mulher negra, um sujeito social invisibilizado, estereotipado, estigmatizado, abrindo espaços para reflexões e posicionamentos críticos a respeito da situação histórica do racismo e do sexismo como uma cultura estruturada e institucionalizada, como pode ser

observado através dos relatos da autora.

É importante enfatizar que a participação cultural da mulher negra em todos os setores da cultura, não diz respeito tão somente ao ato de comunicar, falar, mas ao ato de marcar território, de deixar a identidade do povo negro na sociedade, de transmitir a mensagem de que a população negra também tem cultura. Segundo Gonzalez (2018, p. 40), a mulher negra teve um papel fundamental ao passar para os descendentes africanos os “valores e crenças do seu povo” através das histórias contadas, ao passo introduziram na sociedade brasileira “categorias das culturas africanas”. Na linguagem “coube a mãe preta, enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil” (Gonzalez, 2018 p. 40). Apesar dos desafios enfrentados pela prática do racismo na sociedade e da falta de acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade, a mulher negra assumiu protagonismo social, mesmo debaixo de preconceito de invisibilidade.

Pelo que até agora já foi exposto, já se pode perceber a profunda importância do papel da mulher negra na nossa sociedade e como o estudo deste tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural que muitos pesquisadores nem sequer desconfiam (Gonzalez, 2018, p.41).

A capacidade de desenvolver papéis sociais importantes na sociedade, dentro das limitações imposta pela segregação racial, levou a mulher negra a criar formas para desenvolver suas potencialidades intelectuais, conciliando a cultura herdada dos seus ascendentes africanos com a cultura na qual tinham contato na sociedade, permitindo manter a tradição e a memória cultural ancestral, mas também criar elementos na cultura nacional, se reinventando na história e na cultura. Esse é papel importante, o de manter a memória do povo negro na cultura, mesmo diante do desafio de criar modos de vida, pois “tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura” (Laraia, 2001, p. 27).

Mesmo estudos destacando o protagonismo das mulheres negras na sociedade brasileira, com estas alçando alguns lugares importantes ou papéis importantes na sociedade, a realidade é que, o pensamento racista moldou a sociedade, se constituiu cultura, tirando das pessoas negras seu protagonismo na história, inviabilizando seus valores, negando sua representatividade, dificultando possibilidades de ascensão social.

Antes de mais nada, importa caracterizar o racismo como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial. Enquanto discurso de exclusão que é, ele tem sido perpetuado e reinterpretado, de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam”(Gonzalez 2018 p.41).

É por meio dos processos comunicacionais que os indivíduos têm acesso à cultura, mas, bem como por meio do sistema comunicacional, que gerencia a forma como a sociedade é posta, que os indivíduos são excluídos dos acessos a determinados elementos da cultura, lugares ou a determinados tipos de conhecimentos culturais. Os discursos tanto podem elevar o indivíduo, criando oportunidades culturais, quanto reprimi-lo, negar a este o seu devido lugar, de acordo com os interesses de quem os produz.

Gonzalez (2018), caracteriza o racismo como uma construção ideológica, ou seja, como uma construção humana e como um discurso que se concretiza em práticas raciais diversificadas na cultura e na sociedade. Isto possibilita deduzir que as instâncias sociais estão, de forma consciente ou não, arraigadas na forma cultural de perpetuar e reinterpretar o racismo, dando formas e manifestações diferentes de acordo com os interesses dos que se beneficiam dele, no processo histórico, uma vez que é perpetuado nas práticas, nos discursos, na forma como a sociedade se comunica com seus indivíduos, afinal “[...] isso possibilita também a compreensão do fenômeno da produção e recepção de mensagens como um modo cultural, para que se possam interrogar os seus sentidos e significados” (Peruzzolo, 2012, p. 51).

Seja no campo do trabalho, no campo da educação, seja no campo político, a divisão racial é fator preponderante. Segundo Gonzalez (2018, p. 42), a mulher negra passa por um processo de "divisão racial e sexual de trabalho" com tríplice processo de discriminação, "enquanto raça, classe e sexo". Mesmo as mulheres negras possuindo todas capacidades ou competências profissionais, educacionais ou outras quaisquer, a cultura racial se torna um instrumento de imposição de lugares socialmente predeterminados para as mulheres negras.

Quanto à maioria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingem altos níveis de escolaridade, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém. Não são poucos os casos de rejeição [...]. Quando nos anúncios de jornais [...] surgem expressões tais que, "*boa aparência*", "*ótima aparência*", etc., já se sabe seu significado: que não se apresentem candidatas negras, não serão admitidas (Gonzalez, 2018 p.44).

O que se pode observar é que, mesmo quando as mulheres negras conseguem ter acesso aos conhecimentos mais privilegiados na sociedade, estas ainda sofrem a segregação racial, pois os desafios se constituem em todos os contextos da sociedade, não apenas no campo da educação. A disseminação da ideologia racista e o discurso de inferiorização da mulher negra na sociedade, são fatores determinantes para as diversas manifestações de racismo, desde as mais explícitas até as mais sutis, que geram prejuízos às mulheres negras em todos os segmentos da sociedade.

Mas, a comunicação como uma cultura é uma ferramenta de gerenciamento da sociedade

a partir de políticas ou ações coletivas que proporcione o desenvolvimento de novas consciências a respeito do racismo na sociedade, a partir de novos discursos, novas linguagens, a utilização de todos os instrumentos comunicacionais para proporcionar uma mudança na perspectiva da sociedade, de criar formas que integre representação e representatividade à mulher negra na cultura. Gonzalez (2018), reclama que não basta o acesso ao conhecimento, é preciso uma construção cultural da imagem da mulher negra dando visibilidade ao seu potencial humano, intelectual. Aqui se vê a complexidade da questão racial, que envolve todo um sistema sociocultural, não apenas de acesso à produção de conhecimento enquanto cultura, mas do gerenciamento da cultura social mediada pela comunicação como uma ferramenta na sociedade.

Compreender essa dinâmica é uma possibilidade para se construir novos imaginários e novas representações históricas do valor, das contribuições, da potencialidade da mulher negra na sociedade, por intermédio dos discursos, das imagens projetadas nos meios de comunicação, das construções culturais nos espaços da sociedade, com a presença da mulher negra em lugares sociais de comando, como na política, educação, economia e tantos outros, de forma a criar uma redescritção da imagem negra na cultura, “O que possibilita, portanto, a comunicação é o meio de representar, e o meio é justamente representar aquilo que se quer comunicar, onde o termo da relação vem organizado com investimentos afetivos, emocionais e sociais” (Peruzzolo, 2012, p. 44).

Através dos diversos instrumentos de comunicação, tanto tecnológicos quanto humanos, a abordagem interseccional ao racismo, sexismo e lugar da mulher negra na cultura nacional, possibilita uma compreensão mais aprofundada sobre a forma como a mulher negra é constituída historicamente na sociedade, trazendo para o campo do discurso não só as violências raciais e sexistas, mas construindo uma nova perspectiva histórico cultural que inclui reconhecer e divulgar a história de resistência, as lutas, as identidades e principalmente como as mulheres negras são importantes na formação da cultura nacional.

Deste modo, compreende-se que a cultura é um campo muito amplo, mas necessário de estudo, ainda que de forma abreviada, para que se compreenda como racismo e o preconceito se manifesta contra mulheres negras de forma mais incisiva. Isto permite discutir a temática da pesquisa de forma mais objetiva e interdisciplinar, entendendo que a cultura é o berço do fazer humano. Permite entender a complexidade que a cultura abarca, integrando fazeres humanos em todas as suas dimensões dentro de cada grupo ou sociedade que tem sua identidade marcada por elementos culturais mais significativos no meio do povo, que por sua vez vive, significa e ressignifica a cultura dando sentido pessoal em cada indivíduo, como um fio interminável e

dinâmico do fazer humano.

É neste campo que surgem as disputas por domínio, poder, em várias modalidades, não só sobre a natureza e seus elementos, mas sobre o outro humano, sobre sua vitalidade, sua cultura, através de ideias e práticas como o racismo, o sexismo, o etnocentrismo, a xenofobia, e outras ideologias que se manifestam e interagem causando preconceito, discriminação e violências de diversas naturezas contra indivíduos e grupos. Estes processos, integrados na maioria das manifestações, atingem diretamente os indivíduos, como no caso do racismo contra mulheres negras, interseccionando racismo e sexismo manifesto na forma como a cultura constrói e determina a elas os lugares sociais.

Os diversos tipos de produção cultural através de diversos meios de comunicação exibem a forma como a sociedade concebe e reproduz suas concepções sobre a mulher negra. Porém, a dinâmica cultural, em seus diversos coletivos, dentro da sociedade, reelabora suas culturas, modificando a forma, que não é fixa ou estática, mas sofre a influência do tempo e dos acontecimentos sociais, que seguem dinâmicas sociais próprias de seu coletivo como um processo que possui significado dentro de sua própria cultura.

A partir do que se compreendeu sobre cultura e suas múltiplas concepções, serão apresentadas a seguir algumas compreensões sobre cultura popular, para que se compreenda a respeito de uma forma de cultura que se relaciona diretamente com o modo como as sociedades desenvolvem seus sistemas de comunicações e veiculações da cultura humana, especialmente no campo das artes, integrando diferentes forma de viver e conceber a arte, as tradições, os comportamentos, as filosofias e um universo de possibilidades. As mudanças na forma como a informação e os conhecimentos se dissipam na sociedade proporcionou o surgimento de um fenômeno, a cultura pop, uma forma de produzir, compartilhar e experienciar produções culturais e artísticas na sociedade, advinda das mudanças tecnológicas nos instrumentos de comunicação.

2.2 A CULTURA POP E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS ATRAVÉS DE UMA ÓTICA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E HUMANIDADES

A Cultura Pop é uma cultura relativamente nova, surgindo a partir de meados do século XX, com a emersão da cultura de massa e o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação como rádio e TV, principalmente com o surgimento dos meios digitais, como DVD, CD, Pen Drives e outros, capazes de transmitir conteúdos com mais velocidade e em maiores proporções

que os meios impressos, culminando com o surgimento e a expansão da internet em nível global e sucessivamente, as facilidades na possibilidade de acesso desta pelos indivíduos em níveis mundiais como agentes determinantes de sua expansão. A cultura Pop é um espaço em que vários objetos ou expressões das culturas humanas são evidenciados e propagados em proporções múltiplas, alcançando os diferentes lugares geográficos e sociais, de forma que, elementos de uma determinada cultura, ainda que complexa, sejam conhecidos em nível local, nacional, internacional e finalmente global.

Para falar sobre cultura pop, entendemos como de fundamental importância uma rápida discussão a respeito de algumas concepções sobre cultura popular, assim também como sobre alguns tipos de culturas e como estas assumem forma para além dos seus limites geográficos ou mesmo do espaço onde os sentidos coletivos são produzidos. A discussão sobre cultura perpassa por vários campos de conhecimentos humanos pela necessidade de compreensão do que é cultura e como se vincula diretamente com a formação dos sujeitos, visto que abrange o indivíduo e a sociedade em todos os seus modos de existência. Assim, é necessário compreender melhor o contexto, a importância e a influência da cultura pop como produção cultural humana como instrumento de possibilidades de conhecimento sobre o racismo e sobre a representatividade de mulheres negras neste espaço, por meio das produções de histórias em quadrinhos no século XXI, enquanto prática cultural inserida neste âmbito.

A partir dessas compressões, serão analisadas as contribuições teóricas a respeito da cultura popular, produzida por Costa (2015), em um verbete no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), trazendo além das concepções sobre o termo, a visualização de como a sociedade procura acomodar as produções culturais a partir do lugar social dos grupos a que pertencem, situando a Cultura Pop como uma cultura que surgiu para as massas e não das massas, onde a ligação da Cultura Pop com a cultura popular está no aspecto de consumo em larga escala pela população, adquirindo popularidade e tornando aceitável em todas as camadas sociais.

Assim, Costa (2015) vai enfatizar que o conceito de cultura popular é impreciso pelo fato de esta representar diversas definições, mediante as formas de compreensões do que sejam os elementos que a caracterizam como cultura popular, pois este termo diverge, a partir da sociedade onde ele é aplicado e das definições que vão surgindo sobre os elementos da cultura. Apresenta a circularidade da cultura popular com a cultura erudita, onde se pode entender que

de fato não existe uma cultura da elite ou da população, mas influências culturais que se movem de forma cíclica. A autora defende que dentro de uma mesma sociedade existem várias fragmentações para designar diferentes formas em que a cultura se apresenta em uma sociedade, principalmente abordando a cultura como vivência voltada para a prática de preservação de modos de vida de diferentes segmentos da sociedade, que vão se modificando no processo histórico.

Em meados do século XIX, o foco sobre a cultura popular estava politicamente associado à ascensão do nacionalismo, na formação dos modernos Estados europeus. [...] Quando o inglês Thoms cunhou o termo *folklore* (literalmente 'o saber do povo'), em 1846, o termo parecia apropriado para englobar [...] antiguidades populares, superstições ou curiosidades (Costa, 2015, p. 1).

Aqui é possível perceber como a cultura está sempre em movimento, criando compreensões e novas expectativas sociais. As definições diversas sobre o que seria cultura popular expressam como o tempo e os processos históricos movimentam a cultura e as compreensões a respeito de certas peculiaridades, proporcionando ainda termos para designar os lugares de suas produções. Assim é possível compreender a tentativa humana de distinguir a cultura produzida pela sociedade a partir de dois polos, que seriam dois universos economicamente diferentes, compreendendo a cultura da elite, produzida por este segmento social intelectual e a cultura vinda da população, com menos influência econômica.

A cultura popular, como expressão cultural dos segmentos menos favorecidos, apartados do poder político e econômico, manteve-se em foco durante muito tempo, gerando contraposições, tais como erudito x popular, moderno x tradicional, hegemônico x subalterno (Costa, 2015, p. 1).

A existência destes dois polos culturais não constitui sistemas isolados isentos de contribuições significativas de um campo cultural para outro, mas como um processo sistêmico. Neste aspecto, a difusão cultural não se dá apenas entre sociedades civilizações ou nacionalidades, mas essa fusão cultural ela é propensa também dentro dos grupos culturais diversos de uma determinada sociedade. Neste sentido, a autora destaca a existência das interações culturais, proporcionada pelos movimentos da cultura da elite e da cultura popular, sendo possível a colaboração, a contribuição e a inspiração de elementos das suas culturas, afirmando que "O longo processo de interação entre elementos eruditos e populares dá lugar, portanto, à circularidade de temas, padrões e imagens" (Costa, 2015, p. 1).

A existência de diferentes elaborações culturais dentro de uma mesma sociedade e a noção da existência de dois grandes polos produtores de cultura, não implica que não se comuniquem. As culturas circulam nos meios sociais e inspiram seus produtores em ambos os

polos, ocorrendo uma transmissão cultural de uma classe social a outra, com movimentos de circularidade entre elas.

[...] propõe um movimento em dois sentidos: o “de baixo para cima”, no qual escritores ou pintores recorrem à herança cultural popular para a produção de suas obras; e o “de cima para baixo”, no qual motivos artesanais, por exemplo, recorrem a um repertório de padrões extraídos da cultura erudita (Costa, 2015, p.1).

Assim, as produções culturais humanas abrangem todos os saberes e todas as áreas de conhecimento. Nada humano existe fora da produção da cultura. A organização social através de grupos determina o lugar de algumas práticas, como cultura popular e cultura erudita. Porém a ação humana não se limita a um polo social, mas contempla as necessidades humanas em seus diversos aspectos. Deste modo, produções culturais no campo da arte e das tradições, marcam suas características identitárias coletivas, de acordo com as nomenclaturas cultura popular e cultura erudita, mesmo assim, a existência de circularidades entre as inspirações culturais e suas produções são uma realidade.

A respeito da cultura popular, Costa (2015), elucida que se difere do que seria a cultura de massa, ainda que cultura pop faça menção ao popular. Por associar à cultura pop o termo popular estaria associado à sua abrangência, tanto no que se refere ao alcance das massas populacionais que consomem essas produções, quanto aos seus altos índices de venda e rendimentos econômicos proporcionados pela indústria da cultura, associando o termo popular tanto à noção de povo quanto à noção de popularidade, referindo-se ao que agrada a muitos e alcança altos índices de venda, principalmente em decorrência das ações promocionais da indústria cultural. Assim, cultura pop, mesmo sugerindo cultura popular em seu termo, se refere a outra forma de produção cultural. “Povo ” e “popularidade ”, mencionados pela autora, ligam a cultura pop ao momento histórico em que ela surge, mediante as mídias da comunicação, atendendo as demandas de produção e de consumo cultural.

Uma cultura criada para o povo, transformando-se em popular pelo fato de ser uma cultura que agrada a muitos, a grande massa populacional e, por isso, é fabricado em larga escala para atender a demanda, assim é a cultura pop, observada a partir da perspectiva da indústria cultural. Esse comportamento em relação à produção e consumo cultural massivo, permitiu de certa forma, um deslocamento, ou uma extensão da cultura local para um espaço de maior evidência, agregando elementos populares, mas, também elementos da cultura elitizada.

A partir disso fazemos uma análise a respeito da cultura pop, proporcionando a

compreensão desta como um espaço de produção de conhecimento social, cultural, intelectual, artístico e tantos outros, que ambienta os campos acadêmicos com possibilidades de compreensão sobre diversos aspectos da realidade. É neste aspecto de compreender a realidade a partir da perspectiva acadêmica que se inserem as produções de histórias em quadrinhos como prática cultural, objetivando compreender a respeito da representatividade de mulheres negras nesta prática cultural mediante das discussões das relações étnico-raciais. É preciso que se compreenda que o racismo como construção ideológica materializada nas estruturas sociais se ramifica e se instala nas instituições da sociedade, o que torna o campo da cultura pop não neutro, mas um espaço permeado de tensões.

Torna-se pertinente compreender como a cultura pop constitui um espaço para a construção de conhecimentos, portanto, uma ferramenta para representatividade e construção de novos valores culturais e sociais. Assim sendo, compreendemos que são evidentes as articulações da cultura Pop com a construção de conhecimento através produções acadêmicas, sendo diversas as possibilidades de novas construções sobre a representatividade de mulheres negras mediante análises de histórias em quadrinhos enquanto elementos pertencentes ao universo da cultura pop com potencialidades de se efetivar elaborações de conhecimentos pautados pela luta contra o racismo e todas as mazelas dele decorrentes.

A Cultura pop é um comportamento cultural que teve sua origem a partir do surgimento e ampliação da mídia, facilitando a comunicação por diversos meios, como jornais impressos e posteriormente com as novas mídias. Esse novo modo de produzir e levar informação e conhecimento possibilitou a veiculação, interconexão, ramificação, difusão da cultura e maior acesso a estes produtos, principalmente no campo do entretenimento. Surge assim o novo lugar ou formato, de publicação e acesso à cultura.

Os jornais e revistas impressos eram as fontes primárias de veiculação massiva de alguns elementos culturais, como ilustrações, histórias em quadrinhos, narrativas de histórias diversas, e propagandas de produtos. Essas publicações, por sua vez, traziam perspectivas de diversas formas de pensamento social, por onde os diversos grupos culturais e suas produções propagavam suas formas de pensar, seus objetivos, suas críticas, modos e comportamentos sociais, com se destaca a publicação de tirinhas de histórias em quadrinhos nos jornais de maior veiculação social, trazendo implícitos diversas críticas sociais (Moya, 1996).

A cultura que antes era localizada, passou a ser compartilhada com números maiores de públicos, ao macro alcance, tornando-se uma cultura para as massas. É um comportamento sem retrocesso, pois a cada momento na história surgem novas mídias ou novas formas de

comunicar, como o foi com o rádio, a tv, o cinema e outros, chamados de meios de comunicação em massa, que teve sua maior ampliação com a internet e seus meios digitais de expandir a comunicação, a difusão da informação, do conhecimento e por conseguinte, da cultura.

A relação entre a cultura e a mídia foi o ponto crucial para o surgimento do fenômeno cultural pop, enquanto forma de compartilhar a cultura voltada principalmente para o entretenimento, levando consigo as diferentes concepções de mundo e de entender a vida através de músicas, novelas, séries, filmes, música, moda, jogos eletrônicos, literaturas e histórias em quadrinhos impressas ou em *web comics* e outros, difundindo de forma quase instantânea tendências e comportamentos que alcança os indivíduos em diferentes partes do mundo. Assim, a cultura pop, não é só uma cultura do entretenimento, mas é um espaço por onde circulam ideias, crítica, visões de diferentes aspectos de realidades, modos de pensar, filosofias, expressões religiosas e muitos outros aspectos da realidade humana. É um mundo com outros mundos dentro. É um lugar para manifestação de pensamentos diferentes e possibilidades para a construção de conhecimentos.

As análises a seguir permitem compreender sobre as possibilidades de interlocução da cultura pop para além do efêmero e passageiro, ou do entretenimento e descartável, principalmente por desvelar como as pesquisas sobre tais aspectos somam-se no meio intelectual e acadêmico. Questões religiosas, filosóficas, artísticas e acadêmicas estão emergindo neste campo de encontros culturais que é a cultura pop. Através da leitura de um vídeo e, leituras e análises bibliográficas em textos do campo das comunicações e da filosofia, buscamos compreender como a cultura pop constitui espaço para produção de conhecimentos em perspectivas diversas, sendo, portanto, um espaço para possíveis construções culturais de lutas contra o racismo em seus diversos espaços na sociedade, desconstruindo imaginários racistas e negativos sobre a população negra.

Assim, foi possível compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos na atualidade e suas contribuições para a sociedade, tomando as histórias em quadrinhos enquanto elemento potencial para a formação de consciências no espaço da cultura pop.

Para iniciar as compreensões a respeito da cultura pop na atualidade, apresentamos uma análise a partir da perspectiva de Rocha e Vargas (2021), em seu artigo: *Da cultura de massa ao pop: definições e histórico da cultura pop*, que nos apresenta um histórico de como a cultura pop se tornou um fenômeno importante no cotidiano das sociedades, abrangendo as vivências dos indivíduos assim como os interesses no campo acadêmico, se tornando um instrumento

mediador de culturas entre indivíduo, sociedade e mundo. Os autores mostram a cultura pop como “uma possibilidade de interesse acadêmico para além do olhar elitista sobre suas produções, mas observar seu potencial crítico como fornecedora de signos e textos da cultura que transitam habitualmente em nossas relações sociais” (Rocha e Vargas, 2021, p. 36). É exatamente a partir das relações com os contextos sociais que se compreende sua relação com os indivíduos e suas possibilidades de produção de experiências nos seus cotidianos, estas possibilidades incluem o como a mulher negra se apresenta ou é representada nesse cenário da cultura pop, através de análises que se seguirão no final do trabalho.

A importância de conhecer o potencial crítico da cultura pop se dá em vista das possibilidades desta se constituir ferramenta de mudanças na forma como a sociedade representa a mulher negra. Segundo Rocha e Vargas (2021, p.37), Theodor Adorno e Max Horkheimer apresentam importantes concepções críticas ao processo de criação industrial capitalista da cultura pop, enquanto indústria cultural voltada para a produção em larga escala de bens culturais, ou a cultura voltada para o entretenimento em larga escala, enfatizando de que forma este processo representa retrocesso nas produções de cultura. “Adorno e Horkheimer discutiam, entre outros temas, a transformação das produções humanas em produtos sobre a égide do processo de criação industrial capitalista”. Essas concepções, ainda segundo Rocha e Vargas (2021), se exacerbaram no período pós Segunda Guerra Mundial, assentadas em racionalidades elitistas e aristocráticas da cultura pop, expandidas mundo afora. A cultura pop se “tornou um elemento importante no cotidiano das sociedades urbanas ocidentais capitalistas, mediando nossa relação com o mundo” (Rocha e Vargas, 2021, p. 36), necessitando de maior entendimento sobre a complexidade das relações estabelecidas entre a cultura, a mídia e a sociedade no mundo contemporâneo.

Aos poucos, análises novas foram abrindo espaço para outros entendimentos sobre o fenômeno pop, com “um olhar mais interessado sobre os processos sociais influenciados pela existência da cultura de massa” (Rocha e Vargas, 2021, p.38), ponto de virada sobre o que poderia ser a cultura pop para além de uma cultura simplesmente capitalista e mercadológica, como uma cultura relevante para se ampliar compreensões sobre realidades contemporâneas, existências humanas marcadas pela globalização e pelas experiências advindas dos conhecimentos impulsionados pelas mídias massivas da comunicação.

Nessa nova concepção fica evidente a tentativa de mostrar e conceituar o que seria a cultura pop, articulada com a vida das pessoas, com o momento em que a sociedade contemporânea vive, afirmando que a cultura de massa pode ser entendida como corpo de

símbolos, mitos, e imagens ligadas à vida prática, carregadas de projeções e identificações específicas (Rocha e Vargas, 2011). Houve uma quebra das fronteiras que limitavam determinados núcleos culturais, fazendo uma aproximação dos diferentes tipos de culturas que fazem parte do contexto mundial, através da mídia global, interconectada, produzindo e distribuindo massivamente os mais variados tipos de conteúdo produzindo globalmente as mais diversas experiências.

Na cultura pop é possível a aproximação e a significação de experiências culturais, em que conhecimentos de diversas naturezas são expandidos, tais como entretenimento, produções artísticas e a hibridização de produtos vindos de fora com as tradições locais, por exemplo, animes e mangás japoneses (Rocha e Vargas 2021), reforçando que a cultura pop é uma cultura de consumo massivo global com potencialidade criar significados, experiências e atender demandas sociais. Uma cultura que cumpre uma agenda mercadológica, mas também serve como instrumento para questionar a própria lógica de mercado. A partir dessas discussões compreende-se que a cultura pop envolve uma dialética complexa, pois permite operar como um instrumento reforçador de discriminações e relações de poder e ao mesmo tempo como um espaço para a construção de críticas e resistências no campo da cultura e da sociedade.

É impossível não traçar a relação da cultura pop com a cultura de massa criada nos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial. O cinema de Hollywood e suas *vedetes*, o *rock 'n roll* e seus astros, a indústria de quadrinhos e seus heróis, os desenhos animados e seus personagens; todos se juntavam para criar uma onda de influência ao redor do mundo ocidental capitalista (Rocha e Vargas 2021, p.39).

A citação acima destaca o quanto significativa pode ser um produto ou artefato cultural pop, especialmente pela abrangência alargada de seu alcance, desmistificando entendimentos superficiais acerca, por exemplo, de uma produção fílmica, às vezes entendida somente como entretenimento, mas que provoca influências marcantes nas sociedades contemporâneas, seja no apelo midiático aos anseios do consumo e do lucro, seja por produzir experiências significantes nos indivíduos por meio de sua capacidade de abordar questões importantes no meio social ou no aspecto do sujeito.

E é nesse campo, da produção do entretenimento, em que são produzidas experiências de diversas naturezas. Em nosso caso particular, concentramos esforços de compreensão em conhecer como se dá a relação da cultura pop, a partir do estudo das histórias em quadrinhos, com a condição da mulher negra na cultura brasileira, partindo da compreensão de que a cultura pop estabelece relações complexas que se conectam a diversos aspectos da sociedade local e

global, retratando os diversos contextos sociais que, de acordo com Rocha e Vargas (2021, p. 44), possibilita uma “relação poderosa, que pode gerar grandes modificações na maneira que o indivíduo encara o mundo ao seu redor”. No caso em questão, as histórias em quadrinhos são essas complexas e importantes vias de abordagem aos mais variados aspectos humanos, sociais e culturais, tanto reforçando como desconstruindo formas de conceber e viver a realidade.

A constatação dessas relações leva ao reconhecimento das potencialidades da cultura pop em relação às práticas sociais cotidianas, assim como do valor existente nessas produções. Considerando ou compreendendo o espaço tanto mercadológico quanto cultural que movimentam diversos espaços culturais, Rocha e Vargas (2021) destacam a alta veiculação dos produtos culturais na sociedade, usando como exemplo as histórias em quadrinhos, que nunca estiveram tão fortemente ligadas ao *mainstream*, ilustrando a forma como a cultura de massa ou o fenômeno pop popularizou bem o que era popular, pois os quadrinhos, antes publicados em jornais, livros, revista e outros impressos, agora se diversifica na mídia digital, em *web comics*, cinemas, tvs e outros canais midiáticos.

A cultura pop sendo um fenômeno originado da cultura de massa, cuja origem se dá na multiplicação das tecnologias de comunicação, constitui um campo mercadológico, com características de mercado, ela é uma oferta dentro do universo de possibilidades de consumo, não dependendo das imposições institucionais, mas das possibilidades de mercado, o que permite, de certo modo, autonomia na produção e circulação, conforme a citação a seguir:

A cultura de massa, no universo capitalista, não é imposta pelas instituições sociais, ela depende da indústria e do comércio, ela é proposta. Ela se sujeita aos tabus (da religião, do Estado etc.) mas não os cria; ela propõe modelos, mas não ordena nada. Passa sempre pela mediação do produto vendável e por isso mesmo toma emprestadas certas características do produto vendável, como a de se dobrar à lei do mercado, da oferta e da procura. (Rocha e Vargas apud Morin, 2011, p. 39).

Acima de tudo, a citação enfatiza o quanto é difícil conceituar de forma definitiva a cultura de massa ou pop, sendo importante sabermos que se trata de como algo da indústria cultural ou da cultura popular, permite o trânsito entre o que é mercadológico e vendável e o que é artístico, simbólico, representativo e identitário, marcando a complexidade do fenômeno.

Rocha e Vargas (2021), buscam elucidar confluências e diferenças entre o termo cultura pop versus cultura popular, fazendo uma diferenciação do termo pop na sua língua original, o inglês, para o termo pop na língua portuguesa. A cultura pop no inglês é entendida "como algo de acesso midiático", acessível ao grande público, de consumo massivo, característico dos centros urbanos e se diferencia da cultura popular cujo termo é *folk*, que significa culturas

tradicionais. Já no Brasil, os autores destacam que o termo cultura pop pode se referir aos dois tipos de cultura, tanto à cultura midiática e massiva quanto à cultura dos "movimentos representativos e tradicionais de uma população" (Rocha e Vargas, 2021, p. 40). O que se percebe é que a cultura pop é uma cultura que está ligada ao que é popular, trazendo identificações e particularidades de diferentes grupos, assim como ao que é massivo e global, ultrapassando fronteiras, seguindo as dinâmicas do mundo midiático e globalizado.

Deste modo, as novas compreensões a respeito do fenômeno da cultural pop ultrapassam os limites da indústria cultural massiva e mercadológica, sendo observada a partir da perspectiva de construção de experiências, de conhecimento, de reflexão sobre as demandas e desafios do mundo contemporâneo. Como veremos a seguir, a cultura pop se insere no campo acadêmico e social como propostas de análises sobre produção de conhecimento e experiências humanas que se imbricam na produção de sentidos duplos, teóricos e vivências.

Essas evidências da versatilidade da cultura pop, são apresentadas, principalmente por meio de estudos acadêmicos que denotam as possibilidades diversas e contribuições, pelas suas características midiáticas e fácil aceitação popular e, o seu trânsito por todos os espaços da sociedade, transitando do local ao global. Como uma cultura local, trazendo as características identitárias de grupos, sociedades e públicos de origem de determinada cultura, e mundial ou global, pela sua característica midiática, que segue o fluxo dos meios de comunicação de cada momento histórico e seus aparatos tecnológicos que permitem uma fluidez instantaneamente maior a cada criação de novos tipos de mídias e inovações no campo da comunicação e da cultura humana.

Em vídeo que apresenta uma entrevista com Novaes (2017), o teórico aborda a relação das tecnologias da comunicação e a recepção desses instrumentos pelo campo religioso, assim como a utilização da cultura pop, por meio dessas mídias, para construções de conhecimentos, demonstrando que a linguagem da cultura pop permite alcançar diversos grupos sociais e levar diversos tipos de informação, conhecimento e extensão dos estudos acadêmicos com finalidade social.

De acordo com Novaes (2017), o surgimento de uma tecnologia nova no âmbito da comunicação implica em alguns pontos, a perda do monopólio da informação, visto que essa passa a ser disseminado por outras vias, gerando algum desconforto por parte de grupos que monopolizam a informação. A exemplo, o primeiro instrumento tecnológico de imprensa, tirou o monopólio da informação das mãos de copistas e passou a disseminá-la de forma impressa, revolucionando o mundo da escrita. "naquele momento a produção intelectual era feita apenas

por monges copistas, então quando inventaram aquela tecnologia, aquela tecnologia foi vista com muita ressalva, até porque isso alterou aquele controle de difusão da informação" (Novaes, 2017). É possível compreender os inúmeros questionamentos a respeito do uso das novas tecnologias ou mídias que surgem, assim como foi com a imprensa, a respeito dos fins a que elas se prestam, porém o que se observa é que, com o passar do tempo, os coletivos passam a utilizá-los de forma habitual. Na verdade, torna-se necessária, visto que muitos aspectos comunicacionais migram para esses novos espaços.

Novaes (2017), se referindo aos grupos religiosos, afirma que estes não se diferem tantos de outros grupos sociais no que se refere ao acesso às mídias, visto que esses grupos encaram as novas mídias com ressalvas, mas que, após conhecê-las, aderem amplamente a este espaço, denotando participação ativa através das mídias, sejam elas jornais, revistas, de grupos para interagir com a informação, conhecimentos, produção e divulgação da cultura local no meio mais amplo da sociedade, ou seja, os grupos precisam se utilizar das diversas linguagens destes ambientes para interagir e estabelecer um bom diálogo, com engajamento, propositando visão mais equilibrada e mais positiva dos meios de comunicação. São nesses espaços, dos meios de comunicação, que a cultura pop surge como um espaço de interatividade entre diversos campos da cultura do entretenimento, mas também da produção e divulgação de conhecimentos em diversas áreas.

Observarmos que a busca pelo conhecimento sobre a cultura pop implica em uma busca por conhecimentos entrelaçados a todas as áreas da sociedade, seja no âmbito econômico, ideológico, de entretenimento ou outros, assim como no cotidiano dos indivíduos, através das músicas, das histórias em quadrinhos, dos filmes, das novelas, dos romances, dos games, da moda e tendências e de vários outros elementos que compõem este espaço midiático. A respeito de um diálogo com o público mais jovem, deve predominar a preocupação em estabelecer uma comunicação a partir das suas realidades, permeadas pela linguagem da cultura pop.

Deste modo é podemos entender que a cultura pop não é uma cultura aleatória, mas um espaço de vários encontros de culturas, de contornos propositais, que se fundem nesse mesmo espaço infinitas formas de manifestar e comunicar suas ideias, modo de vida e tantos outros aspectos da realidade, principalmente em torno da geração mais jovem. Ao falar sobre a cultura pop e a juventude, o Novaes (2017) destaca que é no âmbito da cultura pop que se realiza o cotidiano da juventude, pois a cultura pop é um dos espaços em que eles dialogam com propriedade. Esse é o espaço deles, de interpretarem o mundo.

O mundo da cultura pop ultrapassa as barreiras do que é comercial e do viés de

entretenimento ou diversão, mesmo sendo estas algumas de suas principais características, como enfatiza a leitura no texto *O Pop não poupa ninguém?* como parte introdutória do livro *Cultura pop*, organizado por Simone Pereira de Sá, Rodrigo Carreiro, Rogerio Ferraz, produzido no âmbito da EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, que reúne um conjunto de estudos acadêmicos voltados para a reflexão sobre a cultura pop e as “inúmeras facetas deste fenômeno”, propõe apresentar um diálogo com “busca pela superação das dicotomias que definiram, por muito tempo, as pesquisas em torno da temática” (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015, p. 15), com novas abordagens que remetem a perspectivas das relações resultantes das interações entre cultura pop, sociedade e indivíduos.

De acordo com os autores, a cultura pop é um espaço de ambiguidade, por apresentar características voltadas para a volatilidade do mercado consumista e da produção massiva dos seus produtos, que suscitaram diversos estudos com críticas a respeito dessa esfera mercadológica, porém, outros aspectos são evidenciados por trás

desse fenômeno, que é sua influência sobre a vida das pessoas em seus cotidianos, alcançando seus modos de vidas, a forma como interage com na constituição da personalidade dos indivíduos, nos vínculos que constitui com o coletivo e com os indivíduos em seus mundos particulares. Nisto consistem os estudos sobre a cultura pop para além da sua aba da indústria cultural mercadológica, o que pressupõe se estabelecer sentidos na vida dos indivíduos. Nesse sentido, as teóricas afirmam que “a cultura pop tem óbvias e múltiplas implicações estéticas, sublinhadas por questões de gosto e valor; ao mesmo tempo em que ela também afeta e é afetada por relações de trabalho, capital e poder (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015, p. 09).

Os vínculos estabelecidos através da experiência dão sentido aos indivíduos, emergidos na realidade circundada pela influência da mídia e da produção da cultura pop, que nesta perspectiva “traduz a estrutura de sentimentos da modernidade, exercendo profunda influência no modo como as pessoas experimentam o mundo ao seu redor” (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015, p. 09), afinal, conforme defendem, a cultura pop é um complexo multicultural, que abrange elementos culturais locais e globais, integrando diferentes tipos de produções midiáticas que contemplam diferentes públicos e gostos.

Não é só uma cultura popular, nem somente uma cultura de massas, mas uma forma de ação midiática de contínua atuação na sociedade, derivada da interação de mídias da comunicação e população, como fio condutor por onde transitam diferentes elementos, ideias, objetivos, que vão ao encontro dos sujeitos e fazem parte de suas vidas de diferentes formas, ora produzindo críticas e compondo a irreverência aos moldes sociais, ora evocando afetos ou

aflorando sentimentos de diversas naturezas, compondo parte do quadro de subjetividades humanas.

Muito além do mercado, muito além do entretenimento, muito além do efêmero, muito além do clichê, da superficialidade e da despolitização – ainda que também portando elementos de cada um destes rótulos – a cultura pop nos desafia enquanto a constelação afetiva da atualidade (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015, p. 15).

Como conteúdos amplamente acessíveis na atualidade pelos muitos meios midiáticos, a cultura pop está em praticamente em todos os lugares da sociedade, nos lares, ambientes de trabalho, ambientes de entretenimento, mas principalmente, na palma das mãos dos bilhões de humanos em todo o planeta por intermédio da internet, tendo os *smartphones* como suporte tecnológicos de aproximação de conhecimento e divulgação cultural. Assim, a cultura pop está cada vez mais presente na vida dos indivíduos, exercendo sua influência sobre elas, fazendo parte de seus momentos importantes na vida.

A Cultura pop pode propiciar diversificadas experiências, pois seus elementos culturais, em períodos históricos, ao mesmo tempo foram vistos como algo contraditórios as normas, por certos grupos, mas também como forma de manifestar os seus ideais sociais por parte de outros segmentos, como no caso do *rock*, onde "ora foi acionado como alienante [...] ora foi agenciado como possibilidade de abertura a trânsitos culturais para além das tradições" (Sá; Carreiro; Ferraz, 2015, p. 15).

O olhar para a cultura pop, apenas pelo ângulo de uma cultura massificada, com o objetivo de obtenção de lucro, tem suas reflexões críticas que ajudam a pensar as formas como a indústria explora esse campo e como esse processo se constitui socialmente. Porém, cabe ao mesmo tempo refletir sobre valores e possibilidades de experiências significativas na construção de sentidos individuais e coletivos, quando os seus elementos se conectam com pessoas e grupos e comunicam aspectos importantes para suas existências. Por isso não se pode desconsiderar a potencialidade deste meio de interação cultural humana.

O artigo *Cultura pop: entre o popular e a distinção*, de Janotti Junior (2015), nos permite compreensões críticas a respeito da cultura pop ao discutir os acionamentos diferenciados e contradições em volta do termo, as possibilidades e construções de experiências a partir das vivências e imersão dos indivíduos na cultura pop. Possibilita entender a ligação da cultura pop com a estética, o artístico, o poético e o econômico, campos de experiências diferenciadas e, portanto, a compreendermos os sentidos produzidos pela cultura pop. Deste modo, o autor discute sobre a cultura pop evidenciando aspectos diferentes daquilo que foi

amplamente difundido sobre esta, como uma cultura de consumo imediatista, produtos indústria cultural, ligada às produções midiáticas e, portanto, com atributos desqualificadores.

Cultura pop, termo criado pela crítica cultural inglesa na década de cinquenta para tentar demarcar, e até certa medida desqualificar como efêmero, o surgimento do rock'n'roll e o histrionismo da cultura juvenil que ali emergia, está relacionado, pelo menos nesse primeiro momento, a possibilidades de alta circulação midiática (Janotti Junior, 2015, p. 45).

Aqui é possível perceber a ideia inicial a respeito da concepção sobre Cultura Pop como um produto cultural mercadológico, resultante da alta circulação na mídia, sem a observância que, mesmo sendo um produto criado para as massas, possui suas características de diferenciação e, as contradições aparecem com a concepção sobre cultura pop como um espaço de valorização da perspectiva artística e aspectos referentes à produção de sensibilidades por meio de experiências com expressões culturais capazes de produzir sensibilidades, representatividades e afetações. Assim, a cultura pop apresenta duas perspectivas, a mercadológica propiciada pela indústria cultural, serial, e a perspectiva que demarca sensibilidade, construções afetivas, experiências, transformações por seus elementos que apresentam perspectivas de comunicação humana e transmissora de mensagens. Isto mostra a capacidade humana de construir e reconstruir a cultura e os sentidos produzidos a partir dela.

Como uma membrana elástica, o pop remodela e reconfigura a própria ideia de cultura popular ao fazer propagar através da cultura midiática expressões culturais de ordem diversas como filmes, seriados, músicas e quadrinhos. A compreensão inicial desses fenômenos como pop já atestava uma das contradições adensadas dessas vivências culturais: [...] o modo como os produtos pops servem para demarcar experiências diferenciadas através de produtos midiáticas, que nem por isso deixam de ser populares” (Janotti Junior, 2015, p. 45).

A citação discute a reconfiguração da cultura pop, agora sob ótica de não impedimento de produção de experiências pelas suas características midiáticas, como uma forma de expressão popular a partir de seus produtos culturais que circulam na mídia. São culturas que permitem experiências, que marcam identidades culturais, representações e representatividades a partir de quem produz e de quem se sente representado nestas culturas.

A observar pela perspectiva acadêmica, como uma construção para o prazer, deleite ou entretenimento, que são características excepcionais para a construção de sentidos, identificamos que existe um universo de possibilidades de experiências e vivências sensíveis, como por exemplo, determinadas linguagem compreensíveis aos que se comunicam por intermédio destes produtos, que influenciam o público, mas que são influenciadas por ele, criando conexões com grupos de artistas, de consumidores, de determinados meios midiáticos

e que levam ao público consumidor diferentes mensagens. A capacidade de produzir diferenciadas experiências se explica por meio da sensibilidade pop e da capacidade de reelaborar os modos de apropriação da cultura.

A Cultura pop é multicultural, cultura que pode valorizar tanto as capacidades artísticas e econômicas, quanto a produção de experiências por parte dos que a recebem e se utilizam dela. Neste sentido é imperativo que se observe neste espaço a possibilidade para construção de interlocuções entre a cultura e as relações étnico raciais, nas produções de sentidos e identidades das pessoas e populações afrodescendentes, propositando o olhar crítico sobre como as populações negras são acionadas através das produções midiáticas na cultura pop e como pessoas racializadas são retratadas neste espaço, como será abordada mais adiante nas análises em histórias em quadrinhos de produção nacional.

Na compreensão de Janotti Junior (2015), a cultura pop é um espaço de encontros entre os aspectos estéticos e econômicos, que "mobiliza uma ampla gama de possibilidades mercadológicas e poéticas, criando tensões entre o que sustenta os valores na cultura pop: altos índices de vendagem, popularidade, diferenciação, distinção, reconhecimento do público ou reconhecimento crítico" (Janotti Junior, 2015, p. 46), ou seja, as duas perspectivas dão sustentação ao que o autor nomeia de "nebulosa afetiva".

A partir do encontros dessas duas perspectivas, a econômica e poética, a genialidade e a criatividade humana podem ser compartilhadas com um universo maior de pessoas e possibilitar uma perspectiva ampliada de grupos de diferentes culturas no âmbito da cultura pop, ultrapassando os limites do local, da origem de determinada cultura, para galgar outros lugares e alcançar visibilidade em níveis globais, uma cultura para habitar o mundo e compartilhar universos culturais distintos, "em que as raízes locais se tornam difusas" (Janotti Junior, 2015, p. 46) por meio da gama de suportes de difusão cultural.

São culturas com distintivos de culturas de grupos, regiões, pensamentos e visões de mundos, carregados de simbolismo e significados, que são apreendidos pelos indivíduos que se afetam e se constroem internamente, assim como por coletivos que se identificam com tais produções tornando-as como parte constitutiva de suas identidades. Deste modo, as motivações econômicas integradas com as motivações poéticas proporcionam a ampliação das expressões culturais populares através dos meios de comunicação, tendo como exemplo as "*graphic novels*" e o "cinema de arte", tipos de produção midiáticas que exploram aspectos artísticos de uma das expressões culturais mais populares do século XX" (Janotti Junior, 2015, p. 46), trazendo para o campo das mídias a cultura que já existe no âmbito popular.

Tais expressões culturais trazem consigo simbolismos e significados, que são apreendidos pelas pessoas. Afetam e constroem sentidos de indivíduos e grupos que se identificam com esses produtos. São espaços para representações relacionadas às vivências, aos dramas, aos conflitos, aos aspectos sociais, históricos, ideológicos, científicos e outros nelas impressos. Expressam os sentidos particulares dos cotidianos dos indivíduos, se constituindo em espaços para representatividades de grupos ou indivíduos, daí a centralidade destes entendimentos na condução da pesquisa que sustentou este trabalho dissertativo, especialmente por proporcionar a compreensão acerca da representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais do século XXI, como uma expressão cultural da cultura pop e amplo consumo pela sociedade.

É a partir desses elementos, proporcionados pela cultura pop que identificamos as características das histórias em quadrinhos e suas potencialidades de representatividade de mulheres negras, articulando elementos da cultura pop, por meio do universo de histórias em quadrinhos, com as relações étnico-raciais e o racismo contra a população negra, analisando de que forma personagens negros/negras são inseridos/as nesse universo e constroem um imaginário de identificação de pessoas negras através das expressões culturais.

São essas novas percepções que dão sustentação às perspectivas afetivas sobre a cultura pop, enquanto cultura com traços mercadológicos e, ao mesmo tempo, com capacidades de desenvolvimento de sensibilidades e afetividades, novos modos de viver, onde “o pop é marcado pelas transformações do popular a partir dos encontros e tensões característicos das modernidades associadas à cultura midiática” (Janotti Junior, 2015, p. 46). É neste campo das tensões entre mercado e construções de sensibilidades, que buscamos compreender como as identidades negras transitam neste espaço e como os produtos da cultura Pop possibilitam a representatividade de mulheres negras a partir da compreensão do racismo como uma construção que está nas bases da sociedade e dá sustentação para as mais diversas formas de segregação racial e invisibilidade de pessoas negras em todas as esferas da sociedade.

Conforme vimos enfatizando neste texto, a cultura pop é uma perspectiva cultural que envolve a possibilidade de articulação entre vários elementos culturais na produção de um novo elemento, que é o modo de experienciar elementos da cultura, relacionados com elementos de culturas já existentes na para a produção de novos elementos culturais, a partir do uso de aparatos tecnológicos e midiáticas. É uma cultura que aciona ao mesmo tempo vários “distintivos” para a sua produção, incluindo públicos, lugares, e modos de reelaborar a cultura a partir de cada tempo, como por exemplo:

Há então um forte acento pop quando gêneros musicais como o pagode romântico e o forró eletrônico adicionam às poéticas do samba e do forró texturas sonoras oriundas do universo sônico do pop-rock global. A inclusão de instrumentos como contrabaixo amplificado, guitarra, teclados e bateria vão materializar não só um embate entre modernidade/tradição, bem como buscas por ampliação de público, transformação de referenciais estéticos e trânsitos entre sensibilidades locais e globais (Janotti Junior, 2015, 2015, p. 46).

Como se vê a partir dessa citação, o pop-rock global se entrelaçando com outros gêneros musicais locais, proporciona uma ampla diversificação no modo de produção musical, nos arranjos instrumentais de cada estilo musical, mas principalmente, proporciona novos sentidos na música, novas referências e o alcance maior de público, levando mensagens, acionamentos de grupos, criando referências no mundo da música e tantos outros aspectos. Existe em torno do pop, possíveis articulações que agregam diversos gêneros, gostos, personalidades, públicos e tantos outros aspectos que se interligam e se conectam em seus novos modos de produzir cultura.

São novos modos de reelaborar a cultura que mesmo inovando mantém suas gêneses. Essas novas elaborações não estão isentas de simbolismos, significados e sentidos, tanto individuais quanto grupais, nos quais incidem ideias, visões de mundo, compreensão de realidade, construções históricas e interações, transitando por este espaço. São esses espaços que se constituem portas ou brechas para busca de valorização da população negra e para a desconstrução do enraizamento do racismo na sociedade, buscando continuidade, por exemplo, com as identificações culturais negras no seu âmbito local, pois a cultura pop é o lugar em que transitam o local e o global.

Percebemos que a cultura pop tem sua dinâmica própria, que articula o global e o local e nem por isso deixa de produzir sentido e afetividade naqueles que se apropriam de tais produções. Nesse modo diferenciado transitam “microcosmos culturais” (Janotti Junior, 2015, p. 48) contendo em si ideias que fundamentam seus universos. Nesse sentido, é importante que se compreenda a forma como o racismo, enquanto uma construção histórica, cultural e social, se estabelece nestes locais e como provoca a invisibilidade da pessoa negra no impedimento da produção identitária. Esses aspectos ‘pops’ merecem ser considerados em análises, pois o “valor no mundo pop está interligado aos acionamentos estéticos dessas circulações e das conexões entre mercado e poética, gosto e valor econômico” (Janotti Junior, 2015, p. 51), agregando valor mercadológico, mas também valores de sensibilidade humana.

A respeito dos acionamentos estéticos, das conexões entre mercado e poética, gosto e valor econômico, podemos compreender que se tratam de elementos que estão interligados no espaço da cultura pop, sendo compreensível supor que nesse emaranhado campo de diversos

valores, exista conflitos ou tensões sobre os diversos tipos de pensar o mundo, pois nesses percursos e itinerários culturais circulam muitos micromundos e com eles suas ideias e representações culturais com diferentes saberes, assim como sua ligação com as diversas áreas de conhecimentos produzidas pela humanidade.

Deste modo, cultura pop, pelo que se percebe, não é apenas um tipo de produção cultural, mas é um lugar por onde transitam diversos mundos culturais, onde as diversas expressões culturais, formas de pensar e de compreender o mundo trafegam tendo as mídias como ferramentas de difusão dessas produções, sejam elas mídias tradicionais ou mídias da internet. É lugar em que diversas áreas de conhecimento e suas respectivas ideologias dão sustentação às suas produções culturais, seja na música, no filme, nos shows televisivos, nos *games*, nos eventos que reúnem pessoas no mundo inteiro ou em tantas outras formas de cultura, tais como as histórias em quadrinhos em seus diversos estilos e formatos, onde será ancorada a próxima discussão, buscando evidenciar como este produto cultural pode manifestar interesses que vão além do mercado da indústria cultural ou de cultura para as massas, possibilitando a construção de conhecimentos e disseminação de ideias de várias áreas humanas. É o lugar de possíveis reivindicações e mudanças nas perspectivas de representações e representatividades étnico-raciais.

Essa busca por olhares diferentes para a cultura pop como espaço de sensibilização mostra-a como um lugar de tensões e lutas nos campos ideológicos, artísticos e tantos outros modos de produção de conhecimentos, onde diversas manifestações, com expressões culturais e identidades de grupos, povos, segmentos sociais e suas culturas variadas se compõem o quadro do mundo pop, o que lhe constitui como lugar para as reivindicações culturais de representatividade negra, possibilitando caminhos ou itinerários construtivos, com ideais de transformações sociais e suplantação do racismo em suas variadas formas de manifestação, nas quais a perspectiva étnico-raciais pelos direitos e reconhecimento das pessoas negras, cria novas formas de pensar, ampliando as compreensões humanas contra o germe do racismo. Assim, compreende-se a cultura pop como o lugar para se pensar diversos aspectos da sociedade e dos conhecimentos humanos.

Neste sentido, em artigo que discute as histórias em quadrinhos e sua articulação com aspectos filosóficos e sociais, mediante seu caráter crítico, comunicacional, cômico e outros apresentados a partir de seus enredos, o que acontece porque as histórias em quadrinhos trazem em si potencialidades que possibilitam a transmissão de conhecimentos, seja qual for o seu

campo ideológico, Silva (2021), oferece compreensões sobre aspectos filosóficos contidos em temas do universo da cultura pop.

Aspectos da área da Filosofia estão impregnados de elementos da cultura pop possibilitando compreender que o mundo não é um campo separado, nem que exista formas únicas de compreender a realidade. Através da cultura pop, se observa a interação de elementos da área da Filosofia entranhados nas narrativas de cultura pop, de forma a mostrar que conhecimento produzido em outras áreas podem estar presentes nos diversos produtos da cultura como, por exemplo, em histórias em quadrinhos, filmes, novelas e outros. Deste modo é perceptível que os estudos a respeito da cultura pop neste momento histórico, abrangem um quadro amplo, investigando as contribuições deste campo de conhecimento para a realidade humana.

De acordo com Silva (2021), as pesquisas científicas em diversos campos de conhecimento sobre aspectos relacionados com a cultura de massa ou a “arena da cultura pop” foram importantes para a compreensão a respeito desse espaço de comunicação multilinear, um conglomerado de expressões culturais, linguísticas, comportamentais, de diferentes comunicações, o que possibilitou superar e ultrapassar o limite de estudos e abordagem com interesses preferencialmente na produção, mercado e consumo dos produtos da cultura pop, assim comportamentos de seus grupos consumidores. Sob novas perspectivas de estudo é possível compreender como a cultura pop tem influência direta na vida das pessoas e se relaciona com estas em seus cotidianos a partir de suas perspectivas históricas, filosóficas, científicas e tantos outros.

É possível ainda, de acordo com Silva (2021), a percepção sobre o resultado das mudanças ocorridas no campo intelectual do século XX, que impulsionaram o interesse no campo acadêmico pelos estudos sobre vários aspectos da cultura pop, resultando no século XXI em uma tendência diferenciada de abertura para investigações acadêmicas sobre a realidade da cultura pop, com novas abordagens em diversos campos de conhecimentos. O autor se utiliza de uma frase, retirada de uma história em quadrinhos, para expressar suas compreensões sobre as mudanças ocorridas: “Em suma, parafraseando Warren Ellis, em *Planetary*, podemos afirmar que o mundo acadêmico do século XXI está mais estranho e precisamos mantê-lo assim” (Silva, 2021, p. 08), com possibilidades construtivas de novas produções de conhecimento.

Nos estudos acadêmicos, dentre vários elementos que circulam e que trazem em si referências sobre muitos contextos e realidades no âmbito da cultura pop, podemos destacar trabalhos com as histórias em quadrinhos, como um lugar em que autores quadrinistas usam de

suas capacidades artísticas, intelectuais e criativas, para expressar suas visões de mundo, suas críticas, suas sensibilidades, suas afetações, partilhando similaridades e antagonismos com outros iguais e tantos outros aspectos, que podem ser analisados sob a ótica das diversas áreas de conhecimento. Silva et al (2021), no artigo sob o título *Ironia, crueldade e solidariedade: uma leitura neopragmatista de Charlie Brown, Mafalda e Xaxado*, apresentam conceitos referentes ao campo da filosofia que são contemplados nas narrativas de histórias em quadrinhos enquanto elemento da cultura pop a partir das perspectivas filosóficas neopragmatistas, de Richard Rorty.

Segundo os autores, as histórias em quadrinhos em análise apresentam “noções filosóficas de ironia, crueldade e solidariedade do neopragmatista Richard Rorty a partir do contexto não-filosófico” (Silva, et al, 2021, p. 10), proporcionando compreender como o mundo da cultura pop traz em seus elementos conceitos diversos, compreendidos sob perspectiva de outras áreas de conhecimento como neste caso, do campo da filosofia neopragmatista. Segundo os autores, a perspectiva filosófica rortyana “não concebe hierarquia entre interpretações distintas. Isto é, para ele não há interpretações (legítimas) e superinterpretação (ilegítimas), mas apenas usos” (Silva, et al, 2021, p. 10).

Deste modo, a leitura e interpretação das histórias em quadrinhos a partir das suas imagens e textos, não constitui tarefa inferior aos complexos e rebuscados textos dos campos teóricos e filosóficos, desestigmatizando áreas de conhecimentos vistas como inferiores. A partir dessa perspectiva de uma não hierarquização de conhecimentos ou de culturas, é possível ampliar a compreensão de que os conhecimentos humanos têm suas aplicabilidades, de acordo com as necessidades que eles são requeridos, de acordo com cada contexto, não inferindo sobre os conhecimentos juízos de valor, mas, de utilidade, onde é aconselhável o “o uso de narrativas em detrimento de teorias para fins edificantes, terapêuticos e conversacionais” (Silva, et al, 2021, p. 10).

Os conceitos de ironia, crueldade e solidariedade, analisados por Silva, et al (2021), nas respectivas histórias em quadrinhos Charlie Brown, Mafalda e Xaxado, demonstra como os autores de tais produções quadrinistas eram pessoas que possuíam um alto senso crítico, abordando aspectos relevantes da sociedade, nos quais, estão inseridos os conceitos de ironia, crueldade e solidariedade, em uma perspectiva fora do campo da filosofia, porém com um alcance popular que as teorias filosóficas e seus textos rebuscados certamente não chegariam. “Dessa maneira, podemos pensar na necessidade de se admitir novos vocabulários, novos jogos de linguagem, novas literaturas apenas com o objetivo de aprimorar as práticas sociais

humanas” (Silva, et al, 2021, p. 14), como ocorre nas histórias em quadrinhos, em específico, mas também no espaço da Cultura pop de forma ampla.

Através da leitura das histórias em quadrinhos, leitores/as conseguem extrair os conhecimentos implícitos nestas narrativas com mais facilidade, pois, esse gênero narrativo aborda questões referentes às problemáticas da vida e do cotidiano de forma compreensível pelo leitor, possibilitando uma fácil identificação com as histórias. Por exemplo, a respeito da Turma do Charlie Brown e a ironia, os autores evidenciam o seguinte:

A princípio, a ironia se dá nas características dos próprios personagens, mas também podemos identificar traços irônicos nos questionamentos e tramas, sempre transpassados por sentimentos como tristeza, alegria, euforia, frustração, raiva e felicidade (Silva, et al, 2021, p. 16).

Aqui é possível ver como as histórias em quadrinhos se constituem narrativas com capacidade de levar ao seu leitor questões intrínsecas aos dilemas da vida humana, que no campo da cultura pop oportuniza reflexões pertinente à forma como os indivíduos se constituem internamente, em suas personalidades.

Neste momento, o propósito não foi delinear os aspectos contidos nas análises de cada história em quadrinhos apresentada por Silva, et al (2021), nem discutir sobre o potencial de tais narrativas como ferramentas sociais, como será abordado mais adiante, porém evidenciar como o ambiente da cultura pop é um espaço de construção de conhecimentos no meio acadêmico, um campo privilegiado pela elite intelectual, que atestam aspectos importantes da cultura pop para a sociedade e para o indivíduo, como se pode conferir através destes trabalhos realizados no âmbito de pesquisas científicas, em várias áreas de conhecimento. As análises realizadas a respeito da cultura pop no campo acadêmico e intelectual permitem a compreensão das diversas possibilidades de construção experiências e produção de conhecimentos por intermédio da cultura, em sua grande diversidade, que transita nesse espaço.

A cultura pop é uma via de integração entre o global e o local que merece especial atenção em função do comportamento humano diante das tecnologias digitais e virtuais, conectando o mundo, de modo que as particularidades culturais de determinado grupo ou sociedade sejam conhecidas e compartilhadas por indivíduos de espaços e tempos diferentes, produzindo informação, conhecimento e compartilhamento de experiências em níveis imensuráveis, se se considerar o alcance da mídia digital, virtual, na atualidade.

Com essas análises não se pretende descartar a necessidade de posicionamentos e análises críticas em torno dos muitos aspectos da cultura pop, nem negar os conflitos gerados pelas configurações da própria composição do mundo pop, mas vicejar as suas contribuições e

possibilidades, permitindo o olhar para as duas faces da moeda. A cultura pop, como qualquer elemento cultural, estar impregnada de diversas ideologias presentes em diferentes contextos culturais, porém, é ao mesmo tempo, espaço com infinitudes de possibilidades de uso, com atributos importantes, que podem ser aproveitados em várias direções, visto que é um espaço de múltiplas construções. Deste modo é preciso compreender que existem diferentes modos de transitar pela cultura pop, principalmente em tempos de amplo acesso à internet com exposição de produtos culturais carregados de sentidos e falando suas próprias linguagens.

A utilização desses conhecimentos permite pensar os elementos da cultura pop para diversas finalidades sociais, denotando a importância de se demarcar essa área de estudos pela busca da compreensão, valorização e utilização da cultura pop como um lugar de encontro entre diversas perspectivas de saberes culturais, como um misto de tradições, ideias, conhecimentos, visões de mundo e realidades socioculturais distintas, aproximadas pela cultura pop, como as histórias em quadrinhos, um elemento que é pop, que influencia o mundo pop, por meio de suas narrativas, personagens, estilo, entre outros aspectos, e que retratam contextos socioculturais diversos permitindo possibilidades de experiências para além do recreativo, entretido, embora essas questões sejam essenciais na vida do indivíduo.

As histórias em quadrinhos como um elemento da cultura pop, traz em si características que denotam particular atenção em face da capacidade de agregar grandes públicos em tornos de suas narrativas, influenciando mídias como Cinema, TV, Teatro e outros, agregando neste formato narrativo diferenciado, possibilidade de exercitar a capacidade criativa e reflexiva dos indivíduos por meios das suas características peculiares formativas.

Neste sentido, histórias em quadrinhos são narrativas com características específicas, propondo leituras diversificadas, tanto pelo aspecto das produções imagéticas e verbais quanto pelo teor de suas propostas formativas, expressando diversos conhecimentos humanos nelas inseridos. A sua forma diferenciada de narrar histórias através de desenhos e de textos em sequência, proporcionou apreciação por parte de grandes públicos mundiais, mas também, incômodo por parte de grupos que se sentiam desconfortáveis em ver, literalmente, aspectos da realidade cultural e social evocadas em seus enredos, que soavam como críticas, denúncias, cobranças, questionamentos a respeito de aspectos sociais e culturais, tais como o abandono, a pobreza, a corrupção, os conflitos sociais, as aflições existenciais e mais uma infinidade de situações que poderiam ser retratadas através deste produto cultural.

A este respeito serão feitas leituras bibliográficas em autores que nos permite refletir sobre a trajetória histórica das histórias em quadrinhos, buscando visualizar nelas espaços para

construção de compreensões sobre aspectos sociais, abordagens filosóficas, ferramentas pedagógicas e a produção de significados e sentidos, o que pode torná-las ferramentas para auxiliar na redescrições de contextos marcados pelos conflitos culturais e sociais.

2.3 A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO: ESPAÇO DE CRÍTICA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Conhecer a história das histórias em quadrinhos é um aspecto fundamental para compreender a importância dessa prática cultural no âmbito das construções de representatividades sociais. Conhecer como se deu a sua expansão mundial, a sua influência para as mídias sociais, para os meios de comunicação, assim como a sua utilização na indústria cultural. Esta compreensão é fator primordial para que sejam analisados aspectos ou características, que permitiram tamanha ascensão como um produto da cultura popular, que, mediante a sua aceitação e alto consumo por parte sociedade como um todo, passou a compor o cenário da indústria cultural dos quadrinhos mundial e, ao mesmo tempo, compor o quadro de objetos que funcionam como espelho da sociedade.

Moya, (1996) em seu livro *História da história em Quadrinhos*, traz um panorama histórico a respeito das histórias em quadrinhos, mostrando a sua trajetória de desenvolvimento marcada pela produção de sentidos sociais e individuais, tanto pelas características distintas do tipo narrativo, quanto pela forma de abordar a sociedade e o indivíduo por meio dos enredos. Moya (1996), proporciona conhecer como se deu o surgimento das histórias em quadrinhos, a sua trajetória ao longo do século XIX e XX, a sua produção, comercialização, consumo, assim como da censura e dos preconceitos, por parte de grupos diversos, como por exemplo no período pós Segunda Guerra Mundial, visto que, pela facilidade de chegar aos diversos públicos, serem acusadas de instrumento de conspiração social, se constituindo objeto de vigilância e de controle por parte daqueles que governam as sociedades, em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, um país produtor, importador e consumidor de histórias em quadrinhos.

No sentido de contribuir com o conhecimento sobre a história e o potencial formativo das histórias em quadrinhos, Vergueiro (2004) apresenta excelente compreensão a respeito dos quadrinhos, principalmente, no que diz respeito à sua linguagem e a sua utilização como ferramenta pedagógica no campo do ensino. Essas características mostram as histórias em quadrinhos, como um elemento da cultura pop, que transcende ao superficial, industrial e o meramente comercial, atingindo o ponto de significado que construiu durante o seu percurso

histórico, representando uma das principais formas de expressões artístico cultural que se conectava com os públicos de várias classes sociais, com potencialidade para formação de opinião e observação sobre os contextos cotidianos que geralmente alimentam as narrativas. Assim, compreende-se a dualidade das histórias em quadrinhos como cultura pop. Uma cultura que apresenta a dimensão de um produto ou de uma mercadoria altamente vendável, assumindo os ganhos financeiros como um dos motivos que impulsiona a produção quadrinista, mas que também se debruça sobre as questões humanas, sociais e culturais, em seus diversos aspectos, tanto no sentido que reforçar a concepções hegemônicas na sociedade como de confrontá-las e propor rupturas enquanto espaço de resistência. Essas características se dão fundamentalmente pelo seu poder enquanto um instrumento de comunicação integrando uma linguagem específica, que permite compreender facilmente a proposta da mensagem por parte do leitor e por sua capacidade de permitir que o leitor tenha uma certa autonomia na construção da narrativa e na produção de sentidos.

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica (Vergueiro, 2004, p. 08)

A forma como o elemento gráfico é trabalhado pelo artista, facilita compreensões ordenadas nas leituras, características que seguem desde sua origem, seguindo uma lógica de leitura tanto dos quadros das imagens quanto dos textos, o que faz do elemento gráfico não apenas uma contemplação, mas que insere o sujeito nas situações da ficção/realidade nelas contidas, fazendo possíveis abstratas significações.

Adentrando no percurso histórico, as primeiras histórias em quadrinhos, segundo Moya (1996, p. 07), surgiram no ano de 1827, a partir das criações do artista suíço Rodolphe Töpffer, com os quadrinhos M. Vieux-bois (1827), “chamados de literatura em estampas”. Também conhecida por outros nomes como “história em imagem” e “romances caricaturados”, era constituída da arte gráfica complementada por um sucinto texto, proporcionando uma leitura aprofundada e uma compreensão da essência da criação do autor, principalmente por meio das imagens.

Ainda num formato diferente do atual, a nova arte foi notória e chamou a atenção de grandes personalidades da época, um deles, o grande crítico da literatura alemã, Johann Wolfgang Von Goethe, que de acordo com a descrição de Moya (1996, p. 09) não se privou de desferir elogios ao artista, que demonstra “talento e espírito” na sua arte. Seguindo o mesmo sentido, destaca que “Goethe amou um dos primeiros trabalhos, pequenos álbuns que ele lia de

dez em dez páginas, para não dar indigestão de ideias” (Moya, 1996, p. 09). A notoriedade e admiração pelas histórias em quadrinhos não ficou apenas no momento inicial, mas acompanhou o percurso histórico desta até a atualidade.

A forma de interligar imagem e texto, reproduzindo uma leitura dinâmica, ativa e com possibilidade de interpretar cenários, é o grande diferencial nas histórias em quadrinhos. A imagem e o modo como ela é inserida na narrativa, é a principal característica dos quadrinhos e a esse despeito, Moya (1996, p. 09), traz uma fala do crítico Goethe, que desfere elogios ao modo como a representação através dos quadrinhos promove apreciação por parte do leitor: “Os desenhos, sem este texto, teriam um significado obscuro, o texto, sem o desenho, nada significaria. O todo, junto, forma uma espécie de romance, um livro que, falando diretamente aos olhos, se exprime pela representação, não pela narrativa”. O diferencial das histórias em quadrinhos é a forma como ela conduz a narrativa, criando condição potencial de envolver o leitor.

Vergueiro (2004), destaca que a imagem gráfica, enquanto elemento fundamental da comunicação humana, possui a capacidade de traduzir ideias, pensamentos, ou comunicar de forma compreensível e interativa a mensagem a ser transmitida. É um recurso cultural amplamente usado pelas sociedades desde tempos remotos, que continua a fazer parte da humanidade de forma mais significativa e que proporciona uma assimilação fácil por parte dos interlocutores com este gênero literário. O autor afirma que, mesmo com o desenvolvimento da escrita, as imagens gráficas fazem parte da vida cotidiana da humanidade, traduzindo momentos, situações, manifestações, tanto da realidade como dos aspectos inerentes aos seres humanos, pois, de acordo com o adágio popular “uma imagem fala mais do que mil palavras” (Vergueiro, 2004, p. 09) e revela o que as palavras muitas vezes não dizem.

Assim, o surgimento da história em quadrinhos é marcado por essa perplexidade da forma criativa de produção e de consumo ou apreciação, representando contextos, perspectivas autorais e públicos-alvo e, principalmente e o mais importante, envolvendo o seu leitor para assumir seu papel na leitura, o papel de intérprete das tramas narrativas. Aqui é importante destacar que esta característica de envolver o leitor para assumir um papel na narrativa, esforçando-se de certo modo para compreender o enredo por meio de duas linguagens, fazendo abstrações e ao mesmo tempo conexões com a realidade, ainda que de forma inconsciente, faz pensar as histórias em quadrinhos para além do simples ato de entreter, divertir, deleitar, embora isto seja o que move o leitor, mas como um instrumento para formar conhecimentos, consciências, opiniões, através dos conteúdos abordados, servindo como instrumento de

comunicação. A este respeito, Vergueiro (2004), permite compreender que a imagem gráfica, central nas histórias em quadrinhos, é um instrumento historicamente predominante na comunicação, principalmente com o surgimento da “indústria pictórica”, desempenhando funções no campo social, e um importante ferramenta usada para “a doutrinação religiosa, a disseminação de ideias políticas, passando ainda pelo simples entretenimento”(Vergueiro, 2017 p.10).

Comentando acerca das possibilidades das histórias em quadrinhos como veículo de concepções ideológicas, crenças, filosofias, valores sociais, e outras expressões culturais, Silva (2016), ajuda a entender como os as histórias em quadrinhos podem ser potenciais formas de manifestações culturais, de como as diferentes realidades e contextos se apresentam em suas produções, como ocorre em outros elementos da cultura pop, já mencionados anteriormente, que são fatores importantes a ser observados no percurso da história das histórias em quadrinhos.

O autor através do artigo intitulado *Histórias em quadrinhos, filosofia pop e filosofia política: a América da Liberdade versus os Estados Unidos da Verdade em “Uncle Sam”*. Silva (2016), traz análises de uma história em quadrinhos a partir da filosofia pop e da filosofia política, contidas nas narrativas. O interesse não é discorrer sobre as filosofias ou teorias sociais analisadas pelo autor, nem tão pouco fazer uma análise sobre os quadrinhos selecionado pelo autor, mas mostrar que, através das análises de Silva (2016), que é possível encontrar diversas perspectivas teóricas alicerçando as construções narrativas dos quadrinhos.

Silva (2016), demonstra que diversas áreas de conhecimento realizaram leituras críticas sobre histórias em quadrinhos, a partir de suas respectivas abordagens teóricas, em diversos períodos do século XX e XXI, a partir de “aportes teóricos do marxismo (Marx, Escola de Frankfurt, Althusser), da semiótica (Peirce, Eco) e da semiologia (Saussure, Barthes, Propp)” (Silva, 2016, p. 93), evidenciando as ligações das histórias em quadrinhos às diversas influências nos contextos sociais. O autor menciona ainda outras abordagens, como áreas que analisam criticamente as histórias em quadrinho, mais especificamente das décadas de 70 e 80, até meados dos anos 90 do século XX, seguidas das leituras críticas a partir dos anos 2000.

Em grau menor, também era possível encontrar artigos esparsos que discorriam sobre o quadrinho a partir de outros aportes teóricos, como a Psicanálise (Freud, Jung), a Fenomenologia (Husserl, Merleau-Ponty), o Existencialismo (Sartre), além de estudos baseados em autores isolados como: Nietzsche, Heidegger, Bachelard e Deleuze (Marny, 1970; Neotti, 1971; Cagnin, 1975; Moya, 1977; Luyten, 1985; Eco, 1993; Cirne, 2000). (Silva, 2016, p. 93).

A partir dessa citação é possível compreender a variedade de estudos e concepções teóricas que abordam criticamente as histórias em quadrinhos em função destas conterem aspectos culturais e sociais de relevância para a sociedade, despertando não só os críticos literários, mas críticos acadêmicos de vários períodos, evidenciando as proposições autorais em torno das questões sociais e culturais. Silva (2016), evidencia, através das suas pesquisas, reivindicações sociais reclamadas pelos autores quadrinistas, que se adequam a determinadas áreas de conhecimentos dentro da sociedade, o que permite refletir sobre o propósito e a intencionalidade que existe por trás de cada produção de histórias em quadrinhos, como se vê a seguir.

Desse modo, tal como o Tio Sam idealizado para reivindicar sua “consciência social sobre a América”, na perspectiva de Darnall e Ross (1998), a noção de Liberdade defendida por Rawls (2000) e Nozick (1991) nem sempre possui traços definidos e conciliadores: seus matizes, assim como seus contrastes, ora advém do Liberalismo, ora do Libertarismo (Silva, 2016, p.105).

Esta característica de expressar o cotidiano e os anseios sociais ou culturais em seus diversos aspectos seguem como uma constante, mesmo com as reelaborações culturais de costumes, ideias, tecnologias, e principalmente, a globalização com a internet. Diferentes perspectivas de pensar a realidade são retratadas por meio das histórias em quadrinhos. Acreditamos que isso faz das histórias em quadrinhos uma ferramenta contínua de reivindicações, seja no campo social seja no campo individual.

As histórias em quadrinhos, de acordo com Vergueiro (2004, p.10,) foram se aprimorando, ou melhor, se modificando de acordo com o tempo e os contextos, acompanhando o ritmo da "indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentados em uma sólida tradição iconográfica", principalmente com relação aos elementos “tecnológicos e sociais”, aliando criatividade humana e recursos materiais. Silva (2016), reforça essa constante modificação das histórias em quadrinhos, o que decorre em face das modificações tecnológicas e das exigências dos contextos sociais de cada período.

A transformação constante das HQs e a permanente vividez de sua arte e de sua narrativa é, conforme acreditamos, um feliz resultado da evolução técnica/tecnológica (repografias, desenhos, fotografias, colagens e diversas técnicas de pintura) e dos recursos textuais (estilística, simbolismos, formas literárias e vários elementos linguísticos) combinados com a primazia da liberdade criativa de roteiristas e desenhistas que usam a arte, o balão, a legenda e a onomatopeia para expandir as dimensões do conteúdo e da forma (Silva, 2016, p.95).

As modificações técnicas ou textuais, ocorridas no percurso histórico não modificaram a característica de expressar as percepções da realidade que residia nas primeiras histórias em

quadrinhos produzidas no século XIX, o se percebe é que desde o surgimento das histórias em quadrinhos até o período atual, se insere no contexto social despertando o interesse seja pelos aspectos narrativos, levando ao apreço do leitor, seja pelos aspectos críticos que despertam interesse sobre as impressões culturais e sociais nelas contidas.

Moya (1996, p. 07), descreve o entusiasmo crítico resultante da arte criada pelo artista Rudolfo Töpffer, ainda no surgimento das histórias em quadrinhos, em que o seu talento foi descrito como "verdadeiramente muito louco, crepitante de talento e de espírito". Essa intensa emoção que despertou o senso do crítico Goethe no século XIX, continua na criação artística de muitos quadrinistas, expandindo suas culturas ao redor do mundo, uma arte “que reduz os personagens a nada mais do que bonecos na vida cotidiana diante dos problemas comuns” (Moya, 1996, p. 10), e certamente possibilita, inclusive, sua introdução nos espaços formativos educacionais, favorecendo a “aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas” (Vergueiro, 2004, p.17). Essa leitura sobre as histórias em quadrinhos, como uma arte capaz de produzir conhecimento sobre o mundo, mostra o quanto está conecta o cotidiano com a ficção.

Esta capacidade de conectar o mundo real aos impressos nas suas narrativas ficcionais qualificam as histórias em quadrinhos como um veículo de conhecimento dentro do campo cultural e social. Nessa perspectiva compreendemos que as ideologias sociais e as tensões culturais se manifestam de várias formas através das histórias em quadrinhos. A partir do seu percurso histórico, é possível ver como as histórias em quadrinhos estão intimamente ligadas às diversas concepções ideológicas dos contextos nas quais elas foram produzidas.

Moya (1996, p. 19), relata o quanto era incômodo para parcelas da sociedade retratar em jornais de grande circulação nos centros urbanos do século XIX, os “becos e a pobreza” da cidade de New York, nos quadrinhos de 1895 nos Estados Unidos, como o menino vestindo um camisolão amarelo sujo, fazendo traquinagens pelas ruas de Nova York, retratando as “favelas (becos)” da cidade.

A presença de personagens negros como protagonista nas histórias em quadrinhos, de acordo com Moya (1996, p.23), foi um marco realizado pelo autor Outcault em 1901, que lança uma história em quadrinhos chamada de *Poor Lil' Mose*, “refletindo o interesse do autor pelas crianças negras de seu país”, o que no final do século XIX e início do século XX, talvez constituísse um feito desafiador, polêmico, em face da opressão racial norte-americana, mas cumpre uma das qualidades das histórias em quadrinhos, mostrar determinados temas na sociedade de forma sensível, crítica, desafiadora, questionadora e de forma compreensível ao

leitor.

No século XIX, as críticas sociais em torno das questões raciais nas histórias em quadrinhos parecem bem tímidas, pois a população negra geralmente era representada de forma caricata. A crítica a ou a desconstrução do racismo já dava sinais nas histórias em quadrinhos enquanto uma mídia popular, ou pelo menos acena às ideias de justiça social. Considerando o contexto Norte-americano e o racismo institucionalizado, a utilização das mídias, pressupõem-se, tinha o sentido de reforçar o preconceito. Uma história em quadrinho cujo protagonista é um menino negro pode ser considerado, para este período, uma ousadia do quadrinista americano Richard Felton Outcault, no combate ao racismo, constituindo-se crítica social, uma característica que povoa as histórias em quadrinhos em sua construção histórica.

De acordo com as compreensões em Vergueiro (2004), as imagens, os desenhos, as gravuras, os símbolos, que retratam os cotidianos nas produções de histórias em quadrinhos, fizeram parte das primeiras experiências de comunicação humana, gravadas sobre rochas, “paredes de cavernas”, ou em artefatos, que retratavam seus diferentes contextos, mantinham a cultura como história para as gerações futuras, exercitando ao mesmo tempo sua capacidade criativa, que, de tal modo, desperta interesse até aos dias atuais.

Assim, quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens (Vergueiro, 2017, p. 09).

Nas histórias em quadrinhos, o leitor não é apenas um decifrador de códigos linguísticos, mas um leitor das representações, tornando-se um sujeito ativo, ao fazer a conexão entre as imagens e a cultura desvelando os sentidos ali existentes, em que “uma imagem fala mais do que mil palavras” (Vergueiro, 2004, p. 09) e traduz o que as palavras não conseguem dizer.

De acordo com Vergueiro (2004, p. 9), o desenvolvimento da comunicação, por meio da escrita, marcou a história, “pois o novo sistema permitiu ampliar quase que ao infinito as possibilidades de composição e transmissão de mensagens e atingir um grau de comunicação que o desenho, isoladamente, não conseguia atingir”. Deste modo, a junção da imagem com a linguagem verbal, torna-se um ícone, principalmente com a criação da “indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas” (Vergueiro, 2004, p. 10), culminando na comunicação de massa e na expansão cultural das histórias em quadrinhos.

Vale lembrar que humor, ou seja, a comicidade, era uma das características mais presentes nas primeiras histórias em quadrinhos, não desprovido da seriedade no trabalho, publicadas principalmente em tirinhas ou tiras em jornais nos centros urbanos, para rir, mas

traziam também outros gêneros como suspense, aventura, romance e outras manifestações, lançadas em revistas, álbuns, livros de bolsos e outras formas impressas.

As primeiras histórias em quadrinhos não possuíam todos os elementos das histórias em quadrinhos da atualidade, mesmo já existindo os seus “códigos próprios”. Estas transformações foram acontecendo ao longo do tempo. No início, o artista “inseria um texto (de excelente qualidade literária) sobre seus quadros. Usava ângulos inusitados, movimentos acelerados, técnicas de silhuetas. A ação ligava os quadros” (Moya, 1996, p. 12). A arte dos quadrinhos era uma expressão artística que demandava técnica e dedicação, assim como atualmente.

As histórias em quadrinhos, além de serem uma mídia popular, serviam como inspiração para a arte cinematográfica. A padronização era um referencial e, conforme Moya (1996, p. 10), “já existia no século XIX uma standardização dos estilos”. O formato dos quadrinhos na narrativa, passaram a assumir um comportamento que seria adotado posteriormente pela arte cinematográfica, o movimento em sequência da esquerda para a direita, criando assim um formato de leitura, “uma linguagem em pantomima, numa sequência de imagens em continuidade, tal como o cinema viria a tornar popular com os movimentos vindos em sequência da esquerda para a direita, como em fotogramas verticais da sétima arte” (Moya, 1996, p.14), uma compreensão de como as histórias em quadrinhos se movimentam e inspira outros campos de produção artística, como o cinema, o teatro, a música e outros.

As histórias em quadrinhos como conhecemos, no formato atual, tiveram origem, de acordo com o Moya (1996), no ano de 1895, surgindo a primeira história contínua e com personagem fixo, sendo publicada semanalmente, e, principalmente, segundo Moya (1996), a linguagem verbal inserida dentro de balões, se tornando um elemento constitutivo da linguagem dos quadrinhos. Assim, o quadrinista Richard Felton Outcault “deu forma definitiva e continuada ao fenômeno que outros artistas fizeram no passado, proporcionando assim nascimento à linguagem dos *comics*” (Moya, 1996, p. 18), criando um vínculo, uma interação maior do leitor e uma expectativa das produções seguintes.

A expansão dos quadrinhos pelo mundo se dava tanto pela exportação dos originais produzidos pelos artistas e distribuídos para outros países, assim como pelo surgimento de novos quadrinistas em cada país do mundo. Nesse movimento de expansão não houve retrocesso, a cada década, mais artistas adentravam ao comércio das artes quadrinistas, com ilustrações próprias ou traduzindo as importadas de outros países.

Estas distribuições ocorridas por meio de empresas chamadas de *Syndicate*, que comercializam materiais impressos como jornais, revistas, artigos, jogos e outros materiais, era

uma prática que possibilita uma espécie de atualização sobre o que acontecia em outras partes do mundo, como ideias, revoluções, desenvolvimento tecnológico, industrial, comercial e cultural, uma espécie interculturalidade. Assim, as histórias em quadrinhos tanto expandiram nos formatos de produção quanto nas distribuições em torno do mundo, se tornando “veículos de maior sucesso no mundo das comunicações: os *comics*” (Moya, 1996, p. 12), como uma forma de globalização dos quadrinhos.

O que se pode compreender até o momento é que desde o surgimento das primeiras histórias em quadrinhos estas se modificaram de acordo com a dinâmica cultural, quanto se expandiram pelo mundo, se tornando um grande veículo de comunicação. As características de críticas, através da sua capacidade de abordar temas sociais, questões de caráter ideológicos, além de apresentarem características de cada contexto histórico nas quais foram produzidas, demonstram os quadrinhos como ferramenta potencial para experiências no indivíduo e mudanças sociais, transmitindo seus valores, crenças, visões de mundo, apresentando a ficção entrelaçada com o cotidiano, reproduzido de forma entretida, o contexto de diversas culturas e seus respectivos grupos.

As histórias em quadrinhos podem ter um caráter político e ideológico na sociedade, através das questões que estão implícitas e implicadas na sua construção. Foi esse poder, que resultou décadas mais tarde, numa escalada internacional de censura às histórias em quadrinhos, como consequência do enorme sucesso que fazia nas sociedades, pela popularização midiática, e principalmente pela capacidade demonstrar diferentes contextos e realidades da sociedade que pudessem influenciar os indivíduos e a sociedade a respeito dos cenários nacionais e internacionais.

Nesse percurso histórico das histórias em quadrinhos é possível ver, por exemplo, que “essas histórias disseminaram a visão de mundo norte-americana, colaborando, juntamente com o cinema, para a globalização dos valores e da cultura daquele país” (Vergueiro, 2004, p. 10), de modo que é perceptível que os heróis americanos sempre lhes representam uma espécie de ajuda, superação, conquista, esperança, sempre cheios de bravura e força, passando a mensagem de grande vencedor. De igual modo surgiram vários tipos de narrativas, proporcionando a alavancagem no alcance público. As produções artísticas tiveram maior representação da realidade. Assim, “com as histórias de aventura no final da década de 1920, veio também a tendência naturalista nos quadrinhos, que aproximou os desenhos de uma representação mais fiel de pessoas e objetos, ampliando o seu impacto junto ao público leitor” (Vergueiro, 2017, p. 11). Na década de 1920 as histórias em quadrinhos se aproximavam das representações mais

reais da realidade, agregando ainda mais interesse por parte do público, na diversidade, nos tipos de histórias em quadrinhos e nas faixas etárias, aproximando o público das produções, projetando maior aceitação, chegando aos mais diversos grupos de consumidores.

É possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu (Vergueiro, 2004, p. 10).

Esse florescimento tornou-se próspero no período do século XX, pois a cada mídia que se desenvolvia ampliaram os espaços para as histórias em quadrinhos e cresciam as diferentes formas de manifestação de pensamento dos quadrinistas a respeito da sociedade e seus diversos campos de tensões, que envolviam questões das vivências cotidianas dos indivíduos, entrelaçadas com os enredos das narrativas.

Experimentaram o seu auge na década de 1930, pois, de acordo com Moya (1996), a partir da recessão econômica de 1929 nos Estados Unidos, que se alastrou em proporções mundiais, as histórias em quadrinhos se modificaram na forma como desenvolviam suas aventuras. Surgiram a partir deste momento histórias em quadrinhos que trabalhavam em suas temáticas de romances e aventuras heroicas, uma espécie de fuga ou conquista nas novas criações, influenciadas pelo contexto histórico.

Para Moya (1996, p. 68), comentando acerca do início dos quadrinhos, "Os quadrinhos eram predominantemente cômicos, daí o termo norte-americano, *comics*, com as travessuras dos meninos terríveis e das famílias pequeno-burguesas da periferia". Mas, com o passar do tempo, as histórias agregaram romances de aventura, dando início a uma nova etapa das histórias em quadrinhos em que "a aventura entrou soberana no mundo dos *comics*, para inaugurar a Era Dourada, a década de 30". (Moya, 1996, p. 68). É possível compreender que as histórias em quadrinhos, mais do que uma arte de contar história, procura demonstrar como a sociedade se comporta.

Os novos tempos das histórias em quadrinhos proporcionam espaço para visibilidade da mulher, essa mulher que assume um lugar na sociedade para além das atividades domésticas, passando a ter protagonismo nas histórias em quadrinhos. Novamente se vê a possibilidade de trabalhar temas de relevância social, afinal, com mudanças significativas na década de 1930, "[...] estava a que afetava um certo tipo de mulher: a que podia assumir a liderança do lar. Devia manter-se menina e alegre, independente [...]. Livre, mas esposa. Milhões de americanos se identificaram com essa família" (Moya, 1996, p. 67).

O sucesso dos *comics* na década de 30 e a maior a visibilidade dada para as mulheres,

possibilitaram significativo protagonismos femininos, surgindo as heroínas que refletiam o movimento das mulheres em busca de liberdade e dos direitos de igualdade, retratando principalmente os atributos do corpo feminino, o que, em alguns casos, causava “enorme repercussão entre os jovens leitores do sexo masculino nos *comic-books*, graças às suas posições sugestivas com doses de sexo, sadismo e incentivo ao ananismo” (Moya, 1996, p. 118).

Na década de 1950 as histórias em quadrinhos fazem enorme sucesso, retratando não somente a história dos heróis e heroínas fortes, mas histórias de perdedores e fracassados, dos que mesmo não sendo exitosos na vida, nunca desistem de tentar, de forma cômica, que “fazem a catarse diária de milhões de crianças crescidas e complexadas. É o divã diário do psiquiatra mais barato para os leitores do mundo” (Moya, 1996, p. 160). São quadrinhos que circulam o mundo, tratando de questões existenciais, filosóficas, cotidianas, divertidas, que levam o/a leitor/a a se identificar facilmente com as histórias e com o seu/sua criador/a., mas, igualmente ao sucesso das histórias em quadrinhos, surge um movimento de desconfiança no campo político e no meio social, proporcionando um período de dificuldade para a produção das histórias em quadrinhos, assim como para a expressão do livre pensar por intermédio da arte quadrinista.

Nas revistas em quadrinhos era possível identificar ideologias, conceitos, divulgação científica, fatos históricos e tantos outros aspectos inseridos no contexto social, o que levantou, por parte das autoridades sociais, o temor sobre o que os quadrinistas iriam abordar em suas histórias. Em Vergueiro (2004), percebe-se que esse temor levou ao que se pode chamar de guerra aos quadrinhos, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando o mundo experienciou a Guerra Fria e a disputa por desenvolvimento tecnológico, proporcionando uma desconfiança sobre o uso desta ferramenta pela sociedade, que estas pudessem trazer malefícios para os jovens. Foram criadas narrativas e inculcadas nas populações, que, as pessoas mais jovens e as crianças estavam sendo prejudicadas pelo consumo desses produtos.

O período pós-guerra e início da chamada Guerra Fria foi especialmente propício para a criação do ambiente de desconfiança em relação aos quadrinhos. Fredric Wertham, psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos, encontrou esse espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos malefícios que a leitura de histórias em quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos” (Vergueiro, 2004, p. 11).

Deste modo, a produção e o consumo de histórias em quadrinhos passaram por diversas formas de censura com o intuito de sanar os possíveis danos que as leituras dessas imagens sequenciadas juntamente com um texto verbal complementar poderiam trazer à mente das pessoas, especialmente o público jovem e infantil. Não se pode negar que no meio da cultura

quadrinista existiam artistas que trabalhavam com uma ala mais adulta, trazendo quadrinhos de terror assim como pornográficos, o que não se constituía motivo para o desencadear de uma campanha massiva contra o consumo das histórias em quadrinhos em todos os públicos. Aqui é possível ver como a potencialidade das histórias em quadrinhos em trazer críticas e reflexões às massas pôde provocar uma perseguição em larga escala, se espalhando por diversas partes do mundo. Assim, "em diversos lugares do mundo - França, Itália, Grã-Bretanha, Alemanha e Brasil -, também explodiram as críticas aos quadrinhos, com motivação bastante semelhante (ainda que não tão agressiva) à verificada nos Estados Unidos" (Vergueiro, 2004, p. 13)

Apesar das histórias em quadrinhos terem vivido uma explosão de crescimento, passaram a sofrer uma grande perseguição, marcando um período de decadência no gigante mercado editorial, assim como na vida de muitos artistas. Era o período da chamada guerra fria e juntamente com ela a guerra contra os quadrinhos, e um temor mundial de novas guerras e violências, levando as autoridades americanas, assim como em outras partes do mundo a adotarem medidas de contenção, de censura, de repressão das mídias e principalmente, de forma incisiva, a perseguição contra as histórias em quadrinhos.

De acordo com Vergueiro (2004, p. 16) as narrativas falsas sobre os supostos danos causados pelas leituras de histórias em quadrinhos provocou o temor por parte das sociedades consumidoras e "a leitura de histórias em quadrinhos passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas pensantes da sociedade," que buscavam proteger seus jovens sobre tais malefícios, de modo que se intensificaram campanhas contra a leitura de histórias em quadrinhos também nos ambientes educacionais, dificultando o acesso a este material em todos os ambientes da sociedade sob a justificativa de degeneração psicológica, cognitiva, afetiva, social e outros.

[...] que causava prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para apreensão de ideias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo dos seus leitores. (Vergueiro, 2004, p. 16).

Tais preconceitos tiveram consequência durante longo período na segunda metade do século XX. As barreiras criadas por esta censura desenfreada a este meio de comunicação, teve consequência não apenas no que diz respeito à produção e ao consumo, mas sobre a ideia que ficou disseminada no meio social de prejuízo à mente humana que a leitura de histórias em quadrinhos poderia proporcionar, criando barreiras não só nos períodos de campanha contra as histórias em quadrinhos, mas instituindo socialmente estigma a longo prazo. "A barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir" (Vergueiro, 2004, p. 16).

Como já enfatizado anteriormente, as narrativas das histórias em quadrinhos, pelo seu alto poder de produzir conhecimentos, começou a despertar preocupações, pela possibilidade disseminar ideologias, pensamentos contrários aos da elite política do período, causando a censura dos quadrinhos, considerando-os degenerativos, obscenos, incitador de violência entre os jovens, dentre outros aspectos negativos enfatizados no período. Foi um movimento que se expandiu por várias partes do mundo, inclusive no Brasil, onde os produtores e a rede de sobrevivência dependente dos quadrinhos tiveram sérios problemas financeiros, pelo que tal investida “valeu o desemprego definitivo na área de produção ilustrada” (Moya, 1996, p. 167). Os transtornos eram inevitáveis. Nos Estados Unidos houve um grande levante. Os quadrinhos foram massacrados, perseguidos, proibidos nos espaços educacionais, assim como aqui no Brasil. O seu poder como uma comunicação de massa, facilmente acessível pelas populações, levou as autoridades políticas a adotarem posturas de cerceamento.

A este respeito Moya (1996, p. 86) afirma que "Nos anos pós-guerra, a pretexto de atividades antiamericanas, a comissão McCarthy elaborou uma lista negra de profissionais, que, conseqüentemente, se viram muito prejudicados em seu trabalho" causando grandes perturbações e prejuízos ao campo quadrinista. Todo o mercado editorial sofreu prejuízos, desestabilizando principalmente a vida dos artistas, e restringindo suas produções culturais. "Diversos diretores, escritores e produtores foram presos, impedidos de trabalhar e expulsos [...] da América" (Moya, 1996, p.87). De acordo com Moya (1996), perseguição com expansão de nível mundial foi fortalecida com a publicação de um livro sob o título *A Sedução dos Inocentes*, do psiquiatra alemão, radicado em Nova York, Frederic Wertham, apresentando um estudo sobre os possíveis efeitos maléficos causados pelas histórias em quadrinhos no público jovem e infantil, em que estes seriam incentivados a violência em função do consumo das histórias em quadrinhos, servindo de apoio político no Senado americano para o discurso contra os quadrinhos.

Na década de 50, a campanha contra os quadrinhos atingiu o auge. Nos Estados Unidos o livro do Dr Wertham provoca estragos. O código de ética banuiu as histórias em quadrinhos de terror, sexo, violência e guerra. As editoras recuaram. Era a época da “caça às bruxas” e do macarthismo. (Moya, 1996, p. 167).

A partir deste momento foram criadas leis que restringiram a publicação e a venda das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, em que passavam por etapas de revisões e verificações antes de serem publicadas. No Brasil, de acordo com Moya (1996), vários setores foram atingidos por esta forma de censura, uma perseguição que afetou as empresas de comunicação. A desconfiança se dava em todos os setores da sociedade atingindo as mídias de

uma forma geral. “O cinema, a tevê, o rádio, a imprensa e os comics sofriam” (Moya, 1996, p. 167). Havia um temor, de que as crianças e os jovens fossem afetados pelo mal que as histórias em quadrinhos causavam. Eram proibidas as entradas de histórias em quadrinhos no espaço escolar, “aqui no Brasil, os pais, professores, padres, escolas, todos eram contra essa forma de “preguiça mental das crianças”. (Moya, 1996, p. 157).

Na década de 60 começaram as menções de movimentos em favor dos quadrinhos na França e em outras partes do mundo. No Brasil os movimentos em favor dos quadrinhos tem seus registros ainda no ano de 1951, “onde houve a primeira exposição sobre quadrinhos no mundo” (Moya, 1996, p. 166), e os produtores nacionais não desistiram de buscar formas de continuar a existir como quadrinista, mesmo na perseguição, pois sabiam da importância da linguagem dos quadrinhos, na luta contra o preconceito, levando Moya (1996), com a certeza de trabalho cumprido, a afirmar: “Nesses aspectos, a nossa exposição englobava tudo o que, anos depois, os europeus estudariam com encômios” (Moya, 1996, p. 168), ou seja, as características diversas das histórias em quadrinhos não eram surpresas para os brasileiros estudiosos dos *comics*, e a busca por esse reconhecimento também foi de grande valia.

A partir desses novos momentos de busca por respeito à arte quadrinista na Europa, na década de 1960, começaram a surgir os estudos científicos a respeito da importância das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento mental das crianças, com pesquisas científicas sustentando com rigor acadêmico sua inserção inclusive nos ambientes educacionais. Os dados, nesse novo momento, sobre a eficiência das histórias em quadrinhos no desenvolvimento mental dos sujeitos, se davam através de estudos científicos e não mais através de falácias sem comprovações como acontecera na década de 1950.

O Brasil já estava à frente nestas questões, pois a exposição de quadrinhos realizada anteriormente, já havia mostrado estudos destacando os aspectos positivos das histórias em quadrinhos, os quais não foram poucos. Aspectos sobre o seu potencial como instrumento formador dos sujeitos, dentre eles, foram evidenciadas nessa amostra, tais como aspectos sociais e sociológicos, como por exemplo, o estudo sobre a linguagem dos quadrinhos, sua importância e sua utilização como instrumento de atuação em vários aspectos da vida do sujeito.

No Brasil, a história das histórias em quadrinhos não teve um percurso muito diferente das demais partes do mundo, quanto ao surgimento, momento de efervescência, e censura e reconhecimento do seu potencial formador, a não ser a competitividade do mercado nacional com as histórias em quadrinhos internacionais e o uso de aspectos nacionais, como as representações da cultura, da sociedade, das políticas e personagens nacionais, do ambiente,

dentre outros aspectos, munidos, de alguma forma de crítica ou servindo como instrumentos para a construção da mesma.

As primeiras histórias em quadrinhos nacionais contam a partir de 1837, com a publicação de charges em jornais, produzidas por Manuel Araújo de Porto-Alegre, não se afastando muito do cenário internacional do século XIX. Um cartoon com o título *A Campainha e o Caju*, que criticava a atitude do governo de oferecer dinheiro para cooptar jornalistas da época para trabalhar no jornal *Correio Oficial*, do governo.

Independentemente do local onde as histórias em quadrinhos são produzidas, a capacidade de trazer a complexidade cultural, social e individual retratada em suas narrativas é indiscutível. Aqui, as histórias em quadrinhos são mídias sociais capazes de alavancar, no meio da sociedade, temas considerados sensíveis, difíceis, que representam conflitos de interesses culturais e sociais.

Ângelo Agostini, se destaca como nome significativo dos quadrinhos brasileiros, um autor quadrinista com críticas fortes ao sistema social, ao governo, ao regime escravocrata e tantos outros temas na cultura nacional, presente no início da história das histórias em quadrinhos brasileiras. Em 1876, lança a primeira edição da Revista *Ilustrada*, assim como suas publicações em jornais de crítica política ao sistema social e cultural da época, continuando com outras revistas posteriores e ilustrações. Surgem posteriormente, outras revistas nacionais com artistas renomados, que deixaram suas contribuições para as futuras gerações, trazendo críticas sociais, retratando o cotidiano da sociedade, as peculiaridades da cultura brasileira de cada momento histórico e movimentando o mercado de histórias em quadrinhos nacionais.

Através dos aspectos de produção é possível, a partir de análises das histórias em quadrinhos brasileiras, visualizar aspectos históricos, ideológicos e organizacionais referentes à sua época de criação. Vergueiro (2018), no seu texto sobre alfabetização na linguagem dos quadrinhos, afirma que as histórias em quadrinhos podem reproduzir em si, ideologias estruturantes da sociedade, de modo que, “representações de determinados grupos podem surgir nas histórias em quadrinhos de forma ostensivamente preconceituosa” (Vergueiro, 2018, p. 53), como forma de caracterizar e fixar os personagens.

É importante lembrar que, sendo um meio de comunicação de massa, muitas histórias em quadrinhos tendem a firmar-se em estereótipos para melhor fixar as características de um personagem junto ao público. Este tipo de representação traz em si uma forte carga ideológica reproduzindo os preconceitos dominantes na sociedade. E não se trata apenas de representar o herói com uma figura agradável ao olhar e o malfeitor com traços semies, mas, às vezes até sub-repticiamente, salientar traços ou situações que fortalecem a visão estereotipada de raças classes grupos étnicos profissões etc. (Vergueiro, 2018, p. 53).

Olhando para estas constatações do autor, compreendemos a mão dupla nas histórias em quadrinhos a depender da concepção ideológica do quadrinista. Assim, os aspectos raciais da sociedade não estão isentos de serem inseridos no mundo das histórias em quadrinhos, tanto no aspecto reforçador do racismo, estereótipos e preconceitos, como no aspecto de repressão dele, em que criadores de histórias em quadrinhos se utilizam das ilustrações para trazer criticar sistema cultural e a crueldade racial, mostrando por meio de ilustrações, muitas vezes comoventes, a realidade tenebrosa vivenciada por pessoas negras na sociedade, assim como denunciar as mazelas causadas pelos governantes ante o sofrimento do povo. Ângelo Agostini, por exemplo, foi um crítico ferrenho ao regime escravocrata, às autoridades, ao sistema de corrupção governamental, se colocando como um exemplo de intelectual quadrinista na nação brasileira.

Os jornais eram palcos de suas denúncias por meios de ilustrações quadrinistas, tanto no Brasil, por autores nacionais quanto em outras partes do mundo, por pensadores críticos do sistema e integrado aos conhecimentos produzidos pelas mentes pensantes da história. Outcault, um exímio crítico norte-americano, desafiou o sistema racista e trouxe em suas ilustrações o protagonismo de um menino negro na sociedade América marcada pelo racismo. Dessa forma, tanto Outcault quanto Ângelo Agostini, são exemplos de intelectuais ousados, que desafiaram seus tempos e culturas em favor de uma autenticidade cultural. Suas visões sobre o mundo eram retratadas em seus personagens e ilustrações que falam mais que palavras. É possível compreender que as histórias em quadrinhos são reveladoras do movimento cultural do seu tempo. As ideologias, preconceitos, o resultado da organização da sociedade em torno das suas concepções de mundo e de cultura, revelando traços de uma sociedade.

Aspectos de várias naturezas são retratados de forma intencional ou inconsciente através das histórias em quadrinhos. O racismo e o sexismo são temas que não estão dissociados do ambiente de histórias em quadrinhos, podendo revelar contextos desafiadores, o que permite problematizar a temática em busca de estratégias de combate ao racismo, ao sexismo e auxiliar nos objetivos de equidade na cultura nacional.

As histórias em quadrinhos podem ser uma ferramenta para construção e disseminação de ideias, conceitos proporcionando aos seus/as leitores/as a apreensão dos sentidos por elas apresentados. É neste sentido que esta pesquisa teve como propósito compreender a respeito de como os/as autores/as quadrinistas do século XXI estão se posicionando diante da temática do racismo e sexismo na cultura brasileira, mais especificamente, como os/as quadrinistas brasileiros se posicionam ante o preconceito racial contra mulheres negras no âmbito das

histórias em quadrinhos nacionais.

A busca dessa compreensão se dá pelo fato de que as histórias em quadrinhos são produzidas por pessoas que estão inseridas dentro de um determinado contexto social e que, portanto, se expressam através de suas obras quadrinistas, refletindo o seu posicionamento ou o do mercado, frente às demandas socioculturais, como se verá a seguir, através das análises de Silva (2023), em que as histórias em quadrinhos são reveladoras de cenários humanamente desafiadores, de pobreza, confusão, com uma sociedade organizada sobre bases de uma cultura de desigualdades generalizada, reverberados em desigualdades raciais, econômica, de gênero e tantas outras formas de violentar vidas e sonhos das pessoas negras e pobres e suas precárias condições de vida em um cortiço.

Silva (2023), faz uma análise em cima de uma identidade cultural nacional, a capoeira, no trabalho intitulado *Desavenças, golpes e navalhas: a capoeira nos quadrinhos O Cortiço*, apresentando características relacionadas ao modo de vida das populações que viviam em cortiços no Rio de Janeiro, em um momento histórico que a população negra se dividia em escravizados e alforriados, revelando o contexto em torno das pessoas negras e pobres e suas precárias condições de vida em um cortiço. Neste contexto, a capoeira surge como prática cultural negra, estudada pelo autor. O autor visualiza a capoeira como uma prática cultural da população negra que historicamente foi marginalizada, desmoralizada, mesmo sendo um símbolo de resistência da população negra e uma expressão cultural nacional identitária. Ele afirma que “A Capoeira, neste sentido, foi e continua sendo marginalizada e, acima de tudo, desarmonizada de seus valores e de suas contribuições” (Silva, 2023, p. 06), mas que a sua abordagem pelas histórias em quadrinhos trazem possibilidades visibilidade histórica e construção de sentido, trazendo “a força da Capoeira enquanto luta de resistência, defesa pessoal e de estabelecimento de superioridade da cultura nacional frente às culturas colonialistas que tentam se estabelecer como hegemônicas” (Silva, 2023, p.15).

As narrativas de histórias em quadrinhos, a partir da perspectiva de produção de sentidos em Silva (2023), demonstram que, além da vida paupérrima naquele cortiço, as relações sociais daquele contexto também eram mediadas por diversos interesses e situações que retratam aspectos sociais importantes, como enriquecimento ilícito, hiper sexualização da mulher negra, além de outras características e principalmente onde elementos da cultura negra se fazia presente naquele lugar em fins do século XIX, evidenciados fortemente através da prática cultural de capoeira, objeto de pesquisa do autor, “sendo a Capoeira representada enquanto luta de resistência nacional contra a invasão cultural estrangeira, luta de resistência e afirmação da

cultura, dos valores e identidade da população negra e do povo pobre do Brasil” (Silva, 2023, p. 07).

Os sentidos construídos em torno dessa prática cultural originária do povo africano escravizado no Brasil, através de uma análise em histórias em quadrinhos enquanto prática cultural que se articula com vários espaços na sociedade "tais como, política, religiosidade, sociedade, relações étnico-raciais, gênero, cultura, biografias, dentre outras" (Silva, 2023, p. 05), carregam elementos de identificação da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos com a cultura e a histórias do povo afrodescendente.

As compreensões do autor a respeito de aspectos históricos e relacionadas às culturas das populações negras descendentes de africanos escravizados, mostra como os quadrinhos são uma cultura rica em seus amplos aspectos, potenciais para gerar novos conhecimentos e novas compreensões sociais. Silva (2023), possibilita a compreensão de como as histórias em quadrinhos podem proporcionar significados e sentidos, através das temáticas abordadas em suas narrativas, por meio dos “sentidos produzidos nas aventuras de um personagem negro e capoeirista em quadrinho nacional em diálogo com a História Cultural”. (Silva, 2023, p. 02).

A produção de sentidos através da prática da capoeira é apenas um exemplo dos elementos que podem ser analisados dentro de uma narrativa quadrinista, pois neste espaço são observáveis diferentes possibilidades de abordagens, principalmente no campo das relações de cultura e sociedade, envolvendo o modo como os indivíduos vivem e se comportam em determinado contexto, em que as histórias em quadrinhos “[...] além de serem estudados pelas lentes de múltiplas matérias, se constituem em um campo cujos estudos transitam na intersecção com uma gama de diferentes disciplinas, questões e indagações” (Silva, 2023, p. 04), a respeito desses contextos e de suas respectivas formas de vida.

A capacidade que as histórias em quadrinhos possuem de dialogar com o universo social, são evidentes quando trazem, principalmente por meio do seu elemento imagético, características peculiares do contexto social em que foram produzidas, assim como dos diversos temas sensíveis que requerem do quadrinista a compreensão não meramente de uma produção técnica de desenhos articulando com textos, mas uma capacidade intelectual capaz de produzir reflexões nos leitores/as a respeito de determinadas práticas sociais ou fenômenos que consideram de relevância na sociedade inseridos nas narrativas que possibilitam uma gama de inserções para discussões, “sendo capaz de contribuir na formação de consciências críticas” (Silva, 2023, p. 05).

Assim, as histórias em quadrinhos enquanto elemento que transita na cultura pop pode

se sustentar como uma fonte da qual pode emanar múltiplas funções, direcionadas para fins específicos, objetivos previamente estabelecidos, porém, mesmo que estas sejam feitas com determinadas objetividades, as suas características artísticas e culturais permitem olhares que atravessam a visão e a concepção do próprio quadrinista, sendo observados aspectos dos quais ele não tem controle, mas que olhares direcionados a determinadas particularidades conseguem articular e compreender como tais aspectos produzem sentido a partir do que está inserido nas produções quadrinistas, além de outras possibilidades, como compreender a concepção ou visão de mundo do autor em determinado momento histórico ou como as pessoas convivem em determinados contexto, por exemplo.

Estes olhares atentos às características peculiares em determinadas histórias em quadrinhos constroem novas visões a respeito dos elementos contidos em suas narrativas. Esta é uma das características que torna as histórias em quadrinhos um elemento cultural histórico, social capaz de trazer leituras diversas sobre a realidade.

O uso dos quadrinhos no estudo de questões sociais, como culturas importantes na história social do Brasil, se sustenta, acima de tudo, pela especificidade própria, possuidora de discursos gráficos e narrativos determinados por linguagem rica e múltipla em códigos visuais e significantes nas sequências narrativas que expressam (Silva, 2023, p. 05).

Assim, a especificidade própria das histórias em quadrinhos é o diferencial. A sua linguagem, com se verá mais adiante, é o que possibilita a construção de uma infinidade de conhecimentos. O uso das histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa em estudo de questões sociais, como culturas, economia, política, condições materiais das dos diversos grupos sociais, relações étnico-raciais e as materialidades delas decorrentes e tantas outras questões imersas em enredos são amparados pelas próprias características específicas desta prática cultural, capaz de apreender e comunicar diversos significados na sociedade.

É importante que se compreenda a prática de quadrinhos como uma produção humana permeada por ideologias e visões de mundo de seus autores/as ou de suas publicadoras, não existindo, portanto, uma ingenuidade na sua produção, assim como nas demais manifestações artístico-culturais. Abordar de forma acadêmica a prática da capoeira enquanto um elemento cultural produzido pelas raízes culturais africanas no Brasil é uma amostra de como é possível compreender peculiaridades de determinados contextos através da prática quadrinista produzida nestes ambientes, ao mesmo tempo em que outros aspectos sociais são retratados na mesma fonte da pesquisa.

Através dos estudos científicos a respeito de determinados aspectos da sociedade, por

meio das histórias em quadrinhos, é possível compreender com mais profundidade a relação que se estabelece entre eles, ou, seja, histórias em quadrinhos e sociedade, como evidenciado por Silva (2023), sobre a prática da capoeira enquanto um elemento da cultura nacional originado da população negra, capaz de produzir sentidos a vidas das comunidades que se inserem neste espaço.

O teórico apresenta compreensão significativa a respeito da abordagem a questões raciais por meio das histórias em quadrinhos, pois, mesmo que estas tenham desempenhado avanços na representatividade da população negra, “ainda urge a ampliação de produções que abordam questões raciais, o combate aos racismos, preconceitos e intolerâncias étnico-raciais”. (Silva, 2023, p. 06), mostrando inquietação a respeito de como a sociedade aborda as questões raciais evidenciadas por meio das histórias em quadrinhos.

Apresentando suas compreensões a respeito da representação de pessoas negras nas histórias em quadrinhos, revela não existir grande compromisso ou mesmo a valorização de pessoas negras nesse espaço cultural. A partir das leituras realizadas em histórias em quadrinhos, o autor enfatiza “o quão fortes podem ser os reflexos e os impactos sociais negativos das publicações em quadrinhos que não abordam os negros de forma respeitosa, dada a sua aceitabilidade no mundo todo” (Silva, 2023, p. 06). A percepção é a de que o autor compreende o quanto a cultura quadrinista não está sendo utilizada de forma mais eficaz enquanto instrumento cultural na luta contra o racismo, sabendo da grande potencialidade que é as histórias em quadrinhos no meio social e no campo das aprendizagens. “Assim sendo, entende-se que as imagens do negro ainda não possuem nada de realistas, tão pouco gratificantes”. (Silva, 2023, p. 07).

É importante destacar a capacidade de formação de sentidos nos quadrinhos, sentidos estes que podem ser tanto construtivos, proporcionando construções de valores, autoestima, pertencimento cultural e social dentre outros aspectos, quanto destrutivos, trazendo trauma, visão pessimista da realidade, inferioridade, baixa autoestima por meio de experiências negativas. No caso das histórias em quadrinhos *O cortiço*, Silva (2023, p.14), enfatiza que a obra traz aspectos representativos dos contextos históricos, sociais e culturais, o que produz no leitor "a construção de camadas de sentidos diversos" por meio de suas narrativas ficcionais, "que poderiam perfeitamente ser tomadas como histórias reais", assimilando assim as narrativas aos contextos ou, de forma icônica, estabelecendo semelhanças entre o cotidiano e as histórias em quadrinhos através de sua linguagem, principalmente icônica, produzindo experiências significativas.

Os resultados apontam para a construção de sentidos positivos acerca de um personagem negro e capoeirista em quadrinho nacional, abordando com maestria a dinâmica história e as relações humanas da época apresentada, onde a capoeira impera como cultura e afirmação do povo negro (Silva, 2023, p. 01).

A linguagem dos quadrinhos, mencionada por Silva (2023, p. 05), como uma linguagem "rica e múltipla em códigos", merece total atenção por fazer parte da construção de experiências de sua leitura significativa, produzindo sentidos, afetações, conhecimentos diversos. É um híbrido de linguagem e de construções, no sentido de agregar em elemento comunicacional a experiência de mergulhar em histórias que trazem deleite e ao mesmo tempo proporcionar diversos tipos de conhecimento acerca de diversos aspectos culturais e afetivos.

Em vista da funcionalidade das histórias em quadrinhos, “sendo meio de comunicação de massa, prática cultural de acentuada influência na cultura popular” (Silva, 2023, p. 05), no âmbito da cultura pop, justifica a análise e a devida seriedade a respeito das questões formais ou propriamente técnicas e estruturais das histórias em quadrinhos no que se refere a sua produção. Nas formas como esta linguagem trabalha a construção de experiências sentidos pessoais nos leitores. Essas possibilidades são discutidas nos estudos sobre suas características enquanto narrativa, enquanto forma de contar história, narrar acontecimentos, reais ou ficcionais.

Assim as histórias em quadrinhos não apenas carregam aspectos da sua realidade como se propõe a objetivos, a produzir ou reproduzir visões de mundo a respeito de determinadas temáticas explicitadas nestas. É uma prática cultural com potencialidades para proporcionar mudanças nas diversas questões do indivíduo e da sociedade, a depender do modo de uso das mesmas. No que se refere à objetividade de temáticas abordadas nas suas construções, é que se propôs a analisar e investigar sobre a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos na atualidade, buscando compreender um pouco mais do comportamento cultural e social sobre o lugar da mulher negra na sociedade atual.

Como já lidas algumas construções teóricas anteriormente, os cenários nacionais não foram favoráveis ao pleno direito de mulheres negras na cultura nacional em décadas anteriores ao ano 2000. Nestes aspectos a proposta é buscar compreender como os novos cenários da atualidade expressam através de histórias em quadrinhos o pensamento coletivo, pelo menos na visão dos autores produtores da história em quadrinhos que serão lidas de forma crítica, buscando visualizar o contexto atual, “período histórico que serviu de cenário para o desdobrar do enredo” (Silva, 2023, p. 03).

A respeito da linguagem das histórias em quadrinhos, sobre as características, possibilidades e importância deste gênero narrativo na construção de sentidos, experiências e

conhecimento e desenvolvimento mental, foram realizadas leituras bibliográficas em obras de Vergueiro (2004; 2018) e Postema (2018), a respeito dos elementos constitutivos das histórias em quadrinhos, assim como as possibilidades de construção de significados e sentidos através da linguagem dos quadrinhos a partir dos quadros, das as imagens, dos espaços aparentemente vazios ou sarjetas entre os quadros, suas especificidades, seus códigos e suas potencialidades na produção de leituras ativas, que proporcionam ao leitor construir leituras peculiares que vão além das impressas nos quadros sequenciados, leituras construídas pelo indivíduo de acordo com a sua percepção do cenário narrativo.

Estas construções mentais são de plena competência do leitor, motivo pelo qual se pressupõe elaborações mentais para o fluir da leitura e compreensão das histórias em quadrinhos, que vão além de ler imagens e textos, mas de construir sequências mentais de parte da história, de forma imaginada. São as construções internas que permitem o exercício da criatividade.

Vergueiro (2004) no seu texto intitulado: *A linguagem dos quadrinhos uma alfabetização necessária* aborda a "linguagem específica dos quadrinhos" proporcionando conhecer os aspectos técnicos da produção dos quadrinhos, suas características imagéticas ou icônicas e verbais, voltada para dar suporte ao seu uso no campo educacional, auxiliando professores e alunos em alguns conhecimentos específicos das histórias em quadrinhos.

Postema (2018), no seu livro *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*, dá ênfase ao que o indivíduo produz de sentido pessoal, significando os elementos constitutivos das histórias em quadrinho, em que as “leituras sociais e culturais dos quadrinhos e seus contextos são consideradas cada vez mais importantes no estudo contemporâneo sobre quadrinhos” (Postema, 2018, p. 09). Para a autora, tanto a forma como os elementos estão dispostos dentro do quadro como os espaços entre um quadro e outro são espaços em que o leitor tem possibilidades de dar a sua interpretação e construir parte da sequência narrativa, produzindo sentidos.

No *layout* e na sequência, o *gap*, ou lacuna, compõem partes em que o leitor constrói sua leitura a partir de aspectos imaginários, buscando compreender o que se passa entre uma quadro e outro, entre uma cena e outra sequente, aspectos pelos quais não se esgotam as novas compreensões sobre suas possibilidades de formação no indivíduo, como aponta Vergueiro (2018, p.05), ao dizer que a “linguagem das histórias em quadrinhos encontra-se em uma fase de franca discussão e efervescente busca de compreensão”. São essas possibilidades de leituras individuais com a construção mental de certas partes da história que despertam a criatividade e

imaginação, aspectos bem privilegiados na cultura por Sapir (2012), ao considerar a importância do indivíduo na cultura.

Vergueiro (2004) e Postema (2018), dialogam no sentido de que, as histórias em quadrinhos possuem uma linguagem que favorece o desenvolvimento do indivíduo e a produção de sentidos através da experiência das propostas narrativas, assim como através do seu esforço mental de produzir mentalmente algumas cenas nos espaços entre um quadro e outro, ou mesmo entre as imagens dentro de um quadro, além de articular a linguagem verbal atrelada à cena das imagens, como um todo complexo, desenvolvendo a capacidade criativa do indivíduo que pode ser favorável em todas as suas áreas da vida. Assim, aquilo que está representado nas histórias em quadrinhos é potencialmente significativo ou, pelo menos, é factível de ser, a partir do momento que o indivíduo pode ter suas próprias inferências a partir dos espaços vazios que esta possibilita. Para Postema (2028), quanto mais equipados para ler os quadrinhos estivermos, melhor será a compreensão e a apreciação de sua forma. A forma implica na sua especificidade, que vai além de uma leitura simples e linear de um livro, mas o próprio indivíduo fazendo pequenas pontes mentalmente entre uma cena e outra.

Ela tem peculiaridades que outras linguagens não têm. Ela utiliza recursos narrativos desenvolvidos em outras áreas ou no âmbito de sua própria produção, mas, quando os utiliza, faz isso de uma maneira que apenas ela consegue. Ela conduz o leitor pelo processo de leitura de uma forma que outras linguagens não conseguem emular, engajando-o em um nível de construção participativa de sentido de uma maneira extremamente peculiar (Vergueiro, 2018, p.05).

São exatamente esses sentidos, criados de uma maneira peculiar, que potencializa as histórias em quadrinhos como uma ferramenta social, com possibilidades tanto para reforçar quanto para desconstruir imaginários a respeito de perspectivas humanas, sociais e culturais. Aqui está o sentido de se pesquisar a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos na atualidade, compreendendo que através destas ferramentas culturais, as realidades socioculturais podem estar representadas nas narrativas quadrinistas, criando possibilidades.

A linguagem visual ou icônica dos quadrinhos, observando a sua produção ou técnica, compreende os aspectos que representam, por meio de imagem, os objetos ou os conceitos do mundo "real" ou "ficcional", os "fatos ou acontecimentos", dispostos "em uma sequência de quadros que trazem uma mensagem ao leitor" (Vergueiro, 2004, p. 32). A leitura da história em quadrinho se dá através da sequência das imagens articuladas com a linguagem verbal e "está organizada no sentido da leitura do texto escrito" (Vergueiro, 2004, p. 33). Os elementos que compõem a parte visual das histórias em quadrinhos são vastos, e compreendem

"enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação e criação de personagens, figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais" (Vergueiro, 2004, p. 34).

Essas imagens interagem dando ideia de uma cena cujos movimentos se completam pela ação da mente leitora, com os quadros dando sinal dos acontecimentos de forma sequenciada. Assim, "para compreender o sentido dos quadrinhos, se faz necessário pensar nas imagens que os constituem como coleções de signos visuais" (Postema, 2018, p. 30), capazes de trazer significados na comunicação proposta nas histórias em quadrinhos. Mesmo com o uso da linguagem verbal, "nos quadrinhos é o pictórico que impulsiona e cria a história e a obra. O textual ou verbal é apenas uma opção, se for conveniente e normalmente usada, uma ferramenta de apoio nesse processo. (Postema, 2018, p. 115). Nas histórias em quadrinhos, maior ênfase é dada para a imagem. Através das imagens, de forma sequenciada e relacionadas entre si, é formado o desenvolvimento progressivo da narrativa, permitindo os significados e sentidos para os leitores, que interpretam os diversos detalhes das imagens, com as características dos personagens, por exemplo.

Desse modo, compreendemos as histórias em quadrinhos como "forma narrativa baseada na coesão, orientando imagens isoladas em um processo de transformação". Esse processo constitui a narrativa, ainda que minimamente, como a função básica da forma dos quadrinhos" (Postema, 2018, p. 21). Ou seja, a principal função das histórias em quadrinhos é narrar histórias. Ainda que compartilhe características com outras formas narrativas como a literatura e o cinema, "o aspecto formal dos quadrinhos que mais o distancia claramente desses dois gêneros narrativos é a maneira como a forma é construída com sequências de imagens que trabalham juntas para compor a narrativa" (Postema, 2018, p. 22). As imagens contam a história.

As leituras e análises das características das histórias em quadrinhos se dá na necessidade de compreender a forma "como os quadrinhos transmitem sua mensagem e como ela atinge seu leitor" (Vergueiro, 2018, p. 06), fazendo conexão da narrativa com a formação da personalidade do indivíduo, com as transformações sociais, a partir da forma como ela representa os contextos culturais e sociais. Compreender também de que forma como o racismo e o preconceito contra as mulheres enquanto ideologias e práticas sociais estão entrelaçados na cultura quadrinista, e como afeta a visão sobre a mulher negra, como ela está representada e qual a sua representatividade social através desses instrumentos narrativos, constitutivos de sentidos.

São os sentidos produzidos pelo leitor que despertam o interesse sobre como as histórias em quadrinhos representam a mulher negra em suas narrativas, pois possuem como característica principal “[...] ser uma forma de comunicação baseada na fragmentação da linearidade narrativa por parte do autor, [...] recomposta no momento da produção de sentido pelo leitor” (Vergueiro, 2018, p. 06). Postema (2018, p. 09), questiona “que tipos de significados são evocados no discurso dos quadrinhos”, como forma de refletir de que modos as histórias em quadrinhos produzem significados, sentidos e experiências nos indivíduos, como já visto sobre características presentes na cultura pop, a possibilidade de produção de experiências. A teórica defende que:

Para criar significados, todos os seus inúmeros elementos contêm e produzem lacunas, gerando uma sintaxe e uma semiótica (as quais Roland Barthes chamaria de linguagem), em que a fragmentação e a ausência se tornam partes operacionais, inteiramente, como funções de significação, enquanto, ao mesmo tempo, esses gaps convidam o leitor a preencher suas lacunas, fazendo da leitura dos quadrinhos um processo ativo e produtivo (Postema, 2018, p. 16).

Para Postema (2018), é importante compreender a estrutura, o formato das histórias em quadrinhos para entender como conseguem desempenhar essa função de leitura em que o leitor constrói mentalmente parte da narrativa, tanto lendo as imagens e textos quanto criando conexões entre os elementos dentro dos quadros e fora deles, incluindo a afinidade com o artista produtor, como uma forma de identificar, na obra, aspectos da personalidade do autor ali implícita, ou seja, “Por meio de seu envolvimento no processo de leitura dos quadrinhos, os leitores se tornam participantes dos quadrinhos que leem” (Postema 2018, p. 170), incluindo formando dos fãs clubes e outros nichos em torno das mídias quadrinistas.

O formato como as histórias em quadrinhos é criado, através de quadrinhos sequenciados, separados por pequenos espaços chamados de sarjetas, permitem criar mentalmente uma ação que não está registrada em imagem, mas que os quadrinhos sugerem que existem e o leitor se responsabiliza por criá-la para dar a completa compreensão da leitura. Para que os elementos individuais alcancem essa síntese, a linguagem dos quadrinhos se apoia na força de suas ausências, nos seus gaps ou lacunas (Postema 2018).

Os estudos sobre a construção de sentidos através dos elementos gráficos, mais especificamente sobre as lacunas ou sarjetas entre as imagens, entre os quadros e demais elementos dentro das histórias em quadrinhos, assumem centralidade nos estudos de Postema (2018, p. 15), e sua “obra utiliza esses elementos formais, os significantes, como sua questão temática principal”. Esta centralidade se dá em função da percepção do quanto essa

característica atrai o leitor para dentro da narrativa. Exatamente a proposta em que os gaps convidam o leitor a preencher suas lacunas, fazendo da leitura dos quadrinhos um processo ativo e produtivo (Postema, 2018), que permite ao leitor se envolver na compreensão da história, confirmando a eficiência desta enquanto meio de comunicação de massa, embora na atualidade esse conceito de quadrinhos como cultura de massa tenha passado por reflexões, na visão de Postema (2018, p. 17), em que os “quadrinhos ainda são vistos como uma mídia popular ou um meio de comunicação de massa.

Contudo, seu real público leitor contradiz essa reputação em função da diminuição no consumo se considerada a quantidade de vendas nos anos 40 e 50 do século passado, embora seja uma das maiores inspirações para o cinema e tv, com histórias em quadrinhos adaptadas para filmes e séries, em diferentes formatos como animação ou gravação com atores reais e diferentes plataformas midiáticas da atualidades, em que a popularidade do gênero de super-heróis está resguardada pelo sucesso que tem na indústria do cinema.

De acordo com Postema (2018), grandes públicos consomem estes produtos, embora muitas vezes nem saibam que derivam das histórias em quadrinhos. Uma questão que não pode ser ignorada é o fato de o acesso às histórias em quadrinhos na atualidade se darem tanto por vias físicas quanto por vias virtuais, o que a torna uma mídia ainda mais massiva, podendo alcançar mais públicos e consequentemente com mais oportunidades para abordar temas diversos na cultura, sejam eles importantes ou não tão significantes. O mundo virtual, da internet, a forma de se comunicar por meios midiáticos digitais, estão intrinsecamente ligados ao cotidiano da sociedade, constituindo uma cultura em constantes transformações.

O fator comunicacional é um aspecto importante para que se consiga, nas análises das histórias em quadrinhos selecionadas para este trabalho, dimensionar de que forma esta prática cultural pode se constituir possibilidades de construção de representatividade negra e de combate ao racismo e ao sexismo contra mulher negra na sociedade, considerando as representações e as implicações na construção de significações e sentidos para indivíduos e para a população negra, considerando-se as histórias em quadrinhos como mídia de massa, nas diversas formas, como física com revistas ou digital, com *web comics* na internet.

Seja qual for a forma ou meio de consumo, as histórias em quadrinhos são um híbrido de linguagem que trabalha que potencializa a história narrada através da articulação dos elementos constituintes da história em quadrinho, como o trabalho mental do leitor na compreensão do todo complexo na leitura das histórias em quadrilhas. Postema destaca que embora haja pesquisas em histórias em quadrinhos em diversos campos de conhecimento, não

tem como deixar de considerar as características próprias de sua estrutura narrativa.

A voz dos quadrinhos, embora os quadrinhos não falem, é um artifício deste gênero narrativo que dá sentido à experiência de leitura e facultativa de cada leitor. O ouvir do som, da voz dos personagens, é um fator que integra este espaço de sinergia no ato da leitura, uma imersão profunda capaz de criar maiores experiências no ato da leitura. Vergueiro (2004), explica como este fenômeno acontece nas leituras de histórias em quadrinhos, ouvir mentalmente a voz dos personagens. Esta é mais uma forma criativa de participação ativa do indivíduo nas histórias quadrinhos, a impressão de ouvir a voz de seus personagens.

Eles realmente não falam; no entanto, os leitores leem suas palavras e tem a impressão de ouvi-las em suas mentes. Essa impressão é criada nos quadrinhos pelo uso de balões de fala, que formam um código bastante complexo. Isso acontece porque, principalmente pelo balão, as histórias em quadrinhos se transformam em um verdadeiro híbrido de imagem e texto, que não podem mais ser separados. O balão é a interseção entre imagem e palavra (Vergueiro, 2004, p. 56).

Esta interação na linguagem das histórias em quadrinhos permite experiências diferenciadas, que este gênero narrativo pode proporcionar aos diferentes modos de lê-las, seja por deleite, seja por modo analítico investigativo nas áreas de conhecimentos acadêmicos. A linguagem visual, como imagem, figuras cinéticas, metáforas visuais ou outros elementos gráficos, articula-se com a linguagem verbal, como o balão, textos, onomatopeias, legendas, interagindo de modo que o leitor sinta como se a narrativa estivesse falando de forma audível ao seu entendimento por meio dos seus personagens. Essa sensação de ouvir a voz dos personagens se dá pela característica em que cada elemento gráfico articulado com os elementos verbais cumprem uma função comunicativa, pois assim como os espaços que existem entre os elementos visuais chamados de lacunas ou sarjetas são espaços e tempos de construção de significação e sentido, os diálogos nos balões, de acordo cada tipo de balão e tipo de fala, tem essa possibilidade de construção de sentidos. O balão é o veículo mediador do diálogo, integração do elemento visual com o verbal.

O balão, ele próprio, é um elemento gráfico que se apresenta de diversas formas de acordo com as circunstâncias na narrativa, trazendo em si diferentes modos de expressão verbal sinalizando ideias, sentimentos, expectativas e tantas outras formas de expressões, sendo que o balão, em si mesmo, denota o tipo de expressão nele contido. Ou seja, o próprio formato do balão se conecta com o tipo de mensagem textual e imagética transmitida. Exemplo: se o personagem está com medo, o balão que contém a fala do personagem é um balão com linhas trêmulas, representando o medo, e assim se sucede a outros tipos de expressões, como raiva,

decepção, alegria e tantas outras emitidas por meio de personagens e de textos.

A combinação dos elementos visuais e verbais na dinâmica de leitura permite uma construção mental do leitor da percepção da voz e sentimentos dos personagens, criando essa conexão e a percepção do som da fala, de modo que, "sendo uma convenção, o código auditivo transmitido pelo balão passa geralmente despercebido ao leitor, a menos que um comentário textual chame a atenção ou que participe ativamente da narrativa transformando-se em metalinguagem" (Vergueiro, 2004, p. 56). Deste modo, ao analisar uma história em quadrinho deve-se considerar a sua capacidade de formar no leitor diversos tipos de ideias, sentimentos, percepções, conhecimentos, ou seja, construções mentais que reverberam no desenvolvimento do indivíduo em seus diversos aspectos, pessoal, social e cultural, mediante o esforço mental na atividade de leitura, que envolve a capacidade de ler diversos elementos ao mesmo tempo para construir o conhecimento.

A linguagem verbal ainda apresenta algumas diferenças dentro do balão a depender do tipo de voz que o texto queira trazer, em que, por exemplo, o autor utiliza fontes diferentes para personagens diferentes, significando o som de suas vozes conforme se leem suas palavras. Outra forma de dar mais expressão à voz é usar do "tamanho da fonte e a sua espessura para indicar o nível do som: quanto maior for a letra, mais alto é o som que ela representa" (Postema, 2018, p. 121), dando suporte para o leitor designar tanto a força da voz quanto outros aspectos relacionados à voz dos quadrinhos. A inter-relação desses elementos na leitura permite uma sinergia, de modo a gerar compreensão ampla da narrativa. Por meio das características das histórias em quadrinhos, com a imagem organizada de forma sequencial e progressiva, em que cada elemento se articula para criar uma experiência de leitura singular, os atores envolvidos têm a oportunidade de criar, a seu modo, alguns aspectos imaginários da narrativa através do tipo diferenciado de leitura, que vai além de ler imagens e textos, podendo o leitor se introduzir na construção da história.

Conforme destacado, as histórias em quadrinhos são um híbrido de linguagens, que articula e potencializa a história narrada, propiciando a imersão do leitor em contextos diversos, em temáticas das mais diferentes relevância na sociedade, sendo uma ferramenta de comunicação entre a cultura e o indivíduo, abordando situações do cotidiano sociocultural, possibilitando sentidos por meio das representações e por meios dos elementos constituintes das histórias em quadrinhos, com o trabalho mental do leitor na compreensão do todo complexo na leitura. Esta ênfase dada a alguns aspectos da especificidade estrutural das histórias em quadrinhos se dá em torno da importância desse gênero narrativo na construção de experiências

significativas na formação do indivíduo, assim como no contexto social, dando sentido ao que lê ao mesmo tempo em que complementa criativamente a leitura.

As histórias em quadrinhos, como já mencionado, não são apenas ferramentas de entretenimento, pois constitui-se instrumentos artísticos culturais capazes de inserir em suas narrativas os diversos contextos socioculturais, suas ideias, suas problemáticas, a forma como a sociedade se desenvolve em seus respectivos tempos e lugares. Postema (2018, p. 64), mostra como as histórias em quadrinhos "ressaltam a experiência de casos específicos para ilustrar de forma mais ampla os problemas sociais ou, até mesmo, apresentar verdades universais". No caso, a autora explica como as histórias em quadrinhos, através de seu formato gráfico, retratam potencialmente famílias norte-americanas afetadas pela Grande Depressão econômica do início do século XX, através do drama de uma família de classe média que aos poucos mergulhava no mundo da pobreza, desemprego e drama familiar, se assemelhando a milhares de outras famílias que compartilhavam da mesma aflição. Uma crítica social compartilhada massivamente, alcançando milhares de mentes que refletiam sobre o mesmo contexto socioeconômico e cultural da época.

A qualidade na forma de entregar a mensagem, através dos diversos elementos que tornam as narrativas de histórias em quadrinhos uma mistura de prazer, formação do indivíduo, produção de conhecimento e tantos outros aspectos possíveis por meio destes elementos culturais, torna-a também, um recurso para fins educacionais, como trabalhado por vergueiro, (2017), sobre o uso das histórias em quadrinhos no ensino. Mas, esta característica a coloca como instrumento para fins de doutrinação ideológica, como aponta o autor. As qualidades das narrativas como instrumentos de formação humana é uma realidade observada em diversas áreas de conhecimento, cujos estudos ultrapassam as fronteiras do campo da literatura, com reflexões que despertam atenção, por exemplo, na filosofia, como forma de mostrar que existem outros conhecimentos igualmente verdadeiros no campo da cultura humana.

O filósofo Richard Rorty (2007), em seu livro *Contingência Ironia e Solidariedade*, abrange uma compreensão sobre narrativas que implica em uma visão sobre o mundo social em que estas exercem um papel real de transformação. O autor se utiliza de estudos no campo filosófico e literários, além de perspectivas da psicologia para dialogar acerca dos conhecimentos humanos, da linguagem e das contingências da vida, em que as narrativas são ferramentas viáveis dentro de contextos sociais e culturais, com suas problemáticas, seus cotidianos, integrando o indivíduo com aspectos importantes da cultura, seja no comportamento social e individual, nas crenças, nas políticas e tantos outros aspectos culturais. Rorty (2007),

rompe com a crença na filosofia tradicional e na ciência moderna, a respeito do conhecimento como a descoberta da verdade, buscando mostrar a necessidade de reconhecimento de outras produções de conhecimento para outras finalidades, como fins sociais, a exemplo, diminuir a crueldade e criar a solidariedade.

Outros filósofos, percebendo que o mundo descrito pelas ciências físicas, não ensina nenhuma lição moral e não oferece conforto espiritual, concluíram que a ciência não passa de uma serva da tecnologia. Esses filósofos alinham-se com o utopista político e com o artista inovador. [...] Veem a ciência como mais uma das atividades humanas, e não como o lugar em que os seres humanos deparam com uma realidade não humana “concreta”. (Rorty, 2007, p. 26).

Essa leitura de Rorty (2007), permite compreensões significativas a respeito das produções humanas úteis para finalidades diferentes, criticando o discurso de um paradigma cientificista, de uma ciência ou de uma crença na ciência, como o único conhecimento verdadeiro, em que “a verdade não pode estar dada – não pode existir independentemente da mente humana” (Rorty, 2007, p. 28), pois a mente humana os constroem, a partir de seus discursos, linguagens humanas em seus diversos contextos sociais e culturais, que os validam como verdadeiros e, portanto, o modelo ou o paradigma cientificista não atende a todo a realidade humana, pois existem outros conhecimentos que também são úteis para atender a diferentes necessidades. Observamos a questão cultural e social como central, com a alusão à “lição moral” e “conforto espiritual” como aspectos, que na visão do autor, não podem ser atendidas pelas “ciências físicas” ou ciências naturais.

Rorty (2007), entende a verdade científica e filosófica como uma construção humana, criada por vocabulários dentro de determinada cultura, em que, a realidade é descrita sob várias perspectivas, ocorrendo descrições e redescrições sobre algo ou alguma coisa, dentro de seus contextos sociais e culturais, afirmando que “Esses filósofos consideram que a ciência é a atividade humana paradigmática e insistem em que a ciência natural descobre a verdade em vez de criá-la” (Rorty, 2007, p. 26), ideia que assumiu centralidade na sociedade deixando outros tipos de conhecimentos inferiorizado, porém, compreendidos pelo autor como ferramentas para finalidades diferentes, como as narrativas com finalidades para o campo da cultura e da sociedade

Para o filósofo em questão, “A ficção [...] fornece detalhes sobre tipos de sofrimento suportados por pessoas em quem, até então, não prestávamos atenção. A ficção [...], fornece detalhes sobre os tipos de crueldade que nós mesmos somos capazes e, com isso, permite que nos redescrevamos (Rorty, 2007, p. 20). Aqui é possível ver o grau de importância dado ao

aspecto das produções ficcionais como ferramentas produtoras de conhecimento a partir da capacidade de despertar a atenção para aspectos como a crueldade social e individual.

Criticando o modelo de conhecimento cientificista e a seus vocabulários finais, prontos, Rorty (2007), se dirige especialmente no intuito de levar a uma reflexão sobre a função dos conhecimentos, que é atender as necessidades dos indivíduos em suas respectivas culturas e sociedades. O filósofo é atuante em mostrar que os conhecimentos são construídos para atender as necessidades humanas, como ferramentas úteis para diferentes finalidades, ou seja, os conhecimentos científicos são válidos para determinadas áreas de aplicações, porém, em outras esferas humanas, requerem outras ferramentas, outros tipos de produções. Nessa visão sobre os conhecimentos como produção humana para finalidades diversificadas, Rorty (2007), mostra como os conhecimentos servem a finalidades diferentes, atendendo a diferentes necessidades.

[...] os grandes cientistas inventam descrições do mundo que são úteis para o objetivo de prever e controlar o que acontece, assim como os poetas e os pensadores políticos inventam outras descrições do mundo para outros fins. Não há sentido algum, porém, em que qualquer dessas descrições seja uma representação exata de como é o mundo em si (Rorty, 2007, p.26).

Na concepção de Rorty (2007), os conhecimentos humanos são descrições da realidade de forma que podem sofrer redescrições ou reelaboração pelos contextos culturais e sociais, em que determinados saberes pode ser substituído dentro das suas necessidades e finalidades. neste campo, Rorty (2007) apresenta as narrativas como opção viável para fins determinados dentro da cultura substituindo à teoria.

[...] essa substituição receberia um tipo de reconhecimento que ainda lhe falta. Esse reconhecimento faria parte de uma guinada geral contra a teoria e a favor da narrativa. Seria uma guinada emblemática de nossa desistência da tentativa de abarcar todas as facetas de nossa vida numa única visão, de descrevê-las como um só vocabulário" (Rorty, 2007, p. 22).

É perceptível a visão do filósofo de que os conhecimentos produzidos pelas ciências da natureza não são capazes de abarcar todas as perspectivas de realidade que circunda a vida do indivíduo, o que leva a Rorty (2007), a assumir uma posição "contra a teoria e a favor da narrativa", quando se trata das questões que envolvem o indivíduo, a cultura e sociedade, principalmente no que se refere à dor e humilhação humana propositada por outros humano, situação social que requer trabalhar formas de diminuição da crueldades e produção da solidariedade através de instrumentos da cultura e não por uma essência puramente natural humana.

Torres (2021), em suas análises sobre a solidariedade nas literaturas a partir da perspectiva de Rorty, afirma que Rorty “[...] desenvolveu uma tese sobre a função da literatura na sociedade ocidental contemporânea. Para ele, a literatura tem a função de redimir o homem contemporâneo, transformando-o em algo melhor” (Torres, 2021, p.11). Essa afirmação dialoga com as proposições do próprio filósofo sobre as narrativas como forma de transformação do indivíduo e da sociedade de forma sistemática e paulatina.

A disputa sobre os campos de conhecimento para a validação de seus vocabulários finais, que se deu no passado entre o campo da ciência e o campo da religião, em que os vocabulários sobre o conhecimento verdadeiro cientificista assumiu centralidade, invalidando outros tipos de conhecimentos, transformou-se em um embate sobre os demais conhecimentos, pois “Eles veem a antiga luta entre a ciência e a religião, a razão e irracionalidade, como um processo ainda em andamento que agora assumiu a forma de uma luta entre a razão e todas as forças intraculturais que pensam na verdade como algo construído e não encontrado” (Rorty, 2007, p. 26). Aqui o autor explana o conflito entre a ciência e demais formas de conhecimentos, seja religioso, artístico, tradicionais e tantos outros saberes, como forma de ignorar ou desqualificar demais formas de saberes, conhecimentos advindos de outros espaços, lugares e as suas finalidades.

Diante a percepção de que, de acordo com Torres, (2021), a cultura "dos poemas e romances" a partir do século XIX se apresentava com grande força no momento histórico "a imagem da Filosofia associada ao rigor científico foi se tornando algo cada vez mais distante do resto da cultura que a cercava" (Torres, 2021, p.19) e das demandas sociais, culturais e individuais. É nesse aspecto que surgem as críticas sobre os vocabulários finais de uma verdade absoluta advinda da filosofia moderna e do cientificismo, em que Rorty (2007), mostra que os conhecimentos são produzidos e válidos na cultura humana, de acordo com os interesses ou finalidades “assim como a caneta não é um instrumento mais verdadeiro do que o facão do açougueiro, nem a orquídea hibridizada é menos flor do que a rosa silvestre” (Rorty, 2007, P. 80).

Neste caso, as narrativas assumem função de auxiliar nas questões da cultura e da sociedade, em como se deve por meio de elementos culturais construir ações ou práticas de solidariedade e a diminuição da crueldade. Torres (2021, p.21), comenta sobre essa visão de valorização dos conhecimentos na perspectiva de Rorty, ao defender que ele “Vê a ciência como um gênero de literatura - ou, para pôr a coisa da maneira inversa, a literatura e as artes como investigações, no mesmo pé das investigações científicas”, com propósitos de usos para atender

as necessidades.

A crítica do autor não é uma tentativa de desfazer o valor dos conhecimentos científicos, mas, conscientizar a respeito da importância das outras formas de produção de conhecimento, como ferramentas de usos socialmente e culturalmente válidos.

Embora as ciências tenham se expandido mil vezes desde o fim do século XVIII e, com isso, tenham possibilitado a consecução de metas políticas que nunca poderiam ter se realizado sem elas, mesmo assim, as ciências recuaram para o plano de fundo da vida cultural. Esse recuo se deve, em grande parte, à dificuldade crescente de dominar as várias linguagens em que as diversas ciências são praticadas. Não se trata de algo a ser deplorado, mas a ser enfrentado. Podemos fazer desviando a atenção para as áreas que *estão* na vanguarda da cultura, aquelas que exercitam a imaginação dos jovens, a saber, a arte e a política utópica (Rorty, 2007, P. 103).

Aqui o autor aponta para a cultura como o lugar da vanguarda, através de conhecimentos, ou áreas de produção de saberes que exercitam a imaginação, e, conseqüentemente, a possibilidade de uma mudança de consciência social e individual. É neste campo, dos conhecimentos da cultura, ou seja, de acordo com os seus contextos sociais e culturais, que o autor apresenta as narrativas como uma opção de conhecimento com forte potencial de transformação social. um instrumento capaz de produzir ou despertar a imaginação do indivíduo, permitindo construir mentalmente cenários imaginários sobre diversos aspectos da cultura humana.

Neste campo, não as teorias, mas as narrativas teriam o poder de proporcionar este cenário imaginativo no indivíduo, visto que “Essa não é uma tarefa para a teoria, mas para gêneros como a etnografia, a reportagem jornalística, o livro de histórias em quadrinhos, o documentário dramatizado e, em especial, o romance” (Rorty, 2007, p. 20). O segue filósofo demonstrando que as narrativas, sejam factuais ou ficcionais, têm mais poder de transformação cultural, social e individual que algumas áreas de produção de conhecimento científico ou filosófico. O romance, na visão de Rorty (2007), desempenha uma função na sociedade que os conhecimentos científicos ou filosóficos não poderiam, ao possibilitar por meio da criatividade e imaginação, situações, dentro das narrativas, que desempenharia um papel sensibilizador para com eventos e práticas sociais, culturais e individuais, em que tais sensibilizações diminuiria a crueldade humana.

Rorty (2007, p. 135), incluindo nesse *rol* o livro de histórias em quadrinhos, narrativas sequenciais, como já mencionado, com grande potencial de formação do indivíduo. O autor evidencia que existe um tipo livro que “nos ajudam a ser menos cruéis”, o tipo de livro “pertinente às nossas relações com os outros, para nos ajudar a notar os efeitos de nossos atos

sobre outras pessoas. São esses livros pertinentes à esperança liberal e à questão de como conciliar a ironia privada com a esperança" (Rorty, 2007, p. 236), ou seja, conciliar as perspectivas individuais com as perspectivas sociais, coletivas. São esses livros que ajudam na redescritção cultural e individual, pois são "livros que dão novos estímulos à ação [...], sugerem (ora diretamente, ora por insinuação) que o leitor deve modificar sua vida (num aspecto significativo ou insignificante)" (Rorty, 2007, p. 239). As narrativas de quadrinhos, assim como outros gêneros narrativos estão nesse conjunto, nesse tipo de livro.

O filósofo aborda entre outros temas, a noção de *Solidariedade e Crueldade* (Rorty, 2007, p. 235), ocupando inclusive um capítulo do seu livro, mostrando que as narrativas podem retratar a crueldade tanto individual quanto institucional, e principalmente, trazendo a perspectiva da solidariedade dissociada de "nossa humanidade essencial" (Rorty, 2007, p.311), mas como uma construção cultural e histórica no processo de socialização do indivíduo. Esta abordagem "nos permite ver a solidariedade como algo criado em vez de encontrado, produzido no decorrer da história, e não conhecido como um fato anistórico" (Rorty, 2007, p. 320). Aqui reside a possibilidade de se criar formas culturais de valorização do humano em seus diversos aspectos e dimensões. neste aspecto, o racismo e o sexismo são fenômenos culturais de grande importância, os quais mediante o uso de narrativas podem ser trabalhados do propósito de uma reelaboração cultural de valorização do outro, da não aceitação à crueldade, tanto a partir do indivíduo quanto na sociedade. Para Rorty (2007, p. 235),

Os livros que ajudam a nos tornar menos cruéis podem ser grosseiramente divididos em (1) livros que nos ajudam a ver os efeitos das práticas e instituições sociais nos outros, e (2) os que nos ajudam a ver os efeitos de nossas idiossincrasias privadas sobre terceiros.

Sua reflexão nos encaminha a entender que tanto a crueldade praticada no campo das instituições sociais quanto da crueldade praticada no campo da vida privada do indivíduo é abordada pelas narrativas. Dentre os tipos de narrativas, o filósofo destaca que "os livros mais úteis desse gênero são obras de ficção que exibem as cegueira de um certo tipo de pessoas para a dor de outros tipos de pessoas"(Rorty, 2007, p. 236), dando liberdade de uso da imaginação para abordar de forma lúdica os mais diversos contextos culturais da sociedade, trazendo para a compreensão do indivíduo e da sociedade os diferentes tipos de crueldades, notadamente por se tratar de livros que dramatizam o conflito entre deveres do indivíduo pessoais e deveres dos outros, proporcionando ao indivíduo pensar sobre si mesmo e sua relação na cultura e na sociedade.

Rorty (2007), enfatiza a importância das narrativas como ferramenta no combate à crueldade individual e social sendo ele um expoente na crítica à canonização de determinados tipos de conhecimentos em detrimento de outros e empenhado a mostrar esses aspectos para determinados campos de conhecimentos, dando entender os desafios da sua empreitada, ao fazer análises literárias, filosóficas psicológicas e outras sobre o uso das narrativas, como afirma: “Também é difícil convencer os metafísicos liberais do valor dos livros que nos ajudam a evitar a crueldade, não por nos advertirem contra a injustiça social, mas por nos advertirem contra as tendências para a crueldade que são inerentes à busca de autonomia” (Rorty, 2007, p. 240).

Mediante a obsessão particular humana de conquista, o indivíduo não consegue perceber a dor e sofrimento que causa no outro. Tais livros são os que trabalham, por meio da ficção narrativa, formas de mostrar como práticas de indivíduos desumanizam o outro. Deste modo seu pensamento se articula com as compreensões dos autores mencionados anteriormente a respeito das histórias em quadrinhos como narrativas potenciais na reelaboração de aspectos importantes da cultura, a partir de sua capacidade de trazer de forma eficaz a interação entre leitor e narrativa, o que a torna um instrumento de divertimento sobre as crueldades, nas quais inserem-se o racismo e o sexismo na cultura brasileira.

Estas questões sobre a crueldade e, quando abordadas pela narrativa, da possibilidade de envolver o indivíduo em um nível bem profundo, seja qual for o tipo de narrativa ficcional, como filmes, literaturas, novelas, músicas e histórias em quadrinhos numa esfera de internalização dos acontecimentos por meio da imaginação, se tornam potenciais ferramentas de redescritção social e criação da solidariedade, tal qual nas obras literárias mencionadas por Rorty (2007, p. 340), de “Vladimir Nabokov” (1899 - 1977) e “George Orwell” (1903 - 1950), que proporcionam ao leitor experiências a respeito da crueldade no aspecto público, das instituições sociais, políticas governamentais e outros, como no aspecto privado, mostrando formas de crueldades inerente ao indivíduo, às suas práticas na cultura para com os outros.

Ambos, Nabokov e Orwell, no entendimento de Rorty (2007), acreditam, que a crueldade é a pior coisa que fazemos e trazem essa crença em suas obras literárias, por meio de narrativas que impactam na sociedade, especialmente no modo de pensar a respeito da forma como seus itinerários culturais e individuais são construídos.

Na atualidade, os meios de comunicação agregam mecanismos de comunicação e divulgação de narrativas, como acontece na cultura pop, porém os efeitos continuam sendo expressivos, alcançando públicos maiores, mesmo sabendo que ferramentas são elementos que

podem ser usadas de acordo com o propósito de quem as manuseia. Neste sentido, por meio das narrativas é possível criar mecanismos de conhecimento sobre as diversas formas de crueldade, possibilitando a perspectiva da personalidade do indivíduo, como ocorre nas narrativas romancistas de Vladimir Nabokov e George Orwell. “Ambos alertam o intelectual ironista liberal contra as tentações a ser cruel. Ambos dramatizam a tensão entre a ironia privada e a esperança liberal” (Rorty, 2007, p. 240).

As narrativas, de forma despretensiosa, se caracterizam por meios acessíveis tanto ao conteúdo nelas contidos, como a forma de se introduzir ao discurso, por meio da linguagem, que permite acessibilidade e compreensão tanto de aspectos humanos quanto culturais e sociais dentro de uma gama condições que por elas podem ser atendidas. Estas constatações servem como bases para que se pensem nas histórias em quadrinhos, enquanto narrativas, como ferramentas que, igualmente a outras narrativas como literaturas, músicas, filmes, e outros, podem perfeitamente proporcionar construção de conhecimentos, principalmente voltados para a sociedade e para os indivíduos dentro do espectro cultural.

Torres (2021), em suas análises sobre literaturas romancistas na obra filosófica de Rorty (2007), afirma que o autor considera central o tema crueldade abordados pelos romancistas Nabokov e Orwell, abrangendo tanto o aspecto interno, do indivíduo, quanto o aspecto externo, público, o contexto cultural e social no qual o indivíduo se forma e se manifesta, o que permite, por meio da imaginação, a sensibilização para a criação da solidariedade. A respeito de Rorty, Torres (2021) afirma:

O neopragmatista [...], considera que a principal semelhança entre os livros de Nabokov e Orwell é no sentido de que a crueldade, e não a criação de si mesmo, é seu tema central. Nabokov escreveu sobre a crueldade a partir de uma perspectiva interna, ajudando-nos a ver de que modo a busca privada do deleite estético produz crueldade. Orwell, na maioria dos textos, escreveu sobre a crueldade a partir de uma perspectiva externa, do ponto de vista das vítimas, e com isso produziu o que Nabokov chamava de “lixo local — o tipo de livro que ajuda a reduzir o sofrimento futuro e serve à liberdade humana (Torres, 2021, p. 45).

Sua afirmação nesta citação, reforça que as narrativas trazem a possibilidades de esclarecimento e consciência social a respeito de diversas situações, alcançando um grande público e sendo instrumentos de veiculação de pensamentos, ideias, conceitos e tantos outros aspectos, de forma quase imperceptível da ideia do escritor, assumindo uma certa autonomia por suas compreensões.

Nessa perspectiva, as narrativas são instrumentos capazes de transformar a compreensão do indivíduo a respeito do mundo e da sociedade, de si e do outro, a respeito da crueldade e

principalmente, na esperança de produção de solidariedade como um produto da cultura, uma prática cultural, um construto social, pois “no nível mais profundo do eu, não há nenhum senso de solidariedade humana, que esse sentimento é um mero produto da socialização humana” (Rorty, 2007, p. 15).

Essa produção de sensibilidade, ou de ver o outro, o estranho, o forasteiro, o pedinte, o doente, o racializado, o menosprezado e tantos outros, como um de nós, possibilita ao indivíduo romper com as fronteiras, ou pelo menos, diminuir a distância entre o eles e o nós, com esperança de práticas culturais mais solidárias. O processo de passar a ver outros seres humanos como um de nós e não como eles, define uma descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e, ao mesmo tempo, de redescritção de quem somos nós mesmos. Nessa concepção das narrativas como um instrumento de formação humana, elas são possíveis de proporcionar no indivíduo uma redescritção a respeito da crueldade social e individual e ao mesmo tempo possibilitar a sensibilidade para a criação da solidariedade humana.

Novamente Rorty afirma,

Em minha utopia, a solidariedade humana seria vista não como um fato a ser reconhecido, mediante a eliminação do “preconceito” ou como o mergulho em profundezas antes ocultas, mas como um objetivo a ser alcançado. E a ser alcançado não pela indagação, mas pela imaginação, pela capacidade imaginativa de ver pessoas estranhas como semelhantes sofredores. A solidariedade não é descoberta pela reflexão, mas sim criada. Ela é criada pelo aumento de nossa sensibilidade aos detalhes particulares da dor e da humilhação de outros tipos não familiares de pessoas. Essa maior sensibilidade torna mais difícil marginalizar pelo pensamento pessoas diferentes de nós. (Rorty, 2007, p. 20).

Na perspectiva descrita na citação, a narrativa, em vez da filosofia tradicional ou da ciência moderna, promove as mudanças tanto no indivíduo como na cultura e na sociedade. Esse potencial se dá pelo poder de proporcionar ao indivíduo que se engaja, ainda que imaginativamente, nos contextos proporcionados pela narrativa, e compreender a partir dos personagens e do enredo narrativo, a dor e sofrimento do outro, as formas questionáveis de produção da cultura, de modo que o indivíduo, de forma desobrigada, insira-se a si mesmo nesse modo de pensar proposto pelo criador da narrativa.

Através dos processos imaginativos, os indivíduos se colocam nas situações de enxergar nas pessoas estranhas semelhantes sofredoras, se sensibilizando com o outro, dos filmes, séries, novelas, animes, teatros, musicais, literaturas e principalmente das histórias em quadrinhos, como analisadas anteriormente, uma prática cultural capaz de produzir conhecimentos. Criadores e apreciadores das narrativas formam a unicidade que, de acordo com Rorty (2007)

“Engajam-se em um esforço social compartilhado – o esforço de tornar mais justas e menos cruéis nossas instituições e práticas” (Rorty, 2007, p. 17).

É possível perceber que as questões individuais e culturais se entrelaçam, que a produção de conhecimentos humanos não pode existir fora da cultura e são criados a partir de linguagens, vocabulários, para atender a determinados fins, sejam culturais ou individuais. As narrativas são conhecimentos tão verdadeiros quanto os conhecimentos filosóficos ou científicos, atendendo a demandas específicas como na diminuição da crueldade e na produção de solidariedade, como uma ferramenta possivelmente mais poderosa do que a teoria para mostrar a crueldade humana e social, com uma pretensão despretensiosa para criar no indivíduo a sensibilização para práticas menos cruéis e mais solidárias.

Portanto, a partir desses pressupostos aprofundados em Rorty (2007), da narrativa como instrumento cultural capaz de abordar aspectos da realidade, tanto na perspectiva da individualidade do ser quanto no aspecto cultural, temos a possibilidade de acesso a suportes ou pressupostos para a compreensão do seu uso no âmbito do combate ao racismo, como um fenômeno cultural que se interliga a todas esferas sociais e individuais, fazendo parte tanto do processo cultural de formação da sociedade, quanto do processo de desenvolvimento da personalidade dos indivíduos.

Tais instrumentos podem cooperar para a criação de consciência mais críticas a respeito de práticas sexistas na sociedade, abordando a cultura a partir da perspectiva da violência contra a mulher, e, de forma particular, contra a mulher negra, que se insere no campo de uma cultura de imposições de lugares de inferioridade para o ser feminino negro. O racismo e o sexismo contra a mulher negra são questões de extrema relevância tanto do ponto de vista da cultura e das relações com a sociedade, como do ponto de vista da personalidade, do indivíduo e da sua interioridade.

A abordagem do racismo e do sexismo como práticas de crueldade, tanto da perspectiva social, pública, quanto da perspectiva privada, individual, se torna uma exigência inquestionável, na qual, o uso das narrativas como as histórias em quadrinhos, podem se tornar aliados às demais produções de conhecimentos, para proporcionar a redescrição da cultura, da sociedade e do indivíduo, pois para Rorty (2007, p. 137) os “ironistas encaram os escritos de todas as pessoas dotadas de talento poético, todas as mentes originais que tiveram um dom de redescrição, [...] como material a ser processado no mesmo moinho dialético”.

Na seção seguinte, abordaremos de forma atenta os racismos e o sexismo na cultura, concentrando compreensões em torno das representações de mulheres negras em Histórias em

quadrinhos, sem, no entanto, a pretensão de concentrar estas compreensões em torno de uma única representatividade, mas descrever de que forma narrativas quadrinistas nacionais estão tratando tal temática.

2.4 RACISMO E SEXISMO NA CULTURA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Nesta seção será abordado aspectos em torno do racismo e do sexismo na cultura nacional e como essas questões perpassam aos diversos espaços da sociedade. Será abordado o racismo e o sexismo através das representações de mulheres negras nas histórias em quadrinhos como uma prática cultural que denota ou expressa aspectos sobre os pensamentos, ideias, concepções, modos de desenvolvimento e tantos outros elementos que incide sobre a cultura, ou seja, traz em seus enredos narrativos o atravessamento da forma como a cultura se desenvolve sob o peso de ideologias raciais e sexistas no contexto nacional.

As histórias em quadrinhos, mesmo que intrinsecamente, abordam sobre os contextos e ambiências culturais, expressando as compreensões da sociedade a respeito de vários aspectos, tais como questões acerca da mulher negra, em particular, pela forma como foi construído, desde o período escravocrata, o imaginário estereotipado negativamente sobre o ser feminino negro na história nacional. É uma seção dedicada ao estudo sobre o racismo e suas implicações, intensificado pelo sexismo, como uma profunda cisão social, uma separação que nutre a inferiorização não apenas racial, mas de corpos, de lugares, de representação cultural e intelectual, e uma infinidade de outras coisas.

Trazemos uma leitura sobre as histórias em quadrinhos articuladas com o racismo e o sexismo a partir de construções teóricas já consolidadas, buscando compreender possíveis mudanças no cenário nacional a respeito da representatividade da mulher negra na atualidade que, vislumbradas pelas práticas culturais quadrinistas, possam contribuir para a compreensão do cenário atual da cultura brasileira. Neste aspecto, situar-se-á a mulher negra como centralidade, não apenas como objeto de estudo, mas com todo o respeito, buscando compreender o cenário atual, em consequência da construção cultural da nação, que historicamente foi retratada, em sua maior parte, não na sua totalidade, de forma estereotipada, pelos meios midiáticos, incluído a mídia quadrinista.

A pergunta em volta de qual a representatividade dada à mulher negra nas histórias em

quadrinhos na atualidade propõe uma compreensão a respeito da forma como a cultura nacional tem concebido a mulher negra na sociedade, o que exige compreender passado e presente para que novas elaborações ou redescrições culturais possam ser concretizadas, a qual Rorty (2007, p. 21), sugere, “que veiculassem o presente ao passado, por um lado, e a futuros utópicos, por outro”, como uma proposta de compreender o passado como base para construções construtivas no futuro.

Atentando para a especificidade do objeto central desta pesquisa, que é a mulher negra nas histórias em quadrinhos nacional, a fundamentação teórica desta seção estará aportada em autores que trabalham o racismo e a mulher negra nas histórias em quadrinhos, nos autores Fernandes (2008), Maringoni (2011), Chinen (2013) e Oliveira Neto (2015). Ainda para uma compreensão a respeito do que seja o sexismo, torna-se importante fazer uma breve leitura bibliográfica a respeito dessa ideologia, que embora o termo seja considerado novo na sua formulação, busca trazer para as discussões comportamentos culturais não tão novos de inferiorização, que em diferentes graus ou de diferentes formas, de acordo com cada contexto, é objeto das mais diversas crueldades para com o ser feminino em função da sua condição de ser mulher no que se refere ao racismo e sexismo, compreende essa mulher, de acordo com as literaturas, com dupla carga sobre sua existência feminina.

Não se trata de conceber o sexo masculino contra o sexo feminino, ou de uma tentativa de elevar o sexo feminino em detrimento do sexo masculino, mas de compreender uma ideologia em que, culturalmente se disseminou sobre o valor da mulher versus o valor do homem na cultura, gerando multiformes de comportamentos em relação ao ser feminino e ao ser masculino. São ideias que geram desigualdades, de acordo com os contextos, credibilidade, preconceito, discriminação e visões estereotipadas das competências do ser feminino, dentro de suas capacidades humanas. Homens e mulheres são diferentes, mas ambos têm o mesmo valor, tanto biológico quanto cultural, porém as ideologias sexistas são tão perniciosas quanto às ideologias raciais, que negam o “Princípio da Igualdade”, explicitados por Daronch (2024, p. 01), em que a “igualdade formal significa que todos são iguais perante a lei e devem ter acesso aos mesmos direitos e oportunidades, ou seja, a igualdade material significa que todos e todas devem ser tratados de forma igual, independentemente de suas diferenças individuais.

Corroborando com os enunciados por Daronch (2024), o Princípio da Igualdade, explicitado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, destaca que todos os indivíduos, independentemente sua etnia, classe social, sexo, ou outra condição qualquer, estão em situação

de igualdade perante a lei e os direitos por ela garantidos, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei, além de direito a igual proteção contra qualquer discriminação (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948). Deste modo, tanto o racismo como o sexismo estão na contramão desse princípio.

A ideologia do sexismo se articula com as questões raciais e ambas ferem a dignidade humana, pois assim como o racismo, o sexismo se fundamenta em ideias construídas histórica e culturalmente, em torno das características biológicas dos indivíduos se, constituindo formas de discriminação e fatores determinantes para as condições socioeconômicas e culturais, atingido todos os aspectos da vida das mulheres negras na sociedade. De acordo com Paulla e Felix (2023, p. 11), "Raça e gênero são heranças dos processos de colonização e parâmetros basilares que nos ajudam a compreender as razões que fazem com que as mulheres negras sejam alvo de tantas violências [...]".

São fatores que requerem uma compreensão do fenômeno como um processo interseccional, analisando o racismo e o sexismo como fatores construídos nos processos históricos, proporcionando desigualdades sociais e econômicas, interferindo em diversas aspectos da formação do indivíduo e se concretizando como diversas formas de violência contra a mulher, através da criação de estereótipos negativos tanto com relação a racialização quanto pelo fato de ser mulher.

Dessa forma, o termo “sexismo” refere-se a separação, categorização e diferenciação por sexo. Isto é, feminino e masculino. Essa diferença de tratamento se ampara nos estereótipos construídos socialmente que buscam estipular o comportamento adequado e esperado para cada um dos sexos. Dessa forma, se categoriza o que cada indivíduo pode ou não fazer dentro dos padrões estipulados (Silva, Duhart e Pereira, 2021, p.02).

É uma forma de justificação da desigualdade de direitos, de oportunidades, condições de vida, de respeito e tantas outras aspectos imposto sobre os seres femininos por crenças baseadas na diferenciação do sexo masculino e feminino. A ideologia sexista usa a diferença de sexo como forma de justificar a inferiorização das mulheres que, assim como o racismo, se pauta em ideologias baseados em diferenciações biológicas, como quesito avaliativo e qualitativo das pessoas, o que mostra uma forma violenta de manifestação de poder nas relações entre o masculino e o feminino, se constituído uma crueldade tanto no aspecto individual quanto social, pois, “mais que demarcar o que corresponde a cada gênero, o sexismo se ampara em situações de poder que geram discriminação, segregação e exclusão social” (Silva, Duhart e Pereira, 2021, p. 02).

Não se trata de reconhecer as diferenças entre homens e mulheres somente pelos seus aspectos biológicos, mas de uma construção histórica, social e cultural de inferiorizar, desmerecer ou diminuir ou ser feminino por sua condição feminina. “Mais que impactar nas expectativas, o sexismo demonstra claramente uma hierarquia que conduz o masculino à superioridade em relação ao gênero feminino” (Silva, Duhart e Pereira, 2021, p.04). Vale lembrar que o sexismo, mesmo sendo uma ideologia que, assim como racismo, se estrutura na sociedade, não implica que todos os indivíduos, homens e mulheres sejam sexistas, mas que a ideia sexista permeia a cultura, influenciando nas tomadas de decisões, nos papéis e lugares sociais.

Nascimento, Amorim e Motta (2016), apontam como a ideia sexista causa transtornos tanto para homens quanto para mulheres, pois nem todos os indivíduos sociais agem ou gostariam de se conformar com a cultura de separação na qual estão inseridos. Dessa forma a lógica sexista agride a "homens e mulheres" de acordo com a citação a seguir:

O sexismo atua de forma horizontal, atingindo não só as mulheres, mas também os homens. Assim, a lógica sexista agride homens e mulheres, pois ao separar elementos, condutas, responsabilidades e tarefas por sexo através do processo de socialização, também limita a vida de todos os que optam por não seguir o que seria esperado para seu sexo. (Nascimento, Amorim e Motta, 2016, p. 01).

Apesar do termo sexismo ter sido criado na década de 1960 para se referir sobre as agressividades sociais e culturais sofridas pelas mulheres ao longo da história em função do seu gênero feminino, o “termo de origem *sexism* foi, por sua vez, criado por analogia ao termo *racism* na segunda metade dos anos 1960” (Nascimento, Amorim e Motta, 2016, p. 01), associando os preconceitos e as segregações sofridas pelas mulheres ao mesmo tipo de tratamento dado às pessoas racializadas, posteriormente sendo utilizado para se referir as discriminações realizadas contra homens em determinados espaços da sociedade, em que a prevalência era do sexo feminino, como por exemplo no campo da educação, se referindo também ao sexismo contra homens. “O sexismo se expressa em toda atitude de preconceito e discriminação fundamentada no sexo das pessoas, atingindo homens e mulheres através da distinção de papéis e condutas sociais (Nascimento, Amorim e Motta, 2016, p. 01).

Mesmo que homens também sejam atingidos pelas ideologias, a prevalência está no tratamento inferiorizado dado das mulheres, visto que “O sexismo se trata do preconceito em relação às mulheres” (Nascimento, Amorim e Motta, 2016, p. 01). Assim como acontece nas ideologias raciais, as ideologias sexistas agem de igual modo, selecionando indivíduos de

acordo com as categorias para determinar seus espaços na sociedade. Como o termo sexismo está associado ao termo racismo em sua origem, as semelhanças são inevitáveis, “[...] e compreende avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres, em função de sua condição de gênero” (Ferreira, 2004, p.120).

Igualmente ao racismo, o sexismo “pode se manifestar sob a forma institucional ou interpessoal, muito embora a primeira propicie o contexto cultural adequado à segunda” (Ferreira, 2004, p. 120). Suas formas de manifestações que ocorrem no âmbito cultural, habitual, institucional, influenciam o âmbito individual a partir do pressuposto que indivíduos se formam no meio coletivo e assumem funções sociais. Assim, se torna um ciclo e, neste sentido “[...] o sexismo institucional associa-se às práticas de exclusão promovidas por entidades, organizações e comunidades que impõem às mulheres certas barreiras, impedindo-lhes assim de ter as mesmas oportunidades que os homens [...]” (Ferreira, 2004, p. 120).

Assim, essa diferenciação na forma como a sociedade absorve ou concebe a mulher negra historicamente é um desafio que merece não apenas ser compreendido, mas ser tratado de forma a redescrever novos contextos, tanto no campo das ideias quanto no campo das práticas, da materialidade. O sociólogo Florestan Fernandes (2008), tratando do contexto nacional, afirma que o racismo impôs à população negra, particularmente à mulher negra, os não lugares sociais, o lugar do abandono, do esquecimento, do distanciamento sociocultural e afetivo, evidenciado em sua obra *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*.

A partir das leituras do sociólogo, é possível compreender como a sociedade negra, após a abolição escravocrata, seguiu a continuidade de exclusão e desigualdade, em que, a liberdade jurídica, não conseguiu lhe assegurar a liberdade econômica, nem a inserção na sociedade, na no trabalho, nas instituições sociais, seguindo uma política de manutenção de inferioridade, de pobreza, de marginalização, de preconceito racial, com suas vidas se assemelhando a escravidão.

Segundo Guimarães (2008, p. 12), no prefácio da obra de Florestan referida, pontua que as pesquisas de Fernandes (2008), “[...] desvelavam mais que a incongruência de um passado que se acreditava harmonioso e descobriam as contradições atuais da sociedade brasileira”, contradizendo a ideia de uma democracia racial e apontando para a continuidade de uma sociedade marcada pela segregação racial. As pesquisas de Fernandes (2008), foram importantes para trazer luz sobre a problemática cultura e da sociedade racial nacional, apontando ao mesmo tempo para a necessidade de novos olhares, novas formas de construções a respeito da inserção do negro na sociedade brasileira.

Florestan está claramente apontando para a reconstrução do negro brasileiro, enquanto negro, sublinhando a sua emancipação enquanto o sujeito com a aquisição das técnicas sociais e das disposições psicossociais adequadas para a vida capitalista e pós capitalista. É o novo negro. Esse homem (e mulher) negro, não se deixou enredar no conflito racial. [...] ultrapassou os seus ressentimentos e reconstruiu a sua identidade racial (Guimarães, 2008, p. 15).

Essa leitura a respeito do posicionamento da população negra em torno da sua construção identitária racial, evidencia respostas das ações históricas em torno de reivindicações por mudanças no campo da cultura e da sociedade, buscando a dignidade humana na cultura nacional. As contribuições de Fernandes (2008), em torno das discussões raciais no país são bases para que se consiga visualizar, através de sua ótica, a cultura cruel mascarada de democracia, ao constatar e documentar a situação de racismo e abandono da população negra na sociedade do século XX, em que a libertação da escravização se transformou numa nova forma de escravização, a da indiferença, pobreza, marginalização e tantos outros.

O cenário no qual a população negra se encontrava, mesmo na década de 1950, era um retrato do tipo de cultura e sociedade que se constituía desde a escravização, com as pessoas negras fora das principais instituições sociais e do mercado de trabalho, resultando numa população marginalizada. O autor justifica seu interesse em torno do negro e do mulato, “Porque foi esse contingente da população nacional que teve o pior ponto de partida para a integração ao regime social que se formou ao longo da desagregação da ordem social escravocrata e senhorial e do desenvolvimento posterior do capitalismo no Brasil” (Fernandes, 2008, p. 21).

A desigualdade se dá desde o período da escravização, pois, mediante o fim da escravatura, as instituições governamentais não providenciaram meios que propiciam a independência econômica dos ex-escravizados cuja situação financeira era terrivelmente difícil, sem emprego, sem terras, sem educação, em completa vulnerabilidade, sem condições de sobreviver. Essa situação, seguia-se pelo século seguinte, com as mais diversas formas de discriminação, segregação e preconceito na sociedade.

O autor destaca a situação financeira diferente para a população negra, pois os ex-escravizados dos centros urbanos, através dos seus antigos senhores, conseguiam alguns trabalhos, com ganhos um pouco melhores, trabalhando como “serventes, contínuos” e outros. Porém as condições não eram suficientes para criar um horizonte cultural próprio do “homem de cor livre”, ao contrário da população negra que saiu dos campos e que, segundo Fernandes

(2008, p. 94), “sofreram terrivelmente com a Abolição e a fixação na cidade”, pois não sabiam ler e nem escrever, eram mal vestidos e, principalmente, não tinham proteção, sendo que “Ficaram largados a si próprios, [...] homens e mulheres desse segmento formavam a camada mais desqualificada e paupérrima da população negra” nos centros urbanos, correndo nitidamente a “separação entre a elite de cor e os negros relés” (Fernandes, 2008, p. 102).

Mas a situação difícil não se dava apenas no campo financeiro. Fernandes (2008, p. 98) retrata a violência física e moral sofridas pela população negra que aparecia como uma ameaça ao decoro, à propriedade e à segurança das pessoas, uma situação que causava a revolta daqueles que lutavam pelo direito da população negra na sociedade. Na falta de leis e políticas que garantem a segurança, a vida e liberdade, a população negra era vista como aqueles que não conseguiam reger-se a si próprios, por não possuírem qualidades intelectuais e morais para conduzir a sua própria vida.

É nessa conjuntura cultural que se encontra a mulher negra. O autor não tem como foco principal a história da mulher negra na cultura nacional, porém aparecem nuances da existência desafiadora dessa mulher. As oportunidades de aprendizagem, de desenvolvimento intelectual e econômico são evidenciadas quando o autor observa que a dificuldade para se integrar na sociedade, em seus amplos aspectos, acarretam conflitos dentro do próprio convívio da população negra, ocorrendo históricos, por exemplo, de mulheres, que muitas vezes trabalhavam para sustentar suas próprias famílias, envolvendo-se em caso de prostituição. Muitas eram desprezadas pelos companheiros que não assumiram responsabilidades familiares.

O seguinte caso é típico referindo-se a um negro casado e com filhos. Sua mulher trabalhava para sustentar a casa, pois ele não só se recusava a lhe dar dinheiro, como arrancava dela o que podia. [...] Ele vivia para suas farras, para os seus amigos e para as suas conquistas. Só procurava a mulher quando tinha necessidade dela, transmitindo-lhe até suas doenças venéreas (Fernandes, 2008, p. 204)

O alcoolismo era um problema que atingia homens e mulheres, e os casos de desrespeito para com o corpo da mulher não eram poucos. O autor cita o caso de uma menor de idade que vivia embriagada e foi abusada por um homem, ao ser “abandonada por completo” pela sua mãe (Fernandes, 2008, p. 204). Chama a atenção à falta de justiça para com a população negra. Em um caso relatado por Fernandes (2008, p. 99), nos chama atenção o caso de uma jovem negra “deflorada” por um homem branco. O pai ao procurar a justiça para solucionar o caso não foi atendido, vindo posteriormente a tirar sua própria vida, tamanha a insatisfação com a forma da condução social.

O teórico demonstra que todas essas turbulências são consequências da forma como a sociedade relegou a população negra à sua própria sorte no início da sua vida como população

liberta. De acordo com Fernandes (2008, p. 183), a falta de inserção da população negra na cultura social, foi fator determinante para a desestruturação da família negra e “impedir sua rápida constituição e consolidação”, levando aos mais diferentes problemas sociais como alcoolismo, prostituição, desajustes familiares e tantos outros, em consequência das deficiências institucionais das funções socializadoras da família.

Maringoni (2011), no seu texto *O destino dos negros após a Abolição*, aborda a dificuldade de integração do negro na sociedade, trazendo imagens reveladoras a respeito da crueldade com a população negra na cultura brasileira. Aborda o racismo, a escravização e a modernidade, em que, a população negra, via-se desvalida, tanto no período da escravização quanto no período pós abolição. A liberdade tão desejada e sonhada, transforma-se em mais uma forma de escravização.

Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República. O aumento do número de desocupados, trabalhadores temporários, lumpens, mendigos e crianças abandonadas nas ruas redonda também em aumento da violência, que pode ser verificada pelo maior espaço dedicado ao tema nas páginas dos jornais (Maringoni, 2011, p. 05)

Em suas reflexões, Maringoni (2011) traz uma ilustração do quadrinista Ângelo Agostini, produzida para a *Revista Ilustrada de 1886: denúncia crua da escravidão*, cuja ilustração se constitui uma denúncia da crueldade produzida contra a mulher negra no período da escravização. A imagem chama a atenção pelo grau de crueldade e ilustra uma notícia de jornal. Retrata uma mulher grávida, caída ao chão, com uma das mãos para cima, sendo espancada a chutes e chicotadas pelo seu senhor, um fazendeiro, por estar grávida e chegar a hora de dar à luz e não poder trabalhar, sendo morta a "pontapés na barriga" (Maringoni, 2011, p. 05).

O que se percebe é que a mulher nesse cenário racial, sofre as consequências tanto do racismo quanto pelo fato de ser mulher e estar debaixo de uma ideia que se entremeia na cultura que considera a mulher como um ser inferior biologicamente e, portanto, socialmente, como já discutido anteriormente, se tratando de “uma história de tragédias, descaso, preconceitos, injustiças e dor. Uma chaga que o Brasil carrega até os dias de hoje” (Maringoni, 2011, p. 01). A falta de acolhimento e de políticas de integração social e econômica da população negra e, portanto, da mulher negra no novo regime social destinou-os a um processo histórico de segregação em todos os âmbitos da cultura e da sociedade.

Assim, a mulher que outrora sofria nas mãos dos seus senhores escravizadores, segue sofrendo, numa sociedade que a ignora, que não abdica do preconceito, da discriminação racial e sexista, com atitudes e práticas que se entrecruzam criando experiências negativas e barreiras no contexto social e cultural. Tais ideologias produzem consequências que justificam as condições sociais de mulheres negras, em específico, que afetam todo o contexto da população negra e seu desenvolvimento socioeconômico, afetivo, cultural, visto que as compreensões sobre o indivíduo negro passam por construções, em grande medida, estereotipadas nos diversos campos de produções humanas.

No campo da cultura quadrinista, expressões artísticas de representação da figura negra na sociedade, são marcadas por expressões que, em grande parte, evidenciam aspectos do racismo estruturado na forma como a cultura se desenvolve de modo a se “naturalizar”, se acomodando como um comportamento normal na sociedade.

Nobu Chinen (2013), em sua tese de doutorado, *O papel do negro e o negro no papel: Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*, aborda o negro na arte gráfica, desde as primeiras pinturas produzidas no Brasil, até as histórias em quadrinhos nos tempos contemporâneos, sob uma perspectiva de análise do racismo e preconceito no campo da cultura artística imagética, trazendo expressões que denotam o comportamento racial em torno das expressões artísticas nacionais, trazendo um panorama a respeito da população negra representada na arte gráfica, tanto no período colonial quanto pós-colonial, e, nas histórias em quadrinhos, de janeiro de 1869 a dezembro de 2011, possibilitando compreender séculos de uma construção cultural racial que se apresenta nos mais diversos modos de expressões da cultura nacional.

O foco principal são os personagens negros representados nas histórias em quadrinhos brasileiras, considerando os aspectos quantitativos e qualitativos da população e o marcador de proporcionalidade populacional em relação a presença do negro nas histórias em quadrinhos nacionais. Quantitativamente, considerando a estatística populacional do Brasil, a maior parte da população é negra, aspecto que não se reflete nas histórias em quadrinhos, pois segundo Chinen (2013), ao tentar lembrar o nome de algum personagem negro nos quadrinhos, pouquíssimos veem à mente. Esse aspecto chama atenção ao permitir refletir sobre o tipo de indivíduo que é valorizado culturalmente e que ocupa espaço nas narrativas de histórias em quadrinhos com proeminência, na contramão de personagens negros que possui pouca atenção e significância, afinal “Sendo tantos, seria razoável que fossem representados nos meios de comunicação e nos produtos culturais, o que inclui as histórias em quadrinhos, com certa

proporcionalidade” (Chinen, 2013, p. 05), afirma o autor ao se referir sobre o baixo quantitativo de personagens negros nas histórias em quadrinhos

Outra questão importante é refletir sobre o público para o qual essas narrativas de histórias em quadrinhos são produzidas e como a pessoa negra é apresentada. Considerando as influências culturais que incidem sobre os personagens negros em seus contextos históricos, essas produções, numa perspectiva de desvalorização do outro, devem dispensar atributos humanos personalizados, qualitativos, embora, de acordo com Chinen (2013), mesmo com os aspectos individualizados dos personagens negros, esses ainda sofrem o racismo decorrente das ideias e práticas de hierarquia racial, que perduram na sociedade e que estão impregnadas na cultura em diferentes contextos, incluído nas histórias em quadrinhos.

Neste aspecto, personagens negros de histórias em quadrinhos precisam ser considerados qualitativamente, valorizando a sua personalidade, em lugar de uma impressão social estigmatizada pelo racismo, mostrando os valores culturais, individuais, intelectuais e sociais, além de trazer compreensões sobre a sua constituição como parte de uma sociedade. A influência do meio mostra como a cultura racista interfere na produção dos personagens negros nas histórias em quadrinhos, tornando-se um produto que atende às concepções que prevalecem na sociedade a respeito estereótipo negro, e que, alcança em nível mais sofisticado de preconceito racial, a mulher negra. Essa prática racial constatada nas histórias em quadrinhos, mostra como a sociedade se comporta em relação à população negra em diferentes momentos.

A partir dos dois aspectos, qualitativos e quantitativos, Chinen (2013, p. 103), traz a compreensão de paradoxos relevantes sobre os personagens negros nas revistas de histórias em quadrinhos. A palavra Gibi, que significa “menino ou moleque negro” tornou-se sinônimo de revista em quadrinho, mas o quantitativo da população negra representada nesse meio de comunicação quadrinista era pouquíssimo, sendo que “O irônico é que, mesmo tendo figurado como um dos principais títulos do gênero por mais de 10 anos, nem por isso teve presença garantida nas páginas internas da publicação que ele próprio batizava” (Chinen, 2013, p. 104).

Outro paradoxo importante de se mencionar é que um dos mais importantes personagens de histórias em quadrinhos nacionais, não representa um ser vivo, uma pessoa ou um animal, mas uma mitologia, algo irreal, pertencente ao folclore brasileiro. Assim, torna-se emblemático que uma personagem tão expressiva não representa de algum modo, conexão com o contexto dos indivíduos, de pessoas negras, mais especificamente pelo seu fenótipo negro, mas traz á memória uma lenda, uma estória irreal, algo distante da sociedade, cabendo uma leitura crítica sobre a pessoa.

[...] o Pererê, historicamente o mais bem sucedido personagem negro das histórias em quadrinhos, não é um ser, humano ou animal, mas uma entidade mitológica, pertencente ao folclore brasileiro. Ou seja, o negro mais famoso dos quadrinhos brasileiros é alguém que não existe, que não serve de modelo ou ideal ao leitor negro (Chinen, 2013, p. 104)

Essas inconsistências representam o que Sapir (2012) afirma ser o modo como a sociedade desenvolve sua cultura, que, nesses moldes culturais raciais, a segregação, deliberada ou dissimulada, faz parte da forma constituinte da cultura em relação a determinados fenótipos. A quantidade de personagens negros é muito resumida com relação à população branca, no quesito qualidade, os estereótipos são marcas constantes, os traços dos personagens negros eram grosseiros, contradizendo a realidade, trazendo para o campo da arte quadrinista, a desproporcionalidade, marcando grande parte do período histórico nacional, expressos assim: “No rosto: lábios extremamente grossos a ponto de abarcar toda a parte inferior da cabeça, olhos saltados e orelhas proeminentes. O corpo era esguio e seus braços, desproporcionalmente longos” (Chinen, 2013, p. 122).

Por força do contexto social, mesmo com o apagamento histórico e cultural, a presença negra na sociedade transcende aos diferentes meios de produção cultural, o que permite leituras e construções, a partir de aspectos diversos, compreender os contextos em seus respectivos tempos. Chinen (2013), abrange uma grande quantidade de imagens e histórias em quadrinhos que proporcionam uma leitura sobre o contexto histórico nacional de racismo na arte quadrinista, revelando a consciência da sociedade em diferentes períodos e contextos socioculturais. Apesar de personagens negros fazerem parte das primeiras histórias em quadrinhos nacionais, não tiveram tanta representação positiva, como o personagem Gibi, criado em 1907, que “[...] já possuía todas as características estereotipadas que viriam a marcar a maioria, senão a totalidade, das representações de negros nos quadrinhos e nas charges de modo geral” (Chinen, 2013, p. 121).

No que se refere às mulheres negras, Chinen (2013), não se desdobra sobre tal especificidade, mas, através do seu estudo é possível perceber algumas nuances sobre o racismo diferenciado imputado sobre a mulher negra, principalmente no que se refere aos seus corpos, sua feminilidade ou ainda sexualidade, cujas imagens pelo autor analisadas, denotam além de aspectos culturais e históricos de racismo, inferioridade e estereótipos diversificados. O foco do autor se dá em torno do personagem negro de uma forma geral, apresentado nas histórias em quadrinhos. Mas é possível fazer um diálogo em torno da temática das mulheres negras nas histórias em quadrinhos, através das análises das imagens trabalhadas pelo autor. A percepção

a respeito da mulher negra nas histórias em quadrinhos através das análises de Chinen (2013), se dá tanto em torno do baixo quantitativo quanto da questão qualitativa.

Compreendendo que a quantidade de personagens negros nas histórias em quadrinhos, de uma forma geral, é inferiormente desproporcional a quantidade de outros fenótipos, quando se faz uma análise no que se refere a mulher negra, essa proporcionalidade é ainda menor. No que se refere a qualidade do personagem, ou seja, a significância desse personagem negro dentro das narrativas quadrinistas, ao observar o contingente feminino negro, essas qualidades se dão em torno de dois aspectos, o de depreciação da mulher negra como um ser cultural e o da exacerbação da sexualidade.

Uma observação que se faz pertinente na obra de Chinen (2013), diz respeito às imagens por ele apresentadas, principalmente as pinturas, em que a maior parte das mulheres negras, do período da escravidão, são apresentadas com os seios à mostra. São imagens que dão margem para muitas leituras sobre o imaginário de hipersexualização e objetificação histórica da mulher negra na sociedade, em atividades consideradas simplórias ou degradantes. “No que se refere às formas de representação da mulher negra, os estereótipos contribuem para esquadrinhar e classificar cada parte do seu corpo, para que não haja dúvidas do quanto é “diferente” (Oliveira Neto, 2015, p. 67), trazendo o corpo feminino negro em alguns momentos representado por deformações, mas em outros, representando a hipersexualidade feminina negra.

Oliveira Neto (2015) trabalha de forma específica essa representação da mulher negra na cultura brasileira. Através de imagens de pinturas e de histórias em quadrinhos, o autor traça um panorama de como, na cultura brasileira, a mulher negra foi retratada historicamente através de instrumentos da cultura capazes de proporcionar tais leituras. Analisa as personagens de histórias em quadrinhos, Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca, criações que denotam como a cultura ou como a forma cultural determina espaços e concepções sobre a figura feminina negra no processo histórico e social, mediante uma trajetória cultural de racismo e sexismo, afirmando que [...] “foram colocadas em lugares específicos para que exerçam minimamente a liberdade!” (Oliveira Neto, 2015, p. 81). Mesmo as análises do autor focando nas três personagens femininas, elenca outros elementos da cultura artística que denunciam a forma racial e sexista como a mulher negra foi constituída no imaginário social e cultural desde o início da colonização.

Assim como Chinen (2013), Oliveira Neto apresenta uma série de pinturas que marcam épocas e contextos históricos em que a mulher negra é parte intrínseca desse cenário e que trazem formas, por vezes diferentes, sobre a forma artística de expressar a figura feminina

negra, “algumas individualizadas como protagonistas, outras reunidas em pequenos grupos ou ainda fazendo parte de paisagens urbanas ou rurais, mas, via de regra, associadas ao regime escravista” (Oliveira Neto, 2015, p. 65).

Outra questão, como já mencionado era a “figuração cômica do negro” (Chinen, 2013, p. 47), em que a mulher negra, neste aspecto, de acordo com as personagens analisadas por Oliveira Neto (2015, p. 70), representa “Falta de inteligência e traços simiescos que procuram acentuar a “feiura” do corpo negro, colocando sob suspeita sua humanidade”, uma representação própria da lógica do racismo a respeito do corpo do outro a partir da paródia e do risível.

Em outro viés, o corpo da mulher negra é tratado sob a perspectiva do “estereótipo da mulher negra hiper sexualizada” (Oliveira Neto, 2015, p. 70), ideia criada para atribuir à própria mulher negra a responsabilidade por ser explorada e violentada sexualmente, sustentada na ideia de que as negras possuíam um insaciável apetite sexual. “Além dos lábios e dos cabelos, suas nádegas são destacadas e muitas expressões foram e continuam sendo usadas: “bundas grandes, nádegas salientes, empinadas para trás, nádegas gordas, traseiros arrebitados, entre outras” (Oliveira Neto apud. Braga (2011, p. 5), p. 67). São concepções que, de acordo com a visão de Gonzalez (2018), estabelecem o lugar de subalternidade para a mulher negra na cultura brasileira. Assim, as imagens retratadas através de pinturas ou desenhos gráficos da mulher negra na sociedade brasileira seguiam um padrão cultural.

Na mesma proporção em que ganham algum espaço, aumentam também as maneiras estereotipadas de representação de seus corpos, sendo recorrente a produção de imagens em que aparecem subjugadas, sentadas ou deitadas no chão, conformadas com a situação de pobreza, exercendo funções consideradas de menor importância [...] ou ainda seminuas ou dançando descompassadamente como se não tivessem autocontrole” (Oliveira Neto, 2015, p. 66).

A partir das análises de Oliveira Neto (2015), é possível perceber a tendência histórica de manutenção desse estereótipo cultural em torno do ser feminino negro, ao observarmos o período em que foram produzidos ao longo do século XX. De acordo com o autor, as personagens que analisa em seus estudos foram criadas por artistas diferentes em períodos distintos, em que, “Lamparina por J. Carlos em 1924, Maria Fumaça por Luiz Sá em 1950 e Nega Maluca por Newton Foot em 1995” (Oliveira Neto, 2015, p. 71), mas com características raciais e sexistas que denotam uma continuidade da forma cultural em relação à mulher negra.

Essa afirmação permite inferir que, do início do século XX até o seu final, ainda que

houvesse outras formas de compreensões a respeito do racismo e o sexismo na sociedade, percebe-se que mantiveram em vigor, através dos elementos da cultura, as concepções raciais e sexistas em torno da mulher negra, pois “as três personagens negras apresentam personalidade e características físicas muito semelhantes como se tivessem sido criadas pela mesma pessoa” (Oliveira Neto, 2015, p. 71).

Essa tendência de manter a representação da mulher negra a partir das imagens estereotipadas negativamente se manteve como tendência na forma cultural histórica, mesmo havendo mudanças significativas visualizadas por Chinen (2013, p. 194) a respeito do racismo nas histórias em quadrinhos a partir do “novo milênio”, um período de crescimento na produção quadrinista e no aumento de inserções de personagens negros/as

A partir dos anos 2000 tem ocorrido uma verdadeira onda de adaptações de livros clássicos da literatura brasileira para os quadrinhos, mais especificamente, a partir do ano de 2006 (Chinen, 2013). Neste processo, é possível identificar estudos detalhados e rigorosos feitos por autores que realizam adaptações de literaturas para histórias em quadrinhos, personagens negros instruções imagéticas mais próximos da realidade cultural e social, cuja presença da população é parte essencialmente intrínseca à cultura e à sociedade, como evidencia Chinen (2013) ao citar Spacca, autor quadrinista, e a sua responsabilidade com a pesquisa do contexto e da história em suas adaptações, destacando, ao enfatizar a adaptação da obra *Jubiabá*, (2009), em que “Os principais personagens do álbum são negros como Antônio Balduino, Rosenda e o pai de santo Jubiabá” (2013, p.143), pois Spacca costuma ser extremamente cuidadoso quanto à composição dos cenários e na representação dos figurinos dos personagens, o que é possível dada suas pesquisas detalhadas e seus estudos iconográficos precisos (Chinen, 2013), que se compreende como forma de dar significância tanto aos trabalhos de produção das histórias em quadrinhos, quanto na forma como os personagens negro são construídos, trazendo compreensão sobre o contexto cultural em que foram produzidos.

O que permitiu essa alavancagem nas histórias em quadrinhos, de acordo com Vergueiro (2004, p. 17), foi o seu reconhecimento pelas “elites intelectuais” como elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias, *status* que lhes favoreceu, além da quebra progressiva de barreiras e preconceitos, a aproximação das histórias em quadrinhos com as práticas pedagógicas.

Este momento favoreceu tanto o campo de produção quadrinista quanto a visão mais construtiva a respeito da inserção qualitativa e quantitativa de personagens negros nas narrativas de histórias em quadrinhos. No Brasil, mediante avaliação realizada pelo Ministério da

Educação nos anos de 1990, a linguagem dos quadrinhos passou a fazer parte de livros didáticos a serem usados no campo educacional formal. Essa valorização trouxe diversificação na sua utilização, como instrumento educacional em amplos aspectos, inclusive no campo étnico racial.

Santos e Vergueiro (2012, p. 81), abordando acerca das histórias em quadrinhos no campo da educação, afirmam que, "no final dos anos de 1990, as histórias em quadrinhos começaram a conquistar seu espaço nas salas de aula brasileiras", aumentando as possibilidades de uso desta com finalidades educacionais, com seu emprego reconhecido pela (LDB) Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). O uso da linguagem dos quadrinhos no campo da educação pode favorecer a aprendizagem em diversos aspectos, "pela forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa" (Vergueiro, 2004, p. 21), principalmente mediante o uso da imagem que torna possível trazer uma representação do contexto cultural para o ambiente escolar proporcionando uma maior identificação dos indivíduos com a temática das narrativas. "A partir dos anos 1970, já era possível encontrar narrativas gráficas sequenciais em livros didáticos brasileiros, elaboradas por artistas consagrados" (Santos e Vergueiro, 2012, p. 83), sendo aplicadas no processo de aprendizagem, no incentivo à leitura e na ludicidade nos espaços educacionais.

Para Chinem (2013, p. 142), a partir de 2006, as histórias em quadrinhos ganham vulto no "Programa Nacional de Biblioteca Escolares - PNBE, do Ministério da Educação, que seleciona títulos para a aquisição e distribuição para a bibliotecas e escolas públicas de todo o país", influenciando o mundo quadrinista, inclusive para o aumento das adaptações de obras literárias para histórias em quadrinhos.

Percebemos que as iniciativas governamentais de inserção das histórias em quadrinhos na educação e a criação de leis de valorização da população negra formam uma combinação eficiente no combate ao racismo e ao sexismo agregado à figura feminina, podendo ser considerado um ponto crucial para o desenvolvimento de uma nova consciência a respeito da população negra e da mulher como um ser atuante na sociedade. São iniciativas positivas para o campo das histórias em quadrinhos, ao contribuir no aumento da produção independente, assim como através de grandes editoras, que marcavam o novo momento editorial de histórias em quadrinhos, principalmente no tocante aos conteúdos e públicos-alvo do grande mercado educacional. As editoras começaram a adaptar obras literárias em forma de álbuns em quadrinhos e em alguns desses livros os personagens negros tinham papéis de protagonista ou de importância significativa na trama, como forma de se adequar aos novos preceitos

legislativos, que de algum modo aquecia o mercado editorial, principal após a inserção dos quadrinhos no Programa Nacional de Bibliotecas Escolares/PNBE em 2006 como parte dos gêneros literários das escolas de ensino básico nacional.

Esse modo de projetar a personalidade negra nas histórias em quadrinhos, especificamente a partir do ano de 2006 (Chinen, 2013), é fruto de conscientização formada a respeito das contribuições e transformações da cultura por meio desta população, através das lutas sociais contra o racismo, a exemplo de 1982, quando uma série de revistas em quadrinhos "exploravam temas como a discriminação racial e a situação da mulher negra" (Chinen, 2013, p. 224), apontando para uma constante busca do reconhecimento da população negra incluindo a mulher negra, neste espaço de lutas pelo direito, equidade e justiça racial.

Nas leituras é possível perceber que as legislações foram favoráveis tanto ao uso das histórias em quadrinhos na educação quanto da reconstrução da história da população negra nacional inserida no campo educativo, culminando no aumento das personagens negras nas histórias em quadrinhos de forma valorosa, qualitativa, mas também quantidade, trazendo ao conhecimento da sociedade eventos históricos nacionais nos quais a população negra foi parte decisiva, mas ocultado da história.

Uma das formas de valorizar os personagens negros é ressaltar ou resgatar a sua participação em eventos históricos do Brasil. O heroísmo, a coragem e a liderança, características normalmente exaltadas nesse tipo de representação, são valores com os quais os leitores admiram e com os quais se identificam. (Chinen, 2013, p. 229).

As histórias em quadrinhos como um elemento cultural capaz de mostrar a dinâmica da população negra na sociedade, na construção da cultura em aspectos amplos, marcando sua ação na economia, arquitetura, segurança, costumes e tradições e tantos outros aspectos, como evidenciam Santos e Vergueiro (2012), ao comentarem sobre a história em quadrinho *O Alienista*, em que, através da linguagem imagética, o leitor encontra dados sobre o comportamento social no final do século XIX, por exemplo, quando é retratado um garoto negro acompanhando a senhora branca e segurando seu guarda-chuva, o que evidencia a divisão racial existente na época. Deste modo, as histórias em quadrinhos podem revelar o comportamento sociocultural de determinado período histórico nacional, evidenciando o racismo dentro da cultura através das expressões dos autores quadrinistas, podendo tanto combater as ações raciais na sociedade quanto reforçá-las.

Ainda no contexto da legislação brasileira no campo educacional, a lei 10.639 de 2003, constitui-se um importante instrumento para o combate ao racismo contra pessoas negras nas

instituições educacionais, mas, principalmente na formação de uma cultura nacional de valorização da história e cultura da população negra na sociedade por meio do ensino, marcando uma conquista na inserção dos valores culturais afro-brasileiro no sistema nacional de educação por meio da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Esse movimento é uma forma de reconhecer, ainda que tardiamente, a contribuição da cultura africana na sociedade brasileira.

Um dos sinais que denotam historicamente a desvalorização dos negros na sociedade é o quase total desconhecimento sobre a cultura afro-brasileira, devido à ausência de conteúdos relativos a esse campo no ensino oficial. Com o intuito de diminuir essa lacuna, o Governo Federal editou a lei 10.639, de 2003, que determina a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira nas escolas de educação fundamental (Chinen, 2013, p. 246).

É importante compreender que nesse contexto da lei 10.639, a mulher negra está inserida como população negra. A lacuna a ser diminuída se refere à forma como a mulher negra se insere nesse contexto de valorização histórica, trazendo uma redescrição da sua imagem na cultura nacional, mostrando sua atuação, os desafios enfrentados pelo racismo e o sexismo diferenciado em função da condição racializada enquanto mulher negra. Por exemplo, o imaginário cultural em torno das três personagens de histórias em quadrinhos supracitada Lamparina, Maria Fumaça e Nega Maluca (Oliveira Neto, 2015) remete a um estereótipo racial negativo e sexista que não reflete a realidade cotidiana e histórica da mulher negra na sociedade.

Neste sentido, para além da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos da educação básica no Brasil, a lei 10.639 constitui uma ferramenta de promoção da inclusão da mulher negra nos diversos lugares sociais, os quais, segundo Gonzalez (2018, p.41), pela condição de mulher negra, lhes foram negados na cultura brasileira, quando a autora discute “O lugar da mulher negra na força de trabalho e nas relações raciais”, trazendo racismo e o sexismo como fatores do “mais baixo nível de opressão”. Mesmo a legislação trazendo a obrigatoriedade como um requisito no cumprimento da lei 10.639, segundo Chinen (2013), “um dos problemas apontados por críticos dessas leis é que não estabelece o prazo e as condições em que esse conteúdo deve ser ministrado” (Chinen, 2013, p. 246). Assim, as formas de aplicabilidade da lei podem ser variadas e depender em muitos aspectos, da disponibilidade ou disposição dos agentes educacionais para a devida efetivação da mesma.

Nessa trajetória de redescrição da história da população negra através dos currículos escolares, as histórias em quadrinhos, constituem ferramentas potenciais, tanto para leituras sobre os contextos históricos de racismo quanto para promover a verdadeira história da população negra, em que, a promoção da dignidade da mulher negra na sociedade através da

linguagem das histórias em quadrinhos é opção viável, “pela forte identificação dos estudantes com os ícones da *cultura de massa*”(Vergueiro, 2018, p.21), assim como a sociedade de uma forma geral, na medida em as histórias em quadrinhos são produzidas para diferentes públicos na sociedade.

Não se pode esquecer que, mesmo com as modificações no campo da inserção quantitativa e qualitativa de personagens negros nas histórias em quadrinhos e com a legislação brasileira que trata da valorização cultural e histórica da população negra, “é possível analisar a interação dessa linguagem com o racismo”, especialmente no que se refere às mulheres negras, nas “maneiras estereotipadas de representação de seus corpos” (Oliveira Neto, 2015, p. 70), reproduzindo de diferentes modos o racismo contra mulheres negras na sociedade.

Ao analisar as adaptações das literaturas brasileiras para as histórias em quadrinhos, Chinen (2013), destaca duas personagens femininas nas histórias em quadrinhos *O Cortiço*, de 2009, que exemplificam o estereótipo da mulher negra mulata e doméstica através das personagens "Bertoleza, de traços grotescos, e Rita Baiana, mulata bonita e sensual" (Chinen, 2013, p.146), em que a primeira personagem representaria a mulher doméstica na narrativa e a segunda, representaria a mulher hiper sexualizada, com seus traços exuberantes. Quando se trata de protagonismos, Chinen (2013) apresenta algumas personagens negras que adquirem destaques, porém, mesmo assumindo centralidade, podem ser lidas criticamente como formas estereotipadas de mulher negra.

A revista “*Copacabana*”, do ano de 2009, analisada por Chinen (2013, p. 199), por exemplo, "aborda o universo da prostituição e do tráfico de drogas” dos grandes centros urbanos, cuja protagonista é uma mulher jovem e bonita. “Diana, uma moça mulata, é uma garota de programa que vive os dramas e os riscos de sua atividade”, sendo “humilhada e explorada”, e, se submetendo às violências e sofrimentos que a função impõe. “Diana é a garota de programa protagonista de Copacabana” (Chinen, 2013, p. 199), uma revista que traz a personagem em uma atividade cercada de preconceitos e que representa alta vulnerabilidade social, estigma, exclusão social, expondo a pessoa ao perigo de morte.

Mesmo como protagonista e trazendo à tona as mazelas sociais, ainda assim, a protagonista assume uma função subalterna, se pensada sob a perspectiva do lugar da mulher negra na cultura brasileira, analisada por Gonzalez (2018). As histórias em quadrinhos, ao abordar os contextos e seus modos culturais podem revelar aspectos, para muitos despercebidos, como o fato de ao representar as mazelas sociais, trazer implícita aspectos raciais e sexistas, com manifestações estereotipadas de personagens femininas negras, mostrando consciência

social de tais contextos. Isto permite às histórias em quadrinhos várias leituras e possibilidades, incluindo educacionais, sejam elas formais, não formais e informais, pela sua capacidade de comunicar.

Sendo as histórias em quadrinhos também um instrumento de comunicação, podem ser utilizadas no campo educativo, com objetivos pedagógicos dentro das necessidades do ensino, por possuir “uma linguagem apropriada ao registro do tipo de informação em que predominem os aspectos narrativos e descritivos” (Guimarães, 2001, p. 7), de modo que, mesmo as histórias em quadrinhos com finalidades últimas de entretenimento, podem compor o aspecto educacional.

Seguindo nesta linha de raciocínio, defende que,

As publicações em que as Histórias em Quadrinhos têm sido usadas como instrumento educacional podem ser classificadas em quatro categorias: - a edição voltada exclusivamente para o mercado de livro didático; - a edição com objetivo de ensino, mas voltada ao público em geral; - a edição com objetivo de entretenimento mas com forte conteúdo educacional; - e as edições com objetivo unicamente de entretenimento (Guimarães, 2001, p. 7).

Mesmo as histórias em quadrinhos criadas com a finalidade de entreter, possuem teor educativo, como os aspectos históricos e culturais que podem ser utilizados como instrumentos educacionais, seja no campo formal ou informal, visto que, de acordo com Guimarães (2001, p. 9) “a formação de uma pessoa é feita, em grande parte, dentro de seu convívio social, do qual fazem parte os meios de comunicação de massa, dos quais a História em Quadrinhos está, no momento, sendo analisada”. Essas características permitiram a grande movimentação pela inserção de histórias em quadrinhos no campo educacional, em vista de sua múltipla finalidade dentro do espaço de meios de comunicação de massa, desde meados da década de 1990, com uma alavancagem em decorrência da lei 10.639 de 2003.

Dentro da perspectiva antirracista, o uso de histórias em quadrinhos inclui denunciar a crueldade do racismo e do sexismo na cultura contra as mulheres negras, abordando os modos como tais violências interferem na vida cotidiana delas na cultura nacional, desconstruindo os imaginários de subalternidades e promiscuidade criados na cultura brasileira, a partir de criações que focalizem as potencialidades da mulher negra na sociedade.

Um exemplo de produção em quadrinhos que traz visibilidade feminina negra, é a protagonista Luana, uma menina negra personagem principal da série de histórias em quadrinhos *Luana e sua turma*, lançada nos anos 2000, “criada para elevar a autoestima das crianças afrodescendentes” (Chinen, 2013, p.247). A personagem representa uma realidade

pouco contemplada no universo quadrinista, uma menina negra assumindo centralidade nas narrativas, com sua turma composta por crianças de várias etnias, visando promover a diversidade racial. O que chama a atenção é o objetivo e o tempo em que foram produzidas. A série faz parte do novo milênio, sendo lançada no ano 2000 e foi criada por Aroldo Macedo, fundador da revista *Raça*, voltada para temas de interesse do público negro. (Chinen, 2013).

A História em quadrinhos *Luana e sua turma*, mostra aspectos históricos e sociais da cultura afro-brasileira, como modo de vida nas comunidades, a arte da Capoeira, e fatos históricos da nação. A atenção fundamental neste trabalho é para o protagonismo de uma menina negra, evidenciando o valor social da mulher negra na cultura, pela centralidade que a personagem recebeu. A série de produção independente, posteriormente à lei 10.639/2003, da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, passa a integrar as histórias em quadrinhos produzidas para a educação. “As revistas chegaram a ser adquiridas pelas Secretarias de Educação de Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Niterói e distribuídas para as escolas” (Chinen, 2013, p.247).

Nessa perspectiva, a mulher negra passa por uma mudança na sua representação cultural e social, ao apresentar uma heroína cheia de força, inteligência e dinamicidade, se contrapondo às personagens analisadas por Oliveira Neto (2015), e tantas outras imagens negativas com representação racial estereotipada, humor cruel, que podem produzir opressão e afetar a vida de mulheres negras em suas várias dimensões.

Nesse contexto de produção de material que venha a atender às demandas do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação formal, é possível perceber, por meio das leituras, a movimentação em prol da criação de material com perspectivas a respeito do homem e da mulher negra na cultura que sigam tais necessidades. Esses aspectos respondem às exigências do novo contexto social da valorização cultural e histórica que há muito foi invisibilizada, ambientando os meios culturais, artísticos e midiáticos, incluindo a cultura pop, inclusive “Algumas editoras já se mobilizaram e começaram a produzir material de apoio ao ensino da cultura afro-brasileira para crianças e jovens, alguns deles em quadrinhos” (Chinen, 2013, p. 246), expressando um aspecto cultural mais amplo de matérias que, ao valorizar a história da população negra, está promovendo a desconstrução de uma cultura de brutalização do humano e uma redescritção da imagem da mulher negra normalizada em diferentes lugares sociais, com a valorização da pessoa, da personalidade e da cultura, interior e coletiva afrodescendentes.

Através de Chinen (2013) e Oliveira Neto (2015), é possível constatar que predominou

no campo quadrinista, ideias fortemente arraigadas no racismo e sexismo contra mulheres negras, assim como acontece em outros espaços da sociedade, evidenciado por teóricos que abordam a temática. Ao se atentar para o contexto do "novo milênio", é possível perceber maior ênfase às questões raciais no campo quadrinista, com a inclusão de personagens negros qualitativamente e quantitativamente. Ainda que em patamares baixos, fator que se manteve nos séculos passados, a mulher negra teve seus aspectos culturais mais bem evidenciados nesse novo processo de formação da identidade cultural negra no campo educacional, através das características das personagens, o que favorece uma construção positiva no imaginário social sobre a mulher negra.

De acordo com o Chinen (2013), com o surgimento da lei 10.639/2003, houve uma movimentação de alguns setores sociais voltados para questões raciais com a criação de materiais e fóruns que auxiliassem os educadores a lidarem com questões de diferenças culturais e étnicas em sala de aula, um conjunto de ações que permitiram uma busca por efetivação da lei na prática educativa.

Portanto, compreendemos que existem dois movimentos muito importantes que possibilitaram desempenhar uma inserção quantitativa e, principalmente, qualitativa, de personagens negros, especialmente, da mulher negra nas histórias em quadrinhos, os quais foram, primeiramente, a redescoberta dos quadrinhos, como elemento de destaque no sistema global de comunicação e a sua eficiência para a transmissão de conhecimentos específicos que possibilitaram a sua reinserção como ferramenta pedagógica no âmbito educacional formal, fazendo parte do Sistema Nacional de Educação (SNE), e, em segundo momento, a criação de legislação nacional que amplia e obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, trazendo para o campo da educação e dos debates, não só a construção histórica cultural, mas principalmente a valorização da pessoa negra e sua forma cultural na sociedade, resultando na criação de personagens negros e negras que ocuparam de forma normalizada lugares sociais de visibilidade.

A partir deste dois movimentos percebemos o aumento da valorização dos temas racismo e sexismo no campo quadrinista a partir do aumento da produção com personagens negros como da forma como são inseridos nesta produção cultural, tanto em aspectos quantitativos quanto qualitativos, embora a mulher ainda seja menos visibilizada, podemos chegar à compreensão de uma possível redescritção no meio midiático quadrinista sobre a valorização da pessoa negra, tendo como resultado a normalização de pessoas negras, tanto de mulheres quanto de homens, assumindo dentro das narrativas, funções e lugares de importância

na sociedade, dentro das produções do mercado editorial quadrinista nacional.

É neste contexto que a história em quadrinhos *Jeremias-Pele*, objeto de análise neste trabalho, se enquadram. Ainda que voltada para um público geral, mercadológico e lucrativo, *Jeremias-Pele* tem uma forte conotação educativa, pois aborda as discussões raciais na sociedade e proporcionam diversas leituras sobre a realidade da população afrodescendente brasileira, espaço no qual a mulher negra se insere, o qual será analisado nas histórias em quadrinhos objeto deste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa se sustentam na hermenêutica utilizada tradicionalmente em pesquisas bibliográficas qualitativas, de natureza aplicada, pois busca desenvolver conhecimentos para uma aplicação prática no campo social e educativo a respeito da representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais no atual contexto sociocultural, visando o aprofundamento dos conhecimentos relativos aos temas propostos no escopo desta pesquisa, os quais estão intrinsecamente ligados.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e suas contribuições na desconstrução de racismos e preconceitos no século XXI.

Os objetivos específicos propostos no projeto de pesquisa compreendo o seguinte: Analisar como o racismo e o preconceito contra a mulher negra se manifesta nas estruturas da sociedade e quais suas implicações para a formação da sua identidade; conhecer como a mulher negra tem sido representada nas histórias em quadrinhos nacionais e, identificar o potencial das histórias em quadrinhos na desconstrução do racismo e do preconceito contra a mulher negra para a sociedade e a sua importância para o campo da educação.

A hipótese da pesquisa é que na atualidade algumas narrativas de histórias em quadrinhos tenham dado maior visibilidade a mulher negra em suas produções, em que, mesmo não assumindo função de protagonista, elas representam papéis de importância nas narrativas, contribuindo para a construção de um novo imaginário, cultural e social de valorização da mulher negra na sociedade, se constituindo instrumentos para a formação de novas consciências sociais.

A abordagem de natureza qualitativa, em que o/a “pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais” (Chizzotti, 2000, p. 80), envolve a análise e interpretação dos dados, a partir dos referenciais teóricos usados na pesquisa, não desprovidos de subjetividade do investigador.

As bases teóricas para a devida fundamentação dos estudos realizados dentro do objetivo proposto foram construídas a partir de bibliografias relativas aos temas histórias em quadrinhos, cultura, cultura pop, racismo e sexismo, objetivando compreender o contexto histórico e cultural de racismo na sociedade e as contribuições das histórias em quadrinhos como instrumento para representatividade de mulheres negras na cultura nacional assim como as possibilidades de usos destas ferramenta para transformações sociais, especialmente no

campo educacional, em face da legislação da educação que respalda o uso das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica em várias disciplinas, como evidência Vergueiro (2017).

O método utilizado na concretização desta pesquisa se sustenta, sobretudo, na hermenêutica, pela possibilidade de expor, de modo profundo, a realidade e o conhecimento conforme Amaral Filho (2009) e Cerbone (2014), proporcionando mediações no processo de interpretação de textos, com enfoque analítico-descritivo em Gonsalves (2001) e bibliográfica em Minayo (2001).

Os procedimentos de investigação seguiram deslocamentos, não fixos, tampouco presos a sistematizações, conforme Deleuze e Guattari (2016), observando três movimentos básicos a respeito do objeto de investigação. O primeiro movimento, a pré-análise, correspondeu à imersão aprofundada no contexto de autoria, produção, edição e distribuição da história em quadrinhos investigada, assim como a receptividade e repercussões do público; o segundo movimento, análise interna, envolveu a análise de cada unidade categorial determinada na obra investigada, destacando a trama, os personagens principais e secundários, suas características, os protagonismos e antagonismos, o desenrolar das ações, dentre outros aspectos; no terceiro movimento, a partir de recortes na narrativa da obra para situar as unidades de análises, foi realizada a análise cartográfica em Deleuze; Guattari, (2016), acerca dos sentidos identificados, dialogando com a abordagem da estrutura narrativa (Postema, 2018).

No tocante ao aporte teórico, o primeiro movimento do trabalho se deu em torno de compreender a cultura em suas diversas concepções, para entender como o racismo se articula neste espaço interferindo na formação da personalidade dos indivíduos, impactando diretamente a condição da mulher negra na cultura, seu papel e lugar social.

No segundo momento se propôs compreender a cultura pop como uma cultura diferenciada, global, para além da indústria cultural, de cunho mercadológico, uma cultura que se diferencia da cultura popular por ser uma forma de expressar e comunicar, diversos saberes, filosofias, tradições, ideias, construção de conhecimentos e possibilidades de experiências significativas, através dos meios de comunicação em massa, principalmente por intermédio do entretenimento, através de conteúdos e produtos, que compartilham modos de ser, valores, crenças, criando conexões e interferindo na formação de identidades. É um comportamento partir do surgimento das novas mídias e está sujeita ao atravessamento das manifestações ideológicas, que podem reforçar os comportamentos sociais, como racismo, sexismo, segregação e tantas outras formas de crueldade, mas, constitui-se também um espaço para

combatê-las, criando reflexões e conscientização sobre diversos temas importantes na sociedade, pois a cultura pop manifesta os valores que existem na cultura e na sociedade, através de histórias em quadrinhos, filmes, músicas, cinema, moda, vídeo games, e tantos outros instrumentos. Por meio das histórias em quadrinhos, por exemplo, é possível abordar a temática racial, promovendo reflexões e novas compreensões sobre o tema. Essa multiforça da cultura pop, tornou-a objeto de estudos acadêmicos em função da sua capacidade de abordar diversas formas de conhecimento e sua articulação com os aspectos formativos do indivíduo, permitindo desenvolver uma visão crítica e analítica, no campo acadêmico, sobre suas capacidades, finalidades, usos e tantos outros aspectos

O terceiro tópico parte da necessidade de compreender sobre as histórias em quadrinhos e sua capacidade de abordar temas importantes na sociedade a partir da sua potencialidade crítica a respeito de vários contextos, seja âmbito social ou individual. Para isto, foram realizadas análises bibliográficas sobre a história das histórias em quadrinhos, abrangendo o seu surgimento, o preconceito sofrido no período pós Segunda Guerra Mundial, sua redescoberta pelos meios acadêmicos por seus aspectos formativos, críticos, com capacidades comunicacionais e educacionais. Também das possibilidades de redescritção no processo de construção do indivíduo e da sociedade a respeito de temas importantes, como representatividade de mulheres negras na cultura nacional, através da participação ativa do leitor no processo de construção da narrativa e dos sentidos por elas produzidos, por meio de sua especificidade na linguagem, que compreende a leitura de imagens e textos articulados com as construções mentais feitas por os espaços ou sarjetas que requerem a participação do leitor na compreensão geral da narrativa.

O quarto momento se deu no esforço de compreender, por meio de análises bibliográficas como o racismo, o sexismo e o estereótipo negativo criado sobre mulher negra se mantiveram no percurso histórico das produções de histórias em quadrinhos nacionais. As mesmas, assim como outros elementos da cultura pop, podem tornar-se elementos reforçadores da desigualdade racial, da cultura sexista, descredibilizando os aspectos físicos, psicológicos e culturais de mulheres negras na sociedade.

As leituras bibliográficas, que possibilitaram compreender mudanças com relação ao racismo e mais precisamente com relação à mulher negra nesse cenário quadrinista nacional, serviram como suporte para compreender o contexto em que o título selecionado para análise foi criado, sendo, portanto, reflexo de vários fatores convergentes no campo da cultura quadrinista nacional. A compreensão é que, a partir de 1996, com a valorização e a inserção de

histórias em quadrinhos no campo educativo por suas qualidades pedagógicas, sendo o seu uso respaldadas pela legislação da educação nacional, levando a uma intensificação pela sua produção e uso no campo geral e educacional.

Nesse cenário, mudanças concretas puderam ser observadas amplamente no contexto do século XXI, fatores que permitiram mudanças significativas no campo quadrinista, sendo eles, a instituição da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no currículo nacional da educação básica, no ano de 2003 e a introdução das histórias em quadrinhos no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) no ano de 2006, que possibilitaram uma grande movimentação em torno da criação de histórias em quadrinhos voltadas para a educação, com a valorização de personagens negros em que mulheres negras se incluem, se tornando uma grande aliada no ensino e na construção de novas ideias a respeito da mulher negra na sociedade.

Assim, as análises teóricas se deram no sentido de compreender o racismo na sociedade e na cultura transposto para os personagens negros de histórias em quadrinhos, refletindo de forma particular na forma de retratar a imagem da a mulher negra nesse contexto através das personagens, a qual, até final da década de 1990, foi em sua maioria, cruel, sem representatividade, protagonismos, valorização, ligadas ao animalesco, à hipersexualidade, pobre e sem qualidades positivas, cenário este que veio a sofrer modificações mais acentuadas, a partir do novo milênio, ou seja, dos anos 2000.

A última etapa da pesquisa e a culminância dela, consistiu em analisar histórias em quadrinhos para devida observação sobre mudanças ocorridas no cenário nacional a respeito da valorização da mulher negra por meio de personagens de histórias em quadrinhos, representatividade que as personagens de mulheres negras trazem para a população negra feminina.

A princípio, no que se refere às análises das histórias em quadrinhos, ainda na construção do projeto de pesquisa, foi proposto analisar ao menos quatro títulos de histórias em quadrinhos que tivessem ampla circulação no âmbito nacional, produzidas para o público geral, que sinalizasse uma ampla aceitação do mercado consumidor demonstrando que atendeu aos interesses e anseios da sociedade. Nesse contexto seria propício analisar como as mulheres negras seriam retratadas em histórias em quadrinhos criadas sem fins pedagógicos, mesmo que tivessem caráter educativo nelas implícito, e fossem produzidas no novo milênio, após os anos 2000. Os títulos seriam: *Jeremias-Pele* (2018) e *Tina Respeito* (2019) ambas publicadas pela Grafith MSP, *Beco do Rosário* (2020) publicada pela editora Veneta e *Sofia e Otto* (2017),

publicada pela editora PGL LTDA, sendo esta última voltada para o público infantil.

Porém, após compreender o contexto e a importância da abordagem do racismo de forma enérgica, trazendo para o campo quadrinista aspectos realistas intrinsecamente ligados à vida das pessoas negras racializadas na cultura nacional, entendeu-se propício escolher *Jeremias-Pele* (2018) como objeto para as análises finais da pesquisa. Não se trata de observar apenas a forma como a mulher negra é posta no cenário quadrinista, mas compreender todo o contexto narrativo que envolve os aspectos sociais e culturais. O livro *Jeremias-Pele*, aborda de forma ampla, múltiplos aspectos da vida de pessoas negra na cultura, como família, trabalho, vida social, maternidade, paternidade, e tantos outros aspectos que são traspassados pelo racismo e pelo preconceito contra pessoas negras, mostrando ao mesmo tempo a desmistificação da imagem estereotipada da mulher negra.

A preferência pelo título se justifica por vários aspectos. *Jeremias-Pele* (2018) é a primeira publicação da Graphic MSP totalmente voltada para a abordagem do racismo na sociedade, na categoria infanto-juvenil, que valoriza os personagens negros, desconstrói a imagem estereotipada da mulher negra, valoriza a família negra, insere elementos da cultura afrodescendentes como referenciais identitários, constituindo um marco para a editora, fator que evidencia o avanço do debate sobre o racismo e o grau de importância que este adquiriu na sociedade nos últimos anos. Isto proporciona o reconhecimento em duas linhas, tanto da consciência sobre um processo histórico e cultural atravessado pelo racismo, quanto das modificações visualizadas nos últimos anos em torno do reconhecimento histórico do povo negro na cultura e sociedade.

Outro fator que motivou a escolha do título *Jeremias-Pele*, é o fato de Jeremias mesmo sendo primeiro personagem negro da Turma da Mônica, criado em 1960, só no ano de 2018 conseguiu protagonismo, notoriedade nacional e um título com seu nome, revelando um período histórico de invisibilidade e desinteresse pelo campo quadrinista por representação qualitativa de pessoas negras, coadunando com o que acontece no campo social, mas que, momento presente, do século XXI, consegue galgar novos passos, mostrando uma preocupação em nível mais amplo com a questão racial.

O título que inaugura uma série em *Graphic novel* para o público jovem, com interesses mercadológicos, econômicos, típicos da industrial cultural, dirigida ao público em geral, com grande circulação nacional, publicada pela maior empresa do ramo editorial de histórias em quadrinhos no âmbito nacional, a Maurício de Sousa produções (MSP), com referência internacional, mas com um grande diferencial das histórias em quadrinhos século dos séculos

passados, não mascara o racismo, mostra a realidade, o sofrimento das pessoas racializadas, trazendo ao mesmo tempo, personagens negros em lugares importantes na sociedade, sem subalternização, normalizando na consciência social que pessoas negras podem ocupar diferentes lugares na sociedade.

A mulher negra no âmbito de *Jeremias-Pele* não é a personagem principal, mas abriga todas as prerrogativas de representatividade da mulher negra na cultura. Um olhar atento visualiza como ela assume centralidade na narrativa, se destacando em todos os momentos da narrativa por suas qualidades, com equilíbrio, sensatez, e atitudes de autonomia, se tornando a liga principal para a resolução dos problemas e o exemplo principal de superação das amarras racial na construção de sua identidade. O fato da personagem da mulher negra ser totalmente valorizada, é o motivo mais evidente de uma mudança na forma de representar a mulher na cultura através da arte quadrinista, uma personagem totalmente desligada de representações estereotipadas, criando um imaginário de um novo lugar para a mulher negra na cultura brasileira, o lugar de respeito.

Um aspecto importante que também justifica a escolha do título é o fato de ser produzido por autores negros, trazendo qualidades artísticas e intelectuais adicionados às próprias experiências raciais vivenciadas em seus cotidianos, influenciando na representação positiva da família negra e na importância da mulher negra no contexto familiar, social e cultural representada pelo papel desempenhado pela personagem da mulher negra na narrativa.

A metodologia de análise, aplicada à pesquisa, como já mencionado, se deu de forma cartográfica, Simonini (2019), conectando vários aspectos teóricos da pesquisa, como o contexto da narrativa e compreensão da realidade cultural e social, entendidos como processos que se movimentam, se conectam, criando uma interconexão entre histórias em quadrinhos e diferentes áreas de conhecimento que permitem a realização da pesquisa.

Ou seja, numa pesquisa cartográfica se realiza um acoplamento entre o pesquisador, seu campo de intervenção e as relações com as quais ele e o campo celebram núpcias, o que faz com que a realidade se construa, na pesquisa, de forma contingente ao flamar do cartógrafo e não como uma experiência exterior a esse caminhar (Simonini, 2019, p. 6).

As análises das imagens se deram mediante a seleção de quadros que retratavam o protagonismo e a representatividade da personagem negra na trama narrativa, que também seguiram movimentos diversos, se conectando tanto com os aportes teóricos, como articuladas com as compreensões obtidas pela pesquisa, sujeitas a subjetivações na leitura crítica interpretativa das cenas.

As imagens selecionadas tiveram como motivo principal mostrar a importância e o valor da construção positiva da mulher negra na sociedade e na cultura, na busca por justiça social, reconhecimento das lutas das mulheres negra contra o racismo, na quebra do estereótipo cultural da imagem de mulher negra pobre, doméstica e hipersexualizada, mostrando a força, a superação e a capacidade da mulher negra como sujeito ativo, produtivo, criativo, ou seja, todas as qualidades de forma normalizadas, sem estereótipos. Outro aspecto importante é a resistência contra os padrões sociais que exclui e invisibiliza as características fenotípicas de pessoas negras, agregando valor cultural étnico com o uso de indumentárias culturais, como turbantes e brincos afros que expressam a identidade cultural de um povo, que valoriza as tradições, a história e as origens do povo negro.

Em um sentido mais amplo da figuração ou da atuação da personagem feminina negra dentro das histórias em quadrinhos, a escolha das cenas foi motivada pela valorização dada aos aspectos pessoais da personalidade da personagem, como aspectos intelectuais e acadêmicos, culturais, sociais, psicológicos que agregassem valor a imagem da mulher negra na cultura e na sociedade, rompendo com o imaginário estereotipado construído ao longo da história. Foi realizada uma leitura integral da narrativa, selecionando posteriormente cenas que pudessem dar conta dos aspectos gerais da narrativa como, a abordagem ao racismo na infância, na fase adulta, o racismo na sociedade de forma institucional e interpessoal e os sofrimentos psicológicos e conflitos familiares decorrentes desse processo.

As cenas utilizadas mostram partes da atuação da personagem como uma figura representativa, com representatividade, que evocam diversos aspectos positivos e transformadores de forma ética, trazendo de forma valorosa a representação tanto da mulher negra como de um coletivo social incluído suas características, com atuação política que permite refletir sobre os interesses da população negra e mais precisamente da mulher negra, podendo influenciar nas decisões de poder, na luta contra o racismo e o sexismo contra a população negra e contra a mulher negra, como ações afirmativas, políticas de combate ao racismo, visibilidade da história e contribuição da população negra para a sociedade e tantos outros.

4 A MULHER NEGRA E SUA REPRESENTATIVIDADE NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NACIONAIS: ANÁLISE DE *JEREMIAS-PELE*.

Neste momento será apresentada uma análise a respeito da representatividade da mulher negra nas histórias em quadrinhos nacionais, buscando identificar através dessas produções culturais, elementos possuidor de visibilidade e valorização de mulheres negras na cultura em diversos espaços e funções na sociedade, servindo como referenciais e contributo de uma nova visão cultural sobre a história, cultura e pessoas negras, em face do contexto das produções quadrinistas no período pós ano 2000, abordado por Chinen (2013) como novo milênio, período que se visualizou mudanças tanto no aumento de produções de histórias em quadrinhos e sua inserção no âmbito educacional, quanto o aumento da inserção de personagens negros e de forma qualitativa nas narrativas, coincidindo com as leis de combate ao racismo e valorização da pessoa negra, mediante o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino formal da educação básica nacional. Assim, a abordagem às questões étnico-raciais na sociedade, principalmente pelos canais educacionais possibilitaram uma maior visibilidade e representação por meio dos diversos elementos culturais, artísticos e midiáticos.

Sob esta perspectiva, buscamos compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinistas nacionais, a partir da análise *Jeremias-Pele*, produzida no ano de 2018, pela Maurício de Sousa produções (MSP), através de um projeto criado em 2009, chamado *Graphic MSP* que tem como proposta, trazer novas leituras de personagens da Turma da Mônica sob a perspectiva de quadrinistas brasileiros convidados por Maurício de Sousa. *Jeremias-Pele* é o primeiro título da *Graphic MSP* que tem um personagem negro como protagonista e que carrega o próprio nome da série, Jeremias.

Através de tais releituras, buscamos analisar como a mulher negra está inserida em tais narrativas, qual o seu lugar social e a valorização destinada a esta na cultura brasileira, por se tratar de uma obra que despertou um olhar especial sobre o racismo em todos os seus modos e todas as problemáticas que o circundam, dentre elas, a construção da identidade da mulher negra na sociedade.

Tais aspectos presentes em *Jeremias -Pele*, demarcam uma posição de mudança no campo da cultura quadrinista, delineada pelo enfrentamento ao racismo e pela valorização da pessoa negra na sociedade, corroborando com as políticas de inclusão e as legislações que tratam da equidade racial. Tais propostas, refletidas em *Jeremias-Pele*, denotam um aumento da consciência da sociedade a respeito dos aspectos históricos e culturais inerentes ao racismo

e a estruturação da cultura nos alicerces raciais, assim como a consciência a respeito da valorização da pessoa negra.

Essa consciência, expressa através das histórias em quadrinhos, proporciona o livre debate pelas massas sociais, considerando a seriedade que o tema do racismo requer, e a formação de estratégias para a redescritção e a normalização de pessoas negras em lugares de importância na cultura e na sociedade. *Jeremias-Pele* constitui uma quebra nos padrões culturais, ao trazer qualitativamente e com prioridade a inserção de personagens negros nas histórias em quadrinhos nacionais, abordando o racismo e suas consequências e por ser lançada pela maior empresa produtora de histórias em quadrinhos do Brasil, com destaque para o combate ao racismo com a importância e a valorização da população negra na sociedade brasileira.

A Maurício de Sousa produções (MSP), é uma empresa de grande conceito na produção de histórias em quadrinhos, personagens, desenhos animados, filmes e tantos outros ativos e “possui, hoje, mais de 400 personagens e mais de 4.000 produtos licenciados por mais de 200 empresas no Brasil” (Amaro, 2023), tendo o projeto *Graphic MSP*, com a produção de *Graphic novel* para o público jovem e adultos, mais de um milhão de exemplares vendidos, segundo a ABRAL - Associação Brasileira de Licenciamento de Marcas e Personagens (2023), que servem também como inspiração para as produções cinematográficas.

A MSP foi fundada em 1959 e é amplamente reconhecida como uma das editoras de quadrinhos e animações de maior sucesso do Brasil (Nações Unidas Brasil, 2021), permitindo sua consolidação, tanto no mercado nacional como no mercado internacional, sendo que “Todas as criações da MSP hoje estão protegidas em 20 países na Ásia, Europa, América do Norte e América do Sul e são fundamentais para a expansão da companhia para países como o Japão” (Nações Unidas Brasil, 2021).

No que se refere à liderança no mercado editorial de publicações de histórias em quadrinhos no âmbito nacional, o Relatório do Mercado Editorial Brasileiro de Quadrinhos (2021-2022), produzido por Luiz (2023), traz um levantamento sobre a quantidade de publicações de títulos de histórias em quadrinhos e suas respectivas editoras. De acordo com sua pesquisa, a Maurício de Sousa produções (MSP) através da editora Panini Comics, “responde por mais de 50% dos títulos de quadrinhos publicados por editoras no Brasil” (Luiz, 2023, p. 4), o que permite entender quão significativa é a abordagem ao tema do racismo contra pessoas negras por meio da maior editora de histórias em quadrinhos do país, considerando abrangência que a Maurício de Sousa produções (MSP) possui no mercado editorial e na

publicação massiva de seus conteúdos através de suas produções.

O quadrinista Maurício de Sousa, ao comentar o título *Jeremias-Pele*, expressa a sua prontidão em trazer para o campo quadrinista a abordagem sobre o racismo na sociedade e na cultura. Em seu texto intitulado *Uma história que precisava ser contada*, o autor expressa sua compreensão sobre a importância do tema, ao afirmar que “Quando o Sidão (Sidney Gusman, nosso editor) me propôs, com seu entusiasmo característico, uma *Graphic MSP* que abordasse o sério problema do racismo desde a infância, imediatamente aprovei a ideia” (Sousa, 2018, p. 5).

Os quadrinhos de *Jeremias-Pele* trazem uma abordagem de resistência, firme e sóbria sobre o racismo em seus diversos modos de atuação, retratando as situações cotidianas de violências raciais ao mesmo tempo que traz a normalização de personagens negros em lugares e papéis de importância na cultura e na sociedade, principalmente para a mulher negra. Essa abordagem, realizada por meio da Maurício de Sousa produções (MSP), pressupõe grande alcance aos conteúdos por parte da população, e produzidos sob a ótica de quadrinistas negros, quebrando diversos estereótipos e imaginários sociais, principalmente em torno da mulher negra na cultura brasileira, ao apresentá-la com uma personalidade extraordinariamente bem formada.

Para Sousa (2018), através dos novos formatos de produção em *Graphic MSP* para jovens e adultos foi possível “adentrar terrenos” nos quais não seria possível nas “revistas de linha” (Sousa, 2018, p. 5), mostrando novas possibilidades de abordagens a temas sensíveis na sociedade. São esses terrenos, que permitem novas compreensões sobre o racismo e a mulher negra no contexto sociocultural do novo milênio, com o enfrentamento do problema racial e a construção, por meio da imaginação, de referências representativos de pessoas negras e, mais precisamente, de mulheres negras na cultura na cultura.

Nesta perspectiva, Maurício de Sousa, ainda que de forma breve, traça um comparativo entre o Jeremias personagem secundário da Turma da Mônica, com o Jeremias protagonista e título da nova série de *Graphic MSP*, possibilitando uma leitura sobre como a consciência a respeito do racismo é um aspecto visível no contexto cultural quadrinista e possivelmente em outros âmbitos da sociedade: “Nas minhas historinhas, o Jeremias sempre viveu num ambiente ideal, no qual eu acredito, em que todos convivem em harmonia, independentemente da cor da pele. Mas sei que, infelizmente, não é assim na vida real” (Sousa, 2018, p. 5).

Essa forma de compreender a realidade por parte do autor mostra uma consciência que reflete o conhecimento adquirido sobre a realidade histórica e cultural de racismo, que diverge

de uma consciência anterior, em que a realidade racial não era tão óbvia, desprovida sobre a complexidade do tema e a necessidade desconstruir o racismo em suas múltiplas facetas como uma reparação histórica. O uso da mídia em escala massiva, através dos elementos culturais, sejam eles artísticos, educacionais, legislativos, ou outros, trazendo para o campo da cultura e da sociedade uma redescrição cultural.

O que muito chama a atenção, nas falas de Sousa (2018), sobre a nova *Graphic novel* MSP *Jeremias-Pele*, é como ele reconhece uma "injustiça histórica" a respeito de seu primeiro personagem negro, Jeremias, criado em 1960, o que permite uma articulação em torno da injustiça histórica contra a população negra e, mais enfaticamente, em torno da crueldade contra a mulher negra nos vários séculos de construção social e cultural. "Pele me ajudará inclusive a corrigir uma injustiça histórica: apesar de ser um de meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma revista sequer. E o faz, agora, em grande estilo" (Sousa, 2018, p. 5), afirma o criador de Jeremias.

De acordo com Carvalho (2025), Jeremias foi criado no ano de 1960, fazendo parte como coadjuvante de uma história em quadrinhos chamada *Zaz Traz*, um menino negro que ainda não tinha nome, e, segundo o autor, era totalmente preto, com exceção dos olhos que eram brancos. "E foi ali, na aventura "Um rapaz de outro mundo", que apareceu Jeremias, o primeiro personagem negro criado por Maurício de Sousa (Carvalho, 2025, p.1). Quatro meses depois da sua criação, Jeremias foi chamado pela primeira vez pelo seu nome na revista Bidu número 3, permanecendo por décadas como personagem secundário. Desse modo, foram 58 anos de espera para que o menino Jeremias ganhasse protagonismo. Não apenas o personagem Jeremias se tornou uma referência de produção quadrinista com a valorização de personagem negro, com representação qualitativa, mas família de Jeremias também ganhou visibilidade.

A nova versão do personagem Jeremias, pode ser considerada, de acordo com as análises da pesquisa, como uma nova visão social e cultural a respeito da população negra e da mulher negra na sociedade materializada na arte quadrinista. É algo considerado extremamente importante, que se consiga visualizar aspectos de mudança a respeito da concepção social e cultural sobre o racismo, a história e a população negra e como a mulher negra como o sujeito que mais sofreu com os estereótipos e a subalternização na sociedade, se insere nesse contexto. Essa constatação não significa dizer que o racismo ficou no passado, mas que, apesar da existência do racismo, existe também um fortalecimento nas formas de enfrentamento.

Jeremias-Pele pode ser considerada uma redescrição na prática cultural de histórias em quadrinhos nacionais, proporcionando uma visão sensível a respeito do outro racializado,

trazendo uma perspectiva de solidariedade, que pode ser observada através da afirmação de Sousa (2018, p. 5), ao se referir a produção de *Jeremias-Pele* como uma produção “em grande estilo”, afirmando ainda “Tanto que esta história forte, verdadeira, emocionante e profundamente necessária chacoalhou o nosso estúdio e, daqui pra frente, estaremos muito mais atentos à realidade que nos cerca. E os leitores verão essas mudanças também nos nossos gibis mensais” (Sousa, 2018, p. 5). Assim, a partir dessa nova perspectiva de produção de histórias em quadrinhos, é possível vislumbrar a construção de estereótipos positivos, representativos, constituídos de atributos reais, com personagens negras assumindo centralidade nas narrativas, mostrando a normalidade da presença da pessoa negra na cultura e na sociedade através da representação desta população nas histórias em quadrinhos.

A seguir, dar-se-á, as análises nas unidades de análises selecionadas da revista em quadrinhos *Jeremias-Pele*, apresentando as compreensões a respeito da representatividade da mulher negra em tais narrativas, que traz uma perspectiva desta mulher não mais como subalterna, mas como construtora de seus próprios itinerários históricos, culturais e sociais.

A história em quadrinhos selecionada é uma produção voltada para o consumo geral, um produto da indústria cultural, de cunho comercial, trazendo uma proposta de cunho educativo no âmbito do entretenimento, da cultura pop, uma cultura que abrange diversos grupos sociais. *Jeremias-Pele*, propaga uma mensagem antirracista, de normalização da pessoa negra na cultura nos diversos espaços da sociedade, construindo a imagem da mulher negra com valorização social e cultural, valorizando sua capacidade intelectual, sua vida familiar, acadêmica, de forma representativa. São características que permitem entender uma mudança na cultura, assim como sobre o processo histórico, discussão da condição da população negra na sociedade e as possibilidades de uma redescritção na cultura, como se verá nas histórias em quadrinhos *Jeremias-Pele*.

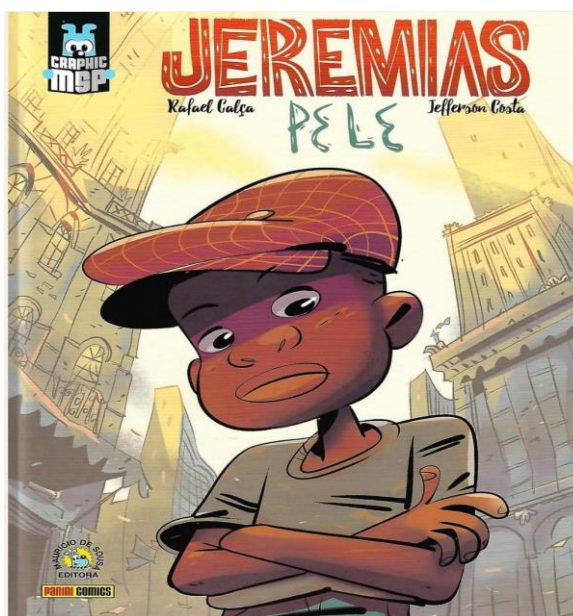
A narrativa aborda o racismo de uma forma ampla, sistemática, perdurando por gerações, podendo ser analisada sob várias perspectivas, seja pela teoria do racismo estrutural, ou partir do racismo institucional, o tipo de racismo que Jeremias sofreu na escola onde estudava, mas também na perspectiva do racismo interpessoal ou individual, em que, se espalhando de forma generalizada ou sistêmica, atinge as relações dos indivíduos a forma de ser na sociedade. “O racismo, em suas diversas formas, ainda se faz presente, muitas vezes de maneira sutil e velada, mas igualmente prejudicial” (NITERÓI.RJ, 2025, p. 04). De forma mais particular pode-se abordar o racismo em *Jeremias – Pele* a partir do viés do racismo na infância, uma vez que o protagonista é uma criança que sofre racismo tanto no ambiente da escola como

em vários outros lugares da sociedade.

No Brasil, o racismo é de um caráter profundamente enraizado na organização econômica do período de escravização de povos africanos no passado, perpassando às estruturas pelas quais a sociedade é organizada, assim como pelas instituições que compõem a estrutura social ao longo da história. Mesmo havendo mudanças visíveis nas conquistas da população negra, ainda persiste o caráter segregatório naturalizado na forma de viver da sociedade, assumindo um caráter geracional de racismo. Assim como Fernandes (2008), a antropóloga Schwarcz (2012) problematiza a questão racial no Brasil, abordando-a como uma realidade evitada nos campos de debates ou discussões, e vista como um campo complexo dentro da sociedade, “que, se não se resumem à fácil equação da democracia racial, também não podem ser jogadas na vala comum das uniformidades” (Schwarcz, 2012, p. 162). As histórias em quadrinhos *Jeremias-Pele* trazem a possibilidade de discussões e reflexões sobre o fenômeno em dimensões amplas, abertas aos mais diversos ramos de produção de conhecimentos.

Desse modo, entende-se que o racismo pode ser visto a partir da perspectiva de Edward Sapir (2012) sobre a cultura como a forma ou padrões em que a sociedade organiza sua vida cultural e social. Estando o racismo subjacente na forma como a sociedade se organiza culturalmente, podendo então se entender que o racismo está nos fazeres e no modo de ser cultural da sociedade, abrangendo assim dimensões amplas e complexa da organização da sociedade.

Cena 1- Capa da revista *Jeremias-Pele*.



(CALÇA e COSTA, 2018).

Jeremias-Pele é uma *Graphic novel* criada em 2018 pelos autores Rafael Calça e Jefferson Costa como artistas convidados pelo projeto *Graphic MSP*, trazendo uma releitura do primeiro personagem negro da Turma da Mônica, o “Jeremias”, como protagonista e capa de uma revista de histórias em quadrinhos. Na verdade, “Pouca gente sabe, mas o Jeremias foi um dos primeiros personagens criados por Mauricio de Sousa” (Calça e Costa, 2018, p. 96), no ano de 1960, como personagem secundário, estreando seu protagonista nesse novo milênio com uma narrativa impactante sobre o racismo e seus desdobramentos na cultura e na sociedade, cuja “situações vividas por Jeremias e seus familiares [...] foram experiências pessoais dos autores. São memórias duras, impossíveis de esquecer, mas que fortaleceram - e ainda fortalecem - esses talentos dos quadrinhos nacionais” (Sousa, 2018, p. 5).

No ano seguinte ao seu lançamento, em 2019, de acordo com Gama Neto (2019), *Jeremias-Pele* ganhou o Prêmio Jabuti na categoria de Melhor História em Quadrinhos nacional, sendo o primeiro Prêmio Jabuti da Panini Comics. Ganhou no mesmo ano, dois troféus HQ Mix, como melhor Edição Especial e melhor Publicação Juvenil. Concedeu também no mesmo ano o Troféu Ângelo Agostini, a mais antiga premiação de histórias em quadrinhos do Brasil, como Melhor Roteirista para Rafael Calça. Assim, *Jeremias-pele* já começava seu novo percurso consagrando lugares de destaque no gênero histórias em quadrinhos brasileira. A nova versão do personagem Jeremias propõe trazer representatividade e identidade para pessoas negras, através das visões de mundos propostas pelos produtores destes elementos culturais.

Ao criarem essa história para Jeremias, Rafael Calça e Jefferson Costa abrem portas para uma nova forma de existência negra. Jeremias demonstra com todo seu carisma que devemos amar nossa existência e abraçar nossa identidade, ser quem somos sem a necessidade da sensação de inferioridade gerada pelo racismo. Os autores apresentam uma forma de lidar e subverter as amarras racistas às quais pessoas são submetidas desde a infância (Silva, 2024, p. 02).

Como representatividade dessa nova forma de existência negra, se destaca a mãe de Jeremias, mulher negra, personagem central destas análises, apresentada nas narrativas como uma mulher envolvida ativamente nas questões raciais e familiar, atenta ao seu tempo, consciente da sua realidade, propondo através de sua personalidade, novas compreensões sobre a mulher negra na sociedade. Segundo Silva (2024, p. 01) “Jeremias: Pele é uma obra que fissura as estruturas da sociedade brasileira” e rompe com as velhas formas midiáticas de apresentar a mulher negra com inferioridade, estereótipos negativos e subalternidade cultural, também abordado por Gonzalez (2018) para se referir ao lugar da mulher negra na cultura, ou seja, situação de marginalização, segregação e exclusão dos diversos campos de importância

social dentro da cultura de um povo, como política, economia, conhecimentos formais e outros, criando novas perspectivas da mulher negra na cultura brasileira.

Jeremias-Pele traz uma leitura da família negra com uma instituição social de grande representatividade, evocando uma redescritção histórica, abordada por Fernandes (2008), ao mostrar as dificuldades e fragmentação de famílias da população negra por conta da grande vulnerabilidade social que sofrida em decorrência do abandono sofrido por longos séculos. Em *Jeremias-Pele*, a família negra é bem estruturada, estabilizada financeiramente, psicologicamente, com padrões de vida econômico, acadêmico e intelectual, profissionalização nível superior pelos genitores, e, destacando principalmente o cuidado familiar dedicados ao filho Jeremias, nas formas de enfrentar e fazê-lo compreender o racismo, que imbrica em aspectos psicológicas, sociais, educacionais e tantos outros, nas famílias de pessoas negras no Brasil.

A narrativa é criada a partir da compreensão histórica e cultural dos autores Calça e Costa (2018), sobre o racismo e de suas experiências pessoais, como afirma Sousa (2018, p. 5), “Muitas das situações vividas por Jeremias e seus familiares nas páginas a seguir foram experiências pessoais dos autores”, muitas das vezes veladas por questões morais, mas explícitas através de atitudes cotidianas. Se trata de uma história em quadrinhos que se utiliza da mídia do entretenimento, da cultura pop, para explicitar uma violência histórica que é o racismo e para redescrever a personalidade de pessoas negras nas histórias em quadrinhos nacionais, a partir do olhar dos produtores experienciados nas vivências racializadas na cultura nacional.

A personagem analisada, Carol, mãe de Jeremias, é um exemplo de mulher que está totalmente imersa nas questões históricas de resistência racial, e de conquista de sua liberdade interior para viver fora das prisões dos estereótipos culturais em torno da mulher negra na sociedade, o que representa um conhecimento por parte dos autores sobre o protagonismo de mulheres negras dentro de suas famílias e nos grupos de lutas por direitos para as pessoas negras durante o processo de construção da história e cultura da sociedade brasileira.

As narrativas se dão em torno de Jeremias, um menino de aproximadamente 12 anos, que descobre a existência do racismo através de uma experiência traumática vivenciada no ambiente escolar. Jeremias já vivenciava experiências difíceis relacionadas ao racismo a partir de brincadeiras, porém a sua consciência sobre esse fato se deu quando a sua professora, através de uma feira de profissões impôs a Jeremias que este se apresentasse como um pedreiro e redigisse uma redação sobre a profissão, contradizendo o desejo do aluno de se apresentar como

um astronauta, profissão a qual ele admirava por conta de suas histórias em quadrinhos preferidas que tinha um astronauta negro como um dos personagens importantes das tramas narrativas.

O sofrimento de Jeremias trouxe memórias passadas, vivenciadas por seus pais enquanto crianças, potencializando o sofrimento do seu pai que, mesmo sendo um homem bem estruturado, tendo transposto as barreiras culturais, passa por situações de racismo cotidiano e mostrando a mãe de Jeremias como uma mulher equilibrada, sensata, responsável, com tomadas de decisões conscientes e racionais em face dos desajustes emocionais causados na família por conta das violências raciais, se tornando um sustentáculo da família, mostrando-se forte e resiliente como mãe e companheira no enfrentamento e superação das diversas formas de racismo, como acontece historicamente.

Cena 2 – Saindo do cinema.



(CALÇA e COSTA, 2018, p. 8).

Nesta cena a família de Jeremias está saindo de uma sessão de cinema. A análise permite

a compreensão de uma família com condições de acesso à elementos da cultura, aos conhecimentos, aos lugares antes elitizados, mostrando a possibilidade de rompimento com o sistema de segregação racial. A imagem mulher negra ganha projeção, visibilidade, pela forma respeitosa como a personagem é retratada, valorizando seu estilo, seus laços familiares, suas características socioeconômicas, denotando um lugar social fora das cercanias raciais. Ainda que o racismo esteja à sua volta, como que à espreita, por estar impregnado na forma cultural social, como se vê nos personagens à sua volta, a representação dada à mulher negra é de que esta não se deixa invalidar ou invisibilizar pelas pressões sociais, mas segue de mãos dadas com seu companheiro, tendo o seu corpo levemente voltado para a frente como um sinal de cuidado com o filho Jeremias.

A imagem da Cena 2 é bastante significativa, pois traz a mulher para um ambiente fora daquele criado no imaginário cultural, de pobreza, leviandade, ignorância, mostrando exatamente o contrário, com liberdade de ir e vir, de estar nos diversos espaços da sociedade, usar seus cabelos como melhor lhe agrada, como sinal de resistência e autoestima, possibilitando que mulheres se sintam encorajadas a viverem também suas próprias experiências fora das amarras raciais.

As possibilidades de análises desta unidade são diversas, possibilitando várias leituras, como afirma Vergueiro (2004, p. 9), através de um adágio popular de que, “uma imagem fala mais do que mil palavras”, possibilitando diversos tipos de interpretações, cujas imagem, de acordo com Postema (2018), através se seus fragmentos, ou diversos elementos, podem trazer ao leitor experiências diversificadas, visto que “não existe uma leitura ‘casual’ de quadrinhos, pois qualquer narrativa quadrinizada, por mais simples ou breve que seja, exige do leitor que este esteja (pre)disposto a reelaborar os fragmentos que recebe” (Postema, 2018, p. 7), e como já mencionado, participar ativamente da construção da narrativa mentalmente.

A família de Jeremias é composta por sua mãe, Carol, uma mulher negra, sempre bem-vestida, cabelo natural, sempre bem tratados e arrumados, usa os soltos, sem amarras, como sinal de Consciência Negra e símbolo de resistência de movimentos negros em que a expressão “*Black is beautiful*” (preto é bonito), deu origem a várias expressões, cunhando a ideia dos movimento a antirracistas dos Estados Unidos e África do Sul nas décadas de 1960 nos quais o cabelo crespo passou a significar orgulho e poder (Tavares, 2021) e (Oliveira, 2018).

Algumas vezes traz o seu cabelo envolto em turbantes, uma indumentária “carregada de histórias, ancestralidades, identidades e culturas” (Silva, 2018, p. 124), com diversas finalidades, usos, e vários significados para tradições afrodescendentes, em que, “para mulheres

negras brasileiras e africanas o uso do Turbante é um legado cultural simbólico, eleva a autoestima, o reconhecimento e a elegância.” (Silva, 2018, p.146). Isto mostra que Carol traz estilo próprio de sua personalidade carregado de elementos que remetem à história e cultura afro-brasileira.

A imagem da personagem Carol é central para trazer representatividade em vários aspectos ao longo da trama narrativa, por se tratar de uma personagem carregada de valores identitários, tradições, maturidade e consciência de si, não se deixando inferiorizar pelos estereótipos nem pelos episódios de racismo nos diversos espaços e em seus diferentes modos de atuação. Desafia os padrões de beleza feminina instituídos na sociedade, rompendo formas raciais que ignoram a diversidade étnica e fenotípica do povo brasileiro. Assim como as demais personagens da família, Carol é uma personagem com profunda qualidade, abordando o de forma veemente o enfrentamento e resistência racial com a valorização da subjetividade, da experiencia do indivíduo no processo cultural de representação.

Neste aspecto, faz jus algumas considerações sobre representatividade, no sentido de dar mais nitidez sobre importância das discussões a respeito da posição da personagem em análise dentro da narrativa, embora todo o contexto da seja inegavelmente representativo. A representatividade mesmo estando ligado ao processo de representação não significa estar sempre presente nesse processo. A representatividade é um termo que está ligado intrinsecamente a qualidade da representação. "Representar significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. [...] Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos" (Hall, 2016, p. 39), e esta representação pode ou não representar de forma autêntica, justa, mas atende a interesses diversos. A representatividade acontece quando essa representação é capaz promover aspectos positivos, de transformações na realidade dos indivíduos e dos grupos a que pertencem, de forma ética, digna, respeitosa, sem desvirtuar os valores culturais, humanos e as experiencias dentro de cada contexto.

Para o autor a representação é um processo cultural importante, em que, por meio da linguagem, como as imagens, os gestos, os sons, e tantas outras formas de linguagem, são produzidos os significados sobre a realidade, sobre o mundo. A linguagem é uma ferramenta na produção de sentido do que existe culturalmente, moldando e interpretando o mundo como um instrumento de poder, de acordo com a forma de representação ou interpretação dada a determinado elemento. Ou seja, a representação se dá por meio da linguagem em suas diversas formas, e a linguagem é um instrumento de poder pelo qual a realidade é interpretada e

compartilhada cultural e socialmente. “Imagens e signos visuais, mesmo quando carregam uma semelhança próxima as coisas a que fazem referência, continuam sendo signos: elas carregam sentido e, então, tem que ser interpretados” (Hall, 2016, p. 39), sendo um signo, necessita de interpretação de acordo com a cultura. E essa representação/interpretação pode ou não ser representativa. Representativo se refere a forma como a representação é posta, trazendo suas qualidades e características de forma construtiva, dando visibilidade, trazendo aspectos importantes da realidade que está sendo representada, de forma autêntica, expressando os valores, os interesses, as identidades, tanto de indivíduos quanto de grupos representados.

Hall (2016), com certeza é um teórico com grandes contribuições no campo dos estudos culturais voltados para o debate acadêmico em torno das questões raciais, e compreender as representações como um ato de poder permite o olhar crítico sobre os diversos desdobramentos implícitos nesse processo de representar, principalmente no que se refere às questões de ordem sociais e culturais quando pertinentes aos seus processos de transformações e reivindicações por justiça e equidade. Nesse sentido o autor questiona: “Será que um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado?” (Hall, 2016, p. 211). Alinhado a esses posicionamentos críticos, Rorty (2007), enfatiza o poder das narrativas como ferramentas capazes de trabalhar por meio da imaginação, no caso, sobre as representações sociais nelas contidas, aspectos ligados ao cotidiano do indivíduo e da sociedade, como solidariedade, crueldade, utopias ou distopias, discriminações e tantos outros aspectos, possibilitando compreensões e associações criativas com a realidade, o que inclui, no campo da cultura, as representações, e como elas podem ser potencialmente instrumentos de transformações no campo da sociedade. É nesse aspecto que se compreende a representatividade como a capacidade ou a possibilidade de impactar e transformar realidades sociais e individuais, pela forma como evoca, por meio das representações, posicionamentos críticos, éticos, políticos, sobre o que está sendo representado. A representatividade é capaz de exercer influência na vida dos indivíduos ou dos grupos dos quais fazem parte e se sentem representados, trazendo modelos referenciais de identidade, assumindo posicionamentos políticos, dando visibilidade social ao indivíduo e ao grupo, quando são autenticamente representados, tendo a “representação como prática de produção de significados” (Hall, 2016, p. 225).

Quando estes aspectos construtivos, de qualidade, expressando aspectos históricos, valorizando as experiências coletivas dentre outros acontecem, a representatividade é intrínseca, trazendo influências significativas capazes de promover transformações social e cultural em prol dos objetivos do grupo e dos indivíduos a ele pertencentes. Segundo a

lexicógrafa Débora Ribeiro, do Dicionário Online de Português, uma das definições para representatividade consiste em: “Característica de uma pessoa, de um partido ou de outras organizações sociais, que, pela proximidade com a população, pode falar ou representar com propriedade as necessidades do grupo do qual faz parte” (Dicionário Online de Português), indo além das superficialidades ou interesses puramente particulares, mas considerando as demandas sociais e as exigências que existem em cada contexto da sociedade.

Podemos entender o conceito de representatividade, no contexto brasileiro, como a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo, quando esse adquire a capacidade de representar esteticamente politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade na maioria das vezes, um grupo social minoritário (DESS, 2022, p. 8).

Nestes termos, a representatividade é mais do que uma simples e pura representação, pois consiste em avaliar criticamente a qualidade da representação, se esta atende a dimensão transformadora, de justiça social, de valorização do coletivo e seus indivíduos. Em uma narrativa com representações de pessoas de diferentes grupos étnicos, há que se ponderar sobre a qualidade da representação desses grupos, da construção da imagem das pessoas, como marca a diversidade étnica, cultural e identitária com subjetividade positiva, personalizada, valorizando as experiências coletivas, como a história, tradições, lutas, costumes, ou seja, representa os interesses coletivos. “Pensar a representatividade como um meio para a emancipação requer que estejamos sempre atentos para não torná-la um fim em si mesmo. [...] pressupõe que ela seja orientada por uma intenção clara e permaneça dessa forma durante todo o curso da ação” (DESS, 2022, p. 8). Essas compreensões são de grande valia para uma abordagem crítica e analítica às histórias em quadrinhos *Jeremias-Pele*, e compreender a qualidade e o sentido de representações contidas em suas narrativas.

Jeremias-Pele traz uma mudança importante no âmbito da cultura quadrinista nacional sobre a representação dada à mulher negra, pois a forma como a personagem Carol foi criada, permite dialogar perfeitamente com a história, a cultura e o cotidiano de mulheres negras em vários aspectos, mostrando uma nova forma de representação da pessoa negra na prática cultural de histórias em quadrinhos nacional. Mesmo sendo uma obra de cunho mercadológico, fica evidente a caráter ético político transformador aplicado sobre sua construção, olhando desde o lugar de quem as produziu, dois homens negros que possuem experiências de vidas que lhes qualificam a falar sobre o tema principal da narrativa que é o racismo, tanto na infância como na vida adulta, assim como a resistência, a resiliência do povo negro, em especial a mulher, figura centrada e com alto poder de controle dentro da narrativa, um aspecto importante sobre a atuação da figura feminina no campo das ações contra o racismo.

Isto evidencia uma possível cisão entre o antes e depois de 2018, pois *Jeremias-Pele* se diferencia de todas as narrativas quadrinistas produzidas pelo grande mercado editorial com abordagem às questões raciais. Aborda de forma profunda e contundente a crueldade do racismo na vida dos indivíduos, mas, abordando de forma ampla os vários aspectos que envolvem a cultura, a resistência, os símbolos, a história e a valorização do indivíduo, na medida em traz personagens negros com centralidade e protagonismo, ocupando lugares importantes na sociedade, conscientes sobre o processo de superação das barreiras raciais na sociedade, ambiente familiar acolhedor, com representações da pessoa negra de forma normalizada, qualitativa, que se opõe ao humor risível, estereotipado e preconceituoso que se manteve no campo quadrinista (Chinen, 2013, Oliveira Neto, 2015) ao longo do percurso histórico.

Neste sentido, é possível compreender, através das imagens analisadas, redescrições sociais e culturais importantes a respeito principalmente da mulher negra que teve historicamente sua imagem atrelada à hipersexualidade e à pobreza.

Por sua vez, o pai de Jeremias chama-se Alexandre, um homem bem descontraído, muito atencioso com a esposa e com o filho. É um intelectual assim como Carol, arquiteto, usa roupas com um estilo bem jovem, cabelos crespos compridos e óculos de grau, dando um visual de alguém voltado para os estudos. Alexandre, mesmo conseguindo uma boa posição no mercado de trabalho, é um homem que, ao contrário de Carol, traz em si as dores dos traumas causados pelo racismo, rememorando tais experiências através do sofrimento do seu filho Jeremias. Mas as experiências de racismo não ficaram apenas no passado de Alexandre, fazendo parte da sua vida cotidiana e afetando a sua estabilidade emocional.

Na cena acima é possível ver a personagem Carol sob uma perspectiva social, a mulher negra com companheirismo, cuidado e amor pela família. Muito bem-vestida, de mãos dadas com o seu marido Alexandre e ambos cuidando do seu filho Jeremias, remete ao papel central que a mulher negra desempenhou na sociedade, no cuidado com a família, em meio a tantos entraves por elas enfrentados.

Mesmo que Carol não represente todas as mulheres negras da sociedade, ela traz a presença da mulher negra para o centro narrativo, com a marca da história da mulher na sociedade, como tantas mulheres do passado e como as que resistem no presente, ocupando diversos espaços e papéis na sociedade. A personagem Carol é formada no ensino superior e trabalha com arquitetura, mostrando que é possível, que aprendeu a superar as barreiras impostas pelo racismo, conseguindo se desvencilhar de todos os estereótipos sociais criados sobre a mulher negra, os quais já denunciados por Gonzalez (2018), uma representação

significativamente positiva em toda a trama narrativa, cuja representatividade se dá de várias formas. Possibilita construir um novo imaginário cultural e social a respeito da normalização de sua presença em lugares de posições elevadas, superando os velhos rudimentos da mulher negra como mulata e doméstica subalternizada, discutidos por Gonzalez (2018).

Cena 3 - Café em família antes do trabalho e da escola.



(Calça e Costa, 2018, p. 12)

Nessa Cena 3 (página 12), é possível visualizar um ambiente de harmonia, de uma família que transcorre o seu cotidiano como a vida da maioria das pessoas na sociedade urbana. A atenção principal nesta cena é para o fato de Carol compartilhar com sua família aspectos sobre sua vida profissional, de arquitetura, mostrando que a mulher negra pode estar em lugares, funções e profissões fora da subalternidade, sendo este fato uma normalidade e não uma exceção na narrativa.

É uma imagem que traz serenidade nas expressões faciais de Carol, proporcionando uma leitura de autoestima, confiança, competência intelectual e profissional, organização, ou seja, é uma personagem que apresenta inspiração para mulheres negras. Também possibilita, por meio de leituras analíticas em torno da imagem de Carol, uma redescrição social e cultural de respeito e valorização da mulher negra, em que, por meio da imaginação (Rorty, 2007), os leitores criam os cenários da vida cotidiana de Carol, em diálogo com a realidade.

Nesta linha de raciocínio, Postema (2018) nos lembra que “Em termos de imaginário, um código comum é o que se refere à representação icônica, em que as imagens representam algo que se assemelha a elas. Dependendo do estilo do quadrinho, as imagens serão mais ou menos miméticas” (Postema, 2018, p. 18), permitindo uma conexão com o mundo real. A

representatividade dada à mulher negra na sociedade, tomando por base esta imagem representada na Cena 3 emerge repleta de possibilidades sobre a forma como o imaginário dos leitores apreende sentidos em torno de mulheres negras, ao propor a perspectiva de uma mulher negra inteligente, intelectual, profissional, mãe, esposa, dona de casa, o que contribui de forma positiva na formação da identidade de outras mulheres negras, que se inspiram e se veem nessa perspectiva, superando a visão racial e ocupando espaços importantes, à semelhança de Carol.

Calça e Costa (2018), proporcionaram, através dos personagens Carol e Alexandre, a percepção de equidade de gênero, ao propor para ambos, o mesmo tipo de vida profissional e ambos assumem juntamente a responsabilidade pela família, ao contrário do que aconteceu no passado as com famílias pobres e desestruturadas e mulheres assumindo a chefia e uma sobrecarga de funções sociais. Carol tem uma participação qualitativa nos aspectos psicológicos, quanto ao cuidado com a família e de si mesmo, como nas formas de atuação ante o racismo, mostrando-se forte. *Jeremias-Pele* não se exime de mostrar a dura realidade vivenciada por pessoas negras na cultura, por exemplo, nos meios midiáticos, onde Carol provavelmente não teria oportunidade por conta das barreiras impostas pelo racismo nos padrões culturais de beleza, como fica entendido na leitura da unidade de análise a seguir.

Cena 4 - A beleza de Carol e a mídia.



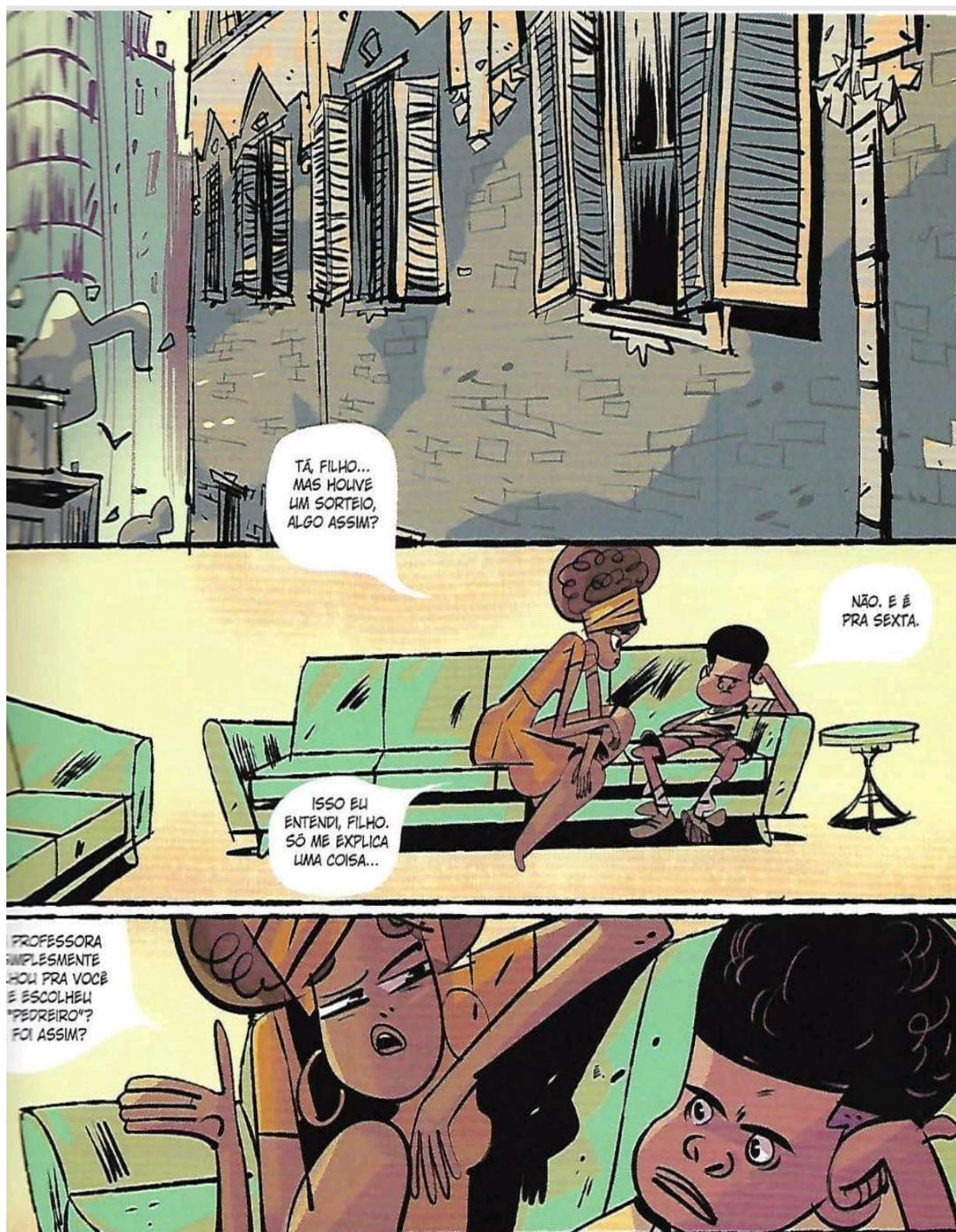
(Calça e Costa, 2018, p.13).

na Cena 4, Jeremias elogia sua mãe e diz que ela é "tão bonita que devia fazer aquele comercial da TV!" (Calça e Costa, 2018, p. 13), evidenciando a intenção dos autores de mostrar que as mulheres negras têm menos oportunidades de protagonizar em novelas, filmes, propagandas e outros, como consequência do racismo institucionalizado na sociedade. Porém, o uso de mídias como as histórias em quadrinhos, com personagens negros de forma normalizada, protagonistas, ou não, mas com qualidade, assumindo diversos lugares na

sociedade, assim como os demais indivíduos, quebra a estima sobre pessoas negras destinadas a lugares inferiorizados, como se vê em *Jeremias-Pele*, com perspectivas de mudanças sociais, de respeito e valorização da mulher negra, ainda que esta não seja a protagonista da narrativa.

Nas imagens a seguir, dispostas na Cena 5, observamos a dor, a angústia e o sofrimento causados pelo racismo em Jeremias e a tarefa de Carol no acolhimento, cuidado e encorajamento, como aconteceu ao longo do processo histórico nacional, em que mulheres negras mostravam força tanto psicológica quanto estratégicas para ajudar suas famílias. Fernandes (2008, p. 83), afirma que a mulher negra, no período pós abolição da escravatura, assumiu um lugar de "agente de trabalho privilegiado", assumindo o sustento dos seus esposos e sua família "nas condições tumultuosas" de escassez de trabalho para a população negra dos centros urbanos de São Paulo, principalmente para os homens negros, evidenciando o protagonismo da mulher negra vindo de longos tempos, desde à escravização, que segundo Gonzalez (2018,p. 38), além de ser a “trabalhadora do eito e a mucama [...], coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro”. Na personagem Carol, centra-se também esse protagonismo, de trabalho, cuidado com a família e resistência, que segue uma linha histórica da mulher negra na cultura nacional.

Cena 5 - A dor do racismo.





É possível visualizar como o mundo dessa família foi transformado pelo racismo. Além dos aspectos tristes apresentados pelos personagens, a imagem de partes de uma casa em estado de deterioração acima da imagem dos personagens, mostra como o mundo da família foi afetado. A família está toda abalada diante da violência racial sofrida por Jeremias no ambiente escolar, o qual não tinha consciência do racismo e de sua complexidade.

Neste contexto, Carol se insere como mulher, mãe, e representante do protagonismo histórico da mulher negra na cultura, trazendo para a cena o turbante, um elemento da cultura africana, mantida na tradição como um sinal de identidade de mulheres negras, o que pode ser compreendido como uma mensagem sobre a importância dos símbolos adotados pela cultura afro-brasileira.

Como afirma Postema (2018, p. 31), “Para que os leitores aprendam a entender integralmente os quadrinhos, devem ter em mente o todo, ou a ‘coerência global’, uma vez que são eles que fazem o trabalho de interpretação dos vários signos em uma obra em quadrinhos”. Desse modo, observar os detalhes das imagens é uma questão central para que se compreenda a história de forma ampla, tornando a leitura das imagens uma atividade interpretativa estritamente importante para o contexto geral, que envolve toda a criação da trama narrativa. Os quadros acima propõem uma compreensão do mundo interior de Jeremias e sua mãe Carol e de vários aspectos culturais, sociais e históricos, abrangendo a forma como o indivíduo se insere em todos estes espaços. relacionados à população negra

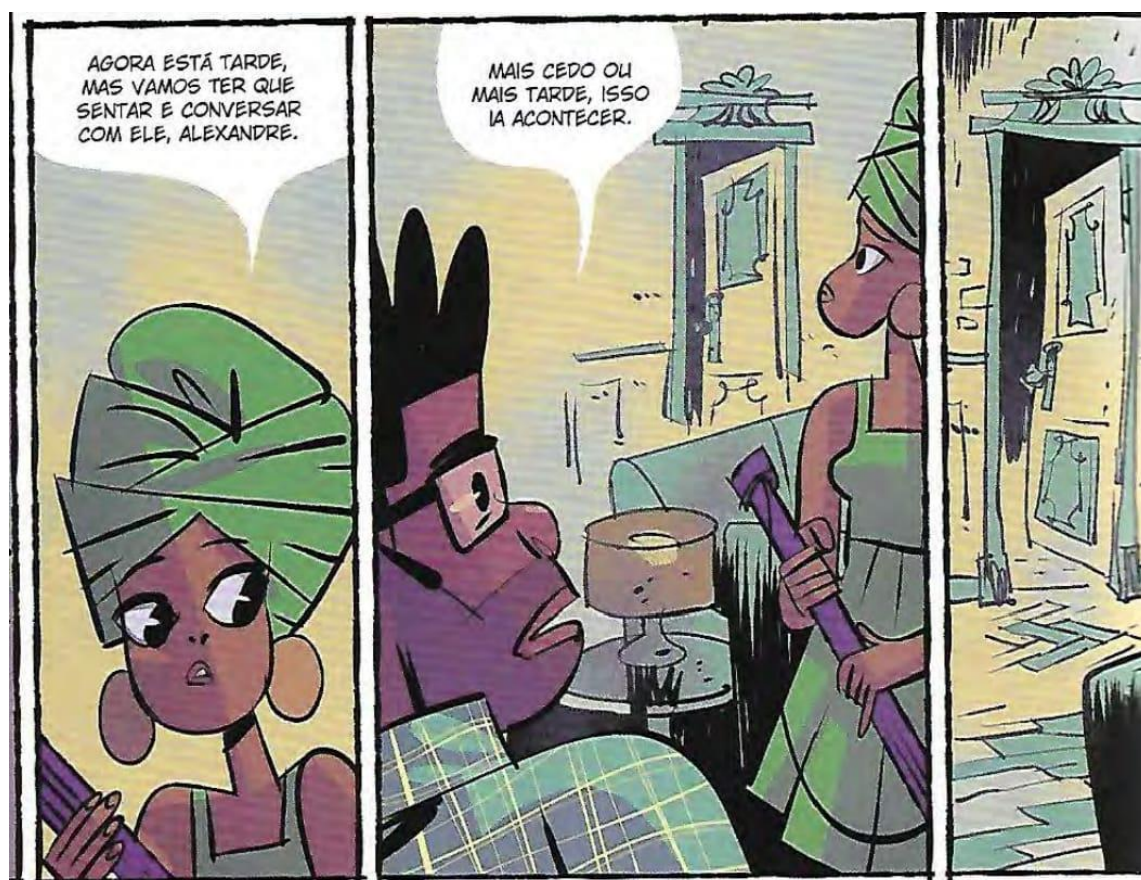
Outra leitura importante sobre o contexto histórico é a menção sobre o avô de Jeremias. Este, como descreve a personagem Carol, foi pedreiro, exatamente a profissão imposta pela professora a Jeremias, para que este se fantasiasse e produzisse uma redação sobre a profissão. Isto revela o entendimento dos autores Calça e Costa (2018), da cultura de manutenção de pessoas negras em lugares considerados menos valorizados, situação histórica superada pela família de Jeremias, que redescreveram sua condição sociocultural, assumindo outras posições sociais.

É neste sentido que podemos afirmar que *Jeremias-Pele* aborda o racismo sem subalternizar seus personagens. A mulher negra, na criação de Calça e Costa (2018), concordado como Postema (2018), mimetiza a realidade, dando personalidade à personagem, carregada de sentimentos, de afetações, de alegria, tristeza, realizações, lutas e conquistas. É uma abordagem que permite uma redescritção social e individual da mulher negra, tarefa mediada pelo potencial que as narrativas desempenham na formação do indivíduo e da

sociedade, segundo Rorty (2007).

Na Cena 6, é possível ver, mais uma vez, o protagonismo dado à mulher negra, se assemelhando ao cotidiano vivenciado por mulheres em famílias negras na cultura nacional, em que esta tem que se colocar como apoio psicológico por conta do racismo sofrido pela família ao mesmo tempo que se desdobra nas atividades profissionais, domésticas, culturais e outras, construindo o bem-estar da família e o seu próprio.

Cena 6 – Simbolismo e representatividade negra.



(CALÇA e COSTA, 2018, p. 30).

Como é possível observar, através do instrumento de trabalho em suas mãos, um tubo telescópico, e das suas expressões faciais, Carol está se desdobrando entre os seus trabalhos profissionais e o cuidado com a família, pela importância do caso de Jeremias. A leitura do ambiente ao seu redor mostra a tensão do momento. A casa está se desintegrando, retratando um esfacelamento da integridade psicológica da família.

Nesta imagem de ambiente tenso, Carol usa seus cabelos enrolados em um turbante e usa brincos afro como parte do cenário, trazendo elementos da cultura africana de significados diversos, que remetem à força da mulher negra na construção da identidade, tradição,

resistência, agregando beleza e estilo.

A narrativa que aborda o racismo é contada a partir dos diversos elementos gráficos que contêm cada cena, uma leitura que envolve disposição do leitor para construir conhecimentos sobre aspectos específicos que envolve a cultura e a história da população afrodescendente. Assim, Calça e Costa (2018), ressignificam os personagens negros nas histórias em quadrinhos nacionais, dando-lhes lugar de valorização humana, cultural e social.

Cena 7 - Repetição histórica do racismo.



(Calça e Costa, 2018, p. 50).

Na Cena 7 é possível focar no comportamento dos personagens. Percebemos como o racismo se repete na família ao longo das gerações, em que Carol e Alexandre se deparam com a difícil tarefa de explicar para o filho como é a realidade da vida para pessoas negras. O pai de Jeremias mostra-se nervoso, tendo uma conversa muito dura com seu filho que sofreu racismo por parte de seus colegas de escola.

O nervosismo de Alexandre deixa aflorar as dores internas geradas pelos constantes episódios de racismo, os quais se repetem também na vida do seu filho. O negro, no entendimento do personagem Alexandre, “se não for duas vezes melhor, nunca vai ser tratado

como igual” (Calça e Costa, 2018, P. 52).

Jeremias não entende por que tem que ser dessa forma, e entra em desespero, mostrando o caos estabelecido por causa do racismo. Carol, no entanto, apresenta-se como uma mulher centrada, calma, posta a ouvir os argumentos do seu filho e a ajudar o seu marido na conversa. Ela continua a usar o turbante no cabelo, chamando a atenção para o resgate da cultura, identidade e resistência, que acompanham a mulher negra durante a construção cultural e social do país.

Cena 8 – A força da mulher na família.



(Calça e Costa, 2018, p. 53).

Na Cena 8, Carol é a companheira, aquela que dá força ao seu companheiro, mulher que abraça e se deixa abraçar pela necessidade de ser também acolhida, mostrando como o casal precisa unido, ajudando-se, para enfrentar os desafios da vida.

A representatividade em torno de Carol remete à mulher que ouve, que aconselha, e que sofre ao ver os seus entes queridos se desequilibrando emocional e psicologicamente, por causa

do racismo na sociedade. Ela personifica características históricas importantes de mulheres negras, redescrivendo um imaginário cultural em que esta é valorizada pelos seus atributos humanos. Em toda a narrativa, Calça e Costa (2018), derem uma representação especial à personagem Carol, que, em todos os momentos da narrativa, se apresenta de forma digna.

Cena 9 – Resistindo a cultura do racismo.



(Calça e Costa, 2018, p. 59).

Na Cena 9, muito forte, Jeremias sofreu racismo direcionado a seus cabelos e ainda não compreende a importância do cabelo como parte de sua identidade, se deparando com a ofensa por ter o seu cabelo chamado de “ruim” e “duro”, somando-se a isto os termos pejorativos como “trombadinha” “escuro”, “neguinho”, de forma grosseira e raivosa, levando Jeremias a se envolver em agressões físicas na escola.

Jeremias internaliza o racismo, afetando sua autoaceitação, autoestima, levando-o a agir de forma negativa contra si próprio. No desespero, mostrando tristeza profunda, se revolta e decide cortar o seu cabelo, como uma tentativa de afastar de si a identidade negra, se mostrando extremamente transtornado. Carol e Alexandre veem com perplexidade, aflição e tristeza, o ato do filho. Mesmo tendo os pais como exemplos de expressões de valorização do cabelo e da cultura afrodescendente, com liberdade para decidirem como viver, Jeremias não consegue entender a forma como o mundo o julga a partir do seu fenótipo.

As sobras na parede da casa também mostram como o racismo afeta o emocional de toda a família. Observa-se que Calça e Costa (2018), se utilizam da imagem do ambiente, como paredes, mobílias, os espaços da casa, para retratar o estado emocional dos personagens, denotando uma atmosfera geral de afetação que pode ser lida além das expressões físicas dos personagens. Carol se mantém em posição de firmeza e estabilidade emocional na necessidade de acolher sua família, tornando-se uma mulher forte.

Carol, como se verá na cena seguinte, diante do sofrimento do filho, ao invés de reprimi-lo por cortar o seu cabelo, ela, mais uma vez, presta apoio emocional com maestria, mostrando a força da mulher na família no ensino, das tradições, seja das maneiras como lidar com as dificuldades, e, assim como Alexandre, desenvolve um diálogo profundo com o filho sobre o racismo, porém, diferentemente de Alexandre, ela se coloca na situação, se mostrando como alguém que já superou os estereótipos negativos atribuídos ao seu fenótipo.

A personagem usou a sua própria experiência de vida como exemplo para ensinar, de forma pedagógica, que as pessoas não devem aceitar as imposições raciais e que o racismo oprime as pessoas desde sua infância, mostrando como ela quando criança sofreu racismo e conseguiu superar, dando novo sentido à sua vida.

Carol encorajou Jeremias a se aceitar, independente dos padrões fenotípicos divulgados no mercado da moda ou na mídia, o que o levou a se inspirar em um personagem de histórias em quadrinhos com representatividade, um astronauta negro. A personagem Carol constitui representatividade em aspectos amplos, o que se pode deduzir que seja a personificação de mulheres que fazem parte da vida dos autores, uma vez que as experiências pessoais vivenciadas por eles se encontram em alguns aspectos da narrativa, como mencionado por Sousa (2018, p.5), “muitas das situações vividas por Jeremias e seus familiares nas páginas a seguir foram experiências pessoais dos autores.” (Sousa, 2018, p. 05). Carol, a partir das representatividades que emergem da narrativa analisada, se apresenta enquanto personagem exemplar em todos os aspectos, especialmente quando se pensa em sentidos positivos em torno das mulheres negras em produtos e práticas culturais da cultura pop.

Cena 10 - Liberdade.



Cena 11- Construindo identidade.



(Calça e Costa, 2018, p. 61)

Nas Cenas 10 e 11 (p. 60 e 61), é possível ver leveza, sensibilidade, paciência e beleza, demonstrando a autoestima de Carol, um incentivo para outras mulheres que se sentem na condição de mulher negra diante dos desafios desencadeados pelo racismo. A representatividade também se encontra nas falas, quando esta destaca que, "eu percebi umas negras lindas com uns cabelos poderosos, enormes... livres..." (Calça; Costa, 2018), reforçando a necessidade de ter mulheres com representatividade significativas, o que, em todos os sentidos, Carol consegue representar para seu filho, tanto na narrativa da obra analisada, bem como para outras mulheres na realidade que nos cerca.

A representatividade da mulher negra através da personagem Carol, não se resume apenas ao seu modo de vestir ou usar o seu cabelo, mas principalmente na forma como ela lida com as situações cotidianas da vida, como trabalho, estudos, família e principalmente na resiliência diante do racismo, sendo uma personagem de resistência e desconstrução do racismo.

Carol inspira a mulher negra na cultura e na sociedade por apresentar atributos humanos

condizentes com a realidade, construindo um novo modo de ver a mulher negra, como alguém importante, inteligente, como qualquer outro indivíduo, quebrando a imagem da mulher negra hiper sexualizada, pobre ou “na esfera do paródico e do risível” (Oliveira Neto, 2015, p. 81), desprovido de inteligência e excluída da pelo fato de ser negra.

Através do seu exemplo na forma de encarar a realidade do contexto do racismo, proporcionou a Jeremias uma tomada de decisão importante, iniciar a construção da sua identidade negra. Além de sua mãe Carol, Jeremias também se inspirou no seu herói preferido, o astronauta Pereira, da agência BRASA (Calças e Costa, 2018, p. 15), um homem negro que, conforme vemos na Cena 12, usa o cabelo cortado rente ao couro cabeludo, modelo que Jeremias escolheu para dar um novo visual ao seu cabelo.

Cena 12 – Representatividade.



(Calça e Costa, 2018, p. 67)

A presença de pessoas negras ocupando espaços importantes na sociedade é um aspecto

fundamental para que haja uma mudança na consciência da sociedade, principalmente nas produções midiáticas, como acontece em *Jeremias-Pele*. Deste mesmo modo, Carol se torna representatividade para mulheres negras pela forma como foi produzida. Muitas outras cenas que abordam a questão racial, são discutidas em *Jeremias-pele*, porém, o propósito deste trabalho é evidenciar a representatividade que esta proporciona para mulheres negras neste âmbito cultural quadrinista.

Por isso, foram privilegiadas algumas unidades de análises referentes à participação da mulher negra como personagem que possui atributos qualitativos. Assim, a representatividade se torna algo imprescindível para que haja uma redescritção sobre o lugar da mulher negra na sociedade, como a utilização de elementos da cultura.

Cena 13 – Seguindo em frente



(Calça e Costa, 2018, p. 85)

Para finalizar estas análises, trazemos a imagem representada na Cena 13 inteligentemente imaginada e materializada na arte de Calças e Costa (2018), em que a representação da sombra do passado sob a perspectiva de racista que atormentava a família e ainda age de forma cruel na sociedade.

Várias leituras podem ser feitas a partir desta imagem, porém cabe destacar que, mesmo as cenas do passado se referindo aos seus períodos de infância, o quanto é importante notar que esta sombra os acompanha ainda na atualidade, pelas diferentes formas pelas quais o racismo se manifesta, mesmo que seja só uma sombra.

A linguagem dos quadrinhos funciona por meio de unidades que criam significação sustentada na colaboração solidária com o que as precede e as sucede, visto que os quadrinhos são, predominantemente, uma narrativa que funciona a partir de determinados pressupostos desta modalidade, o que nos leva a entendê-los como leitura de movimento contínuo de recuo e avanço. A Cena 13, rememorando fatos anteriores (recuo), lança expectativas futuras de superação (avanço), se constituindo, conforme Postema (2018), como um significante, ao oferecer informação nova e, no mesmo movimento, revisitar informações de quadros anteriores.

Assim sendo, seguindo as ideias de Postema (2018), em diálogo com as ideias de Rorty (2007), podemos afirmar que a Cena 13 reforça o processo de ressignificação retroativa (próximo da redescritção), em que se deve voltar continuamente para reconsiderar significados e construir novos sentidos conforme avançamos na leitura do texto quadrinístico. Com isso, defendemos que as representatividades expressas na Cena 13 produzem percepções significativas em torno da mulher negra na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos propostos no projeto de pesquisa e das leituras bibliográficas realizadas sobre foi possível compreender, de forma mais aprofundada e crítica, as relações do racismo na cultura e como a mulher negra é inserida neste meio.

Os estudos realizados de forma interdisciplinar, buscaram compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e suas contribuições na desconstrução de racismos e preconceitos no século XXI, trazendo análises, a respeito dos temas cultura, cultura pop, histórias em quadrinhos, racismo e sexismo, numa perspectiva cartográfica, que abrange a cultura e a sociedade, situando a representatividade da mulher negra nesse contexto como objeto de estudo e, refletido como o racismo e o sexismo implicam em todas as dimensões da sua vida. As análises sobre cultura mostram como a cultura em sua forma se efetuar na sociedade pode contribuir ou não, para a boa formação da personalidade do indivíduo, na medida em que considera o indivíduo como parte central do coletivo, da sociedade. Nestes termos o racismo e o sexismo constituem-se elementos de impedimento de uma cultura que possibilite o pleno desenvolvimento da mulher negra na sociedade em suas diversas dimensões. Tais estudos mostram que historicamente e culturalmente, a forma como a mulher negra foi retratada na sociedade, apresentava-se também no imaginário das histórias em quadrinhos, seguindo um padrão de manifestação do racismo de forma multilinear, sistêmico, definindo, ao longo da formação da sociedade, o lugar da mulher negra na cultura brasileira, o qual, se entende a partir das leituras bibliográficas, como degradante.

As categorias que formaram o eixo central da pesquisa são: Cultura pop, adentrando também pelo campo da cultura e suas diversas concepções, seguida da categoria histórias em quadrinhos como um elemento da cultura pop entrelaçando com a categoria do racismo e do sexismo contra a mulher negra na cultura e na sociedade brasileira.

Sobre a cultura e a cultura pop é importante compreender que, a cultura em suas diversas concepções, sejam elas como todo o fazer humano, como identidade cultural de uma sociedade, como saberes socialmente privilegiados e como cultura autêntica, aquela em que é privilegiada a relação do indivíduo com a cultura na formação da sua personalidade, compreende-se que o racismo e o sexismo são construções humanas entranhadas em todos esses âmbitos da cultura, onde a cultura pop, como um comportamento da sociedade em face do desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, é um instrumentos capaz, tanto de reforçar as ideologias

raciais e sexistas como também de combatê-las, rechaçá-las, e criar novos padrões de criação cultural que rejeite os estereótipos negativos, que combata as violências, que busque moldar as relações de poder na sociedade e na cultura, dando espaço para a formação de novas consciências e novas visões de mundo numa perspectiva de redescritção social e cultural.

No tocante às histórias em quadrinhos, como um elemento da cultura pop, foi possível visualizar que, as histórias em quadrinhos serviram como instrumento de crítica e provocações sociais, trazendo para o campo das reflexões as mazelas sociais, comportamentos, as injustiças e outros aspectos. Mas também é um elemento que pode ser utilizado para reforçar estereótipos, tipos de sujeitos marginalizados, a normalização dos preconceitos e tantos outros aspectos, podendo ser um instrumento para lutar contra as injustiças como um instrumento para sustentar e manter a cultura de desumanização do outro.

No Brasil, historicamente as histórias em quadrinhos seguiram um padrão cultural, de acordo com a visão social sobre a população negra, em que, na sua maior parte, eram produzidos personagens negros estereotipados, principalmente no que se refere à mulher negra, onde personagens de mulheres negras eram produzidas sem qualidades humanas, atribuindo-lhes características animais, falta de intelectualidade, pobreza, feiura, e ao mesmo tempo a imagem da mulher negra lasciva, hipersexualizada, remontando ao tempo da escravização e à figura da mucama. É importante frisar que mesmo com predominância de produções quadrinistas racistas, existiram autores que buscavam quebrar essa lógica e mostrar a realidade de violências raciais na sociedade através de suas ilustrações e suas histórias em quadrinhos, desferindo denúncias, críticas, revoltas com as mazelas sociais e inconformidade com a situação de violência em que era submetida da população negra.

Esta dupla atuação das histórias em quadrinhos nacionais no âmbito do racismo se dá por conta de um passado de escravização seguido pela total exclusão no pós- libertação. O abandono da população negra a manteve na condição análoga à escravização, segregando-a de seus direitos na sociedade, de suas relações com indivíduos e instituições, de liberdade e estar em determinados lugares, sem o mínimo de integração com o mundo do trabalho, da educação, da apropriação cultural e das relações com determinadas classes sociais, inferiorizarão da pessoa negra com violências das mais diversas naturezas.

O sexismo contra a mulher negra é diferenciado, por quê, a condição racial potencializa a condição sexista. Mesmo sendo a mulher negra uma categoria social que desde o período da escravização assumiu protagonismo no mercado de trabalho, como foram as ganhadeiras, por exemplo, que realizavam trabalhos informais, trabalhos domésticos, diárias e outros, a forma

como era aceita pela sociedade marcava um tipo exclusão único, a inferiorização por ser mulher e negra, pois mesmo em função sociais claramente determinadas para mulheres, a mulher negra era rejeitada. Não era só a rejeição, mas a desqualificação da mulher negra de suas capacidades intelectuais, humanas, por conta de suas características étnicas e fenotípicas. Tal concepção sobre a população negra inferiorizada e principalmente sobre a mulher negra nessa associação do racismo com o sexismo na sociedade, se manteve no imaginário quadrinista, com a criação de personagens de mulheres negras refletindo uma imagem estereotipada, construída na cultura e na sociedade.

Observa-se, no entanto, modificações recentes no campo quadrinista, que, de acordo com as análises, podem estar atreladas ao modo como a sociedade está abordando o racismo, trazendo para âmbito público a abordagem ao tema e as implicações que este impõe.

Este entendimento é que, de forma processual e com uma combinação vários fatores, como, a inserção das histórias em quadrinhos no campo da educação amparada pelas diretrizes educacionais e a criação de programas educacionais que abrangessem o uso dos quadrinhos como ferramenta educativa combinada aos movimentos de valorização da história e cultura afrobrasileira na sociedade, o campo quadrinista se utilizou deste processo interconectado de acontecimentos para dar aos personagens negros de histórias em quadrinhos maior visibilidade e qualidade, tanto em histórias em quadrinhos produzidas para o campo educacional, quanto para o público em geral. Nesse entremeio, encontra-se a personagem da mulher negra, que assume qualitativamente um lugar de destaque no campo quadrinista feminino negro, com características representativas para este público. Embora a personagem feminina em história em quadrinhos tenha adquirido qualidades indubitavelmente importantes, o que se observa, no entanto, é a prevalência masculina, seja no quesito qualitativo, personagem com personalidade, como quantitativo, seja como protagonista, como se observa no trabalho de Chinem (2013) em que a maior parte dos quadrinhos por ele analisados tem prevalência de personagens negros masculinos.

A pesquisa se propõe a responder a algumas questões em torno da mulher negra nas histórias em quadrinhos nacionais, definidas através de objetivos estabelecidos no projeto de pesquisa, os quais foram respondidos satisfatoriamente e como se verá a seguir.

Com o objetivo específico de analisar como o racismo e o preconceito contra a mulher negra se manifesta nas estruturas da sociedade e quais suas implicações para a formação da sua identidade, entendeu-se, que, o racismo se manifesta na forma como a sociedade desenvolve seus modos de vida. A forma de desenvolvimento cultural, cujas bases da sociedade se

solidificam incrustada em ideais raciais, moldam e dão forma aos relacionamentos dos indivíduos, das instituições, e de toda a conjuntura social desigual. Historicamente, esse processo de formação cultural da nação foi potencialmente cruel para com a mulher negra, determinando o modo como esta, enquanto parcela de um grupo social racializado, se desenvolveu e ocupou determinados espaços na sociedade. O racismo na cultura, de acordo com o aporte teórico analisado, historicamente foi a principal causa e efeito para a imposição de subalternização, pobreza e invisibilidade da mulher negra desde os tempos da escravização, se ramificando para todas as áreas da sociedade. Este fato determinou os lugares e posições que a mulher negra podia ocupar na sociedade, mantendo os modos segregatícios nos espaços sociais, políticos, educacionais, econômicos, artísticos e tantos outros. O sexismo, também tem peso significativo na discriminação e na inferiorização da mulher negra na cultura, que, somando ao racismo, não permite que sejam evidenciados os protagonismos históricos de mulheres negras na história da nação, como mostra Gonzalez (2018), trazendo seus escritos como forma de gritar para o mundo que mulheres negras existem. Os protagonismos e resistência foram silenciados pela história, como as lutas contra o sistema escravocrata e racial e a resistência contra o sistema de exploração, a sobrecarga diante do desafio de assumir a chefia de suas famílias, provendo o sustento através de trabalhos doméstico, informais e autônomos, a atuação no sistema político, através de movimentos, mostrando a necessidade de lutar por mudanças em lugares de tomadas de decisões para a sociedade, e tantos outros modo de atuação que podem ser evidenciados como meios de projeção da mulher negra na cultura.

Na educação, conseguiram galgar voos acadêmicos e dar voz aos discursos que refletem os interesses das mulheres negras na cultura nacional como parte de uma população silenciada pela retórica oficial diante da luta por justiça social. As mulheres negras contribuíram na construção da história e cultura brasileira, tanto em termos econômicos quanto introduzindo aspectos da cultura africana e remodelando novas formas de viver e ser na sociedade. Fatores esses que, propagados adequadamente na cultura, proporcionaram instrumentos de identificação para as gerações posteriores, que, se valendo da herança cultural, têm possibilidades de construir suas identidades enquanto uns seres culturais, tanto no campo individual quanto no campo coletivo.

Infelizmente, todos esses progressos culturais e sociais que envolvem as capacidades e produções de mulheres negras estão silenciados pelo racismo nos diversos campos da sociedade. O que visualizou nas pesquisas foi o apagamento histórico das mulheres negras, como as lutas da “ganhadeiras”, por exemplo, mulheres escravas e livres que utilizavam de suas

habilidades comerciais trazidas do continente africano, para ganhar dinheiro e melhorar sua sobrevivência na sociedade escravocrata. em contrapartida houve uma exacerbação da imagem negativa da mulher negra, criando uma cultura de subalternização ligada à figura da mulher negra como alguém menos capaz, principalmente no intelecto. Esse comportamento influencia as produções de histórias em quadrinhos, enquanto elemento da cultura de massa ou cultura pop, que podem reproduzir os comportamentos racistas, principalmente por parte dos grupos dominantes na economia, política, na cultura, reforçando a imagem construída na sua maioria por estereótipos negativos da mulher negra, afetando a forma como a sociedade concebe e internaliza a essa mulher, implicando em práticas sociais de crueldade, como a inferiorização da mulher negra frente a outros indivíduos sociais e determinação de lugares considerados sem valor na cultura, em diversos lugares sociais. Mas, que, também podem ser ferramentas de redescritção social, evidenciando através de suas potencialidades midiáticas os diversos contextos raciais e as realidades experienciadas por mulheres negras, além de trazer o protagonismo de mulheres negras como ferramenta de representatividade e desconstrução do racismo. O racismo contra a mulher negra se manifesta e afeta toda uma cadeia de conexões culturais e sociais, sendo algo sistêmico, podendo ser compreendido de forma cartográfica, como uma ramificação que se conecta compondo um quadro amplo de ação. Isso implica em definições de espaços e liberdade, de reconhecimento e valorização da mulher negra, interferindo na formação da sua identidade e em tantos outros aspectos de vida.

Quanto ao propósito de conhecer como a mulher negra tem sido representada nas histórias em quadrinhos nas nacionais, uma pesquisa em bibliografias referentes aos temas cultura pop, histórias em quadrinhos e a mulher negra, proporcionou contribuições significantes no sentido de compreender, inicialmente, por meio da cultura pop e histórias em quadrinhos as possibilidades de produção de conhecimento e experiências significativas para os indivíduos. Compreendeu-se a partir da história das histórias em quadrinhos, suas características peculiares na linguagem dos quadrinhos e suas potencialidades narrativas, que estas permitem construções de conhecimento muito além da simples objetificação de entreter, sendo estas instrumentos potenciais de mostrar, de forma de crítica, realidades sociais, trazendo implícitas, como um elemento da cultura pop, diversas ideologias, como filosofias, tradições, costumes e tantos outros aspectos que fazem parte do contexto cultural em qualquer espaço da sociedade.

Além destas características, a formação do indivíduo através da complexa forma de envolver o leitor em suas tramas narrativas, favorece na produção de sentido através da leitura de no desenvolvimento intelectual, pois o leitor participa ativamente da produção narrativa,

completando os espaços entre os quadros, favorecendo, a criatividade, a capacidade de observação e interpretação das imagens, e tantos outros aspectos que a qualifica como um instrumento de desenvolvimento humano. Deste modo, as histórias em quadrinhos, assim como outros elementos da cultura pop, têm possibilidades de produzir experiências diversas, a depender do contexto cultural e social. Tal potencial entremeado ao contexto social racial, torna as histórias em quadrinhos tanto um limitador de personagens negras nas narrativas, quanto um instrumento reprodutor da ideologia racial na cultura da sociedade, trazendo representações segundo as concepções culturais a respeito das mulheres negras na sociedade.

O segundo momento da análise sobre histórias em quadrinhos e a mulher negra, realizado no sentido de compreender como a mulher negra foi inserida nas narrativas de histórias em quadrinhos durante o processo histórico, verificou-se que as ideologias raciais que perduraram na sociedade se mantiveram presente também na produção de histórias em quadrinhos nacionais, em que as personagens de mulheres negras eram minoria, quase inexistentes. Mas, o fato que mais impressionou na análise é a forma como esta mulher é retratada nas histórias em quadrinhos durante o período da história da nação. Esta era terrivelmente marginalizada em todo os seus aspectos, sem qualidades humanas nem personalidade, inferiorizada, apresentando características animalesca, sem intelecto, cômica, desorientada, ou, em algumas narrativas, era reproduzida a imagem da mulher negra hipersexualizada, lasciva. Em grande parte, a imagem da mulher é agregada á ideia de pobreza, subúrbio, trabalhadora doméstica. Também é visível características grotescas de “feiura”, frente aos padrões de beleza instituído culturalmente, mostrando uma imagem de mulher negra totalmente desconexa com a realidade.

Essa tendência de estereotipação negativa à imagem da mulher negra nas histórias em quadrinhos nacionais era predominante até final da década de 1990, quando se percebe, através dos estudos de Chinem (2013), um movimento de mudança, embora paulatino, em torno de uma produção de personagens negros de histórias em quadrinhos agregando valores humanos, o que se entende estar ligado á inserção dos quadrinhos no campo educacional. Nesse cenário se insere também as mulheres negras, com personagens que agregam valor, ainda que a quantidade de personagens seja mínima, considerando os personagens masculinos, a sua importância nas narrativas também é menor, com poucas personagens assumindo o papel principal, chegando a ser quase inexistente. Nesse ponto da pesquisa, dois trabalhos foram fundamentais para compreendermos a mudança em torno da valorização dos personagens negros e da inserção positiva da mulher negra, tanto nos aspectos quantitativos quanto

qualitativos, em que os autores abordam as histórias em quadrinhos na perspectiva do racismo e do sexismo, os quais foram Chinem (2013) e Oliveira Neto (2015).

As leituras que os autores realizaram sobre personagens negros e mulher negra nas histórias em quadrinhos, articulando com o racismo na cultura nacional, possibilitam entender de forma ampla, como o racismo afetou as diversas esferas da sociedade, incluindo o campo quadrinista, com personagens de mulheres negras com características depreciativas. As análises apontam que, mesmas histórias em quadrinhos sendo um elemento potencialmente construtor de crítica no âmbito cultural e social, essa potencialidade não favoreceu a representatividade da mulher negra no período histórico até o século XX. O achado possibilitou compreender que, no século passado e ao longo da história da nação, personagens de mulheres negras eram criadas refletindo as concepções culturais racistas e sexistas da sociedade, com mulheres negras retratadas de forma hiper sexualizada ou com características que se aproxima do animalesco, do feio, traços exagerados, grotescos, cômicos, sendo ridicularizadas, apresentando baixa capacidade intelectual. Mas que, ao contrário dos séculos passados, mudanças são observadas na forma como os personagens negros, incluído de mulheres negras, são produzidas no novo milênio. De acordo com as leituras, o aumento da valorização dos personagens negros, como a personalidade do personagem, características físicas humanas bem definidas, as expressões de sentimentos e participação importante na narrativa, mesmo que seja como coadjuvantes foi visível. Também a valorização da história e cultura do povo negro nas histórias em quadrinhos foram observadas através das leituras bibliográficas

Essa mudança se dá em função de alguns fatores ocorridos, como observados em Chinem (2013), como o fim da censura no Brasil, a inserção das histórias em quadrinhos no campo da educação, por meio das legislações e programas educacionais e por fim, a criação da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileira nos currículos nacionais, que possibilitaram tanto a criação de produções quadrinistas como a valorização da história, das lutas do povo negro por seus direitos e do próprio indivíduo, produzindo paulatinamente a normalização de mulheres negras nas histórias em quadrinhos ocupando diversos lugares sociais. No novo milênio, nos pós anos 2000, muitas produções foram criadas, tanto voltadas para o campo da educação quanto para o público geral, com temáticas abordando o racismo e com mais isenção de personagens negros, incluído como personagem principal. Isso implicou em novas formas de representação da mulher negra, trazendo características positivas nos aspectos físicos, sociais, culturais, assim como nos espaços que estas ocupam dentro das narrativas, que, embora se perceba que sejam poucas as produções com personagem feminina

negra ocupando o papel principal, esta ocupa lugar de relevância na narrativa, trazendo uma nova percepção sobre a mulher negra com uma forma de representação qualitativa.

Atendendo ainda ao objetivo de identificar o potencial das histórias em quadrinhos na desconstrução do racismo e do preconceito contra a mulher negra, compreendeu-se que diante das perspectivas de lutas contra o racismo e o preconceito contra mulheres negras, as histórias em quadrinhos podem possibilitar narrativas que reproduzam valores sociais e culturais de relevância a respeito do enfrentamento a tais práticas e ao mesmo tempo possibilitar novas representações de mulheres negras na sociedade, com potencial representatividade desta em diferentes forma de abordagem da temática. A partir das análises nas histórias em quadrinhos selecionadas para esta pesquisa, foi possível visualizar como o campo quadrinista é um espaço para múltiplas produções de conhecimento, assim como para abordar e discutir aspectos importantes e relevantes na sociedade.

As análises realizadas nas histórias em quadrinhos *Jeremias-Pele*, produzidas por Calça e Costa (2018), buscou compreender a representatividade de mulheres negras nas histórias em quadrinhos nacionais na atualidade e suas contribuições na desconstrução de racismos e preconceitos no século XXI. Tal busca se deu mediante a hipótese de que na atualidade algumas narrativas de histórias em quadrinhos tenham dado maior visibilidade a mulher negra em seus enredos, que mesmo não assumindo lugar de protagonista, elas representam papéis de importância nas narrativas, contribuindo para a construção de um novo imaginário de valorização da mulher negra na sociedade, se constituindo instrumento para a formação de novas consciências sociais. Assim, representações qualitativas significativas são visualizadas nas histórias em quadrinhos analisadas, mostrando uma convergência do campo quadrinista para a abordagem do racismo, e da valorização da mulher negra na sociedade.

Nas histórias em quadrinhos *Jeremias-pele*, é possível visualizar que mulher negra passou a adquirir personalidade, valorização e visibilidade através da personagem feminina negra, onde mesmo não sendo a personagem principal, desempenha papel fundamental e central na narrativa, trazendo protagonismos e representatividade em vários aspectos. Calça e Costa (2018), produziu a personagem Carol com mestria. Ela evoca qualidades inquestionáveis sobre todos os aspectos da vida de mulheres negras na sociedade, se constituindo figura com representatividade para muitas mulheres, que podem, por meio dos aspectos positivos constituintes da personagem se sentirem inspiradas em suas vidas cotidianas.

Carol é uma mulher negra que constituiu uma família negra harmoniosa, contradizendo o imaginário popular de que mulher negra não serve para se casar. Carol também é um exemplo

de amor e cuidado com o filho, Jeremias, que passa por episódios estarecedores de racismo e experiência em conflitos internos profundos. Neste momento Carol se configura na mulher que historicamente foi encorajadora dos seus maridos, irmãos e filhos, na luta contra o racismo, a segregação e a dominação. Carol também é uma mulher bem resolvida profissionalmente, com profissão de nível superior, mostrando ter galgado sucesso em sua vida acadêmica, se contrapondo a ideia de mulher negra com pouco intelecto ou sem inteligência, sem capacidades cognitivas para desenvolverem atividades importantes na sociedade. Carol também representa a mulher esposa, companheira, que nas horas difíceis do seu marido, ela se encontra acolhedora, e ao mesmo tempo, é a mulher que se deixa ser acolhida, trazendo para o campo das vivências conjugais um relacionamento saudável, com trocas afetivas significativas com seu cônjuge.

Outra questão importante é que a personagem Carol é uma mulher que traz em seu corpo elementos representativos da resistência negra contra o racismo, representados através da aceitação do seu cabelo natural e através do uso de elementos que retratam a cultura afro-brasileira, como o turbante e os brincos afros. Carol, enquanto mulher negra, aprendeu a lidar com o racismo, renunciando à dor causada pelo racismo e das amarras dos padrões sociais impostos às mulheres negras, que antes havia internalizado, mostrando ser possível, mesmo rodeada pelas sombras do racismo, assumir sua identidade como mulher negra.

O que se compreende é que a representatividade da personagem Carol nas histórias em quadrinhos *Jeremias-Pele*, se dá em amplos aspectos, porém a dimensão pessoal, em que a mulher negra aprende a lidar internamente com as questões raciais, é o que chama mais atenção, pois o racismo é uma prática cultural e social que afeta fortemente a identidade da mulher negra, dificultando a sua relação com várias áreas de sua vida, e a personagem Carol aprendeu a lidar com este lado da vida.

Mesmo a personagem principal não sendo uma mulher negra, esta possui protagonismos tão expressivo que se torna figura inevitavelmente central na narrativa, pois por intermédio de Carol, todo o dilema do personagem Jeremias é resolvido na trama narrativa. As qualidades da personagem possibilitam a identificação e a possibilidade de auxiliar na construção da identidade de mulheres negras na sociedade

Assim, a partir dessas compreensões é possível afirmar que as histórias em quadrinhos nacionais, *Jeremias-pele*, produzidas por Calça e Costa (2018), se constitui ferramenta potencial para a abordagem e a desconstrução do racismo e do preconceito contra mulheres negras na sociedade. constitui uma ferramenta eficaz para abordar a temática do racismo na sociedade, trazendo para suas tramas narrativas as problemáticas decorrentes do racismo

proporcionando novas construções, no campo do imaginário e das sensibilidades humanas, sobre as pessoas negras na cultura.

REFERÊNCIAS

- ABRAL – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LICENCIAMENTO DE MARCAS E PERSONAGENS. **Panini anuncia novas reimpressões de edições do selo Graphic MSP.** ABRAL-Licensing International. Disponível em: <<https://abral.org.br/panini-anuncia-novas-reimpressoes-de-edicoes-do-selo-graphic-msp/>>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. Hermenêutica: o que é isto, afinal? In: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo (Org.). **Interfaces: temas de educação e filosofia.** Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009. p. 39-53.
- AMARO, Mariana. Mauricio de Sousa Produções: a ‘fábrica’ de personagens que estampa mais de 4.000 produtos e é a ‘Disney brasileira’. **InfoMoney.** Publicado em: ago. 2023. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/business/mauricio-de-sousa-producoes-dos-quadrinhos-para-a-maior-licenciadora-do-pais/>>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- ARAÚJO, Luciana. Violência e racismo. In: **Dossiê Violência contra as Mulheres.** Agência Patrícia Galvão. [S. l.]: [s. n.], [2024?]. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/#:~:text=Mulheres%20e%20meninas%20negras%2C%20jovens,por%20parceiro%20%2C%20ADntimo%2C%20entre%20outras>>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- CABRAL, Umberlândia. Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. **Estatísticas de Gênero.** Agência IBGE Notícias: Estatísticas Sociais, 2024. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza#:~:text=Cerca%20de%2032%2C%25%20das,%2C%20Argentina%2C%20Equador%20e%20Bol%C3%ADvia>>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Graphic MSP: Jeremias: pele.** Barueri, SP: Panini Brasil, 2018. Roteiro por Rafael Calça; arte por Jefferson Costa.
- CALLARI, Victor; RODRIGUES, Márcio dos Santos. **História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa.** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2021.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia.** Tradução de Caesar Souza. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord.). Violência contra mulher. Homicídio de mulheres negras e não negras no Brasil. In: **Atlas da violência 2024.** Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- CHINEN, Nobuyoshi. O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – **Escola de Comunicações e Artes,** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/pt-br.php>>.
Acesso em: 5 ago. 2025. doi:10.11606/T.27.2013.tde-21082013-155848.

CHIZZOTTI, Antônio. Capítulo 1: Da pesquisa qualitativa. In: CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Cultura popular. In: REZENDE, Maria Beatriz et al. (Org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Verbete. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/cultura-popular>>.
Acesso em: 8 jul. 2024.

DARONCH, Marcela Neves Suonski. Declaração Universal de Direitos Humanos. Princípio da Igualdade. **Carreiras Jurídicas**. Publicado em: 16 abr. 2024. Disponível em:<
<https://cj.estrategia.com/portal/declaracao-universal-direitos-humanos-v2/#:~:text=tratado%20ou%20conven%C3%A7%C3%A3o,-.Princ%C3%ADpio%20da%20Igualdade,rejeitando%20qualquer%20forma%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 5 ago. 2025.

DECLARAÇÃO universal dos direitos humanos - 1948. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Laboratório de Acessibilidade, 2019. Disponível em:
<<https://www.ct.ufpb.br/lacesse/contents/documentos/legislacao-internacional/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-1948.pdf/view>>. Acesso em: 5 ago. 2025.

DEFENSORIA PÚBLICA (Rio Grande do Sul). **Cartilha**: Direitos humanos e combate ao racismo. Porto Alegre: Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://www.defensoria.rs.def.br/upload/arquivos/201911/11095409-cartilha-combate-ao-racismo-impressao.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira Guerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rizoma**. Tradução de Sousa Dias. Porto Alegre, RS: Documenta, 2016.

DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. Urdimento—Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1n. 43, abr. 2022. Disponível em: <
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115/14029>>. Acesso me 06 de dez. de 2025.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. **Revista Convergência Crítica**: Dossiê: Questão ambiental na atualidade, n. 13, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/38512>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. (Ensaio de Interpretação Sociológica, v. 1).

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de

gênero. **Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000200004#2a. Acesso em: 5 ago. 2025.

FLOR, Katarine. Racismo e machismo mantêm mulheres negras no grupo de menores salários do país. **Brasil de Fato**, São Paulo, SP, 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheres-negras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais>. Acesso em: 25 jan. 2025.

GAMA NETO, Helio. Jeremias – Pele ganha o Prêmio Jabuti na categoria Histórias em Quadrinhos. ANER- Associação Nacional de Editores de Revistas. Notícias. 3 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://aner.org.br/noticias/jeremias-pele-ganha-o-premio-jabuti-na-categoria-historias-em-quadrinhos-2>>. Acesso em 25 de ago. de 2025.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Edward Sapir: forma cultural e experiência individual. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 25-33, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/LrBmzp4FYqxyBfFgtzVTQHd/#>. Acesso em: 20 jul. 2024. doi:10.1590/2238-38752012v242.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político econômica. In: **Primavera Para as Rosas Negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora africana: União dos Coletivos Pan-Africanistas, 2018. Disponível em: <https://search.app/zK8kqChY9Fv61ANJ8>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Primavera Para as Rosas Negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora africana: União dos Coletivos Pan-Africanistas, 2018. Disponível em: <https://search.app/zK8kqChY9Fv61ANJ8>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Prefácio. In: FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. (Ensaio de Interpretação Sociológica, v. 1).

GUIMARÃES, Edgard. **Histórias em quadrinhos como instrumento educacional**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, MS. Anais. Campo Grande, MS: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129151137437781999590570952241469951126.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. Disponível em: https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Cultura_pop_repositorio.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Disponível em: <https://petarquiteturaufmg.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/laraia-cultura-um-conceito-antropolc3b3gico.pdf>. Acesso em: 22

ago. 2024.

LOPES, Marcos Carvalho. O que é filosofia pop? Se canções, filmes, televisão, games e redes sociais hoje geram os nossos valores, a filosofia tem a tarefa de questionar essas formas de expressão. **Itaú Cultural**, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/o-que-e-filosofia-pop>. Acesso em: 15 maio 2025.

LUIZ, Lucio. **Relatório Quadrinhopédia do mercado editorial brasileiro de quadrinhos (2021-2022)**. Curitiba: Quadrinhopédia, 2023. Disponível em: <https://quadrinhopedia.com.br/relatorios/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MARINGONI, Gilberto. História - O destino dos negros após a abolição. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, ano 8, ed. 70, 29 dez. 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28. Acesso em: 15 maio 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Trilhas da cultura pop na teoria da comunicação: fragmentos de uma genealogia. **Cult de Cultura: Revista Interdisciplinar sobre Arte Sequencial, Mídias e Cultura Pop**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-22, jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/cult/article/view/823/720>. Acesso em: 15 maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOYA, Álvaro de. **História das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Propriedade Intelectual protege obra de Mauricio de Sousa. **Nações Unidas Brasil: Notícias**, out. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/151804-propriedade-intelectual-protege-obra-de-mauricio-de-sousa>. Acesso em: 13 ago. 2025.

NASCIMENTO, Bianca Bueno do; AMORIM, Rosiane Silveria Rodrigues Veloso; MOTTA, Diomar das Graças. Sexismo e educação: produção teórica. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 3.; FIPEd, 8., 2016, Campina Grande. **Anais**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25746>. Acesso em: 5 ago. 2025.

NOVAES, Allan Macedo de. (ENTREVISTADO). **Allan Novaes explica relação entre cultura 'Pop' e religião I Identidade Geral**. Revista Novo Tempo. YouTube, 5 jun. 2017. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nGFtmjrGOSk>. Acesso em: 12 jul. 2024.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. Negro é Lindo: Estética, Identidade e Políticas de Estilo. Revista Mídia e Cotidiano. Volume 12, Número 3, dezembro de 2018. Periódicos UFF. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/26928> > article › download. Acesso em 09 de set. de 2025.

OLIVEIRA NETO, Marcolino Gomes de. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, p. 65-85, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/wwz7TtzS95kzNCQTCcdZ3pr/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar.

2025.

PAULLA, Monique; FELIX, Carla Baiense Felix. Racismo e sexismo nos sistemas político-midiáticos: como se constroem os lugares para as mulheres pretas nesses espaços de poder?

Revista Extraprensa: cultura e comunicação na América Latina, [S. l.], maio 2023.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/381175190_Racismo_e_sexismo_nos_sistemas_politico-](https://www.researchgate.net/publication/381175190_Racismo_e_sexismo_nos_sistemas_politico-midiaticos_como_se_constroem_os_lugares_para_as_mulheres_pretas_nestes_espacos_de_poder)

[midiaticos_como_se_constroem_os_lugares_para_as_mulheres_pretas_nestes_espacos_de_poder](https://www.researchgate.net/publication/381175190_Racismo_e_sexismo_nos_sistemas_politico-midiaticos_como_se_constroem_os_lugares_para_as_mulheres_pretas_nestes_espacos_de_poder)

[Racism and sexism in political and media systems how are places for black](https://www.researchgate.net/publication/381175190_Racismo_e_sexismo_nos_sistemas_politico-midiaticos_como_se_constroem_os_lugares_para_as_mulheres_pretas_nestes_espacos_de_poder). Acesso

em: 5 ago. 2025.

PEREIRA DE SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio. O Pop não poupa ninguém? In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.).

Cultura pop. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. Disponível em: https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Cultura_pop_repositorio.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

PERUZZOLO, Adair Caetano. Comunicação e cultura: implicações epistemológicas. **Revista Multiplicidade**, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Comunica%C3%A7%C3%A3o+e+cultura%3A+implica%C3%A7%C3%B5es+epistemol%C3%B3gicas&btnG=. Acesso em: 1 abr. 2025.

PIMENTEL, Aline Gomes da Silva; HAUCK FILHO, Nelson. Opressão racial internalizada: um estudo com negros brasileiros. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 3-26, abr. 2021. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/36897/29787>. Acesso em: 15 maio 2025.

POSTEMA, Barbara. Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos. traduzido por Gisele Rosa. - São Paulo: Peirópolis, 2018. Disponível em:

<https://ler.amazon.com.br/?asin=B07H9C16H3&encoding=UTF8&ref=dbs_p_ebk_r00_pb_cb_rnvc00POSTEMA> acesso em 20 de ago. de 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI. Manual de boas práticas antirracistas: escolha lutar contra o preconceito. Niterói, 2025. Disponível em:

<https://niteroi.rj.gov.br/manualantirracista/Manual%20BPAR%20Atual.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2025.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Propriedade intelectual protege obra de Mauricio de Sousa. Nações Unidas Brasil: Notícias, out. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/151804-propriedade-intelectual-protege-obra-de-mauricio-de-sousa>. Acesso em: 13 ago. 2025.

REIS, João José. Presença negra: conflitos e encontros. In: IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2007. p. 232. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

ROCHA, Anderson Alves da; VARGAS, Herom. Da Cultura de Massa ao Pop: definições e histórico da cultura pop. **Revista Comunicação Midiática**, v. 16, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2021. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8511208>. Acesso em:

20 mar. 2025.

RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins, 2007.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 27, p. 81–95, 2012. DOI: 10.5585/eccos.n27.3498. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3498>. Acesso em: 18 dez. 2025

SAPIR, Edward. Cultura: autêntica e espúria. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2012. Artigo originalmente publicado em 1924.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. NEM PRETO NEM BRANCO, MUITO PELO CONTRÁRIO: COR E RAÇA NA SOCIABILIDADE BRASILEIRA. EDITORA CLARO ENIGMA, São Paulo — SP - 2012. Disponível em <https://ler.amazon.com.br/?asin=B00KC6FXTU&ref_=kwl_kr_iv_rec_1>. Acesso em 29 de nov. de 2025.

SILVA, Heraldo Aparecido. Histórias em quadrinhos, filosofia pop e filosofia política: a América da Liberdade versus os Estados Unidos da Verdade em “Uncle Sam”. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 90-105, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/38725/22412>. Acesso em: 15 maio 2025.

SILVA, Heraldo Aparecido. Introdução. In: SILVA, Heraldo Aparecido (Org.). **Cultura Pop e Filosofia: Quadrinhos, Cinema, Seriados, Animações, Internet e afins**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021. (Série Veredas, 49). Disponível em: <https://marcadefantasia.com/livros/veredas/culturapopefilosofia/culturapopefilosofia.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SILVA, Heraldo Aparecido et al. Ironia, crueldade e solidariedade: uma leitura neopragmatista de Charlie Brown, Mafalda e Xaxado. In: SILVA, Heraldo Aparecido (Org.). **Cultura Pop e Filosofia: Quadrinhos, Cinema, Seriados, Animações, Internet e afins**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021. (Série Veredas, 49). Disponível em: <https://marcadefantasia.com/livros/veredas/culturapopefilosofia/culturapopefilosofia.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SILVA, Kelvin Jorge Batista. Jeremias: Pele – Identidade e Representatividade. **Literatura Afro-Brasileira**: o portal da literatura afro-brasileira, 29 fev. 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/infanto-juvenil/1871-kelvin-jorge-batista-silva-jeremias-pele-identidade-e-representatividade>. Acesso em: 2 ago. 2024.

SILVA, Maria Cristina da; DUHART, Mônica Fernandes Rodrigues; PEREIRA, Patrícia Carolina de Souza. **Mitos e tabus**. sexismo: guia para os pais. Alfenas: UNIFENAS, 2021. Disponível em: https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/Mitos_e_Tabus/PDFs/Mitos_e_Tabus_Sexismo.pdf. Acesso em: 5 ago. 2025.

SILVA, Rosyane Maria da. Iqhiya: Sobre Significados e Simbologias de Uso de Turbantes por Mulheres Negras. Conexões: Brasil, África do Sul, Moçambique. **Revista da ABPN** • v. 10, Ed. Especial -Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, Janeiro de 2018, p.124-148. Disponível em: < <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/533/665> >. Acesso em 10

de set. de 2025.

SILVA, Robson Carlos. Desavenças, golpes e navalhas: a capoeira nos quadrinhos **O Cortiço**. In: JORNADA INTERNACIONAL DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 7., 2023, São Paulo. **9ª Arte**: Dossiê especial. São Paulo, 2023.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (org.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. p. 73-92. Disponível em: https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=GmU3D14AAAAJ&citation_for_view=GmU3D14AAAAJ:7PzIFSSx8tAC. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOARES, C. M. **As ganhadeiras**: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. Afro-Ásia, Salvador, n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856>. Acesso em: 21 fev. 2025. DOI: 10.9771/aa.v0i17.20856.

SOUSA, Mauricio de. Uma história que precisava ser contada. In: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. Graphic MSP: **Jeremias**: pele. Barueri, SP: Panini Brasil, 2018.

TAVARES, Vitor. **Por que o cabelo é tão importante no movimento negro**. BBC News Brasil, São Paulo, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56670268>. Acesso em: 25 ago. 2025.

TORRES, Izildete Sousa. A NOÇÃO DE SOLIDARIEDADE EM RICHARD RORTY A PARTIR DA LEITURA DO ROMANCE 1984, DE GEORGE ORWELL. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Piauí- 2021. Plataforma sucupira - Newton sucupira (1920-2007). Disponível em: < https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11344058 >. Acesso em 20 de ago. de 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro. O uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 31-64.